JOSÉ CALDAS

A Corja Negra

(Tosquia de um charlatão)

Non modo nequam et improbus,
sed etiam fatuus et amens es.
Cic., Dejot. 7, 21.

PORTO
Livraria Chardron, de Lelo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144
1914

A Corja Negra

(TOSQUIA DE UM CHARLATÃO)

Braga Paixão

Maio 1914

DO AUTOR

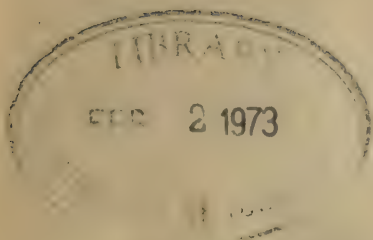
Os Humildes, 1 vol br. $40
Os Jesuitas, sua influência na actual sociedade portuguesa; meios de a conjurar, 1 vol. br. . $60
História de um Fogo morto, subsídios para uma história nacional, 1 vol. br. . . . . 1$00

JOSÉ CALDAS

A Corja Negra

(TOSQUIA DE UM CHARLATÃO)

Non modo nequam et improbus,
sed etiam fatuus et amens es.
Cic., Dejot. 7, 21.

PORTO
LIVRARIA CHARDRON,
DE LELO & IRMÃO, EDITORES
R. DAS CARMELITAS, 144

1914

Á

ETERNA MEMÓRIA

DE

ALEXANDRE HERCULANO

O MAIÔR HISTORIADOR PORTUGUÊS E A MAIS ALTA FIGURA MORAL DO SEU TEMPO

Tu se' lo mio maestro e 'l mio autore.

EXPOSIÇÃO PREAMBULAR

EXPOSIÇÃO PREAMBULAR

Qui docet fatuum, quasi qui conglutinat testam.

Ecclesiast., XXII. 7.

Ao encerrar-se o último dia de dezembro de 1912, recebia o autor destas linhas, procedente de Roma e sob a rúbrica sêca e fria de um lacónico e esquivo — "o autor oferece a V." — um pequeno livro de 134 páginas, tirado das oficinas tipográficas do *Instituto Pio IX*, mediante as indispensáveis licenças eclesiásticas (sem esquecer a do *Prepósito da Província)* tendo por título: — Os JESUITAS *e a Mónita Secreta.*

No limbo superiôr da capa, isto: *Francisco Rodrigues.*

Francisco Rodrigues é, pois, como se depreende, o autor da obra.

Êste nome, porêm, assim expôsto, sem mais referência ou adição apendicular, isolado e nu,

acrescida a circunstância sempre ponderável, em factos desta natureza, da fórma gráfica em que se molda a fogacíssima oferta — fórma afemeada e mole, sem traço firme, nem arranque espontáneo, acusando hesitação ou timidez: — tudo isto denuncía logo ao primeiro aspecto um jesuita.[1]

¿Por que não subscreveu, êste Rodrigues, ali, nos baixos do próprio nome, as clássicas duas letras simbólicas do seu negro Instituto?

Por pudôr? Por cautela? Não. Unicamente por astúcia.

Baldada e inútil astúcia, no entanto, como de resto todas as astúcias da Companhia.

Baldada e inútil, repetimos. Porque como a pintura flamenga, a música espanhola, ou a arte bizantina, um jesuita nunca se disfarça. Nunca. Não há meio de o fazer viajar incógnito. O passo, o gesto, a melifluidade hipócrita da voz, lenta e pausada, a todo o instante o denunciam. Existe na fixidez luminosa do seu olhar, quando a furto nos encara, um como que prelúdio de todas as suas abscónditas perfídias. Se baixa os olhos, naquela tam sua atitude cauta, beata, de falso resignado, que é o melhor arnês da sua innata

---

[1] Conf. adiante, a pag. XVII. quando se apreciar a *prova gráfica*, denunciativa da inculpabilidade da *Companhia* na fabricação das *Monita*.

vilania, é tam sómente para que não devassêmos, através daquelas órbitas suspeitas, toda a negrura da sua alma, toda a podridão abjecta daquela incomensurável sentina moral.

Se ao lance importa mudar de artes para ensaiar o salto ou dominar a conjuntura, o jesuita abandona os seus propósitos hipócritas e visa a parecer gente. Mas não lhe vale o disfarce. É em vão que astutamente se transfigura, quando a caça à prêsa o convida ou incita, passando assim de grave e composto, de místico e austero, a sôlto e galhofeiro, tirando cigarros da roupêta surrada, e lançando fumaças sórdidas por aquele mesmo viscoso orifício, que, há muito, a reincidência da mentira calejou.

Mas é sempre em vão. A sua galhofa é chôcha, e o seu á-vontade leva ainda, nos meneios tôscos e asimétricos com que se nos desenha, os estigmas do chicote em que assenta a mecânica disciplina do seu covil. No seu gesticular sem espontaneidade nem viço, com intercadência de gestos de boleeiro, passa então o ritmo anguloso e cerrado do manequim. O seu riso é cálculo, a sua contrafeita amabilidade é armadilha.

Assim, na beatitude automática, como na graçola fingida, a máscara do figurante não altera as linhas componentes do seu fundamental conspecto. É sempre o *facies* do mesmo intrigante ardiloso, do mesmo perturbadôr de consciências,

do mesmo destruidôr do lar, cujo campo-de-batalha é, simultaneamente, o púlpito e a conversa, o confessionário e a insinuação. É em vão que êle pretende introduzir-se na turba. Em vão. O jesuita não se confunde com a mais gente; a multidão não o assimila nem absorve: degéta-o. Êle constitui o excremento vivo de toda a fisiologia social.

¿Por que se escondeu, pois, o escriba jesuita, de dizer quem é?

A traça é grosseira.

Rodrigues quer atrair assim o leitôr ingénuo ou ignorante para o corpo de habilidosas manhas, em que assenta a base fundamental do seu escrito.

Á semelhança de certas vegetações criptogâmicas, que revestem a superfície dos paludais mais infectos, dando-lhe a falsa aparência de um vale sereno e tranqùilo, parecendo incitar o caminhante insuspeitoso para que o invista e transponha, de modo a que mais á-vontade o possa tragar; assim êste Rodrigues, baixíssima espécie de chamariz moral, busca mascarar-se de alheio ao Instituto que lhe perverteu a alma, para, com maior segurança, vender e ministrar o seu veneno ao descuidado que o lêr,

*

O próprio título da obra é outra grosseira e autêntica perfídia.

Porque por muito arteira que seja a sua dialéctica, e por muito calejada que possa ser a sua insigne má-fé, êste Rodrigues bem deve reconhecer que não se ludibría assim, e tam escandalosamente, a consciência do público, dando-lhe, num longo e indigesto arrazoado de 37 páginas, através de uma erudição parlapatôna e inútil, uma *novidade flagrante e sensacional*, que êsse mesmo público mais que suficientemente conhece desde os princípios do século XVII.

Com efeito, após a decisão da Congregação do Índice, de 10 de maio de 1616, a qual, por uma fórma que já não admite dúvidas, ilibou a Companhia da responsabilidade que, no caso da *Monita*, os seus inimigos pudessem imputar-lhe, ¿a que vem, perto de trezentos anos depois, aquele pedantesco estendal de datas, de nomes, de números, que o justiceiro tribunal da História há muito dispensou?

¿A quem pretende, êste Rodrigues, impingir, como uma novidade, aquele seu soporífero e charlatanêsco sermão de velhaco?

¿Não ficaria o caso absolutamente esgotado, desde aquele famoso processo em que o bispo de

Cracóvia, Pedro Tylicki, um ano antes da decisão romana, conseguiu arrancar ao abade de Godziec, Jerónimo Zahorowski, o seu ilucidativo depoimento, conseqùência moral e jurídica do decreto de 11 de julho de 1615, que abre a devassa?

Após estas provas, qual delas mais autorizada e mais grave, desde a que deriva do inquérito de Cracóvia, até à que procede do veredicto da Congregação do Indice, ¿com que imaginários moinhos, fantásticos e burlêscos, se permitirá já agora a audácia de arremeter, èste irrisório Quijóte de batina? ¿A quem pensará levar êle os troféus da sua serôdia vitória? ¿Ás beatas que bestifica no confessionário, vendendo-lhes a preço de dinheiro e de mentiras, uma fácil entrada no céu?

Não: elas não lhe entenderão o latim, que êle inutilmente desbarata no seu aventuroso folhêto.

Eis porque fóra do ambiente infecto das sacristias, saturado da fumarada sórdida dos côtos de cêra que agonizam nas emporcalhadas credências, o seu livrinho, pio, chôcho e velhaco, não terá leitôres.

De resto, Rodrigues bem o sabe.

Depois dêsse conflito retumbante e estranho, cujo teatro foram, a um tempo, Cracóvia e Roma, e cujo desenlace conseguiu ilucidar as consciên-

cias mais irredutíveis, ninguêm mais, de bom nome, se referiu a semelhante assunto senão nos justos termos que a probidade impõe.

Os mais ardentes adversários da Companhia, ainda os menos escrupulosos e mais apaixonados que nos meados do século XVIII., em França, se aproveitaram da guerra que então ardia entre o parlamento de Paris e os filhos de Loiola, e de que a ruidosa questão do padre La Valette, assim como as escandalosas revelações do abade Chauvelin são ainda hoje um expressivo documento, êsses mesmos, provocados a produzir a prova jurídica do seu libelo acusatório, não foram mais felizes. A sua defesa constitui um deplorável corpo de contradições e baixos subterfúgios, que nem honra a sua táctica de combates, nem perlustra a lucidez do seu espírito.

A reedição feita em 1761 do texto da *Monita*, dando-se agora como inspirada num precioso exemplar descoberto pelo duque Cristiano de Brunswick no colégio dos jesuitas de Paderborn, não consegue já interessar o público, nem fazer alterar, no concêrto histórico, as conclusões do decreto pontifício de 1616.

O mesmo sucede ainda, quando o sectarismo mais intransigente dos inimigos de Loiola faz saber, que novas cópias manuscritas da primitiva doutrina das *Monita* haviam aparecido em Anvers, em Pádua, em Praga, e, por último, num navio

que alguns mais exaltados diziam ser holandês, e que seguia em viagem para as Índias Orientais.

Êste estrondoso e formidável rebate, dado a fazer modificar todo o género de conclusões que desde mais de cento e cincoenta anos se vinham estabelecendo nos domínios da erudição, não passou afinal de uma tristíssima atoárda, cujo fim principal seria o de pôr em evidência a má-fé com que a Companhia, no voto dos seus defensores, se obstinava em declarar, que *nunca* algum dos seus membros vira um único exemplar, ou sequer uma cópia, dêsse terrível monumento! Mas para um tal género de contradita, ¿valeria a pena criar um tam vasto corpo de informações e de canseiras? O próprio texto das *Monita*, desde a *Monita aurea* até a *Arcana Monita*, ¿não está natural e racionalmente dispondo os espíritos mais imparciais para a inautenticidade daqueles escritos? ¿Pois seria de admitir, a sério, que uma Ordem que sempre se extremou como um verdadeiro tipo de habilidade e de astúcia, tratasse de escrever um código secreto das suas artes tenebrosas, das suas manhas subtis, e das suas mais ocultas perfídias, abrindo mão das suas instruções mais perigosas e mais inconvenientes para a unidade do seu organismo político-teocrático, tais como, entre outras, a de revelar aos seus membros, quando mesmo aos

mais iniciados nos seus mistérios, os meios práticos de combater, e fazer rosto, à sua oculta tirania? [1]

No entanto a velha questão incidental, que dava a Companhia como não tendo visto *nunca* um exemplar, ou sequer uma cópia das *Monita*, tomava um novo aspecto. Êsse aspecto era o de o desmentido mais formal. Na colecção de manuscritos da Biblioteca Real de Munich existem, desde muito, dois códices da *Monita privata (C. M. L. 879 e C. M. L. 922)* um dos quais encontrado num convento cisterciense de Alderspach, evidentemente escrito pela mão de um jesuita, [2] aí pelos dias que vão desde os fins do século XVII., até o princípio, ou pouco mais, do século imediato. Neste códice acha-se lançada por mão piedosa esta rúbrica de protesto: — *Per hæc non potest laudari Deus.*

O outro apógrafo, ao qual se atribui a data de 1738, dá-se como encontrado num armário secreto da igreja de S. Miguel de Munich, per-

---

[1] I. Huber, *Der jesuiten-Orden nach seiner Verfassung u. Doctrin, Wirksamkeit u. Geschichte,* II. *Kap.* Die Monita secreta, p. 104-108.

[2] *... aber von jesuitischer Hand geschrieben...* Loc. cit. p. 106. Conf. a pag. X. dêste livro, a passagem referente à inconfundível caligrafia jesuítica.

tencente à Companhia, e não acusa, pelo traço da letra, mão de jesuita. [1]

Mas dado que fôsse de um jesuita a letra do apógrafo, nem assim a responsabilidade directa daquele escrito deveria, em direito, ser imputada à Companhia. A única conclusão a que poderia chegar-se era a de que os jesuitas mentiam quando, pelos meados do século XVII., se obstinavam em asseverar que *nunca* um membro da sua Ordem vira um único exemplar, ou sequer uma cópia, de semelhante escrito. Tal, porêm, não era a questão, nem para colhêr a prova de mais uma mentira na bôca de semelhante gente se tornava necessário perpetrar tam insistentes pesquisas ou eleger tam laboriosos confrontos.

De resto, bem podia um jesuita, nos começos do século XVII., haver fabricado as *Monita*. Bem podia, igualmente, outro jesuita, já no generalato de Goswin Nickel, havê-las copiado. ¿Seria de concluir que a Companhia fôra a autora da triste façanha? ¿Deveria, por êsse facto, ficar como incontestado, que no texto daquelas instruções secretas estava a letra, e mais que a letra, a

---

[1] *Die andere ... trägt nicht die Züge einer jesuitischen Hand.* I. Huber, *loc. cit.* p. 106. Conf. cit. pag. X. dêste livro.

lição oficial do regime interno daquele Instituto? ¿Não poderia mesmo dar-se o caso, previsto desde muito pelo jesuita Diogo Gretzer, quando a fase eruptiva do terrível panfleto se produziu, de ser, com efeito, um padre da Ordem, o autor da emprêsa, mas êsse, no pleno uso de uma liberdade pessoal, absolutamente alheia e estranha aos assentimentos da Companhia?

Fôsse, porêm, como fôsse; o que ficava provado, após o escândalo do *armário secreto* da igreja de S. Miguel de Munich, era que a decisão do tribunal pontifício de 10 de maio de 1616 fôra procedente. O movimento tumultuário de 1738 só servira para confirmar a sentença decretada nos princípios do século anterior. Daí por diante a ninguêm mais ficava já livre o direito de atribuir aos jesuitas a directa paternidade do texto das *Monita*. O que restava do ingrato certame era pouco. No seu duplo concêrto histórico e jurídico, a questão estava finda.

Os mais irredutíveis campeões da lenda difamatória, derrotados assim, e sucessivamente, na prova de facto, correram por último a refugiar-se, em derradeira instância, a dentro dos domínios de uma improvizada tradição sem base histórica, no seio da qual as *Monita* seriam o fruto de determinadas instruções secretas, produzidas durante o generalato de Aquaviva. Nenhuma confirmação directa encontrou, no entanto, esta en-

genhosa aventura. [1] O que ficava demonstrado, e isto por uma fórma superior a toda a contestação, era que a ser a *Monita* obra de um jesuita, êste fôsse um jesuita expulso da sua Ordem, à qual, num derradeiro gesto de vingança, se permitiria arremessar aquele conjunto de invectivas e de difamações.

¿Mas dêste assêrto, como de resto fica patente, não resultava tornar esta questão ao seu princípio, dando razão, ao mesmo tempo, à devassa mandada instaurar contra Jerónimo Zahorowski pelo bispo Tylicki, e à justiça com que se houvera no feito a Congregação do Índice? ¿Não era isto, a final, senão calcar o mesmo terreno, e percorrer, mais uma vez, a curva já tantas vezes batida do mesmo círculo vicioso?

Com efeito, desde 1616, a questão ficára esgotada. A curiosidade intelectual sentia-se satisfeita. Fôsse qual fôsse o nome do autor do libelo, o ponto principal, que era o da nenhuma responsabilidade da Companhia na urdidura do livro, estava provado. E ainda mais: um jesuita em exercício nunca o escreveria. Seria, alêm de

---

[1] Uma tradução francesa do tratado *Industria ad curandos animæ morbos*, de Aquaviva, publicada em Paris em 1776, com o título de *Manuel des Supérieurs*, póde bem ter servido de fundamento a êste equívoco.

uma provada inépcia, documento vivo e tangível de uma absoluta falta de tino e de prudência.

Entre os próprios historiadores protestantes, como I. Huber, [1] Döllinger, Tschackert, Nippold, Harnack e Gieseler, [2] as *Monita* não passam de um escrito apócrifo, ou ainda de uma sátira contra a Ordem. Eis o que importa concluir. O texto das *Monita*, como monumento histórico, não tem já imputação. Como reflexo do pensamento orgânico e fundamental da Companhia, também não poderia ser aproveitado, não só porque para tal género de investigações nos não faltam hoje documentos da mais absoluta autoridade, mas também porque o seu caracter suspeito e inautêntico não ofereceria ao escritor imparcial que dêle se aproveitasse aquela base segura e idónea, que tem de servir de fundamento ao critério das suas justas conclusões.

Quando muito apenas poderá constituir tema

---

[1] Mir selbst, wie dies auch der protestantische Kirchenhistoriker Gieseler und Döllinger annehmen, erscheinen die *Monita* als unächt und als eine Satyre auf den Orden. I. Huber, *Jesuiten-Orden*, loc. cit. p. 107.

[2] Lehrbuch der Kirchengeschichte. Bonn, 1852, III. 2. Abtheilung. p. 656. Anmerkung 33. *It.* A-A. Barbier. *Diction. des ouvr. anonymes et pseudonymes.* vol. III. n. 20985. Conf. H. Böhmer, *Les Jesuites*. trad. de G. Monod, *introd.* LXX. 2e. ed. Paris, 1910.

de valia para os bibliologistas, ou coleccionadores de anedotas. Mais nada.

Vir, pois, ressuscitar hoje esta questão com fumos de originalidade, propondo-se, do mesmo passo, produzir uma novidade flagrante, isso sómente o podem fazer, de mãos dadas, a velhacaria com a estupidez.

*

¿Ignorava, por ventura, o escriba jesuita, todas estas particularidades, que desde trezentos anos não constituem já nenhum segredo de eruditos, senão que trivialíssimas e rasas generalidades de méra divulgação popular? ¿Desconhecia, êste charlatão, toda a gradual e progressiva história dêste interessantíssimo pleito, que começando pouco depois da primeira década do século XVII. se vem patenteando aos olhos de quantos, para bem conhecer a Companhia, não precisam de sátiras nem de fábulas apócrifas, mais para serem apreciadas como sintoma de uma hostilidade moral, secular e latente, do que para documento histórico, basilar, em que a crítica imparcial se inspire?

Não sabe, êste rato de seminário, cuja alma a tortura infamante da roupêta deformou, destruindo-lhe o mais precioso predicamento do

homem-de-bem, a probidade, e atrofiando-lhe a primeira virtude do escritor, a sisudez: — não sabe êle que, para bem avultar, perante a consciência, a monstruosidade orgânica, fundamental, da Companhia, fácilmente se dispensam as torpezas apócrifas das *Monita*, desde que às mãos tomemos as páginas da sua própria história, ou que, num confuso sentimento de repulsão e de revolta, lancemos os olhos sôbre os capítulos repugnantes e obscenos do *Livro das Obediências dos Gerais*, [1] sôbre cuja autenticidade jàmais,

---

[1] É um livro onde os jesuitas do Colégio Bracarense registavam as ordens e instruções escritas, que recebiam de Roma, as citras de que se serviam nas correspondências e outras memórias e referências avulsas, escritas ordinariamente em castelhano, português e latim. Data dos dias do generalato de Francisco de Bórgia. O seu título integral é: — I. H. S. | *Livro em que* | *se escrevem as obediencias de nosso Padre Geral.* | *1571.* | *Nenhũa outra cousa se deve aqui escrever neste livro senão* | *as ordens E Obediencias de Roma.* Abre por uma dissertação casuística sôbre o direito de punir. Não há senão três géneros de pena: a judicial *(de pœna judiciali)* a de indemnidade *(in cautellam indemnitatis)* e a convencional *(de pœna conventionali).* Esta última, que é a que aproveita à Ordem, divide-se ainda em nove conclusões, todas eivadas do mais revoltante impudor. É um inestimável monumento, cuja posse pertence hoje ao Arquivo da Universidade de Coímbra, e está compreendido na sua riquíssima colecção de manuscritos. Os

alguêm, com audácia ou sem ela, ousou pôr pechas?

De todo o seu saber, bebido a furto na pia negra de Loiola, e de que o seu miserável libelo nos dá um bem triste e ilucidativo documento, ¿não logrou haurir, êste Rodrigues, melhor cabedal, que pudesse servir-lhe de tema para a manipulação de um livro A. M. D. G.?

Não.

O padre Francisco Rodrigues sabe muito bem o que todos sabem, quanto à história da responsabilidade oficial dos seus irmãos na publicação da *Monita*. Se sabe! Mas convinha-lhe mentir, visto que para difamar um livro que, há treze anos, [1] apareceu em Portugal, traçando uma parte do perfil moral e político da Companhia, muito lhe importava simular que não ia discutir agora essa obra, senão nos pontos em que a sua *novíssima tese* sôbre a *Monita* e a honra da sua Ordem lho permitissem.

Treze anos consumiu o escriba a lêr e a

---

jesuitas deixaram-o no seu espólio, quando da sua primeira expulsão em 1759. N'*O Instituto* de 1895-1905 apareceram as primeiras divulgações desta negra preciosidade.

[1] José Caldas, *Os Jesuitas e a sua influência na actual sociedade portuguesa: meio de a conjurar. Porto. Livraria Chardron de Lelo & Irmão. editores, 1901.*

cotejar o livro, sôbre o qual vem bolçar hoje toda a sua bába! Treze anos levou o bubão daquela infecta consciência a supurar, sarjado, a final, pelo despeito que o malôgro da sua repugnante indústria em Portugal acaba de sofrer!

Treze anos!

Durante tanto tempo a sensibilidade jesuítica não se chocára nem doêra. ¿E por quê? Porque através de todas as campanhas, ainda as mais bem ordenadas, o ofício negro rendia. ¿Que importavam acusações reduzídas a livro, se o comércio do confessionário prosperava? ¿Do que serviam palavras ardentes, fundidas em letra de molde, ódios afogados na alma do povo, hostilidades latentes, ânsias heróicas de desforra, sonhos de sangrento e justiceiro extermínio, se uma côrte falsamente devota, constituida por um devorista e por uma estrangeira funesta, ajudada de uma oligarquia feita de parasitas e de negreiros, supriam com usura, no sórdido mealheiro de Loiola, os eventuais precalços das florescentíssimas drogas dos seus insignes curandeiros espirituais?

Rasgavam-lhes as carnes, é certo, na conferência e na cátedra, no comício, como no jornal. Os jesuitas sorriam. A guerra era de palavras, e os pelouros eram de papel. ¿Que importava isso? O paço estava-lhes aberto; e os salões da gente de dinheiro honravam-se com a sua presença. No primeiro propunham soluções políticas, que os

governos, pelas espingardas das guardas municipais, acobertavam. Davam e emprestavam ministros, que a ficção parlamentar aplaudia e amparava sem o menor receio nem hesitação. Nos salões negociàvam casamentos entre as melhores rêses do seu bando, e os miseráveis sem outra aptidão senão a de instituir e converter *o santo sacramento do matrimónio* numa indústria parasitária ou numa profissão servil. O púlpito era, e prometia continuar a ser, uma verdadeira mina. Em troca de heranças, pactuadas no balcão do confessionário, e de doações negociadas à cabeceira dos moribundos, o jesuita dava bentinhos, fitas e amulêtos. As letras sacadas sôbre a Bemaventurança — fórma espiritualizada do *paradisus voluptatis* dos topografistas bíblicos — iam achando fácil desconto na alma dos imbecís atemorizados com a ideia da morte, e no fingido beatério de uma burguesia sem tradições nem originalidade, preocupada únicamente em fazer reviver costumes e velhos meneios de uma aristocracia que há muito desapareceu.

Foi preciso, que não já o velho tagante de ferro do século XVIII., nem mesmo a espada cesárea de Aguiar, senão que a simples vassoura da República aparecesse, varrendo — emfim! — a Companhia do território português, para que o rijo coiro do jesuita se sentisse!

Daqui, é claro, o livro de Rodrigues.

*

E assim, pois, feito o indispensável repouso de ânimo para penetrar nesta sentina tipográfica de 134 páginas que nos atiram de Roma, revistâmo-nos da precisa coragem, ajudada de toda a espécie de paciência, para iniciar a tosquia dêste pio charlatão.

I

O livro, que o padre Francisco Rodrigues pretende tam insólitamente infamar por meio de uma crítica a um tempo imbecil e pérfida, abre por uma dedicatória ao papa Clemente XIV., sob cuja autoridade a Companhia de Jesus foi extinta. [1]

Os termos nítidos, sóbrios e concludentes dessa homenagem, em que se fazem avultar sim-

---

[1] São êstes os termos da invocação:

SUB.
SANCTISSIMI. PATRIS.
CLEMENS. XIV.
AUSPICIIS.
QUI.
VIR. MAGNUS.
INTREPIDUSQUE.
ACERRIMUS. SUI. VINDEX.
ALIENÆ. SALUTI.
CONSULVIT.

plesmente as qualidades autênticamente excepcionais de Clemente XIV., como homem intrépido e verdadeiramente grande — *vir magnus intrepidusque* — cuja férrea energia fôra posta à prova do maior feito político do seu pontificado, êsses termos bem patenteiam que o escritor que deles se servira e que em tal logar os estampára, nem como cliente do Vaticano, nem como rês das sinistras figuras que nele hoje preponderam, os elegeu.

Grande, muito grande mesmo, deve ser, pois, a ignorância dêste charlatão em matéria de letras, para não vêr logo, nas primeiras linhas daquela homenagem de um evidentíssimo caracter livre e anti-sectarista, outra cousa que não seja a nórma clássica, que o estilo lapidar impõe. Aquele mesmo *sub auspiciis* ali formulado, claramente cívico e patriótico, — o qual parece haver impressionado tam vivamente a sua estupidez — nada mais representa que o testemunho honrado e sincero do cidadão livre de preconceitos, cujo espírito justiceiro e inflexível se compraz em evocar a memória dêsse rijo e poderoso campeão da Liberdade, que com pulso de bronze ousou investir com as hostes de Loiola, afirmando ao mesmo tempo que, da sua extinção, resultaria, para a Igreja, a verdadeira paz. [1]

---

[1] .., aut nullo modo posse, ut ea *(S. J.)* incolume

Que êsse homem, quanto à natureza do seu feito, usasse corôa, chapéu piemontês, ou tiára; fôsse príncipe, fôsse papa ou mero imperante, tudo isso, para o escritor visado, pouco ou nada ao caso importa. E se nesse protesto de sincero aplauso se fazem a Clemente XIV. referências que condizem com a sua categoria de chefe da cristandade, é tam-sómente para obrigar a sentir que o látego, por partir de quem parte e por vir de quem vem, assume, para com a História, para com a justiça e, sôbre tudo, para com os réus, um mais pesado cunho de autoridade moral.

Milícia do papa e dizendo-se sua guarda, é o seu próprio capitão, o seu alto patrôno que lhe dispensa os serviços, visto que "já não poderá jàmais essa milícia produzir aqueles abundantes e copiosos frutos e proveitos para que foi um dia instituida.„ [1]

Pois bem: ¿o que é que, em face daquilo que, para toda a gente seria elementar, faz o jesuita? O jesuita comenta, entre irónico e tôscamente espertalhão, o seguinte: — "É de enternecer

---

manento vera pax, ac diuturna Ecclesiæ restituatur. *Litteræ in forma brevis*, Dominus, ac Redemptor noster (21 de julho de 1773) n. 25.

[1] ... cumque praeterea animadverterimus prædictam Societatem Jesu uberrimos illos, amplissimos que fructus et utilitates aferre amplius non posse... *Loc. cit.*

a piedade com que o autor começa! Com uma inscrição latina dedica o fruto do seu trabalho a um Papa! A um Papa falecido há 137 anos! a Clemente XIV! Que filial submissão para com a Santa Sé!„ [1]

Que miserável trapalhão!

No entanto esta pia solércia não é original. Ela constitui a manha histórica, em que reincidem todos os velhacos ladinos, que se presumem entre patetas e imbecis.

[1] F. R., *Op. cit.* § I. p. 15.

II

Em seguida, Rodrigues, como bufarinheiro de drogas espirituais, acostumado a vender a mentira em voz baixa no confessionário e a declamá-la em voz alta no tablado dos púlpitos, estranha que haja alguêm que escreva um livro inspirado na Verdade, e que pela Verdade seja lançado ao tumulto das paixões!

E como o autor incriminado diga, do seu livro, que êle "é um livro de Verdade„, o jesuita estaca e reponta.

O velhaco que se acostumou a não dar um passo sem paga, e que tambêm sem paga não faz o seu ofício, ¿póde lá conceber que haja alguèm que pela Verdade se exponha a sacrifícios e padeça trabalhos, sem outra recompensa senão a de uma consciência satisfeita? Isso, para os seus hábitos, e para as bestiais tendências do seu ra-

ciocínio, parece-lhe um absurdo compactamente monstruoso. Êle quer lá saber disso! A sua actividade não se exerce sem paga, porque para viver do trabalho dos outros é que a sua Ordem se estabeleceu. E paga grossa, paga pronta, paga à vista, já que pelo que respeita a pagas celestiais, essas posto que constituam a principal mercadoria do seu negócio, essas não as aceita êle como preço do seu salário. ¿A Verdade? O jesuita quer lá saber o que *isso é!* O que lhe importa saber é quanto *isso dá.*

Eis porque meio farçóla, meio beato, vem oferecer reparos de colegial à sentença de S. Bernardo, que o autor do livro incriminado lhe impõe. Acha que *a tradução*, a que se alude no texto, não é fiel. [1] ¿Mas quem lhe disse, que o autor se impôs traduzi-la?

---

[1] A sentença de S. Bernardo é: — *Veritas sola liberat, sola salvat, sola lavat.* No corpo da página está: — "Êste livro... é simplesmente um livro de Verdade. Como tal não representa uma arma de combate; *simplesmente se resume, como alguêm o sentiu já antes de nós*, numa fonte que lava, que purifica. que liberta.„ Como quereria. êste trapalhão, dada a estrutura especial, divergente, dos dois textos, em cada um dos quais o sujeito da oração é diverso (*livro*, no português; *veritas*, no latino) — ¿como quereria êle que o escritor se conduzisse? Conf. J. C. *Os jesuitas e a sua influência &. Consider. prelim.* p. IX.

Que insigne e autêntico borra-bótas é êste, que assim se surpreende em vêr que um escritor se *inspire* e oriente numa frase notável, sem que por isso, se obrigue à tarefa de a reproduzir integralmente no corpo da exposição que faz!

Em toda a obra de arte, ¿não é o artista o senhor supremo da fórma porque há-de traduzir em facto o seu pensamento?

¿É outra a estilística da Companhia?

¿Mas o que é que temos nós com a angulosa estética dos filhos de Loiola, incapazes, em razão da bestificadôra acção do seu Instituto, de produzir um fruto, que não seja pêco, envenenado e vil?

III

Esmoendo, assim, o chiste do seu tôsco remóque de seminarista broeiro, o padre entra depois na análise do pseudónimo de que o autor incriminado se servíra, quando em dias de odiosa memória [1] publicára num jornal do Pôrto *(O Norte)*, em artigos sucessivos, todo o corpo de doutrina contra que o jesuita agora investe, e que, mais tarde, os seus editores reduziram a livro.

Alma fundida no lôdo de todo o género de miséria, anão de espírito e de consciência, e por isso mesmo incompatível com toda a ideia de liberdade, de justiça e de desafronta, êste homem que a Companhia alquilára agora para a manipulação das suas mais recentes diatribes, nem um instante se deteve a medir o apêrto trágico

[1] Ministério progressista de 1897-1900.

daquela hora funesta, que impôs ao escritor o sacrifício da sua personalidade, para poder dizer aos seus irmãos de luta e de sofrimento palavras de justiça e de consolação! Importa-se êle lá com isso! ¿O momento era de tiranias e de opressão? Pois bem: com os que tiranizavam e oprimiam lá estava o sórdido familiar daquela imunda Inquisição de lama, oferecendo lenha e assoprando aos carvões de todos êsses vilíssimos *autos de ódio*.

¿É um ínfimo e miserável renegado que nos oprime, que nos persegue, que nos encarcera, brandindo a espada iníqua do rancôr e da vingança? Melhor: o jesuita bate as palmas, e afoita e incita a baixa farândula dos apóstatas, dispensando especiais aplausos aos mais carniceiros da matilha. Sem sexo e sem pátria, êste odioso personagem não tem sensibilidade moral que chegue para avaliar as mil recalcadas afrontas, que o homem que se socorreu daquele expediente padecera, antes de vir dizer ao público uma pequena parte de tudo quanto sente! Ao que o jesuita aférra a unha é à divisa do eventual disfarce. Essa rúbrica, na aparente estrutura orgânica do especial conceito que êle lhe atribúi, póde servir-lhe. E, como o autor confesse, no seu cruciante depoimento, [1] que a foi buscar à lenda

[1] J. C. *Op. cit. Consider. prelim.* X-XVII.

homérica, no lance desesperado em que Ulisses tenta escapar à ferocidade do Ciclope: — *Οὖτις ἔμοιγ' ὄνομ' ἐστι* [1] a alma felina dêste padre, sem talento nem probidade, exulta, parecendo-lhe vêr neste incidente episódico um fácil e cómodo objecto das suas difamações.

E, assim, entre jubiloso e canalha, escreve:

— «Muito bem! Desta vez acertou. Sabe o ilustre escritor, como tam lido em Homero, que a Ulisses o apelidavam o manhoso, o matreiro; que Homero o chamou *πολυτρόπος* (Odiss. I. 3), como quem diz homem de muitas caras; que Virgílio o honrou com o apelido de enganador e urdidor de tramas *(pellacis Ulyssei.* Æn. II. 90, *scelerumque inventor Ulysses.* Æn. II. 164); por isso creia que foi muito acertada a escolha do nome em que se escondeu.» [2]

Tal rosna o traficante.

No entanto, passando em silêncio, movidos de um justo sentimento de natural desprêzo, por sôbre o intuito patetamente agressivo que aquelas palavras tímidamente esboçam, vêmos que êste padre, não obstante os famosos dois anos do

---

[1] Odiss. IX. 366.
[2] F. R. *Op. cit.* p. 16.

seu curso de retórica e filosofia, de que, pela letra dos estatutos da sua Ordem, tam pavonêscamente se arreia, persiste em considerar a lenda heróica de Ulisses como sendo a da ilógica e incoerente consagração de um trapaceiro. O filho de Laërtes é, para êle, o tipo acabado de um «homem de muitas caras.» Por quê? Porque Homero, no primeiro verso (e não no terceiro, como êle, por não saber lêr, nos indica) do primeiro canto da *Odisseia*, ao lance da invocação à Musa, lhe chama *Ἄνδρα πολύτροπον*, que êle, na sua absoluta ignorância da língua grêga, traduz por *o homem de muitas caras!*

Calculêmos, pela esperteza dêste aluno, de que estôfa terão sido os seus mestres!

Todavia é muito provável, que êste padre, na sua primitiva evolução de labrêgo a jesuita, haja marrado várias vezes, com a sua cabeça monolítica, de encontro aos poemas homéricos, com aquela aprimorada consciência com que o sapateiro da anedota clássica se permitia discorrer, diante de um pintor célebre, sôbre a melhor arte de pintar.

De toda essa leitura, porêm, sem guia nem cabrêsto que lhe moderasse os instintos de malandrim, cuja função capital de suposto escolar, se circunscreveu, pelo visto, ao mecanismo estúpido e automático de transformar e viciar vocábulos, o safardana parece não haver logrado colhêr,

para o estreito mealheiro da sua erudição em artes, mais que um anárquico e confuso pecúlio de anedotas, em que reis e guerreiros patifes, e deuses facínoras e velhacos mútuamente se agridem e insultam, exactamente como fadistas e meretrizes em rixas de bordel. Para êle, não há diferença sensível entre a *Ilíada* e o *Almocreve das pêtas;* entre Aquiles ou Enéas e o Gil Brás de Santillana ou o Pedro-Malas-artes.

Assim, o homem parece ter percorrido os poemas clássicos, na sua qualidade de autêntico pascácio, com aquele genial espírito crítico com que há um século, os mochilas e boleeiros do *pôço-dos-negros* apreciavam, entre rameiras e tunantes, a vida de Carlos Magno. Patranhas escritas em grêgo para entreter meninos. E Ulisses? Um gajo, *um homem de muitas caras*, um vigairista, um rufião. Extraordinário? Não; desde que o objecto do nosso reparo seja um jesuita: —a síntese de todas as velhacarias; o conjunto obscêno da mais refalsada e estúpida má-fé.

*

Fácilmente se perdoaria, a êste Rodrigues, a sua insuficiência no modo porque interpreta o primeiro verso da *Odisseia*, se esta insuficiência,

quanto à ideia que faz de Ulisses, fôsse, pelo menos, sincera. Não perdôa a boa crítica, ainda agora, ao papa Adriano VI., aquele bárbaro desdêm com que, ao chamarem a sua atenção para o maravilhoso grupo, em bronze, de Laocoonte, achado nas escavações do palácio de Tito no monte Esquilino, o apontou como "símbolos da antiga idolatria„? [1] O efémero sucessor de Leão X., prevertido pela escolástica e pelas alucinações de um fervente devocionismo, deu-se logo aos seus ouvintes, naquele passo, como um pobre idiota, é certo; — mas na franca revelação da sua ignorância passa tambêm, naquele instante, a rútila scintilação da sua boa-fé. Para entrar na plena sem-razão da sua grosseira blasfêmia, o pobre homem, flamengo pelo sangue e espanhol pela educação, teria de lêr muito, de estudar muito, de aprender muito. E êle era já velho de mais para tais folias. As lutas políticas da casa d'Austria e as controvérsias do thomismo haviam-no cerebralmente esgotado. Eis porque a história lhe perdôa a sandice.

Mas não é êste, precisamente, o caso do meu solérte burlão. A palavra grêga com que êle encabéça o seu baixo remóque foi-a êle catar, com

---

[1] A frase integral é: — "*Sunt idola antiquorum*.„ Esta sentença define-o. Felix Kuhn. *Luther*. II. 3. 93.

a pacientíssima astúcia de um velháco, ao primeiro verso do poema, abstendo-se com previdente manha de passar adiante, de lêr os quatro versos que se lhe seguem — aqueles em que, com a maior evidência, o pensamento do poeta se completa e esclarece, receioso de que, com tal transcrição, a sua manóbra se descobrisse.

Ora, êsses versos são:

(Ἄνδρα) μοι ἔννεπε, Μοῦσα, (πολύτροπον), ὃς μάλα πολλὰ
πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε·
πολλῶν δ'ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω·
πολλὰ δ'ὅγ'ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν,
ἀρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἑταίρων·

¿Não entende o texto?

Pois bem: pôr-lhe-hemos diante dos olhos a interpretação magistral de Estêvão Berglero:

Virum, dic mihi Musa ***versutum***, qui admodum multum
Jactatus est, postquam Trojæ sacram urbem evertit:
Multorumque hominum vidit urbes, et mores cognovit,
Plurimosque idem in mari passus est dolores suo in animo,
Juxta æstimans suamque vitam et reditum sociorum [1]

Coteje-se, agora, a estúpida glosa dêste jesuita, dêste helenista das dúzias, com êstes dois flagrantes e opostos conceitos: — a sabedoria dêste prín-

---

[1] Patavii, ***typis Seminarii***, 1777.

cipe grêgo — *ille sapientissimus græciæ* [1] — que "vira muitas cidades e conhecera os costumes de muitos homens; que, em suas viagens, sofrera grandes dôres em seu coração, sem outro anseio que não fôsse o de salvar a própria vida, e fazer regressar aos seus lares os seus camaradas de infortúnios„: concilie-se êste saber, todo feito de amarguras morais, e de trabalhos duríssimos sôbre a terra e sôbre as águas; esta sabedoria dolorosa e amarga, que deriva do conhecimento dos homens e das suas maldades; êste empenho, todo feito de abnegação e de sacrifício, com que êle trabalha por fazer descansar na terra da pátria os seus companheiros de desventura: — compáre-se tudo isto com a sua baixa qualidade de "homem de muitas caras„ com que, pela tôsca tradução dêste ignorantíssimo padre, se calunía estúpidamente a lição de Homero!

E, dando por sua conta, à palavra *πολύτροπος*, o sentido rasteiro, baixo e plebeu, que ainda ninguêm lhe déra, imputando assim, ao autor da *Odisseia*, o conceito que êsse depreciativo vocábulo lhe merece, nem sequer adverte que, pouco adiante, e ainda no mesmo canto, Homero, pela bôca de Athènêa, e ainda pela de Zeus, chama a Ulisses, ora *o atormentado e desditoso Ulis-*

---

[1] Cicer. *Tusc.* II. §. 48.

ses—᾿Οδυσῆϊ δαίφρονι... δυσμόρῳ [1]—ora *o divino Ulisses*—᾿Οδυσῆος ἐγὼ θείοιο λαθοίμην [2]—*cujo espírito está acima de todos os mortais*—ὃς νόον μὲν ἐστὶ περὶ Βροτῶν [3]—ora ainda *o herói de coração forte e perseverante*—᾿Οδυσσῆος ταλασίφρονος [4].

¿Que estranho, e incoerente poeta é êste, que assim, e pela exegèse labrêga dêste trocatintas, tanto chama, no mesmo poema e no mesmo canto, ao seu herói, "homem-de muitas caras„, como o aponta como "divino, e superiôr, pelo seu intendimento, ao comum dos mortais„; não se esquecendo de o culminar como "um homem, cujo coração é forte e perseverante„?

¿Como é que êste padre concebe, que um homem possa ser, ao mesmo tempo, um traficante, um impostor, um réles velhaco, e um perfeito herói? ¿Que se seja inconstante e mentiroso, e, ao mesmo tempo, intrépido, arguto e inabalável?

---

[1] Odyss. I. 48-9 *(bellicoso cruciatur cor infelice).*

[2] Ibid. 65. *(ego Ulyssis divini obliviscerer).* Conf., a seguir, no mesmo canto, os versos 196. 398, e no II., os versos 27. 96, 233, 259, 366. 394; e no III., os versos 84. 121. 126, 394; e no IV, os 280 e 682. em todos os quais Ulisses é sempre designado por δῖος ᾿Οδυσσεύς.

[3] Ibid. 66. *(qui et mente supra mortales est, et supra cœteros sacra diis.*

[4] Ibid. 87. *(Ulyssis fortis).* Conf.. III., 84, IV. 241,

¿Como quer êle fundir, no mesmo molde e no mesmo bronze, a alma do último bispo de Beja com a alma de Nun'Alvares ou de D. João de Castro?

¿Com que direito se atreve, êste lacaio de roupêta, sem outra prenda senão a das suas artes, a vir caluniar o autor da *Odisseia*, atribuindo-lhe intenções aleivosas a que nem mesmo a índole do seu poema, e muito menos o estudo da filologia comparada, o autorizam?

¿Ou não conhecerá, êste idiota, mais que o primeiro verso da rapsódia sôbre que se espoja, e isto de orelha, atendendo a que no seu registo o aponta como sendo o terceiro?

Não há dúvida: neste homem, não sabe o leitor benevolente o que mais deva admirar; se a premeditada má-fé, se a estupenda ignorância, se o petulantíssimo atrevimento!

Porque se êste baixo vagabundo mental tivesse tido um professor de literatura grêga medianamente culto, êste lhe teria dito, sem dúvida, que na própria génese do nome de *Ulisses* está toda a psicologia, toda a razão ou pensamento moral da sua heróica personalidade. *ʼΟδύσσευς* representa a fórma contracta de *ὀδυσσεσθαι*, [1] ou

---

[1] Roscter, *Ausführliches Lexikon der griech und röm. Mythologie, wt. ʼΟδυσσευς*, II., 602-681.

ainda ὀδύσαντο e ὀδύομαι — *odio habeo, succenseo, vel ab* ὀδύζομαι — *vehementer irascor.* [1] É ainda a representação sintética da fórma ὀδυσσάμενος — *lugens, iratus, odio habens* [2] — isto é: o ódio filho da dôr (ὀδύνη), a ira com lágrimas de cólera; a ameaça que procede da amargura: donde o tipo dialetal, de ὀδυσσομαι — o mesmo que *irritar, invectivar, investir.* [3]

Na interpretação passiva desta palavra, *Ulisses* é ainda o homem sôbre o qual incide a cólera dos deuses, [4] e em especial a de Posseidon, contra o qual muitas vezes se insurge. Como símbolo basileico, êle é a imagem da clemência e da majestade. As suas virtudes predominantes são a delicadeza da alma, e a agilidade do corpo — essa agilidade étnica, genuinamente grêga, [5] que é sempre a companheira inseparável de toda a de-

---

[1] *Λεξικ. ἑλλην.* Basilaea 1584. — .. ὀδυσσαμένοιο τεοῖο — *(irato te) Iliad.* VIII. 37.

[2] Ibid.

Tais fôram as razões que determináram o autor incriminado na eleição do pseudónimo que adotou.

[3] Ὀδύνη, raíz comum para todos os seus derivados. C. Alexandre, *Diction. grecq. fr.*

[4] Celestum vis magna jubet. Æn. VII. 432.

[5] Aquiles, que é a mais pura representação da heroicidade grêga, recebe na *Ilíada*, quase invariávelmente, o epíteto de **ποδας ὠκὺς** — ***pedes velox.***

cisão. Se a sua prudência vai até à [1] *astúcia*, diz J. A. Hild, [2] a sua grande coragem é sempre conjunta com o raciocínio e com o sacrifício.

A manifesta indigência da língua latina, como idioma analítico, inconciliável com a verdadeira opulência sintética da língua grêga, fez com que, desde Lívio Andrónico, à palavra *πολύτροπος* seja dado sempre o equivalente de *versutus* (vir), adoptado e seguido depois em todas as lições clássicas. É o que, após tantas canseiras e tantas diligências, os gramáticos e eruditos latinos acharam de melhor.[3] A rude avèna dos pastores do Latium não encontrára outro som com que pudesse imitar a sublime harmonia da lira jónia.

Todavia *vir versutus* não representa senão, por simples aproximação, o *πολύτροπος* contido no original. Porque se *versutus*, na sua lição integral, diz o mesmo que "o homem perspicaz,

---

[1] *Astutia*=*ἀσκέω*, *adresse, habilité, dexterité, finesse*. Grand Diction. de la langue latine de W. Freund, trad. de N. Theil.

[2] *Grande Encyclop.*, vb. *Ulysse*.

[3] É a mesma tradução por êles dada ainda à palavra *πολυμητις* (II. 173) embora a acepção seja evidentemente outra. *Πολυμητις* não é já *o sagaz*, é *o engenhosíssimo* Os tradutôres confinam-se, no entanto, pelo *versutus*.

pronto no raciocínio e na deliberação„, [1] *πολύτροπος* é, alêm disso, o homem sábio, cuja conduta se ajusta às circunstâncias, às várias modalidades (*τρόπος*) da luta, [2] que a vida lhe oferece, aos difíceis e ásperos conflitos a que a fatalidade o expõe. Esta múltiplice riqueza de atributos só a poderia sintetizar, numa só voz, a exuberante opulência dialetal da língua grêga.

No entanto nunca a forçada e grosseira interpretação latina, oferecida por Lívio Andrónico à palavra *πολύτροπος*, obstou jàmais a que Ulisses fôsse sempre, no conceito dos grandes mestres clássicos, o tipo da sabedoria e da virtude: —***virtus et sapientia***. [3] E se Vergílio, o único entre êles, que dêsse conceito se afasta, não hesita

---

1 ... *versutos* eos appello, quorum celeriter mens versatur: callidus autem, quorum tamquam manus opere, sic animus usu concalluit. Cicer. *De nat. Deor. 3*, 10, 25. É simplesmente indecorosa a definição que dêste vocábulo se contêm no ***Lexicon latino português*** do sr. Francisco Pedro Brou, a qual é inconciliável com o sentido que lhe é atribuido pelos mestres da boa latinidade, e designadamente por Cícero.

2 É êste o sentido dado por Pope à palavra *πολύτροπος*, quando a interpreta como ***the man for Wisdom's various Arts renown'd.***

3 Rursum *quid virtus et quid sapientia* possit,
Utile proposuit nobis exemplar Ulixen.

Horat., *Epist.*, I., 2, 17.

em dar ao caracter moral do herói da *Odisseia* outro perfil, integrando-se no lenda post-homérica que o deprime e difama, lenda cheia de absurdos e de falsificações, e que não é mais do que a prova da irredutível inconciliação, que sepára a indole das duas literaturas, [1] isso não

[1] Os poetas latinos, ainda os do ciclo áureo, estão ainda muito longe de compreender toda a delicadeza do simbolismo grego. Vergílio e Horácio — principalmente Horácio — tentam aproximar as fórmas estéticas da arte poética latina, das concepções puríssimas da arte grêga. Mas a língua não os ajuda. Todos os artifícios métricos ficam sempre a grande distância dos altos modelos que buscam atingir. Pelo que respeita ás mais sublimes sínteses heróicas, que derivam dos poemas homéricos, os poetas latinos nem sequer mostram compreendê-las. Ulisses é um tipo fundamentalmente helénico, completamente inconciliável com a ideia grosseira que os latinos teem em geral dos seus heróis. Ao medirmos a extensão dos seus esforços, temos sempre diante dos olhos os trabalhos que empregaria Ennio, se um dia se permitisse a fantasia de interpretar Píndaro.

Há três anos foi presente ao *Instituto* de França, por M. Maurice Croiset - um dos mais sábios membros daquela ilustre corporação — uma memória interessantíssima, baseada nos mais sólidos elementos da pre-história, na qual o insigne helenista busca reconstituir a lenda primitiva de Ulisses, tal como ela existia entre os grêgos antes da composição da *Odisseia*. Esta lenda parece conter um elemento importantíssimo de realidade histórica. "Elle se retache — diz M. Croiset — à un peuple

obsta a que os próprios seguidôres da *Eneida*, e nela inspirados, como Camões, deixem a manifesta sem-razão de um tal critério, preferindo-lhe a opinião clássica, que o define como o *sábio grêgo*, e da qual só por excepção o autor dos *Lusiadas* se afastou. [1]

---

conquérant, que l'*Iliade* et l'*Odyssée* nomment Képhallènes, et qui semble avoir occupé Samé, Ithaque, Zante, puis Céphalonie, et une partie de l'Acarnanie. Ulysse, selon la légende, est le représentant de ce peuple. Il est probable que la vie de son père Laërte contient également quelques éléments de realité historique. La partie de la légende d'Ulysse relative à ses aventures après la prise de Troie paraît avoir été inventée aprés la composition de l'*Iliade*. Ce serait un développement de la légende primitive motivé par l'importance qu'avait prise le personage d'Ulysse à cette époque. Invention de la même époque que les relations d'Ulysse et de la déesse Athenée, le retour d'Ulysse et le meurtre des prétendants de Pénélope.„

[1] Em todo o longo decurso narrativo dos *Lusíadas*, até o canto VIII., Camões segue invariávelmente a tradição homérica, designando sempre Ulisses, ora por *o sábio grêgo* (I. 3), ora por *o perdido itaco* (II. 82), na acepção vergiliana também atribuida a Enéas de *errante, transviado, vagabundo (=fato profugus, multum ille et terris jactatus, et alto.*—Æn. I. 2-3), ora ainda por *o facundo*, como sinónimo de *rico de eloqüência* (II., 45; III., 57; V., 86; VIII., 5.), qualificativo honroso com que o poeta chega a assinalar o próprio Gama (V. 90). Sómente quando entrado no maravilhoso da epopeia faz cantar a

De feito seria imperdoável testemunho de ignorância, senão tambêm padrão da mais crassa

---

ninfa no episódio fantástico da *ilha dos amores*, é que esquecendo-se do que pouco antes (VIII. 5) disséra da *língua de Ulisses*, que êle considera como "uma dádiva divina„

> Ulysses é que faz a sancta casa
> Á Deosa *que lhe dá lingua facunda.*

e adoptando, por subserviente reminiscência clássica, o arbitrário conceito da *Eneida*, evidentemente fóra já de toda a compreensão heróica, se lembra de chamar a essa mesma língua nada menos do que *vã* e *fraudulenta* (X. 24) — expressões que foi buscar à confissão pérfida de Sinon (II. 80) — isto sómente por que Vergílio, em certos passos do seu poema (II. 7, 43-44, 90, 98-99, 164, 261, 762 &.) consagra a Ulisses os mais depressivos epítetos, entre os quais inscreve tambêm o de *infeliz* (III. 613, 691).

Camões parece não possuir neste assunto um directo conhecimento dos poemas homéricos, flutuando o seu espírito à mercê daquelas duas opostas e absurdas correntes: — a grega e heróica que deriva da *Odisseia*, como síntese do puro ciclo helénico; e a falsa, característicamente romana, absolutamente divorciada já da genuína tradição clássica, a qual se acha procedentemente representada na *Eneida*.

Assim se explica como Camões, no decorrer do seu poema, chame alternadamente ao mesmo personagem, *sábio*, *facundo* e *fraudulento*, determinando-se, sem o menor exame, por dois símbolos antagónicos, grosseiramente contraditórios, que ficaram manifestamente inacessíveis à incidência das suas faculdades críticas.

incultura em matéria de filosofia da História, [1] atribuir aos grandes vultos dos ciclos heróicos, ainda tam próximos, pelas paixões e pelos instintos, do homem primitivo — pelo que respeita aos mais altos atributos da consciência humana, a virtude e a sabedoria — o mesmo significado subtil, o mesmo sentido delicado, que o juizo das sociedades cultas hoje lhes impõe. Aquela *fôrça moral,* de caracter, a que os grêgos, no seu instinto de luta pela vida, dão o nome de *sabedoria*, e na qual fazem consistir toda a superioridade dos seus heróis, não é mais do que um conjunto de lições da experiência, derivado do conhecimento da maldade dos homens, e de um certo número de actos de defêsa física a que a crise das circuns-

---

De resto, a designação constante de Ulisses, como *o sábio grêgo*. não é mais do que a fórma clássica do — *sapiens Ulysses* — revertendo à sinteso apelativa *πολύμητις Ὀδυσσεὺς*, a que atribúi ao grande e desditoso Ítaco não só a sabedoria, filha da experiêncía e do conhecimento dos homens e das cousas, como a prudência plena e a previsão clara e inteligente dos factos. Cf. as raízes *π. μῆτις*. Pope é, pois, neste caso, como já vimos, quem mais se aproxima, embora a custo de uma larga perífrase, da cabal inteligência do conceito homérico.

[1] Iede Zeit hat so eigenthümliche Umständ, ist ein so individueller Zustand, dass in ihm aus ihm selbst entschieden Werden must, und allein entschiedem Werden kann. Hegel, *Philos. der Gesch.* IX.

tâncias a cada passo os expõe.[1] É à luz dêste critério, que Ulisses é o *sábio grêgo*, porque a sua larga experiência dos homens o fez superior a todos os ardis; e, por tanto, superior a todos os mortais *pelo seu alto espírito*, como o vêmos representado sempre na *Odisseia*.

A própria ideia que os gregos teem da virtude não é certamente menos bárbara. *Virtude* (*ἀρετή*) embora com todo o seu caracter sagrado de *súplica*, de *prece* (*ἀράομαι*) tem ainda o duplo sentido do *mérito*, da *fôrça* e da *ousadia*. *Ἄρης* é o mesmo que Marte, o deus da guerra e dos com-

---

[1] A ideia que os grêgos dos tempos heróicos fórmam da palavra *dolo* resalta evidentemente da sentidíssima apóstrofe com que Nestor (*Odiss. III.* 120-2) dirigindo-se a Telemaco, lhe fala das soberanas virtudes de seu pai.

> *Ἔνθ᾽ οὔτις ποτὲ μῆτιν ὁμοιωθήμεναι ἄντην*
> *Ἤθελ᾽, ἐπει μάλα πολλὸν ἐνίκα δῖος Ὀδυσσευς*
> *Παντοίοισι δολοισι·*

Por certo, que o critério dos nossos tempos de culta hipocrisia há-de achar inconciliáveis os dois atributos *δῖος* e *παντόιοισι δολοισι* (*omnimodis dolis*) convergentes à linha moral do mesmo herói. Mas um tal critério só deve ser presumido como produto de uma grosseira ignorância, não só das idades heróicas, como da língua em que são cantadas as altas virtudes dos seus semi-deuses. *Ne sutor...*

bates. O mesmo pensam os romanos. As palavras *virtus, vir, vis* teem todas a mesma radical.

Estamos ainda no ciclo heróico, longe das fórmas convencionais, que nem sempre conseguem eliminar no homem a inferioridade da sua origem e a baixêza de um grande número das suas paixões. Ainda é cêdo para que apareça Aristoteles com o seu conceito. [1]

Mas Rodrigues, embora doutor em manhas, não sábe nada disto, nem é êste um tema que o possa interessar. Na sua aula de grêgo, como na sua escola de latim, o que lhe ensinaram foi a decifrar palavras, obrigando-o a reverter ao seu pátrio galêgo, a lição que umas garatujas helénicas ou umas letras latinas lhe impunham. Mais nada.

A famosa erudição jesuítica, nestes nossos tempos, só sabe produzir disto. Os Salmeron, os Lainez e os Maldonado, volvidos pouco mais de três seculos e meio, desfecharam em figuras dêste jaez.

Esta decadência elucida-nos, felizmente, sôbre o futuro próximo desta perniciosa instituição.

---

[1] Pol. IV. 6.

IV

A páginas 15 do seu libelo, o jesuita empérra, e sai-se com isto:

"Logo no primeiro parágrafo da obra..."

... parágra*fo da* obra...

Não passêmos alêm sem atentar na obscenidade desta baixa cacofonia de alcouce, em que o matulão nos revela as suas qualidades de escritor péssimo, deixando que a pena lhe fuja para a revelação do acto secreto que, sôbre suas sovadas carnes de solitário, por vezes exercem os seus camaradas de castidade e de continência.

Diz, pois, o porcalhão, referindo-se ao nosso estudo:

— "Logo no primeiro parágrafo da obra, estampa *(o escritor acusado)* uma frase rasgada e

sonóra, que bem manifesta a índole do escrito, e descobre as intenções do autor:[1] — "a sua moral *(a da Companhia de Jesus) é simplesmente infame.*"

A justificação do seu reparo devendo seguir-se, como é natural, aos termos da exposição que produz, meio único de o seu pensamento ser compreendido, vem três páginas atrás. É uma novidade dialética da Ordem: — a glósa preceder sempre a exposição que apostíla.

Assim, comentando a lição que dali a três páginas oferecerá ao seu leitor, discorre: — "¿Mas afinal qual é a moral própria dos jesuitas, que tanto incomóda êstes zelosos da moralidade? A resposta exacta e únicamente verdadeira é que moral peculiar não a teem êles, nem a tiveram jàmais. *A doutrina dos Jesuitas é a doutrina da Igreja...*"

---

[1] J. C. *op. cit.* p. 8.

O padre, na sua diatribe, altéra a ordem natural do escrito incriminado, passando, conforme lhe convêm, das *considerações preliminares* ao corpo da obra, avançando, retrocedendo ou confundindo o nexo das matérias, conforme lhe aprás. Irêmos, seguindo o jesuita nos seus repáros sem método, nesta digressão de puro arbítrio seu, embora em tam incoerente jornada tenhâmos de sacrificar a exposição lógica e progressiva dos assuntos. Só para os efeitos de uma obra absurda nos podêmos associar com êle!

Todavia, acudindo pressuroso à asneira proposta, corrige logo: — "se houve autor da *Companhia* que seguiu algumas vezes opiniões menos aceitáveis, pede a boa razão que se não chamem doutrinas da Corporação a que êle pertence, mas se atribuam inteiramente ao escritor que as emitiu." [1]

O trapalhão barafusta.

Supondo-se no meio de imbecís, acha que não póde a Companhia responder pela moral exposta por certos tratadistas da sua Ordem, por isso que só a êsses moralistas cábe a responsabilidade das suas extravagâncias. ¿Mas por que não acóde a Companhia, pela voz dos seus revedores de livros, a condenar desde logo o escrito onde se versa a tal doutrina *menos aceitável?* Ela, que tam solícita se mostra sempre em submeter ao *imprimi potest* dos seus depuradores de gafa herética os escritos dos seus padres, ainda, como

---

[1] F. R. *op. cit.* p. 12. O trocatintas foi copiar esta sandice ao padre Jehr, quando êste. no *Diction. de theol.* de Wetzer *(vol. XII, p. 281, ed. de Paris* (1864). e na sua pretensa defesa da moral jesuítica escreve. segundo a tradução de Goschler: — «*Il est donc, à tous égards, injuste de rendre le corps entier responsable des fautes de quelques-uns de ses membres.*»

neste caso de Rodrigues, os mais banais e mais fúteis, e por isso mesmo insuscetíveis de serem aproveitados nas suas escólas, ¿por que se mantêm num silêncio aquiescente e aprovativo em face de teses com cujas conclusões se não confórma? ¿Para que lhe serve o voto de obediência?

Mas êste baixíssimo artifício, com que êste padre sem probidade procura envolver a intenção da sua suposta defêsa, é ainda um testemunho triste da sua calcinada má-fé. Todos sabem que um jesuita, pela fôrça das suas Constituições, [1] não póde publicar um livro sem a aprovação da sua Ordem. Essa obrigação torna-se da mais rigorosa observância, desde que o livro se destine ao ensino. ¿O mesmo Francisco Rodrigues não nos está dando neste momento uma exagerada prova da sua obediência a êstes preceitos, submetendo à autoridade dos seus superiôres e mestres a própria frioleira que agora escreveu?

Pelo que importa concluir, que toda essa criminosa e obscena literatura que por aí corre seu vário destino, pervertendo almas e preparando a degradação do corpo, toda essa baixa e corrosiva literatura firmada por jesuitas, representa a mo-

---

[1] I. Huber, *loc. cit. Verantwortlichkeit des Ordens für die Moraldoctrin.* c. VI., p. 305.

ral política e a moral social da sua Ordem, e teem dela os seus revedores e censores a mais completa e canónica das aprovações. Não minta, pois, o padre, nem supondo-se à sôlta em maninho de imbecís e ignorantes, ouse afirmar que é, em particular, aos autores das "opiniões menos aceitáveis„, e não à Companhia, que "a boa razão„ há-de ir pedir a responsabilidade do escrito homicida ou lascivo, quando pela disciplina verdadeiramente marcial da casa, nenhum jesuita é bastante senhor da sua liberdade mental para permitir-se-lhe o atrevimento de expôr ao público, sem nenhuma espécie de aziar, as suas opiniões.

Mas logo verêmos a razão desta dobrez impudente.

*

Todavia Francisco Rodrigues prosegue satisfeito, sempre na beatífica suposição de que está prègando entre imbecís que dormem ou pendem com sono, e beatas sórdidas que cabeceiam e se expulgam.

E, assim, eruditamente inflamado, escreve:

—"Um argumento decisivo e perentório da sã doutrina e boa moral dos autores jesuitas, temo-lo nas obras de S. Afonso M. de Ligório.

Êste santo Doutor, na sua primeira obra de moral, tomou por texto o livro do Jesuita Busenbaum, precisamente um dos mais incriminados por moral relaxada, e ampliou-o com suas notas, *o que não faria se entre a doutrina católica e a dos Jesuitas houvéra oposição.„* [1]

E aponta em seguida, em abôno dêste argumento decisivo e perentório em favor da *sã doutrina e boa moral dos autores jesuitas* — (que descaramento!) — umas palavras atribuidas a dois renegados célebres — Henrique IV. que nunca teve convicções de nenhuma espécie, nem políticas, nem religiosas, a um tempo adúltero e cabrão, e que foi um miserável trânsfuga da causa protestante, cujas reivindicações vendeu a preço de um trono que não soube conquistar pelas armas; e, bem assim, um jesuita apóstata, o padre Hönsbruch, de escandalosa e impúdica memória!

Êstes dois depoimentos abonam a justiça do pleito, e a sinceridade ou inconsciência do solérte farçante que os invóca.

*

Reconstituâmos, todavia, tanto quanto nô-lo permite a anárquica exposição dos períodos acima

---

[1] F. R. *op. cit.* p. 12.

expostos, o pensamento fundamental, orgânico, dêste insigne charlatão.

Assim, temos pois:

a) A Companhia de Jesus não tem moral peculiar.

b) A moral do jesuita Busenbaum, aceita e reconhecida pela Companhia, e por S. Afonso M. de Liguori, é a moral da Igreja, e não está em oposição com a doutrina católica.

Pois bem: estas duas conclusões representam duas impudentíssimas mentiras — mentiras que só um jesuita póde ter a audácia de formular!

Porque quanto à falsidade da sua primeira tese, não há que opôr nem longos nem aturados discursos: basta a simples enunciação dos factos. Dêsses factos resulta que tudo, na *Companhia*, como agregado social, é particular e pessoalíssimo. O seu próprio Instituto, vindo já fóra do ciclo das puras aspirações místicas e religiosas, numa época de dúvida, de lutas e de combates, em que Roma é dada ao mundo como a grande prostituta, e o papa como o autêntico Anti-cristo: o seu próprio Instituto nada tem de comum com todos os outros, seus congéneres, das ordens mendicantes. A sua índole é política e militar, índole que o seu próprio regime interno nem sequer busca iludir. As suas casas não são

cenóbios ou mosteiros; são quarteis. Os seus dormitórios são casernas. Áparte o que na sua ecònomia doméstica existe de similar ou idêntico com o pensamento disciplinar das outras ordens menóres, e que não chega nunca à *pobreza-perfeita* dos franciscanos, limitando-se, quando muito, a seguir a concepção comunalista dos dominicos, [1] tudo mais, em matéria de posse, não revela outra cousa senão uma autêntica e rigorosa disciplina de soldados em combate. Se o seu estatuto orgânico os dispensa das obrigações do côro e dos actos mais solénes do culto, não havendo para êles nem dias de parasceve, nem comemorações pascais, é tam-sómente para que, como homens de armas em tempo de guerra, estejam prontos, e à primeira voz, para investir e acometer no seu pôsto. Êsse pôsto é o púlpito e o confessionário: no púlpito fazendo as suas proclamações de guerra, lançando o seu bando, e fixando o seu répto; no confessionário mutilando e deformando consciências. O templo é a sua tenda de campanha; a sociedade é a cidadela inimiga, que importa submeter ou reduzir. A religião já não é para a Companhia um fim; a religião é únicamente para ela um pretexto. O

[1] H. Delacroix. *Essai sur le Mysticisme spéculatif en Allemagne au* XIV^e^ *siècle. ch.* v. p. 108.

seu itinerário nada tem de idêntico ao das outras ordens medicantes, para as quais a vida é apenas o breve espaço de tempo, que medeia entre a penitência e o juizo de Deus. Nada disso. A sua jornada, santa apenas em palavras, e mística sómente na técnica quase mecânica dos seus *Exercícios*, não visa outro termo senão o da escravização do mundo político, reduzindo-o a uma simples depêndencia da Igreja, cuja cabeça é o papa, enquanto à Companhia convier o reconhecimento dêsse poder.

Para a plena conquista dos seus propósitos, todos os meios lhe servem. Todos. Dada a sua natureza militar, [1] como fruto da imaginação alu-

---

[1] ... societas: quasi dicas cohortem aut centuriam, quæ ad pugnam cum hostibus spiritualibus conserendam conscripta sit. Nigroni, *in* Deliberatio primorum patrum *A. A. S. S.* I., I. p., p. 463. Ranke, *Die röm. Päpste*, II. B. p. 127, *Ignatius Loyola*. De resto, as teorias da Companhia de Jesus sôbre o duelo, admitindo-o como um acto de legitíma defesa da honra e do bom nome junto dos príncipes (Busenbaum, *L. III. tract. IV., cap. I. dub. V., art. I n. 6.)* em manifesta oposição com as doutrinas da Igreja, que o consideram como um costume detestável, introduzido na sociedade pelo diabo *(Concil. Trident. sess. XXV. cap. XIX)* bastariam só de per si a demonstrar-nos não só a natureza, como a orígem militar dos jesuitas. Conf. Bula de Gregório XIII., *Ad tollendum detestabilem duellorum usum* (5 Dec. 1582) e a de Clemente VIII. —

cinada de um guerreiro espanhol, não há, para a Companhia, selecção de processos. Todas as violências, todas as fraudes, todas as astúcias, para esmagar o inimigo, lhe são permitidas.[1] É uma Companhia, um têrço de soldados, e não uma comunidade religiosa, cujo suprêmo anceio seja o céu. Nesta, óra-se e canta-se; acolá, na outra, intriga-se e mente-se.

Assim, pois, aquilo que nas outras Ordens religiosas constitui motivo para a íntima contemplação dos sagrados mistérios, dando-se ao auxiliar dêsses arroubamentos torturantes o nome de *Meditações* ou de *Itinerários do céu,* na Companhia de Jesus o tratado que há-de servir de guia e amparo a todo êsse esfôrço psico-sensorial recebe, pela técnica belicosa do seu instituto, o apelido de *Exercícios*—palavra guerreira, absolutamente idêntica à que se emprega nos presí-

---

Illius vices, licet immeriti (17 Aug. 1592). *Bullar. Rom.*, 1863, vol VIII., p. 400-1; IX., p. 605-9.

[1] Está neste caso a sua cínica teoria sôbre a *exterioridade do juramento*, segundo a qual quem jura, apenas em aparência, e sem ânimo de jurar, não jura, brinca:—*Qui exterius tantum juravit, sine animo jurandi, non obligatur, nisi forte ratione scandali, cum non juravit, sed luserit.* Busenbaum, *Medul.* L. III., *tract.* II. *cap.* II., *dub.* IV., n. 8.

É a mentira regulamentada.

dios, na acepção de regular o ofício das armas, preparando o homem para vencer matando, ou para só ceder morrendo!

E se é certo que não devâmos considerar a eleição desta palavra *Exercícios* um acto da livre e pura escôlha de Inácio, pois que já a deparára êle no livro de Cisneros, adoptando-a como base das suas meditações, sem que contudo nô-lo faça presentir, não é menos certo de que de bom ânimo a perfilhára, justificando-a como um acto eqùivalente, nos domínios do espírito, ao que se pratíca, a bem do desenvolvimento dos nossos músculos, por meio da gimnastica corporal. [1]

Não são, portanto, os *Exercícios*, um *Livro de Horas*, que leve o solitário à contemplação das suas fraquezas e ao voluntário e místico sacrifício da sua personalidade, integrando o seu espírito em Deus: — são como que um frio roteiro de táctica moral, que nem mesmo exige aos seus adeptos abundância de sciência, bastando-lhes [2] apenas o desejo ardente da alma para alcançar o sentido das cousas interiores, de modo a encaminhar o homem à obediência: — não à obediên-

---

[1] Herrmann Müller, *Les origines de la Compagnie de Jesus* -- Ignace et Lainez, ch. II. p. 62 *(nota)*.

[2] Non enim abundantia scientiæ, sed sensus et gustus rerum interior desiderium animæ replere solet. *Exercitia spiritualia*.

cia do santo, que está sempre longe e acima de todas as podridões morais, senão que á obediência do soldado, para o qual não há família nem amor, e que, de mão nas armas, àlerta e vigilante, a todo o momento espera a voz de —*fogo!*— saída sem piedade dos lábios do seu capitão.

Jesus é pois, conseqùentemente, representado na Companhia, não como o símbolo de toda a justiça, o termo inefável de toda a bondade e de todo o amôr, senão que a imagem de um rei da terra, chamando os seus súbditos à peleja. [1]

Dest'arte, a distância, que vai da Porciúncula a Manrésa, é a mesma que sepára Francisco de Assis, de Machiavel.

Produto lógico e coerente do meio social, religioso e político que a gerára, a Companhia encerra no seu seio tenebroso todos os vícios dos homens políticos e dos homens de armas do seu tempo: -tempo em que o aspecto religioso não vai alêm do aparato hipócrita e cínico de um calculado artifício, que a exploração das circunstâncias recomenda e impõe. [2]

---

[1] *Contemplatio regni Jesu Christi ex similitudine regis terreni subditos suos evocatis ad bellum.* Exercitia spiritualia, secunda hebdomada.

[2] ... o êrro dos que supõe que o século XVI., inferiôr sob tantos aspectos ao nosso, valia mais do que êle pelo lado moral. A. Herculano, *Hist. da orig. e estabelecimento da Inquisição em Portugal,* T. II., L. IV., p. 49.

Tudo, portanto, no jesuita é peculiar. Desde a sua arte, que é a negação de toda a espiritualidade e de todo o instinto de beleza, até à sua pedagogia, que é todo um sistema de perversão moral; sem esquecêrmos a sua dialéctica, cheia de distinções e restrições cavilosas, que vão desde o paradoxo arvorado em silogismo, até aos mais absurdos equilíbrios escolásticos que desfecham na mentira latente: — desde a sua arquitectura, pesada e sem arranque espontâneo, em que a carga dos estuques, das talhas e dos mármores, substitui a ausência do espírito criador: — desde os seus cantos sem melodia nem inspiração, sem brilho nem sinceridade, baixo género de prosas rimadas em que um tôsco artifício métrico ou rítmico visa a preencher a lacuna do puro sentimento religioso:[1] — desde a sua oratória concional, indigésta ou arteira, equívoca e ambígua, em que se recalcam, num automatismo irracional, os *Exercícios* de D. Garcia de Cisneros, retocados e refundidos por Loiola, de um negativismo duro e transcendente, inacessíveis, por isso mesmo, à compreensão simples e ingénua das multidões; até ao seu método de escrever a História, cujo tipo se encontra nos trabalhos do espanhol Ribadeneira, o

---

[1] *Cartas de um vencido. Carta* XXII. p. 177.

mais descarado fabricante de pêtas e patranhas hagiográficas que jàmais se viu, sem elevação nem candura, denunciando a cada momento o seu coração frio, a sua imaginação gasta e exausta, como característica e sintoma da sua verdadeira indigência inventiva: tudo, na Companhia de Jesus, é pessoal e particular; tudo, nos seus sócios, é àparte e exclusivamente seu. Tudo.

Nestes termos, ¿como admitir ou sequer conceber, que a Companhia não tenha também, em seu interesse e para seu uso, uma espécie de moral própria, de moral com a marca da sua casa, de moral para a mais fácil expedição dos seus negócios, de moral como guia e instrumento dos seus fins?

Seria inconcebível.

*

¿Qual é, pois, a sua moral?

A sua moral é a moral dos homens de Espanha e de Roma do século XVI: — a moral, que vem de Alexandre VI., de Machiavel e de Filipe II. É a moral dos papas e dos reis da Renascença; a moral dos Caraffa, dos Bórgia, dos Colonna, dos Medici; a moral que, desde Pisa e Constança, vem preparando a Reforma e a Revolução.

O seu evangelista é Hermann Busenbaum. Na sua crise de impudôr, a Companhia, julgando-se entre ignorantes, ousa asseverar que a moral, a relaxadíssima e impúdica moral ensinada pelo autor da *Medulla*, "é a moral da Igreja, a pura moral católica." Da Igreja *romana*, será; da Igreja *católica*, jàmais. Jàmais!

Se não, vejamos:

São de mais conhecidas, na História, as opiniões da Igreja sôbre as orígens da sociedade civil. Toda a ideia do poder é conexa com a ideia de Deus. O homem não governa senão por delegação da vontade divina. *Non est enim potestas nisi à Deo, quæ autem sunt à Deo, ordinatæ sunt.* [1]

Foi Deus, que atentando nos desvarios da Humanidade, e vendo o homem tornar-se numa verdadeira féra para com o seu semelhante, lhe impôs o poder do homem, de modo que sujeito à autoridade humana pudesse, ao menos, alcançar qualquer pequeno género de justiça. Vendo a cada passo suspensa sôbre a própria cabeça a espada do poder, seria possível que os diversos membros do corpo social se contivessem a dentro

[1] Paul. *Rom.* XIII. 1.

dos seus respectivos limites. [1] "O verdadeiro fundador do reino da terra é Deus„ — diz, no seu *Tratado contra os heréticos*, Santo Ireneu. [2] O princípio moral, contido no *non est potestas nisi à Deo* é a concepção final de todo o poder visível, tanto dos papas como dos reis. É nessa concepção que se inspiram todas as sínteses cesáreas e canónicas da idade média. *Per me reges regnant*. Ofender a dignidade do poder, na pessoa do seu eleito, é ofender a majestade divina. ¿É tirano, é perverso o representante eventual dêsse poder supremo a quem Deus confiou o exercício da sua divina autoridade? A Igreja nem assim absolve da sua obediência os servos ou vassalos do príncipe indigno, [3] porque o exercício ou prática da crueldade, ou o imoderado abuso do poder, não justifica a revolta, nem induz a anulação do princípio de investidura divina, que é, na essência, a razão sagrada de toda a ideia de domínio.

E nisto não faz a Igreja senão adoptar os princípios que lhe legára a antiguidade, visto que

---

[1] Bossuet, *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture sainte*. (Œuvres completes. Paris. 1826. tom. XVII. p. 4.)

[2] Iren. *Adv. hæres.* (ψευδώνυμον γνώσεως) v. 24.

[3] Reithmayr, *Commentar. zum Briefe an die Römer*, p. 65.

no voto de um dos seus maiores historiadôres, os homens teem que conformar-se com a maldade dos que os governam, como se conformam com certas calamidades da natureza, como as chuvas e as esterilidades, visto que vícios e maldades, sempre os haverá na terra enquanto houver homens, e não ser possível a existência de uma desventura tam contínua, que não haja de ceder o passo, mais tarde ou mais cêdo, a dias melhores. [1]

---

[1] Quommodo sterilitatem aut nimios imbres et cetera naturæ mala, ita luxum vel avaritiam dominantium tolerate. vitia erunt, donec homines: sed neque hæc continua, et meliorum interventu pensantur. Tacit. *Histor.* IV. 74. Santo Agostinho vai mais longe: vem ainda de Deus. diz êle, a tirania dos nossos opressores — *Etiam nocentium potestas non est nisi a Deo.* (De Nat. c. Manich.) Lutero, tanto num dos seus sermões *(Weimar, 1522)*, como no seu tratado célebre sôbre a autoridade secular e os limites da obediência que lhe devemos, (Luter. Op. v. XXII. p. 59 ss. ed. Erlangen, Plochmann e Irmischer), publicado um ano depois (1523), é o primeiro canonista que se insurge "com um verdadeiro luxo de provas tiradas da Escritura" (F. Khun, II. c. III. p. 91) contra êstes princípios, estabelecendo as bases jurídicas do direito público moderno. Èle não nega à sociedade a sua orígem divina, como a não nega tambêm ao casamento e à vida comum; o que porêm entende é que ela póde e deve manter-se de per si, sem a tutela da Igreja. Os limites da sua autoridade estão contidos na própria

Donde importa concluir, que a Igreja, como tesouro de toda a paz e de todo o amor, em face de opressões e de desventuras, longe de incitar os homens a que se alevantem contra os seus opressores, consola-os na sua miséria com palavras de paz e de misericórdia. Dá-lhes, na sua dôr, avisos cheios de bondade e de perdão; pedelhes que se resignem, que sejam mansos, que se

---

essência do seu sêr. O direito que assiste à nossa desobediência funda-se tam-sómente no mau uso de que, em matéria de fé, a sociedade secular faz da sua autoridade. Essa violência, em que abusivamente se invoca o reino de Deus, justifica sempre a nossa revolta. Nenhuma lei póde obrigar o homem a crer, ou a ter fé. Tudo quanto, em tal sentido, se formular, seja qual fôr o princípio que se invóque, não dará outros frutos que não sejam a mentira e a hipocrisia. "É em face de uma tal prepotência, que ao homem austero assiste a razão suprema de invocar as palavras do Apóstolo: — *obedire Deo oportere magis quam hominibus*." Foi por estas mesmas palavras de S. Paulo, que no século XVI., um mestre de teologia da Universidade de Louvain, respondeu a um dogmatista poderoso, que o queria forçar a um juramento contrário à sua fé. (Gonzaga, *De Origin. Seraph. religion. franciscan.* III. *pars. p.* 997.) Os motivos da restrição luterana percebem-se claramente, desde que reconheçamos a necessidade em que o grande reformador se encontra de aconselhar aos seus sequazes a que se não curvem às imposições dos mestres católicos. As palavras do Apóstolo serviam, naqueles dias, para os arraiais das duas opostas confissões.

curvem perante a autoridade, ainda a mais iníqua, como Jesus se curvára diante da vara de Pilatos; não os estimulando jàmais a que tomem armas contra os tiranos, tudo em nome d'Aquele que, segundo ela, é a razão e o supremo princípio de todo o poder.

Esta voz de reprovação por todos os actos de violência manifesta-se ainda, e sempre, onde quer que a ideia de autoridade se afirme, visto ser Deus a fonte perene de todo o poder, e a obediência do homem não representar senão um acto de amor e de acatamento para com as suas leis. Desde a veneração que devemos a nossos pais, como testemunho do nosso respeito para com Deus, até à obediência que devemos ao príncipe e a todo o nosso superiôr hierárquico, capitão, juiz ou dignidade eclesiástica, a Igreja não prepára o homem senão para a submissão.

Êste espírito de indiscutível obediência paira em toda a sua doutrina, desde o Decálogo até o Evangelho, inspirando todo o direito canónico, e constituindo a base de toda a disciplina monástica. Ao pai, ao príncipe, ao superiôr da clausura, o dever de lhes obedecermos é absoluto, visto que, como detentores da autoridade, devem ser tidos por nós como vivas representações de Deus.

Tal é a moral social e política da Igreja.

¿Como é que a cumpre, observa e ensina o jesuita?

O jesuita, pela voz do seu melhor mestre de moral, Hermann Busenbaum, cujas sentenças, outro oráculo da ordem, S. Afonso M. de Liguori, calorosamente aplaude e recomenda a todos os confessores, autoriza que, "para defesa da vida, e integridade dos membros, *é lícito ainda ao filho, ao religioso, ou ao vassalo matar seu próprio pai, o seu superior ou o seu príncipe*, desde que da morte dêste se não hajam de seguir graves inconvenientes, como guerras &.„ [1]

Como se vê, o juiz da oportunidade do feito é sempre o filho, o vassalo, ou o religioso homicida. Êle é que sabe quando o pai o ameaça com o perigo da integridade dos membros, ou o pouco ou muito abalo social, que do assassinato do seu príncipe possa seguir-se. Isso pertence ao fôro íntimo, à interessada consciência de quem mata.

Primeira concordância da pura moral cató-

---

[1] Ad defensionem vitæ. et integretatis membrorum, *licet etiam filio, religioso et subdito, se tueri, si opus sit, cum occisione, contra ipsum parentem, Abbatem, Principem: nisi forte propter mortem hujus. secutura essent nimis magna incommoda, ut bella*. &c. Medul. L. III. *Tract.* IV. *Dub.* III. n. 8.

lica, da pura moral da Igreja, com a moral da Companhia de Jesus.

*

Todos sabem também, que não só já a moral política, mas a própria essência da moral social da Igreja, se fundam no amor e no perdão. A sua concepção espiritualista deriva da absoluta negação da nossa personalidade, mandando que amêmos a Deus sôbre todas as cousas, e ao próximo como a nós mesmos. Com uma simplicidade santa e ingénua exórta-nos a que acomodemos os nossos actos aos ditames da vontade do Senhor.[1] Na síntese moisaica, Iaveh diz simplesmente ao homem: — *non occides.*[2]

Já vimos como, e em que circunstâncias, o jesuita, com pleno assentimento de S. Afonso M. de Liguori, aconselha a que matêmos não só o nosso superior e o nosso príncipe, mas ainda o nosso próprio pai. E, procedendo assim, o charlatão a que nos vimos referindo tem ainda o impudôr máximo, e a desfaçatez insigne de de-

---

[1] Math. VII. 21; XII. 50. Paul. *Thessal.* I. 5, 6; IV. 3, 4, 5. Joan. I. 17; II. 17.

[2] Exod. XX. 12, 13. Deuter. V. 17. Math. V. 21.

clarar que — "a moral da *Companhia* é em tudo idêntica e conforme à moral da Igreja.„ !

Fóra, porêm, dêstes pequenos casos, em que o súbdito póde matar o seu soberano, o religioso o seu prelado, e o filho, seu próprio pai, o mesmo oráculo da Companhia, Hermann Busenbaum, com a aprovação do seu sócio, S. Afonso M. de Liguori, ensina como a cousa mais corrente e normal dêste mundo, a "matar *privata authoritate* ao iníquo agressor, que injustamente intenta tirar-te a vida ou as cousas, que te são necessárias para passá-la com decência, como são bens temporais, honra, honestidade, integridade de membros: porêm de tal sorte, que se execute só isto com ânimo de defender-te *et cum moderanime tutellæ inculpatæ:* isto é, de lhe não fazer mais dano, nem usar de violência senão a que fôr necessária para desviar a injúria.„ [1] E

---

[1] An et quomodo liceat occidere privata authoritate iniquum aggressorem. R. Jus naturæ permittit, ut vim vi repellas, et aggressorem, qui iniquè eripere tibi conatur vitam, aut quæ ad eam honestè agendam tibi sunt necessaria, ut bona temporalia, honores, pudicitiam, membrorum integritatem, prævenias, *et occidas:* ita tamen ut id fiat animo te defendendi, et cum moderanime tutelæ inculpatæ; hoc est, non inferendo maius damnum, nec utendo maiore vi, quam necessarium est ad arcendam injuriam. *Medulla. L. III. Tract. IV. cap. I. Dub. III.* Como se vê, toda a ideia penal da Companhia,

tudo isto, não por ser acto evangélico; senão que por o bom direito natural nos preceituar que, à violência, nos assiste a obrigação de responder pela violência — *vim vi repellere.*

De modo, que assim amparado com o pleno assentimento dos mais santos doutores da Companhia, o assassino vai para o crime seguro e firme na hipócrita intenção de "não matar„, e tam-sómente "responder à fôrça pela fôrça.„

É mais uma pia concordância da dura moral da Igreja com a dôce moral da Companhia. Aquela, manda perdoar as injúrias; esta, aconselha o agredido a que mate o agressor. É o bis-

---

assenta no bárbaro princípio do talião. Êste conceito jurídico, posto que constitua a base de toda a justiça feudal, é em tudo incompatível com a moral de Jesus, o qual (*Math.* v. 39) nos aconselha a "que não resistamos ao que nos fizer mal; e ao que nos tirar a túnica, lhe deixemos também a capa.„ *(v. 40).*

Toda a preocupação moral da Companhia é física; não aludindo, para a baixa e torpe justificação dos seus excessos, senão ao embate da fôrça bruta, e ao cuidado com que devemos proceder para salvar *a integridade dos nossos membros* — precisamente ao contrário do que prèga o Evangelho. Êste, em matéria de pecado, manda que, para salvarmos o corpo das penas do inferno, deixêmos perder o membro que serve de fundamento e razão à nossa culpa — *ut pereat unum membrorum tuorum, quam totum corpus tuum mittatur in gehennam.* Math. v. 29.

cainho, de Guipuscoa, arrogante e fanfarrão, dando, pela voz dos seus sequazes, lições de brio ao Nazarêno, e colocando o amor ao pêlo acima do amor de Deus. É Inigo Lopez, com o seu terço de aventureiros, rejeitando a pura moral de Jesus. É a petulância do homem-d'armas insultando a santa mansidão do Justo.

No que, porêm, o oráculo da Companhia não está ainda bem seguro é se "ao homem honrado e de muita reputação, a quem ameaçam dar com um pau, ou bofetadas, é lícito, a êsse homem honrado, matar o seu inimigo, caso o ofendido não possa evitar doutro modo a injúria.„ [1] O jesuita não reprovando abertamente o acto dêsse tal homem honrado vir a matar em tais circunstâncias o atrevido, tem suas dúvidas, quanto ao precedente:—acha-o, pelo menos, perigoso, *quanto à praxe.* Se não fôsse o precedente—*in praxi periculosum*— o acto era bem menos de repreender, que de aplaudir. [2]

---

[1] ..... licere tamen *(occidere)* si agressor fustem, vel alapam viro velde honorato impingere conaretur, quam aliter avertere non possit. *Medulla, loc. cit. De V. præcep. Decal. Dub. III. n. 2.*

[2] Verum et hoc videtur in praxi periculosum. *Eod. loc.* Se não fôsse o perigo do precedente, o jesuita achava o preço da desafronta inteiramente justo. Isto não é já um tratado de moral religiosa, para servir de

Como se vê, isto é, nem mais nem menos, aquilo que, em matéria de bofetadas, nos ensina o Evangelho. Onde Jesus aconselha que, depois de esbofeteados na nossa face direita, ofereçamos ao agressor a face esquerda; [1] e que, em matéria de hostilidades e diferenças, amêmos aos nossos inimigos: [2] — o jesuita, de mão na anca, e com modos de tunante, incita-nos a que lavêmos em sangue a dureza da afronta. Mas isso, segundo Jesus, é a moral dos escribas e dos fariseus. [3] É o mesmo. Jesus, para a Companhia, é sómente o rótulo de uma empresa. O Evangelho só serve

---

guia a quantos se destinem ao serviço de Deus: isto é únicamente um código de guerra, inspirado na vindicta e na desafronta. Das suas páginas hipócritas e bárbaras trascala um repelente e nauseante cheiro a sangue e a vingança. As suas letras, hirtas e esquálidas, não nos trazem à mente a ideia de uma pena que as traçára, senão que a de um frio punhal de Veneza que as cravou no papel. Não é um pacífico religioso que as invoca; é um homem-de-guerra que, rangendo os dentes, as dita e ensina. É Fernando de Toledo, e não Bayard, quem fala. Moral infame.

[1] ... si quis te percusserit in dexteram maxillam tuam, præbe illi et alteram. *Math. V. 39.*

[2] Et ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros. *Ibid. 44.*

[3] Dico enim vobis: quia nisi abundaverit justitia vestra plus quam Scribarum et Phæriæorum non intrabitis in regnum cœlorum. *Ibid. 20.*

para o que não colide com os negócios da casa.

Ora, naquilo em que o jesuita não tem o menor escrúpulo, é no direito que assiste, à mulher, de matar o marido, quando esta desconfie que êle anda cogitando nos meios de desfazer-se dela. Neste ponto o padre diz abertamente que sim; que não esteja ela com cerimónias, que acabe com êle. Primeiro ela; pouco se lhe dando já, ao padre, com *a praxe*. O que porêm lhe recomenda é que só o faça quando não possa fugir: — *ut si uxor, v. g. sciat se noctu occidendam a marito; si non potest effugere, licet ei prævenire.* [1]

Êste preceito visa, como é patente, a acautelar a sorte da adúltera, cujos actos possam originar na mente do marido ultrajado um premeditado desfôrço de sangue. O jesuita aconselha-a a que se desfaça do espôso, caso não possa escapar-se-lhe: — circunstância esta de muito pêso para o lance, e que a adúltera póde sempre que assim o entenda, fazer presumir.

Que pena, êste jesuita, haver nascido tam

---

[1] *Licet quoque occidere eum, de quo certo constat, quod de facto paret insidias ad mortem: ut si uxor, v. g. sciat se noctu occidendam a marito; si non potest effugere, licet ei prævenire.* Eod. loc. *Dub. III. n.* 9.

tarde! Contemporâneo do adultério da duquesa de Bragança, D. Leonor de Mendoza, êle bem lhe poderia ter aconselhado a que matasse ao duque D. Jaime, por não serem a êsse tempo segredo já para ninguêm os propósitos sanguinários do marido ofendido; e tanto mais cómodamente quanto, para colhêr o benefício da impossibilidade da fuga sugerido pelo moralista jesuita, só ela e o Alcoforado poderiam ser juizes.

Tambêm entende o jesuita, em tudo confórme com a moral da Igreja, que sempre que, para ganhar uma cidade em tempo de guerra, fôr conveniente assestar a artilharia sôbre um logar onde se achem "muitos inocentes„, póde isso fazer-se sem receio, "porque a morte dêsses inocentes *não é intencional.*„ [1] Tudo isto para harmonizar a moral da Companhia com a moral católica, é claro, visto, como diz Rodrigues, os jesuitas não terem "moral peculiar.„

Que deslavadíssimo trapalhão!

---

[1] Similiter ad expugnandam urbem, et victoriam reportandam, si necessarium sit, licet tormenta in eum locum dirigere, ubi multi sunt innocentes, *quia horum mors præter intentionem sequetur.* Medulla, *loc. cit. Dub. v. n. 4.*

*

Vejamos, agora, o que pensa a Companhia de Jesus, não só com relação ao direito de asilo, como em respeito à veneração que devemos professar pelos logares sagrados.

Êste direito foi sempre reconhecido desde a mais remota antiguidade. Consistia em não perseguir com actos de crueza aqueles que se refugiassem a dentro da casa do Senhor. Conheceu-o o paganismo, para o qual a habitação dos deuses era a morada de toda a paz. [1] Êsse respeito revestia duas afirmações: a suspensão momentânea das armas, e o primeiro passo para um acto de clemência. Teodósio, o Magno, compreendia no crime de lesa-majestade o acto de violação do direito de asilo. Sómente impunha uma condição aos que dos templos se valessem para salvar a vida; que não se acolhessem com armas ao logar sagrado. O direito romano apenas exclúi do privilégio de asilo os assassinos, [2] e os violadores de donzelas. São os nossos reus de crime de rousso. [3] Os códigos germânicos, mais restritos nas suas con-

---

[1] Wachsmuth, *Hellen. Alterthumskunde.* z. A. I. S. 335. n. 31. Förster, *De asylis Græcorum*, p. 39.

[2] Justinian. *Nov. XVII.*

[3] Viterbo v. *Rauso.*

cessões, apenas reconheciam aos que se refugiavam nas igrejas o direito de ser-lhes modificada a pena em que se achassem incursos.

Nas leis visigóticas era punido com a pena de 100 açoutes, aquele que matasse, por efeito de briga, os que fôssem acolher-se aos *pátios das igrejas*, não depondo antes disso as armas que levassem — *qui ad ecclesiæ porticos confugerit, et non deposuerit arma quæ tenuit.* [1] Só assim, por o homicídio ser praticado fóra do templo, e apenas no seu pórtico, o crime era considerado como de nenhuma injúria à divindade.

Em nenhum tratado de moral religiosa se preceitúa que, alêm da violação do direito de asilo, seja qual fôr o motivo que se invóque, ao agressôr assista a liberdade cruel do assassinato dentro dos logares sagrados, com a agravante da expoliação e do incêndio. Essa liberdade do assassínio e do saque, do roubo e do incêndio sacrílego dos templos, sómente à Companhia de Jesus estava reservada a glória, não só de a autorizar e

---

[1] Qui ad ecclesiæ porticos confugerit, et non deposuerit arma quæ tenuit; si fuerit occissus, percussor in loco sancto nullam fecit iniuriam, nec ullam calumniam perponat, correptus a iudice in conventu publice c. flagella suscipiat. *Cod. leg. wisigoth.*, *Fori Judicum*, III. *Tit. De his qui ad Ecclesiam confugiunt.* II. Port. Mon. Hist. *Leges et consuet. v. I.*, fasc. I., p. 102.

6

defender, senão até que a de a aconselhar sem escrúpulos nem disfarces, sempre que tal façanha se perpetre *per accidens,* e quando os refugiados se sirvam das igrejas como de presídios ou assento de hostilidades. [1] ¿Quem será, neste caso, o juiz do acidente, que legitíma a violência? ¿Onde está o poder, que há-de fazer sustar o passo ao inclemente agressôr?

Não há dúvida: toda esta obra de quebra de escrúpulos e de dissolução moral revela bem a alma de um soldado espanhol, político e cruelmente facinoroso; de um homem-de-guerra, contemporâneo do assalto de Roma e do condestável de Bourbon. Busenbaum, neste caso, não fez mais do que interpretar os perversos sentimentos do seu digno patriarca.

---

[1] Per accidens licet aliquando comburere etiam Ecclesias, et hostes ex iis extraere, in iis expoliare et occidere, si, v. g. Ecclesia velut castro ad repugnandum utantur. *Medulla, loc. cit. Art. III. Dub. V. n. 1.* Aqui, na restritiva *ut castro*, ao arbítrio do combatente vitorioso, deve o leitôr ver mais uma prova da torpe casuística da Companhia. Como para o combatente o fim da guerra é sempre lícito, lícitos são também todos os meios que conduzem à vitória: — *quia cum finis est licitus, etiam media sunt licita.* Ibid. *L. IV. c. III. Dub. 7.* art. 2 § 3. Cá temos, mais uma vez, *os fins* a justificarem *os meios.*

Enfim: o quinto preceito do *Decálogo* —"não matarás„ — fica assim revogado e esclarecido pela moral dos jesuitas. Onde o código de Moisés impõe a não-difusão do sangue, o jesuita corrige, aconselhando a morte. Onde o Evangelho fala de perdão e de piedade, a Companhia, pela voz dos seus praxistas, incita à vingança e ao desfôrço, armando o braço do sicário político, e incitando até ao parricídio!

E há ainda um farçante de roupêta, por igual estúpido e velhaco, alquilado pela sua Ordem para produzir na imprensa, a título de defesa da Sociedade de Jesus, as mais abjectas mentiras, que tem a suprêma e cínica audácia de afirmar, que a Companhia não tem nenhuma espécie de *moral peculiar,* e que tudo quanto os seus relaxadíssimos moralistas sustentam em matéria de moral, tudo está em harmonia com aquilo que a Igreja ensina, reconhece e aconselha!

Para um tal descaramento, só um jesuita!

E, assim, no indecoroso apêrto de negar ou justificar com palavras tiradas do Evangelho a sua torpíssima aleivosia, apela para Afonso de Liguori, o desastrado ex-advogado napolitano, cuja incapacidade profissional, como jurisconsulto, se foi luz interior ou aviso oculto que o chamou mais tarde para o serviço da Companhia, não foi

meio bastante prático para salvar da ruína o desgraçado cliente, a quem a inépcia de um tal patrôno levára à miséria.

E estranha ainda, êste Rodrigues, que a toda a moral do seu Instituto haja alguêm que dê o nome de *moral infame!*

Ignorante e cínico, êste padre bem mostra a sinceridade das suas crenças, e a probidade da sua argumentação.

Não se lhe exige que abone, em actos, o fruto das várias teologias, cujos livros andou surrando durante seis anos pelas escólas; pede-se-lhe tam-sómente, que tenha vergonha, e que forrando-se à inútil canseira de lêr coisas que não entende, ou de assimilar anedotas chôchas com que adormece beatas, tome às mãos uma cartilha do abade de Salamonde, de modo a conhecer e medir a distância em que está da sua, a moral de Jesus. [1]

---

[1] *Jesu-weiter* oder *Jesu-wider* é o trocadilho popular alemão, que melhor define e caracteriza a Companhia: — *ou contra Jesus*, ou *longe de Jesus*. De feito, não há como a consciência popular para estas execuções. Os povos latinos servem-se de outro equívoco verbal, que não é menos expressivo: — cum *Jesu itis*; sed non cum *jesuitis*.

*

Não há dúvida que, em matéria de homicídio e de roubo, poderíamos levar muito mais longe a análise da *Medulla theologiæ moralis* do jesuita Hermann Busenbaum. Mas êsse desvio da nossa jornada não alteraria, na essência e no juizo do público inteligente, a opinião que daquele tenebroso compêndio de sangue se deva formar. É, precisamente, o código escrito de uma nova moral, não só bárbara como infame.

No entanto essa divagação seria inútil. A natureza daquele monumento fica já sobejamente demonstrada nos limitados casos de que acima fizemos exemplo. O número não lhe avultaria, nem a nauseante hediondez, nem a bárbara perversidade. E assim, como para julgar do mérito do grande apóstolo dominico, frei Luís de Granada, não há, segundo o cândido conceito do seu incomparável cronista, como tomar nas mãos os seus livros, [1] assim, para conhecer a índole moral da Companhia, não há nada também como lêr os seus oráculos, pondo à frente de todos êles o tratado famosíssimo do seu não menos famoso ornamento, o célebre westphaliano, Hermann Bu-

[1] Sousa, *Hist. de S. Dom.* L. v. c. xii.

senbaum. Êsse tratado constitúi um livro único, e àparte, na história de todas as depravações morais; livro, que o leitor, ainda o mais calcinado pela indulgência para com as maiores protérvias, não poderá sôbre êle fazer descer os seus olhos sem um confuso sentimento de repulsão e de revolta.

Mas antes de passar adiante, será bom, será mesmo útil que, em matéria de castidade, ouçamos ainda como discorre o grande apóstolo da Companhia, tam ferventemente recomendado, em seus *apêndices*, pelo antigo foragido dos tribunais de Nápoles, o redentorista, Afonso de Liguori. Vejámos como êste jesuita, depois de haver explicado tam humanamente o *non occides* do Decálogo, discorre sôbre o que deva entender-se a respeito do *non mœchaberis*. É edificante.

Assim, aos tôrvos discursos do homem-de-sangue, seguem-se agora as práticas do homem sem-pudôr. Ao sanguinário, sucede o impudente. Causa calafrios. Na *Medulla*, é de vêr como o seu autor baralha por aquelas páginas, com mão pródiga, os falsos conselhos de castidade com as mais recônditas torpezas; como as lascívias se alternam com as referências aos mais santos preceitos; como aquele piloto de almas, na róta em que cogita levá-las ao céu, vai metendo a prôa da nau ao charco dos mais nauseantes estêrcos.

É inconcebível a sôlta impudência dêste jesuita. Se no estilo está muito abaixo do *Decameron*, nos quadros de impudôr sobrepuja-o e excede-o. O livro III., tratado IV., capítulo II., *dúvidas* I. e II., constituem autênticos compêndios da mais grosseira e animal bestialidade. Naqueles tratados, naqueles capítulos, naquelas numerosas *dúvidas* descreteia o autor, muito repousadamente, e à vontade, sôbre o que seja *luxúria pròpriamente dita*, com as respectivas distinções entre *a luxúria perfeita e a luxúria imperfeita,* na parte, ou no todo, [1] instruindo-nos com grandes particularidades a respeito daquilo que nós devemos entender por *decisão ou não decisão do sémen* (decisio seminis), assim como sôbre as várias espécies de *luxúria naturalmente consumada* (Quæ sint species luxuriæ consumatæ naturales...), [2] com cujas glosas, apostilas, casos e conclusões se armam os moralistas da Companhia de Jesus para interrogar donzelas nos confessio-

[1] Os actos da *luxúria imperfeita* são, segundo o moralista jesuita. aqueles *in quibus non intervenit ultimus terminus veneriorum, quæ est decisio seminis.* Medulla. *loc. cit. cap. II. De IV. præcep. et IX.*

[2] ... quando servatur sexus diversus. species eadem, vas, et modus naturalis. Loc. cit. *Dub II. cap. II. De impudicitia*

nários! Quanto melhor lhes fôra, a elas, o ajoelharem-se aos pés de Fra Cipolla!

Pelo que respeita a definições, são de uma nudez capaz de fazer córar o autor da *Martinhada*. Assim, permitindo-se classificar o que seja, em bôa teologia moral, o concubinato, o jesuita não está com cerimónias: — “*concubinatus qui est fornicatio continuata.*„ [1]

Calcule-se, por esta amostra, o que seja a palestra dialogada de um jesuita, no chamado tribunal da penitência, cara a cara, com as suas lánguidas freguêsas...

Mas o que se torna verdadeiramente interessante é vêr como a gente de Loiola, abordoando-se à autoridade de Liguori, aceita estas obscenidades dignas de alcouce! Nada menos do que como a cousa mais natural, e mais pura dêste mundo!

Assim, nos fins do século XVII. (1683) um tradutor português da *Medulla*, o licenciado, Manuel Pereira de Sousa, oferece aquela linda obra *à Virgem Nossa Senhora do Carmo*, [2]

---

[1] Loc. cit. *Dub II. cap. II. n. 1.*

[2] É a XLVII. edição do monstro, e não é a última. Desta abominação tipográfica contavam-se, até há qua-

tam seguro na feição mística da sua façanha, como se depositasse nas mãos da Mãe de Deus a *Imitação de Cristo* ou o *Itinerarium mentis* de S. Boaventura!

*

Tendo-nos, assim, circunscrito ao ponto fundamental a que as grosseiras mentiras do jesuita Francisco Rodrigues nos levaram, as nossas referências, quanto à moral da Companhia, não teem ido além de um rápido e fugitivo estudo da obra de Hermann Busenbaum. É a lógica do directo desmentido, que a isso nos obriga.

É, porêm, tempo de advertir, que a famosa *Medulla* do jesuita alemão — com cuja leitura nos sentimos verdadeiramente conspurcados — doutrina alguma innova em matéria de moral relaxada, por mais extraordinária e inaudita que esta afirmação possa parecer, limitando-se apenas a dar curso a uma parte dos crimes e obscenidades, que a sua Ordem, pela autoridade dos seus

---

renta anos, mais de 100:000 exemplares saídos dos prélos! Tal é o ambiente de perversão moral, que a Companhia faz respirar a dentro das consciências, para que uma obra desta natureza alcance os extremos inconcebíveis de tam larga publicidade!

doutores, há muito ensina, sustenta e defende. Fazer o autêntico registo dos nomes dêsses mestres de toda a humana maldade, com a sigla dos seus infames escritos, seria obra de imenso tômo, que apenas, com numeros e datas, viria confirmar aquilo que a História há muito suficientemente conhece. Os próprios réus, chamados à fulminante responsabilidade dos seus actos, embora insignes em todo o género de artifício e de mentira, acabam, em regra, por confessar os seus erros, contentando-se, quando muito, em reduzir o número das testemunhas que os afrontam. [1]

---

[1] Conf. ***Extraits des assertions dangereuses et pernicieuses en tout genre, que les soi-disants*** Jesuites ***dans tous les temps et persévérament soutenues, enseignées et publiées dans leurs livres avec l'approbation de leurs Supérieurs et Généraux.*** Paris. 1762 A êste duríssimo ataque acudiram, pouco depois, os jesuitas (1763-1765) publicando, sem rúbrica do logar da impressão, uma ***Réponse au livre intitulé*** Extraits &. A obra consta de 3 vol., bem mais aparatosos que substanciais. O autor do primeiro tômo é o padre Sauvage, que não faz mais do que reconstituir textos, apontando as passagens cujo sentido foi alterado, e os defeitos stigmatográficos que resultam dessas deformações Mas logo à primeira vista, diz Huber *(Op. cit* p 291, ***nota)*** vê-se que o número das correcções é muito diminuto, o que é fácil de verificar em face das passagens mantidas nos ***Extraits.*** Assim, no capítulo ***Suicide, Homicide, Parricide,*** Sauvage, em 39 autores citados pelo seu adversário, como defensores

Mas o pêso da acusação fica, e ficará sempre, de pé.

Nestes casos está, p. ex., a opinião do padre Moullet, o qual, no seu tratado de teologia moral, é de opinião que podemos ter trato carnal com uma mulher casada, sempre que no acto da coabitação destingamos da sua qualidade acidental de *mulher casada*, a sua qualidade intrínseca de *mulher bonita.* [1] Esta cómoda teoria do adultério é aplaudida por S. Afonso M. de Liguori, que acha o caso "muito provável„, isto é, muito digno de admitir-se. E Rodrigues, é claro, no

---

dêstes crimes, acha que só 19 estão conformes à verdade. O mesmo, quanto a *Vol, Compensation occulte*, *Impudicité* e *Péché philosophique*, em que o autor da *Réponse* faz idênticas confissões. No fundo, a obra, como réplica, longe de ser uma defesa da moral da Companhia, não passa de um corpo de erratas ao texto da acusação, reconhecendo o jesuita, a final, o alto espírito de justiça do seu adversário. De resto, observa Huber, é vulgar a indicação de um êrro, sem que a emenda o comprove. Dispensa-se, na verdade, a opinião de Perrault, embora ultimamente combatida pelo P. Roh, em que se demonstra que "a moral da Companhia não só desfigura, como destrói, a moral cristã„ Conf Perrault, *La Morale des Jesuites*, in Huber, *Op. cit. Einzelne Entscheid. der Casuistik*, p. 304.

[1] Compendium theol. moral. *Frib. Helv. 1834, I. 126*. It. Découverts d'un Bibliophile, *Strasb. 1842, ed. 2, p. 4.*

couce de tam santo doutor, abana afirmativamente a possante cabêça, tendo para si, como para os seus numerosos clientes do confessionário, que entre a estúpida libertinagem da sua Ordem, e o *non mœchaberis* do Decálogo, não há a menor discordância.

E, para tam profundo assentimento, houve sua reverendíssima de surrar os violados e sebentos fundilhos dos seus calções, durante seis longos anos, sôbre os bancos das suas escolas! Bem empregado tempo.

Mas isto seria um nunca-acabar. "São menos que relaxados — diz Huber[1] — os princípios fundamentais que regulam a moral dos jesuitas, em matéria de pecado de luxúria.„ A pena recusa-se a escrevê-los! E o motivo desta torpêza é óbvio. Para a Companhia toda a essência do pecado está na lesão de determinados interesses materiais. A violação da consciência, como a prostituição do corpo, não valem nada. Mentir, em muitos casos, é virtude. Com o roubo já não sucede o mesmo. Moja, entre outros, nas suas palestras de teologia moral, [2] considera o furto de 30 moedas como

[1] Nicht minder lax sind die Grundsätze der jesuitischen Moral auf dem Gebiete der Sünde der Unzucht. Huber, *Op. cit.* p. 302.

[2] *Opusc.* tract. de peccat. prop. 12 *pr.* 25.

um pecado muito mais grave que a sodomia. Ora, a sodomia! ¿Que valor tem essa bagatela na balança dos negócios?

Lá temos o padre Ribera, do seminário de Milão, dos dias de Carlos Borromeo, que a praticava com escândalo, e nem por isso a Companhia o exclúi do número dos seus mais honestos sacerdotes. Ora a sodomia! ¿Que tem lá isso?

Do que se trata é de dinheiro, ou do seu eqùivalente. Como natural conseqùência, os seus guias de confessores são autênticos tratados de prostituição.

É assim, que Sätller Rousselot, nas suas admoestações morais, recomenda que as donzelas, assim como as outras mulheres, sejam no confessionário prudentemente perguntadas sôbre se, sim ou não, se entregam a actos de bestialidade. [1] Alexandre VII. e a Sorbonne são, por vezes, obrigados a intervir.

Esta última, lançando o seu anátema sôbre um livro do já citado jesuita Moja, em que sob o pretexto de discutir a natureza carnal do pecado, [2] o seu autor desce, com um cinismo revol-

---

[1] Sätller-Rousselot empfehlen es, Frauen und Mädchen klug auszuforschen, ob sie nicht Bestialität treiben. Huber, *Op cit*. p. 304.

[2] Opuscul , *loc. cit*. prop. 4-10, p. 8-22, u. ex Tract. de Matrim., prop. 4-10, p. 250-263.

tante, às menores particularidades dos excessos sexuais, chega a confessar não poder expôr ao público as passagens incriminadas, em razão da torpêza que as anima! [1]

O jesuita cordovês, Tomás Sanchez — o devoto lascivo, [2] cujas obras um dos seus censôres confessa que lêra e relêra com a maior voluptuosidade — *legi, perlegi maxima cum voluptate* — no seu imundo livro *De Matrimonio*, publicado em Génova em 1592, numa grande edição *in-folio*, ocupa-se, com uma impudência rara, de todo o género de variações carnais, e com tam revoltantes prolixidades episódicas, e tal soltura, que as tornam hoje absolutamente incompatíveis com toda a ideia de divulgação!

No entanto êste livro, de um impudôr único, continúa a figurar, como outros igualmente obscê-

---

[1] Huber. *loc cit.*

[2] L'auteur (*i e* l'auteur du livre *De Matrimonio*, P. Th. Sanchez) a ressemblé dans cette ouvrage toutes les questions que l'imagination peut faire naître sur ces matières scabreuses. Ce qu'il y a de plus singulier c'est que l'étude de ces sujets délicats ne fit pas la moindre impression sur ses mœurs qui étoient austeres. *Diction. univers, histor.. critique et bibliograph* vb. II. *Sanchez.* Nas edições subseqùentes (1607 e 1614) os revedôres amputaram neste vergonhoso compêndio das mais cínicas impudências, tudo quanto se lhes afigurou de menos torpe. Ainda assim não deixa de ser um livro imundo.

nos, no catálogo dos manuais dos confessores da Ordem!

Sôbre se a polução é, ou não, proíbida em direito natural, os jesuitas Moja, Sanchez, Fillintius e Reginaldo sustentam teses, que sómente em latim e com viva repulsa, se podem reproduzir. [1] Estas abominações, embora condenadas por Inocêncio XI. (2 de março de 1679) ainda não fôram excluidas da literatura moral do Instituto!

Pela sua parte, o jesuita Benzi tem na conta de uma falta sem importância isto de alguêm apalpar os seios de uma freira. E, como os dominicos lhe saiam ao encontro, combatendo a desvergonha de uma tal afirmativa, a Companhia açula dois matulões da sua confiança, os padres Foure e Turani — naturalmente os Rodrigues daqueles dias — para que lhe defendam aquele abalizado doutôr de toda a luxúria, levando um deles, o Turani, a sua audácia até o ponto de afirmar que o caso não tinha nada de novo, pois era permitido por S. Tomás, o qual já em tempos esboçára, embora em princípio, a inculpabilidade dos *tatti mammillari*.

---

[1] Sentienti magnum pruritum in partibus verendis licitum est, ad semen corruptum expellendum et pruritum sedandum, eas refricare, etiam periculo pollutionis, dum consensus periculum absit. *Opusc ex tract. de pecat* pr. VII. Huber, *Op. cit.* 303 (nota **).

Obrigado a provar a infame aleivosia, como não tivesse tempo de falsificar o texto do Doutor Angélico, como o seu irmão de roupêta, o espanhol, Gregório de Valência, praticára, quando numa polémica sôbre a predestinação adulterára uma afirmativa de S. Agostinho, o miserável ficou esmagado e sucumbiu. [1]

Desta vergonhosa exautoração, seguiram-se dois factos memoráveis: — Benedito XIV. condenar os impúdicos escritos de Benzi; e passarem, desde então, os teólogos da Companhia a ser conhecidos no público pela irrisória alcunha de *os teologos-mamilares.* [2]

Mas se dos abismos de tanta lascívia, de tanto cinismo e de tanto impudôr: se da torpeza

---

[1] A demonstração da burla fez-se diante do papa. Êste, depois de verificar a fraude, fez esta pergunta ao jesuita: — "¿É dêsse modo que procurais engrandecer a Igreja de Deus?„ Dizem que Gregório de Valência morrera dois dias depois. ¿De vergonha? Seria o primeiro caso na Ordem. Huber, *Op. cit.* p. 282. Serry. ***Hist. congreg. de auxil.***, Antw. 1709, lib. III, c. 5, p. 302 sq.

[2] Der Pater Benzi gab Veranlassung zu einem grossen Skandal, indem er is für eine lässliche Sünde erklärte, den Busen einer Nonne zu betasten... Benedict XIV. censurirte übrigens die Schrift des Benzi. Wegen dieser Ansichten bezüglich der *tatti mammillari* nannte man die jesuiten spottweise die — ***Mammillartheologen.*** Huber, *Op. cit.* p. 303.

destas bacanais beatas, em que o nosso espírito vacila sôbre aquilo que os próprios olhos lêem: se destas práticas dionísicas, perpetradas em livros impressos e aprovados pelos sátiros da Companhia, e assopradas aos ouvidos cândidos de donzelas fanatizadas ou obedientes, através da tenuíssima grade de um confessionário, passarmos às lições de cubiça homicida, que os tratados dos mesmos moralistas nos ministram, o nosso sentimento de repulsão transforma-se em singular assombro!

Está, neste caso, a dúvida formulada pelos casuistas da Ordem nestes revoltantes termos: "—¿será permitido a um filho, em estado de embriaguez, matar seu próprio pai, desde que o móbil do crime seja uma avultada herança, em cuja posse o filho deseja entrar quanto antes?„ Os moralistas da companhia, Fagundez, Tanner e Gobat respondem afirmativamente! [1]

A cabeça sente vertigens diante de tanta infâmia!

¿Serão necessários mais exemplos, para com êles esfregarmos a estanhada cara dêste insigne trocatintas de roupêta e barrête, que a p. 12 do

---

[1] Op. mor. t. II. p. 2, tr. 5. c. 9, lit. K. Sect. 8, p. 328, col. 1, nr. 54. Huber, *Op. cit.* 292.

seu compêndio de asneiras se atreve a afirmar que "a Companhia de Jesus não tem nem nunca teve moral peculiar; e que a doutrina que ela professa é a doutrina da Igreja?„

¿Já viu, alguêm, saco de mais impudentes mentiras, visto não podermos atribuir tanta audácia sómente a uma falta de cultura, que seria então sôbre verdadeiramente afrontosa da libré em que êste homem se enfarda, absolutamente inconciliável com qualquer confronto?

¿São desta baixa estôfa os grandes polemistas, os exímios controvertistas, que a Companhia deputa hoje para a áspera e ingrata contenda que lhe oferece o espírito moderno?

¿A Companhia de Jesus só tem dêste lixo?

*

No entanto a Verdade, como a Natureza, não abdica dos seus direitos.

A 5 de janeiro de 1757—precisamente dois anos depois daquele em que Liguori fazia aparecer em Nápoles os seus famosos apêndices à *Medulla* do jesuita Busenbaum [1] que tam gratos

---

[1] Theologia moralis concinnata à R. Alphonso de Ligorio per appendices in Medullam R. P. Hermanni Busembaum, soc. Jesu. Neapoli, 1755, 2 vol. in-4.º

são ainda agora à Companhia de Jesus — davase em Versailles o atentado de Roberto Damiens contra a vida de Luís xv.

Com o mesmo aparato ostentado cento e quarenta e sete anos antes, por ocasião do assassínio de Henrique iv., o réu é levado perante a justiça, sendo a opinião geral de que o criminoso procedêra "por instigações da Companhia„. Não era assim. Damiens era apenas um protegido dos jesuitas, seu antigo doméstico ou coadjutor leigo, sem a menor afinidade de espírito com o seu Instituto, cuja moral, não obstante a sua falta de cultura, êle considera não só relaxada como "fedendo a libertinagem„.[1]

Todavia o desgraçado se não se fundava em razões de facto, produzia razões de coerência moral.

Era pelo menos lógico. Desavindos os jesuitas com a côrte, e sendo êles conhecidos pelas suas ideias regicidas, nada mais natural do que atribuir-se-lhes a responsabilidade de um crime, que não só lhes não repugna, mas em muitas cir-

[1] Il *(Damiens)* resta estimé, protegé de jesuistes... cependant il avait fait preuve d'une grande liberté d'esprit, s'exprimant sans ménagement *sur leurs doctrines relâxées, qui sentaient le libertinage* (p. 145 n.º 305 du Procès). Michelet, *Hist. de France*. L. x. ch. xix, *Damiens* p. 385 *et suiv.* ed. I. Hetzel et C.ie

cunstâncias públicamente o aconselham e defendem. Não eram, é certo, co-réus do atentado; mas virtualmente a sua cumplicidade moral comprovava-se. Se não tinham armado a mão do assassino, prontos estariam êles a aplaudir-lhe o feito, desde que daí lhes resultassem vantagens positivas. ¿Não o aconselham êles, sem o menor disfarce, na sua moral política?

As devassas no entanto proseguem. A caça à *Medulla* activa-se. O tratado IV. do seu livro III. anda nas mãos dos juízes. Em Toulouse aparece um exemplar do livro execrado, apreendido num sèminário jesuítico de Albi. A justiça manda-o queimar em público pela mão do carrasco. Para um compêndio de moral inteiramente conforme com a moral da Igreja é um pouco forte. Se assim fôsse, queimar a *Medulla* seria queimar o Evangelho. ¿Quem pensaria ou jàmais pensou em tal? Os jesuitas *sempre inocentes*, confessam-se maravilhados com a nova, e declaram que não só nada teem com a *Medulla*, mas até em sua consciência a renegam e reprovam! Nem sequer lhe sabem o nome do autor, e muito menos o logar da impressão! Desta vez nem o nome do *redentorista* napolitano lhes acóde à memória! Que traficantes!

Quatro anos depois, em 1761, é a *Medulla* novamente condenada. Agora é o parlamento de Paris que se pronuncía. O exemplar, porêm, é

outro: trata-se de uma edição do P. Zacarias, jesuita italiano, feita com a aprovação dos seus superiôres, na qual se contêm uma ardente apologia de Busenbaum, acrescentada de um veemente protesto contra a sentença de Toulouse, que julgára a obra do jesuita alemão digna da fogueira. [1] Esta apologia é tambêm condenada a pena de fôgo.

E é assim que, ora aplaudindo-a ou renegando-a, ora interpretando-a ou restringindo-lhe os seus perniciosos conceitos, a um tempo impúdicos e sanguinários, que os jesuitas vão abrindo na vida social o seu caminho. A *Medulla* é, e será sempre, um produto lógico da Companhia de Jesus. É como que um fiel retrato dos seus instintos. Identificar-lhe as doutrinas homicidas e obscênas, com as doutrinas da Igreja é, sôbre claro sinal da mais raza mentira e da mais sacríliga de todas as profanações, título ou padrão de um abominável conúbio da velhacaria com a estupidez. A própria autoridade dos papas, e em particular a de Alexandre VIII. se alevantam contra muitas das suas conclusões, como "falsas e fáceis de induzir ao êrro.„ [2] O próprio pudôr as renega;

---

[1] É a edição de Veneza, de 1761, 3 vol. *in-fol.*

[2] Mais nous ne devons pas omettre d'ajouter qu'il y a dans la *Medulla* des propositions qui ont été rejettées

a mais elementar bondade as repudía; o mesmo instinto do bem contra elas se insurje e alevanta.

Pálidas e frouxas fôram, portanto, as tintas do nosso quadro, quando no lance a que êste jesuita opõe agora a inanidade das suas negativas, nos limitamos sómente a chamar *infame* à conspurcada moral da Companhia de Jesus.

De feito, a palavra *infame* não traduz inteiramente a verdade do epíteto. Á infâmia deve juntar-se a perversidade. Porque a moral dos jesuitas leva em si a perversidade corrosiva do contágio. Mutila o espírito e preverte o carácter. Os seus compêndios de moral, no voto de um grande es-

---

par le Saint-Siègo. et entre autres par le Pape Alexandre VIII., comme erronées et induisant facilement en erreur... A. Maier, in *Diction. encyclop. de la théol. catholique*. Drs. Wetzer et Welte, trad. de l'allemand. Conf. *Constitut. in Congregat. general. S. R. et Universali Inquisit., feria V. die XXIV. Aug.* MDCXC. Bonitas obiectiva etc. Bull. Rom. XX. 76-77. Clemente XIV., na bula em que extingue a *Companhia (n.º 21)* faz especial menção destas abominações justamente condenadas pela santa sé, como nocivas à boa disciplina dos costumes — *vel super earum sententiarum usu. et interpretatione, quas Apostolica Sedes tanquam scandalosas, optimæque morum disciplinæ manifeste noxias merito proscripsit.* Tal a identidade que existe entre a moral da Companhia e a moral da Igreja!

critôr que lhes conhece a malícia, teem envenenado no seu íntimo as mais profundas raízes da moral cristã, assim como os mais santos e severos costumes da sua educação. [1]

E ainda há um jesuita petulante, sem talento, sem memória, e sôbre tudo sem vergonha, que se atreve a vir defender em público essa moral de sátiro e de bandido, e que com o lôdo das suas proposições, muitas delas inéptas. pretenda conculcar a divina obra de Jesus!

Inaudito!

---

[1] "Ihre (*S.* J.) Behandlungsart der christlichen Moral wirkte vielfach vergiftend bis in das innerste Mark des christlichen Lebens, die religiöse Tiefe, die strenge heilige Sitte, eine ernste Kirchenzucht mussten untergehen.„ Möhler. *Burkart Leu. Veitrag zur Würdigung des Jesuitenordens.* Luzern und Bern. 1840. p. 23. Huber, *Op. cit.* VI. k. 315. É a doutrina de Loiola envenenando todas as fontes da vida moral.

V

De páginas 8 da obra criticada, Rodrigues, crendo ter gozado a sua vitória pelos bonitos modos que atrás deixamos desenhados, passa logo, segundo as suas contas, a páginas 203! É um verdadeiro salto de trampolineiro.

E, assim, tomando ares de pacóvio, escreve:

— "Na página 203 [1] pinta *(o autor incriminado)* a Companhia de Jesus em Portugal pelos anos de 1826 como "troglodita negro, na sua caverna sem luz, aplaudindo a faina dos cadafalsos.„ Pelo menos é romântico. Narra depois a páginas 211, como ela assistia indiferente e sem interêsse

[1] O trapalhão nem sequer sabe lêr a paginação do livro sôbre que se empina! A passagem apontada por êle consta da pag. 202 e não 203, como êle diz.

às contendas políticas de 1836 a 1838. É de pasmar. Não havia nesses anos nem um só jesuita em Portugal.„

Êle bem sabe que mente; e sabe-o com tanta mais facilidade, quanto a História lhe deverá já ter dito que, desde a sua primeira entrada até agora, nunca mais em Portugal deixaram de existir jesuitas. Adiante verêmos, como apesar das medidas de rigor usadas para com êles pela iniciativa de Pombal, em virtude da lei de 3 de setembro de 1759, que os expulsa do reino, muitos deles ficaram entre nós, e não nos tais ergástulos de que sómente saíram à morte de D. José — "rôtos e remendados, próprios a provocar o riso„ [1] — senão que alojados em excepcionais condições de confôrto, tidos por inocentes, e rodeados das mais extremadas provas de respeito e consideração.

Depois, quando já banidos de todo o orbe católico pela bula de Clemente XIV., cá os temos, quatro anos depois (1777) em Lisbôa, autênticamente representados nas figuras dos padres Timóteo de Oliveira, Diogo da Câmara, Francisco de Portugal, João de Noronha, Bernardo Ferrás,

---

[1] Prius autem, tot per annis, vario genere vestimenti, et laceri, et diversi coloris centonibus consuti, omnibus, qui nos viderunt, risui eramus expositi. *Hist. persec. Societ Jesu in Lusit.* Murr, *Journal.* P. IX. p. 185.

Domingos Nogueira, Faustino de Lima, Hipólito Velez, António Velez e Manoel da Rocha, aos quatro primeiros dos quais manda a corôa, que pela mêsa do real erário lhes seja abonada uma pensão anual, que orça entre 120$000 a 200$000 réis a cada um. [1] Aos outros é concedido o convento de Belêm para residência. Quem de Roma vem dirigindo a aventura é o padre João de Gusmão, certo e bem seguro do seu bom êxito, visto achar-se à frente dos destinos portuguêses uma raínha fanática e imbecil. E, no entanto, a bula de Pio VII., que os há-de arrancar à treva do seu justíssimo anátema, ainda vem longe. Mas êles não esperam que o pontífice se pronuncie, tratando quanto antes de desembarcar nas nossas costas, e com tanta insolência, que chegam a assombrar, pelo seu despejo, não só os naturais, como até alguns representantes das côrtes estrangeiras! [2]

Além disto, pelo próprio e insuspeito teste-

---

[1] Ordem de 9 de setembro de 1777, ao marquês presidente do real erário. *Biblioteca Nacional. Colecç. de manuscritos.*

[2] Ofício do marquês de Almodóvar, embaixador de Espanha em Lisboa, para o conde de Flórida Blanca, em data de 30 de dezembro de 1777. *Gabinete da abertura.* (Latino Coelho, *Hist. polit. e mil. de Portugal*, T. I. cap. VI. p. 380.)

munho da nossa história contemporânea se conhece que, para fazer sentir-se a influência da Companhia numa sociedade que se decompõe ou que se revolta, escusado é que nessa sociedade se encontrem clandestina ou oficialmente instalados os seus negros representantes. A acção espiritual, social e política dos jesuitas em toda a vida portuguêsa, nos dias que decórrem desde a outorga de 1826 até à restauração cartista de 1842, e não à sua acção de presença, directa e pessoal, é que evidentemente o escritôr escouceado se refere na passagem que o seu crítico pretende explorar. Rodrigues, prevendo o tiro, procura arteiramente evitá-lo com a sua reincidente má-fé. Porque tudo quanto se dá em Portugal, desde *o terrôr-branco*, de 1828, até o reinado de D. Pedro v., em tudo quanto a política nacional dêsses dias tem de reaccionário e prepotente, em tudo a influência do jesuita é manifesta.

A própria lenda, quási hagiológica e servilmente palaciana, do primogénito de D. Maria II., lenda, segundo a qual Herculano, por divorciado das ambições dos homens, o considera como "um D. Duarte extraviado„ [1] e de que os seus adula-

---

[1] "... D. Pedro v... êsse môço de vinte e quatro anos, êsse filho de D. João I., D. Duarte extraviado no século XIX...„ A. Herculano, carta ao *Jornal do Comércio*, Cartas: I. 188.

dôres queriam fazer, dentro da constituìção, um rei absoluto — uma espécie de segunda edição da antiga e trágica *maravilha fatal da nossa idade:* — tudo isso é obra da Companhia de Jesus e dos seus fautôres secretos, os quais, para bem servir os interesses de Loiola, fácilmente se dispensam de usar batina e cabeção.

São os jesuitas-leigos, os jesuitas de *robe-courte* — como nesse tempo eram conhecidos em França — os que mais ardentemente se empenham na famosa questão das *irmãs da Caridade*, contra a qual se bate, num derradeiro movimento romanêsco, a eloqùência parlamentar de José Estêvão — o último tribuno português. "Há dez anos — escrevia em 1863 o autor da *História de Portugal*, [1] que a reacção quási que conta os triunfos pelas batalhas, e o futuro assoma carregado e triste.„ Para êste progresso da moral política de Loiola; para esta jornada, que quási conta os triunfos pelas batalhas, ¿faz alguma falta um decreto que abra, pela segunda vez, as fronteiras à Companhia?

Vendo os progressos da sua Ordem, o escârnio com que ela ludibría as leis portuguêsas, de 1759 e de 1834, ¿não estava já aí, em Campo-

---

[1] A. Herculano, *História de Portugal*, 3.ª edição (1863) *prefácio*, p. IX.

lide, o padre Rademaker, com a sua fisionomia sarcástica e petulante, mesclando no púlpito palavras devotas com facécias, plagiários dos *Exercícios* de S. Inácio, com invectivas que parecem bebidas nos *Coices da Besta?*

A presença pessoal, da Companhia, nesta fase da campanha, só lhe traria inconvenientes. A semente espiritual é que importava, e muito, que se não perdesse, preparando assim aquele "futuro carregado e triste„ que Herculano prevê. E essa semente nunca saíu da nossa gléba, frustrando a áspera e ingénua canseira dos nossos melhores cultivadôres. Agora mesmo, e mau grado a ruidosa batida, que contra o seu Instituto e contra toda a ideia congreganista a República empreendeu, agora mesmo o abrolhar da planta maldita se patenteia e manifesta a ôlho nú.

A astuta habilidade dos seus melhores semeadôres como que se palpa no trato familiar, na política, na vida íntima, no panfleto, no jornal velhaco.

Alérta e vigilante sôbre os menores incidentes da vida portuguêsa, o jesuita aproveita e explora, com uma sagacidade verdadeiramente florentina, as divisões em que a grande família democrática se encontra, e cujo agravamento procura fecundar, dando sempre razão aos despeitados e mal-avindos, falando-lhes melífluamente ao

sabôr dos seus queixumes ou dos seus ímpetos de desfórra, das suas ambições frustradas, ou dos seus sonhos de vaidade impotente. Tendo sempre em vista manter, nos apartados, toda a razão ou sem-razão das suas diferenças, o que o jesuita quer é privar a árvore, cujos ramos não póde a peito descuberto abater, de toda aquela possante seiva que resulta do esfôrço comum.

A cabeceira, pois, de todos êsses infelizes doentes políticos, cujos devaneios de grandeza a realidade quebrára, o jesuita a todos dará razão dos seus ódios ou lamentos, contanto que dêsses protestos se siga uma absoluta incompatibilidade com o existente.

Bem vê, Rodrigues, que para êstes ofícios e diligências, inútil se torna que esteja em Lisbôa o padre Cabral; exactamente como, para a política de 1856, no tempo de D. Pedro v., inútil se tornou também a assistência dos futuros habitadores do Barro e de S. Barnabé. A Companhia nunca está desprovida de auxiliares e de cooperadôres astutos.

Pelas tendências irredutívelmente aristocráticas da sua burguesia, assim como pela já hoje demonstrada ausência de qualidades cívicas de uma grande parte das suas populações democráticas, Portugal continuará sendo ainda por muito tempo, com menor ou maior disfarce, uma segura prêsa da Companhia de Jesus.

VI

Agora torna atrás 43 páginas do livro com que investe, [1] para, em oposição a uma inadvertência do padre Luís Lourenço Alvarez, nas suas *Miscelâneas*, [2] nos dizer que, "àquele tempo (1773) os únicos jesuitas que viviam no reino estavam encarcerados *nas masmorras do Marquês de Pombal*, onde lhes foi anunciado o Breve" [3] da expulsão.

Aqui há, pelo menos, duas grossas mentiras. Em três linhas, e dada a autoridade de tal padre,

---

[1] J. C. *Op. cit.* p. 168.

[2] *Miscel. de obr. var. e succ memor.* t. III. Cod. da antiga livraria de Th. Norton, adquirido mais tarde por C. C. Branco.

[3] F. R. *Op. cit.* p. 17.

não é muito. Não toca uma linha a cada mentira.

Ora vejamos:

Em primeiro logar, no nosso país, nunca houve *masmorras do Marquês de Pombal.* Havia presídios do Estado, e não cárceres de nenhum ministro do rei. Se para o quadro tétrico do martirológio dos seus irmãos em manhas e outras partes, lhe aproveita a pia fraude que expõe, póde o jesuita insistir nela, mas saiba que mente.

A segunda mentira consiste em afirmar, que depois de 1759, os *únicos jesuitas que viviam no reino* estavam encarcerados nas tais *masmorras do marquês de Pombal.* Mente. Os que em 1759 entraram nas prisões do Estado fôram tamsómente os *intrépidos*, e os que não acharam padrinhos que por êles pedissem na côrte. Os que, em razão de tais patronos, o ministro achou dignos da real clemência, êsses fôram recolhidos aos conventos de Tôrres Novas, Pedrógam-o-Grande, Bussaco, Figueiró dos Vinhos, Amarante e Viana do Minho. [1] Como terras inóspitas, não

---

[1] ... ou por alguma atenção que sua majestade queira ter com os parentes daqueles que se não acham pessoalmente convencidos de réus do execrando crime de lesa-majestade. *Papeis da Chancelaria do Marquês de Pombal,* in A. Teles, *A Expulsão dos Jesuitas.* Lisbôa. 1901.

as há, como se vê, mais bravias em Portugal e seus domínios. Cacheu e Timôr ficam-lhes na sombra. E êsses tais desventurados fôram os antigos colegiais da casa professa de S. Roque, do colégio de S. Antão, e do noviciado da Cotovia. O conde dos Arcos, o conde de Aveiras, o marquês de Valença, o conde de S. Miguel e o conde de Povolide tinham achado artes de dobrar a fereza do ministro. Essa fereza, tanto mais selvagem quanto mais fàcilmente se exercia sôbre desprotegidos, ou ainda sôbre aqueles que a preço de ouro lhe não moderavam os ímpetos, [1] chega a confessar a possibilidade de haver na Companhia de Jesus "alguns inocentes", em cujo número lhe aprás compreender aqueles "que por não terem feito ainda as provas necessárias para se lhes confiarem os horríveis segredos de tam abomináveis conjurações e infames delitos... possam (não tendo culpa pessoal provada) ficar conservados nestes reinos e seus domínios, como vassalos deles." [2]

---

[1] Latino Coelho, *Hist. pol. e milit. de Port. desde os fins do XVIII. s., até 1814. cap. VI. p. 435-9.*

[2] Carta régia de 3 de setembro de 1759, inserida e publicada na Pastoral do Cardeal Patriarca de Lisbôa de 5 de outubro do mesmo ano. *Collecç. dos Breves pontif., leis régias e ofícios*, n. XXI., na *Collecç. dos Negoc. de Roma.* Lisbôa. 1874. P. I. p. 120-21. Notável incoerência

Estas excepções não as conhece o padre que, de Roma, e para comprazer com os seus consócios, nos despede os couces da sua crítica. Para êle, e com o sibilante e pitadeado aplauso do seu Prepósito provincial, *os únicos jesuitas que, em 1773, viviam no reino estavam encarcerados nas masmorras do marquês de Pombal.* Os hóspedes de Tôrres Novas, de Pedrógam-o-Grande, do Bussaco, de Amarante, de Figueiró dos Vinhos e de Viana do Minho, jogando a bola e as damas, e cercados de todas as deferências devidas ao seu nascimento, êsses que, de resto, não eram poucos, êsses, para o nosso crítico, ou não existiam, ou não são jesuitas.

Que insigne trapalhão!

---

de Pombal, que o leva, em 5 de outubro, a confessar os mesmos princípios a que não dera o seu assentimento em 10 de setembro, quando lhe fôram expostos no breve *Exponi nobis*, de Clemente XIII!

VII

Cedendo à fatal tendência dos seus vícios solitários, o jesuita continúa a recuar. É lógico. Nestes exemplares depravados toda a actividade orgânica é traseira.

Assim, depois de saltar 43 páginas para trás, como já vimos, do livro cujas conclusões presume estar discutindo, recúa agora mais 145 páginas, dizendo-nos achar-se em face da pág. 23.

Repôsto desta maneira do fatigante trabalho de tam longo recúo, o padre busca insinuar que o escritôr com que investe "pretende demonstrar que os governos quando querem consolidar alguma obra nefasta *chamam a seus reinos*, [1] a Com-

---

[1] Esta original sandice, segundo a qual *os governos*, em dadas circunstâncias, *chamam aos seus reinos*, os jesuitas, é dele. O padre atribuindo-ma prova que nem

panhia de Jesus; e próva-o com o govêrno da Inglaterra, onde diz que, desde 1580 a 1685, desembarcaram mais de 300 jesuitas.„ E esclarece: —«Os jesuitas que entraram na Gran-Bretanha desde 1580, não só não fôram chamados pelo govêrno, mas eram cruelmente perseguidos.» (p. 17).

E com esta cota encerra o pio traficante o seu discurso.

Tal discurso, porêm, é mais uma eloqùente afirmação da esperteza dêste padre. Há nele toda a variada espécie de artifício, usado em regra pelo polemista solérte, que em benefício da sua tese vai desde a mentira arbitrária e aleivosa até à consciente mutilação dos textos sôbre que tem de fazer incidir o seu aranzel.

---

sequer sabe lêr as passagens sôbre que, irado, arremessa o tirapé das suas censuras. O que se contêm na página incriminada é isto: — "... a conduta que, em face de *Gesu*, patentearam sempre *os governos que de certo modo necessitam dos jesuitas, para consolidar alguma obra nefasta, perniciosa ou imoral.„ (p. XXIV.)* Êste período que, pelo menos, tem o mérito da clareza, converte-o êle naquela serzidura de asneiras, em que *os governos chamam, aos seus reinos*, os jesuitas. Compreende-se que êste homem seja o natural divulgadôr dos seus originais dislates; mas que na vezânia da publicidade me impute parvoíces que só a êle pertencem, é de mais! ¿Onde foi êle buscar aqueles *reinos dos governos*, que teve o despejo de introduzir na passagem que transcreve?

Como mais uma demonstração dos seus inveterados costumes de falsário, temos em primeiro logar a citação da página do livro contestado. Diz êle ser a página 23. Ora, na tal página 23, o escritôr infamado por êste velhaco não *pretende demonstrar* cousa nenhuma, porque nem lá tem sequer uma única letra da sua mão. Nem uma! O jesuita aludindo a tal passagem e em tal logar, sôbre introduzir nessa passagem palavras que nela se não contêm, ludibría por uma fórma tôrpe os raros e incautos leitores das suas sandices. Nem uma linha ali há escrita pelo autor do livro! A tal página 23 está compactamente ocupada com uma parte do texto da carta régia de 3 de setembro de 1759, em que a Companhia de Jesus é banida de Portugal pelo braço secular — monumento histórico cuja transcrição ocupa no livro todo o espaço compreendido entre as páginas 20 e 26.

¿Que consideração, que respeito, que confiança pódem merecer as parlapatonas citações eruditas, com que êste trocatintas vem pintalgando uma vez por outra as páginas do seu libelo, se êle, numa referência de tam pouca monta e num assunto tam limitado e concreto, faz alternar as falsidades com as mentiras? ¿Com que espírito de imparcialidade e de decóro crítico cita êle as passagens sôbre que albarda os seus repá-

ros, se nem ao menos à numeração das páginas dá atenção? ¿Como póde, êste môço de fretes das oficinas de Loiola, estudar os diversos textos do processo sôbre que pretende alçar a máquina dos seus repáros, se êle, nem do logar, onde se fixa a sentença de que busca recorrer, está seguro? ¿Que imputação póde ter um homem desta baixa categoria moral, que sôbre intreter-se a introduzir sandices próprias nas referências que atribúi ao seu adversário, vai até confundir e baralhar as indicações de paginação em que essas referências, embora já por êle mutiladas, assentam? ¿Onde existe, em todas as literaturas do mundo, exemplar que possa dar-se como parelha de tam emérito e calcinado candongueiro?

Que pandilha!

Ora, a passagem que o velhaco deturpa e mutíla no repáro que acima fica apontado, vem 26 páginas atrás, isto é, consta da página xxv. das *Considerações preliminares*, o que dá ao movimento traseiro dêste vendedôr de drógas da botica do P.^e^ Inácio, uma extensão de 176 páginas entre êste, e o seu último boléu.

Urge, portanto, reconstituir essa passagem deturpada pelo jesuita, na qual se diz simplesmente isto: — "Em Inglaterra sucede a mesma cousa. Durante mais de um século, desde 1580 a 1685, desembarcam na Gran-Bretanha mais de 300 jesuitas.„

Nesta referência, o autor alude evidentemente às missões jesuíticas que passam o canal no intuito de restaurar, tanto na Inglaterra como na Escócia, o canibalismo católico dos dias de Maria Tudôr. As palavras são quási as mesmas de que se serve um escritor francês contemporâneo. [1] Á frente dêstes bandos de morte vão, entre outros, os jesuitas, Edmundo Campion e Roberto Parsons, êste, um protestante renegado, convertido à Companhia pela indignidade da sua conduta na Universidade de Oxford. Quem chama esta turba negra à Gran-Bretanha são os partidários do antigo govêrno de Maria-*a-Sanguinária*, agentes conscientes de Carlos v. e de Filipe II., e sinistros precursôres da *invencível armada.* O sangue com que êstes bandidos inundaram a Inglaterra durante o seu nefasto predomínio, não fôra ainda bastante para saciar-lhes a

---

[1] En Angleterre, où trois cents missionnaires Jésuites avaient débarqué de 1580 à 1685, ils tentèrent de faire assassiner la reine Elisabeth et ourdirent contre elle un complot, que Marie Stuart et son ami Thomas Babington payèrent de leur tête. Alfred Marchand, *Moines et Nonnes*, t. II., § 88. *Les Jésuites. Histoire et Statistique.* p. 138. Paris, Lib. Fischbacher. 1880.

Quáse pelas mesmas palavras se expressa também Huber. *Op. cit.* Die kirchtich-polit. Wirksamkeit, Kap. III. p. 168. *(Die Jesuiten in England).*

ferêza. Eduardo VI., que melhor que ninguêm lhes conhecia os sentimentos, tomára, com o decreto que excluía suas irmãs da sucessão da corôa, as justas precauções que a nítida visão do perigo lhe impõe. Mas tudo fôra inútil. Os jesuitas buscam, desde 1553, transformar a Inglaterra e a Escócia numa colónia de Espanha. Morta Maria Tudôr, a desfórra protestante acentua-se. De um lado está a alma nacional, intensamente hostil ao predomínio romano; do outro, os jesuitas, que não desistem da prêsa. Os seus colégios de Louvain, de Reims e de Duai, alguns dos quais já vinham funcionando desde o tempo do papa Júlio III., são verdadeiros arsenais das suas armas. O célebre Savage, e o fanático inglês, Guilherme Allen, auxiliam vigorosamente a emprêsa. Á execução do plano assiste Filipe II., com aquela sua característica ferêza de ânimo, que fôra sempre, na côrte de Inglaterra, um dos principais elementos da sua ruína política. Com os numerosos noviços dos seus colégios contam, os jesuitas, repovoar a Gran-Bretanha de parciais da sua causa, quando o último dogmatista houver desaparecido na fogueira ou na tortura. É para consolidar esta obra nefasta que êles vão sucessivamente passando a Mancha desde 1578 até à *conspiração das pólvoras*, em que entram o provincial da sua Ordem, ajudado dos padres Greenway e

Gérard. [1] Como prelúdio, contavam tambêm com a aventura naval do filho de Carlos v.

É a êste apêlo dos católicos ingleses e escocêses ligados à Companhia de Jesus, que o escritor difamado pelo jesuita evidentemente alude. E a prova está logo a seguir no período em que o pensamento do mesmo escritor se elucida e completa, o qual Rodrigues teve o prudente cuidado de omitir. Êsse período está assim concebido:—"A política sanguinária de Maria Tudôr, em cujas veias gira o ardente sangue espanhol de Catarina de Aragão; a ditadura despótica e terrível da hipócrita e ferina Isabel, devassa e dissimulada, prepáram desde 1555 esta revoltante acolhida.„

Eis a justificação do assêrto, que o jesuita busca combater, evitando a referência de que êle deriva e procede.

E, que os jesuitas trabalhavam com sólidas bases de êxito na sanguinária desfórra, di-lo ainda agora, no dobar de mais de três séculos, a lição dos mais insuspeitos monumentos.

Com o desembarque da *armada* maldita, coincidiria o alevantamento católico em toda a Inglaterra, cingindo logo a corôa Maria Stuart.

---

[1] Narrative of the Gunpowder Plot. London, 1857. p. 205 *sq.*

Isabel, banida do trono por sentença do papa, seria assassinada pelo agente da Companhia de Jesus, Ridolfi, ido de Roma para o feito com cartas de crédito. A bula de Pio v. *Regnans in excelsis* (25 de fevereiro de 1570) mais tarde corroborada por Xisto v., e que não é mais que a reprodução daquela em que Paulo III. fulmina Henrique VIII. —*(Ejus, qui, immobilis permanens*, 30 de agosto de 1535) é o grito de sangue que o pontífice-inquisidôr solta do seu covil. Tudo, porêm, inútil. Babington e Maria Stuart, vítimas do jesuita João Ballard, são, nas mãos dos carrascos de Isabel, o mesmo que haviam sido antes, nas dos verdugos de Maria Tudôr, Northumberland e a desventurada Joanna Grey.

A causa da Humanidade estava salva, é certo; mas não sem que a Companhia houvesse oposto os seus embargos. A tormenta que despedaçára nas águas a obra infernal de Filipe II., é a voz de Deus julgando os crimes da reacção católica que, à morte de Eduardo VI. se desencadeia sôbre a Inglaterra com aplauso dos jesuitas. É para a renovação dêsses crimes (oitocentas vítimas, segundo uns; trezentas, segundo outros, no espaço de três anos!) que as missões da Companhia de Jesus—os padres Campion e Parsons, com toda a escolta dos seminários de Reims, de Duai e de Louvain—passam o estreito.

Aliada de todas as tiranias e de todas as torpêzas, seria de estranhar que a Companhia não estivesse ao lado da sinistra e sanguinária filha de Henrique VIII. e dos seus sequazes, e que para assassinar a irmã, que lhe combatia os intuitos, não pusesse em campo o braço dos seus melhores sicários.

E, por último, com assômos de enternecida compaixão, adverte o meu crítico, que os jesuitas que desde os dias de Maria Tudôr até à elevação de Jaime VI., passaram o canal "a ajudar os católicos, tinham de viver em esconderijos." Bem se viu. Parsons, Parry, Savage, Babington, Jones, Thomás de Salisbury, João Ballard, Barnes, Abington, Tichbourne, Tilney, e muitos mais, para não citarmos senão os cabeças da revolta, tudo era gente de viver em esconderijos. Pobre pateta.

De resto, a afirmativa final, em que Rodrigues pretende demonstrar que todos êstes trabalhos dos jesuitas se afrontavam para *ajudar os católicos*, chega a ser imbecil. Êles, com as suas conjuras sempre frustradas, a soldo de Roma e do gabinete de Madrid, armando o braço do bandido Ridolfi para apunhalar a rainha Isabel, e incitando o fanático Baltasar Gerard, para dar o mesmo destino a Guilherme d'Orange, êles não fizeram senão consolidar a ruína do cristianismo.

Do mesmo modo a intervenção do jesuita João Ballard, na conspiração em favôr de Maria Stuart, [1] não faz mais do que apressar a morte de Babington e daquela desditosa rainha. Eis o modo pelo qual, dos tais esconderijos, os jesuitas auxiliavam a causa católica! Grande auxílio, não há dúvida.

Jàmais a acção da Companhia de Jesus, aparente ou oculta, deixou de exercer-se em qualquer conflito social ou político, que êsse conflito, mais tarde ou mais cêdo, não venha a decidir-se pela ruína da causa que ela procura sustentar. Jàmais.

O exemplo, sôbre doméstico, é recente.

Quem prepára, em Portugal, a queda da monarquia de Bragança, e leva a consciência da própria nacionalidade a compreender o regicídio, é a acção tenebrosa e terrível do jesuita. Nunca alguêm se encostou àquela árvore maldita, que a sombra envenenada das suas fôlhas o não precipitasse na morte.

Assim, na lógica imanente da História, estão os jesuitas, com o seu predomínio a dentro do Vaticano, aplanando e apressando a queda da Igreja.

¿Poderá Pedro, um dia, emancipar a sua

---

[1] Mignet. *Marie Stuart*, II., c. X. p. 214.

pobre barca da acção funesta e fatal de tam perniciosos timoneiros? ¿Ou prefirirá que, no inevitável naufrágio, todos corram o mesmo cruelíssimo destino?

O futuro o dirá.

VIII

Tendo assim chegado, como acabamos de vêr, às *Considerações preliminares* que precedem o côrpo doutrinal da obra que pretende condenar, e não podendo portanto, o jesuita, levar mais longe o seu instintivo movimento de recúo, entende ser tempo de avançar.

Neste propósito, arvorando a sua tenda crítica diante da página 137, mostra-se duvidoso e como que hesitante em aceitar, como realidade histórica, aquela petulância, com que Aquaviva ameaçára a Paulo v., sôbre a possibilidade de se alevantarem contra êle mais de 10:000 jesuitas, caso o papa se mostrasse inclinado a tomar parte, contra a Companhia, na então vivamente controvertida polémica sôbre *a graça*. — "Aquaviva — diz êle — só antes de 1607 se terá saído

com aquela insolência.„ [1] Que novidade! Pois se o acto da *Congregação De Auxiliis,* que resolve a questão, tem a data de 28 de agosto dêsse ano, ¿como admitir que o arrogante jesuita ameaçasse depois dêsse dia a autoridade pontifícia?

Na concisa nota com que se encerra a página apontada pelo padre, e com que plenamente se justifica a asserção contida no texto sôbre o qual Rodrigues faz assentar a sua manhosa perplexidade, teria êle elementos sobejos com que fazer dissipar os seus escrúpulos de propositada ignorância, se êle, no assunto, não estivesse de ânimo frio conduzindo toda a sua análise pelos ditames da mais calcinada má-fé. Por esta razão, como não póde combater o alto valôr da referência sôbre que o autor, que êle combate, firma o seu assêrto, o jesuita resolve agora cómodamente a questão fazendo-se tôlo.

De resto, essas dúvidas, quando não abonem a sua estupidez, são claro documento da sua insigne malandrice.

Esta ruidosa polémica teológica, a respeito da *graça*, mais tarde pervertida num grosseiro mixto de jansenismo e de neopelagianismo, é uma das mais odiosas questões, que desde o mo-

[1] F. R. *Op. cit.* p. 18.

linismo-fonsequista até os meados do séculc XVII., mais concorreram para o descrédito do ensino jesuítico. Com o jôgo impúdico das intenções e da *scientia media*, a que os seus antagonistas dominicos dão, desde logo, o irreverente epíteto de *gratia versatilis*, os jesuitas não fizeram outra cousa senão aumentar, com mais um título, o capítulo já suficientemente escandaloso da sua relaxada moral. Belarmino é, desde certo tempo, um dos mais poderosos caudilhos da Companhia. O seu ascendente moral durante os pontificados de Gregório XIII., Xisto V., e Clemente VIII. é manifesto. Na sua primeira fase de combatente fôra thomista, e, como tal, pelejára ao lado dos teólogos da Ordem dos prègadôres. As suas *Disputationes de controversiis Christianæ fidei adversus hujus temporis hæreticos* são um claro documento da sua atitude nesses dias. Vindo a desertar, porêm, dêsse campo, sem contudo se converter ao molinismo, Belarmino, embora sem êxito, entendeu dever dispôr da consciência do papa como se se tratasse de um móvel. Procede daqui o seu afastamento de Roma, durante os dias que vão de 1597 até 1602. Clemente VIII., não renegando o thomismo, viu com manifesto desgôsto a versatilidade do seu antigo companheiro, fazendo-lho sentir. Para o afastar de si ofereceu-lhe uma dignidade episcopal. ¿Que admira, então, que Aquaviva quási da mesma

idade do turbulento arcebispo de Cápua, seu irmão na roupêta e na arrogância, inspirando-se na belicosa insolência com que o vira sempre dirigir-se a Clemente VIII., não tomasse o seu partido e se conduzisse agora diante de Paulo V. com o mesmo atrevimento? Aquaviva, homem arrogante e de carácter autoritário, nascido para o mando e para o livre exercício do poder, altivo pelo sangue e pela eminência do cargo em que se achava investido, é mais que admissível, é mesmo natural supô-lo na atitude que, no conflito em questão, a História justamente lhe atribúi.

Mas Rodrigues não se confórma; Rodrigues rumina umas dúvidas. Á auctoridade do grande historiador alemão, João Huber, em cuja obra capital vem por extenso a façanha negra que nós tam-sómente esbóçamos no texto; [1] a essa indiscutível autoridade, perante a qual um escritor de honestos intuitos não teria outra conduta a seguir senão a de opôr-lhe documentos que a abalassem, ou então submeter-se-lhe: — a essa autoridade responde o jesuita portuguès, sem nome nem talento, nestes míseros latidos de fraldeiro castrado: — "nos princípios do século XVII. (1600),

---

[1] Op. cit. *V. Kap.*, *Widersetzlichkeit gegen den hl. Stuhl*, S. 227.

segundo um *catálogo geral de todos os jesuitas*, que temos à mão, a Ordem não contava nas suas fileiras, incluindo os leigos, mais de 8:519 irmãos.„ [1]

Pobre idiota.

¿A quem se dirige a disfarçada contradita dêste imbecil? ¿A Aquaviva?—que àqueles dias afirma a Paulo V. que, "num dado momento, a Companhia de Jesus mobilizaria contra o papa um exército de mais 10:000 jesuitas?„ ¿Ao Dr. João Huber? que reproduz a arrogante ameaça do belicoso e atrevido napolitano? ¿A mim? que sigo sem a menor hesitação o depoimento destas duas indiscutíveis autoridades?

Mas o desmentido ao tal *rol* dos irmãos, que êle com tam jactanciosa prosápia diz ter à vista no momento de estar lançando ao papel as suas mentiras, tem-no êle próprio, tem-no toda a gente que saiba lêr, no vol. IX. do já aqui citado *Dictionnaire universel historique, critique et bibliographique* (IX. ed.) *par une association de savants français*, na biografia de Inácio de Loiola, onde se lê:—"On comptoit au commencement du 17e siècle *environ vingt mille jesuites*...„ No meado do século seguinte, a Companhia achava-se assim representada:—22:589 irmãos, distribuidos por 39 províncias: 24 casas

---

[1] F. R. *loc. cit.*

professas; 669 colégios; 273 missões; 176 missionários; 61 casas de noviços e 335 residências: — sem contar 80 Universidades, onde era professado o seu ensino filosófico e religioso. [1] O movimento ascensional, iniciado desde o século XVI., embora já sensivelmente atenuado, mantem-se. Á morte de Inácio, [2] a Companhia de Jesus conta 1:000 associados inscritos. Nove anos mais tarde, ao encerrar-se o generalato de Lainez, o exército triplica. Setenta e sete anos depois da sua fundação (1617) [3] o seu número sobe a 13:112. O número, portanto, de 10:000 jesuitas fixado no répto de Aquaviva não é imoderado. Concedendo mesmo, que as cifras de 20:000 a 22:589 indicadas na nota dos depoimentos atrás referidos possam ser exageradas, para o que nos faltam, em absoluto, quaisquer elementos de rectificação, elas nunca podem descer até os tais 8:519 do *inventário* que o jesuita nos pretende impôr. Quem fixar, pois, nos dias de Paulo V., à Companhia, um efectivo

---

[1] Alf. Marchand, *Op. cit.* p. 140.

[2] Les jésuites s'étaient multipliés durant cette période. De mille qu'ils étaient à la mort d'Ignace leur nombre s'élevait maintenant à trois mille cinq cents. Herrmann Müller. *Les origines de la Compagnie de Jésus*—Ignace et Lainez. *ch.* IV. *Lainez et Paul* IV. (1556-1565) c. VI. p. 291.

[3] Huber, *Op. cit.* V. p. 217.

social que orce entre quatorze a dezasseis mil homens, servindo-se em média das conclusões já expostas, êsse tal deve ter por si a verdade. [1]

Nestes termos, não farêmos de modo algum, a quem nos lêr, a grosseira injustiça de perguntar-lhe a que lado deva inclinar-se o seu juízo em matéria de tam encontrados propósitos. Seria pueril. O jesuita anónimo, trapalhão e falsário, que do seu remoto covil de Roma pretende desmentir as palavras do quinto Geral da sua Ordem,

---

[1] M. Stemmer, um dos mais eruditos colaboradôres do *Dictionnaire encyclopédique de la Theologie catholique*, obra publicada sob os cuidados do Dr. Wetzer, professôr de filologia oriental na Universidade de Friburgo, e do Dr. Welte, professôr de teologia na Universidade de Tubingue, trabalho monumental, que o Abade J. Goschler trasladára à língua francêsa com particular aplauso do arcebispo de Friburgo, que calorosamente o recomenda, tanto a eclesiásticos como a leigos — *und empfehlen es wegen seiner Vortrefflichkeit auf's Wärmste Priestern und Laien* — assegura à Companhia de Jesus, "à morte de Aquaviva„ *(31 de janeiro de 1615)* o seguinte efectivo: — 13:000 membros, compreendendo 550 casas e 13 províncias. ¿Como admitir, que a Companhia — a darmos crédito ao tal *inventário* de Francisco Rodrigues — no lapso de quatorze anos *(1600-1614)* passasse dos 8:519 irmãos que êle aponta, aos 13:000 indicados por Stemmer, isto é, que se reproduzisse na razão de mais de 46 %, ou seja à média de 304 sócios por ano? Ainda quando nos permitíssemos ter em alguma conta a

ou ainda a afirmativa do mais sábio dos seus historiadôres, não merece, na inanidade da sua réplica, a menor importância, assim como sôbre o valôr de prova do tal *rol* por êle exibido não há que opôr outro movimento que não seja o do mais absoluto desdêm.

Na Ordem a que êste padre pertence, a arte de falsificar datas, nomes, números, mutilando textos e inventando peças e documentos com que melhor possam instruir os seus processos,

---

informação que nos fornece Rodrigues, levando a nossa condescendência até o ponto de integrá-la no cálculo das probabilidades médias, nem assim nos aproximaríamos da sua conclusão. Se não vejamos:

Catálogo de Rodrigues .	(1600) .	8:519
Afirmativa de Aquaviva .	(1606) .	10:000
Opinião de M. Stemmer .	(1614) .	13:000
Segundo Huber. . . .	(1617) .	13:112
Id. do *Diction Univ.* . .	(1600) .	20:000
Id. da Estatística-Marchand	(1600) .	22:589
		87:220

O que nos conduzirá à média de 14:536, a qual sobejamente vem justificar a arrogante afirmativa de Aquaviva atirada às faces do papa. O tal "catálogo geral de todos os jesuitas„. fabricado por indústria do nosso falsário contraditôr, não só não vem desmentir cousa nenhuma, como nem como elemento de probabilidades póde aproveitar-se.

assumiu há muito as proporções de uma verdadeira indústria. Ali há artistas para todo o género de mentira. O inventário das suas proêzas neste género dá para volumes. Há falsários em todas as especialidades. A fim de sustentar a sua tese favorita sôbre o absoluto poder do papa, o jesuita Turriano fabríca opiniões de santos padres com a mesma facilidade com que êste Rodrigues forja catálogos, suprime palavras nos assêrtos que transcreve, e baralha a paginação dos livros em que pretende morder, tudo isto para com melhor fruto e seu proveito desorientar o espírito do leitôr. O mesmo pratíca Belarmino, verdadeiro cultôr das mais absurdas opiniões, e mestre profissional em toda a espécie de burla. [1] Quando a prova escrita das suas invenções não existe, inventam-na êles, para alcançar o seu fim. Ninguêm ainda, até hoje, explorou com maior descaramento as fábulas decretalistas do célebre embusteiro, Isidoro Mercator, do que os jesuitas. ¿Porque lhes não conhecessem a falsidade? Não; únicamente porque lhes aproveitava à mentira.

---

[1] *Adversus Magdeburgenses Centuriatores pro canonibus apostolorum et epistolis decretalibus pontificum apostolicorum: libri quinque.* Florent. 1572. Conf. Döllinger. *Der Papst und das Concil. Kap. III. §. 4.* (1869)

Á sombra de Clemente VIII. introduzem no breviário textos da mais grosseira falsidade, mutilando, de sociedade com o analista Barónio, as passagens que não abonem os seus temas especiais. Santarelli, com um despejo abaixo de todo o confronto, falsifica um texto de S. Paulo, no intúito de abonar uma mentira. [1] Afonso Pisano, para autorizar a fábula infalibilista, escreve uma *História do primeiro concílio de Nicéa,* absolutamente apócrifa. Pallavicini, na sua célebre *História do concílio de Trento*, não faz mais do que impugnar as opiniões de Fra Paolo, reduzindo toda a sua obra a um capítulo de controvérsia. É a História constituida em arma de combate, feita pelouro e panfleto, caíndo nos mesmos excessos, que supõe ou se propõe emendar ou corrigir.

¿Porque é que êste Rodrigues, baixa e grosseira contrafacção dos seus grandes modelos, na arte de falsificar e de mentir, não havia de forjar também um *catálogo* ou *rol* dos seus irmãos, ou de aproveitar a obra de algum burlão de ofício, seu cubiculário, destinada a servir de

---

[1] Santarelli, *Tract. de hæresi et de potestate R. Pontif.* Roma. 1625. c. 30, p. 293. Conf. *Journal de Mr. de Saint Amour.* 1662. III. c. 13, p. 162,

texto em questões ou averiguações desta natureza?

¿Que autoridade póde ter, pois, o solérte desmentido dêste padre, portadôr de um *inventário* de jesuitas que, até êle, ninguêm conheceu?

IX

O quinto reparo de Rodrigues constitúi uma cerrada silva de falsidades e despropósitos. Cumpre apresentar ao público esta abjecta mixórdia literária, em que, por uma fórma singular, as sandices se cruzam com as mentiras, e em razão das quais se póde com maior facilidade fixar o estranho perfil moral dêste grotêsco bufarinheiro.

Começa assim: [1]

—"Afirma desassombradamente *(somos nós que afirmamos)* que a moral dos jesuitas é infame, e tenta prová-lo com o Instituto da Companhia. (p. 9). *Mas adiante*, citando um documento, *chama sancto o mesmo Instituto!* Igualmente apresentando a tradução do Breve de Clemente XIV., que é para o autôr a maior

---

[1] Op. cit. p. 18. (5.

autoridade, quando se trata de jesuitas, qualifica de *muito sanctas* as leis sôbre que o fundadôr estabelecêra a Companhia. (p. 43).„

E, muito satisfeito com a descoberta, exclama, com o devido assentimento do Prepósito provincial: — "Moral *infame*, num Instituto *sancto!*»

Leram?

Pois bem:

Quanto à primeira parte dêste insulso aranzel, em que Rodrigues parece querer conceder-nos a prioridade no emprêgo da palavra *infame*, como justo qualificativo da moral, não só tôrpe, como relaxadíssima e obscêna, da Companhia de Jesus, bastará invocar a benevolência do leitôr, pedindo-lhe que volva a passar ante os olhos tudo quanto na tal página 9, apontada por êste jesuita falsário, se estampa, de modo a sustentar e manter a afirmação, que êle tem ainda o raro impudôr de fingir que o surpreende.

Aí se alude a uma das mais características modalidades da moral de Loiola, como seja a preconização de todo o género de mentira por meio do jôgo impúdico de palavras dúbias, para o emprêgo das quais chega o jesuita Sanchez a oferecer modelos, plenamente corroborados por Busenbaum, o qual, como instigadôr de toda a

protérvia, leva a sua audácia até fornecer aos seus discípulos o formulário clássico de que póde servir-se o embusteiro, sempre que lhe convenha ludibriar a santidade do juramento. ¿Não será isto moral infame?

Por último, o autor limita-se a aludir à famosa VI. constituição, 5, que começa: *Visum est nobis*. Eis tudo.

Em face dêstes depoimentos, em que o autor do livro visado pelo jesuita se encerra nos extrêmos de uma concisão verdadeiramente modelar, não produzindo uma afirmação temerária ou indocumentada; não arriscando um assêrto que as autoridades apeladas não confirmem, ou corroborem; não aventurando uma única novidade, não expondo um único argumento pessoal: em face de tudo isto, ¿o que é que faz o nosso crítico? Muito pouco: — limita-se a mostrar-se surpreendido com aquelas novidades seculares, e a concluir que nós, na passagem que expômos, apenas fazemos uma *tentativa* de prova!

Esta estranha fórma de replicar define não só a cultura literária, como os recursos mentais dêste homem.

Crêmos por isto, que não já a consciência do jesuita — porque ali não há disso — mas a do público imparcial que nos lêr, ficará devidamente esclarecida. A hipócrita surprêsa dêste ínfimo esbirro das letras perante a nossa afirmação seria

claro indício da sua ignorância, se não fôsse, antes de tudo, um seguro padrão da sua velhacaria. Não há dúvida: mesmo porque a ignorância, do mesmo modo que a estupidez, teem ambas os seus naturais limites. E o espanto de que êle se enfeita, dando-lhe nós aquela novidade três vezes secular, abona suficientemente, senão que mesmo em demasia, a baixêza daquele carácter celularmente abjecto.

*

As duas restantes afirmativas com que Rodrigues encerra o já conhecido capítulo da sua ingénua surprêsa, com relação a haver alguêm que averbe de *infame* a moral do seu Instituto, essas não passam de duas poderosas sandices sem base nem pretexto apreciável para uma resposta a sério. Á luz destas afirmações o homem desenha-se-nos na sua última e degradante fase de imbecilidade moral.

Assim o tal lance em que nós, segundo êle, "mais adiante„ [1] "citando um documento de Pombal„, chamamos *santo* ao Instituto de Loiola, depois

---

[1] O sandeu nem sequer sabe onde lhe fica o côrpo de delito, que deve representar a base da sua acusação! Êste *mais adiante*, posto em linguagem, é a p. 21.

de haver capitulado de *infame* a moral que êsse Instituto professa, e isto com o pacóvio apêndice de um (!), reduz-se a ter êle a estúpida desfaçatêz de imputar-nos a responsabilidade daquilo que o poderoso ministro de D. José escreveu na célebre carta régia de 3 de setembro de 1759, a que o jesuita imbecil, por não saber derimir a naturêza jurídica daquele diploma, dá o nome incaracterístico de *um documento:*—e isto no preâmbulo em que a suprêma autoridade do poder civil justifica o acto da sua justiça, e se permite referências preambulares aos primeiros tempos da Companhia.

O texto integral é êste:

—"Havendo *(El-Rey)* em ordem a um fim de tanta necessidade, exhaurido todos os meios que podiam caber na união das Suprêmas jurisdicções, Pontificia e Régia; por uma parte reduzindo os sobreditos Regulares á observancia do seu *sancto Instituto*...» [1]

¿Então quem é que chama *sancto Instituto* à Companhia de Jesus? ¿É D. José? ¿Somos nós? ¿É o conde de Oeiras, cujo nome aparece ali a referendar a lei em questão? ¿Quem é?

O charlatão nem sequer sabe lêr!

Cita *um documento,* que não sabe o que é,

---

[1] J. C. *Op. cit.* p. 20-21.

e que não sabe mesmo onde está; e, por último, dá-me como sendo eu o seu autor!

Eu é que chamo *sancto* ao Instituto de Loiola!

*

Mas o homem não se fica por aqui.

Depois de me haver feito passar por o conde de Oeiras, e, por tanto, vivendo em Lisbôa em 1759, precisamente dez anos antes de nascer meu avô, entende dever promover-me a papa, e nada menos do que a Clemente XIV!

E, assim, diz êle:

"— Igualmente apresentando *(sou eu quem apresenta)* a tradução do Breve de Clemente XIV... *qualifica* (tambêm sou eu quem *qualifica) de muito sanctas as leis sôbre que o fundador* estabelecêra a *Companhia*..." E, desta vez, num suprêmo arranque de erudição, cita a página 43 do livro infamado!

Pois bem; na tal página 43 o que está é a tradução do *número 16* do breve pontifício de Clemente XIV. que extingue a Companhia, *número* que começa por estas palavras:

— "16. Debaixo destas e doutras *leis muito sanctas*..." Estas palavras são as eqùivalentes dest'outras do original: "His, aliisque *sanctissimis legibus*..."

Não é, segundo Rodrigues, o papa que naquele monumento fala, não; sou eu. Eu é que qualifico de *muito sanctas* "as leis sôbre que o fundador estabelecêra a Companhia.„ Grande incoerência a minha, não há dúvida. E isto, porque tendo eu dado em 1773, em latim, o nome de leis santíssimas *(sanctissimis legibus)* às que serviram de fundamento no século XVI. à instituìção da Companhia de Jesus, perpétro, mais tarde, em 1901, cento e vinte e oito anos depois, a rara versatilidade de não já em umas letras pontifícias, em latim, senão que em português, e num modesto livro de 386 páginas, chamar *infame* à moral que essa mesma Companhia não só aconselha como representa e defende!

E é por isto mesmo que Rodrigues, acêso em justa cólera, me adverte: — "Moral *infame* num Instituto *sancto!*„ Isto é: que tenha eu muito cuidado com o que, sendo conde de Oeiras, escrevi em 1759, e que, na minha qualidade de papa, afirmei quatorze anos depois, para não vir a desmentir-me tam vergonhosamente no livro que publiquei mais tarde em 1901...

*

Quando nesta áspera e dolorosa *selva oscura* da vida literária, um trabalhador honesto depára

um troquilha deste teôr, ostentando prendas de tam singular baixêza mental, entre as quais o seu possuidôr conta sempre com a cómoda aquiescência de um leitôr inculto, malévolo ou indolente, que não sabe, não quer, ou lhe dá trabalho confrontar e cotejar os textos que o traficante oferece à sua curiosidade maligna, o dever dêsse trabalhadôr honesto é lançar de si, num grande impulso de tédio e de desprêso, o apontoado de sandices envenenadas que o bufarinheiro· lhe mete à cara, e seguir depois, com justificado nôjo por tal adversário, o seu caminho.

¿Porque me desvio eu dessa conduta, mòrmente neste já largo passo da vida em que me encontro, e no qual, pelas dolorosas lições da experiência, os homens se me representam não como os sonhára a visão remota da mocidade, mas tam-sómente como nô-los define e retrata o quadro de cada vez mais triste e escuro das suas acções?

Porque já uma vez abri uma excepção destas, diante de um baixo aventureiro do mesmo jaez. [1] E, uma vez verificado êsse precedente ilógico, o silêncio de hoje, embora merecido, não teria justificação. Seria pelo menos desairoso.

---

[1] *Benigna Verga*, Coimbra, 1907.

X

Na sua sexta censura *(pp. 18-19)* o escriba opõe às palavras—"à hora do terrível castigo, o papa não encontra no seu coração, posto que naturalmente inclinado à piedade, uma palavra só—uma só!—de misericórdia para os réprobos. . . „ —com que apreciamos as letras *in forma brevis* de Clemente XIV. que extinguem a Companhia, outras em que êste mesmo papa, e também no mesmo documento pontifício, confessa "amar os jesuitas *paternalmente* (p. 56). E, por fim, como último tiro, argúe-nos de pouca memória, fazendo-nos vêr que, um pouco adiante (p. 112) ousamos dizer que Clemente XIV. "no momento da extinção, fôra para com os jesuitas *verdadeiramente paternal.„*

Tais, segundo êste crítico, os fundamentos da nossa incoerência como historiador, e da au-

sência das nossas faculdades de análise, no que tóca à boa inteligência de documentos pontifícios.

Abordêmos, pois, a tese do homem.

Como se vê, toda a sagacidade crítica dêste charlatão, muito mais velhaco do que inteligente, gira à roda da palavra *paternal* que, ora eu, ora Clemente XIV., empregamos, visto sua reverendíssima não se permitir, por agora, a reincidência de denunciar-me à posteridade como sendo eu o autor da bula, *Dominus, ac Redemptor noster*, que exterminou o seu Instituto. E como eu diga, que nessa hora de tremenda justiça não tivera Ganganelli para com os jesuitas uma única palavra de misericórdia, e o mesmo papa confesse no mesmo documento a que aludimos, que os *ama paternalmente;* e porque, do mesmo modo, referindo-nos a êsse gésto de Clemente XIV., o tenhâmos como *verdadeiramente paternal*, daqui os louros de vencedôr de que êste padre se arreia, e a jactância com que êle produz ao seu público as provas do seu imaginário triunfo!

Todavia esta matraca do padre não passa, a um tempo, tanto no fundo como na fórma, de um mesquinho jôgo de palavras, agravado pelo miserando espectáculo de uma tentativa de falsificação.

*

Antes de mais nada, convêm observar que os períodos designados pelo jesuita, o último dos quais, por intuitos que logo farêmos avultar, aparece desmembrado dos antecedentes que o esclarecem e completam, para que dêste acto de miserável falsário resulte para o autor da façanha todo o destaque oratório da sua grosseira perfídia:—êsses períodos assim estampados pelo padre constituem duas fases do assunto, absolutamente independentes e inconfundíveis.

Na primeira, o autor não faz mais do que apresentar o texto das bulas de Clemente v. *Regnans in cœlis* (1307) e *Ad providam Christi* (1312), que preparam e confirmam a iniqùidade do concílio de Vienna, em que o papa negoceia a sorte dos Templários sob o solarête ferrado do bandido francês, contrapondo-o aos têrmos em que está concebido o breve de Clemente xiv. *Dominus, ac Redemptor noster* (1773), no qual sem nenhuma dessas pressões por que passou o pontificado romano dos princípios do xiv. século, o papa extingue a Companhia. Mais nada. Êsse confronto é eloqùente e doloroso, e o autor invectivado o faz avultar nestas palavras verdadeiras e sentidas:

—"Terrível confronto!

"Clemente v., ameaçado pela espada de Fi-
"lipe-o-Formôso que, de armas na mão, lhe pede
"a exautoração póstuma de Bonifácio VIII., assim
"como a exterminação inexorável dos cavaleiros
"do Templo:—Clemente v., duplamente perse-
"guido pela insolência e pela rapacidade do mo-
"narca francês, bem como pela atitude dúbia de
"alguns prelados da França; e, ao mesmo tempo,
"confundido com o clamôr dos libelos que, dia a
"dia, se instruem contra a Ordem de que Jaques
"Molay foi o último grão-mestre;—Clemente v.,
"dizêmos, coacto, e como que peregrinando de
"Avinhão para Bourdeaux, e de Bourdeaux para
"Toulouse, não recúa em confessar, perante quan-
"tos o ameaçam, que sómente ao concílio reserva
"a autoridade de aprovar, ou não, a sua sentença
"*—sacro approbante concilio:*—declarando ao
"mesmo tempo que é com grande dôr e grande
"amargura do seu coração—*non sine cordis ama-*
"*ritudine et dolore*—que lança sôbre a Ordem
"do Templo o decreto terrível que a vai fulminar.

"E mais:—já quando tudo parece concorrer
"para a perda e castigo dos acusados, ainda o seu
"espírito vacila; e, ao lembrar os serviços, sacri-
"fícios e práticas religiosas dos réus, como que
"hesita se tudo de quanto os acusam será exacto![1]

---

[1] Sed quia non erat verisimile, nec credibile vide-

"¿Suspeitam-se, por ventura, alguns dêstes "motivos; presumem-se mesmo alguns dêstes sen-"timentos no breve de Clemente XIV. — *Dominus,* "*ac Redemptor noster* — que extinguiu a *Compa-"nhia?*

"Não.

"¿Como na bula de Clemente V. — *Regnans* "*in cœlis* — em que o papa convóca o concílio "de Vienna para derimir a causa dos Templários, "dirige-se Ganganelli, como o seu predecessor do "século XIV., a todos os católicos, perguntan-"do-lhes qual, de entre êles, ao vêr os epítetos e "insultos que estão sendo cuspidos sôbre os acu-"sados, deixa de ter lágrimas nos olhos, ou acaso "póde sufocar o próprio pranto? [1]

"Não.»

Vejamos agora:

¿Existe entre as palavras de Bertrand de

---

batur, quod viri tam religiosi, qui præcipue pro Christi nomine suum saepe sanguinem effundere, ac personas suas mortis periculis frequenter exponere credebantur, quique multa et magna, tam in divinis officiis, quam in ieiuniis et aliis observantiis devotionis signa frequentius praetendebant... Bull. *Regnans in cœlis*. § 5.

[1] Quisnam catholicus hæc audiens, nimis non doleat et prorumpat in luctum? *Ibid*, § 12. J. C. *Op. cit.* 85-87.

Agoust, e as de Ganganelli, em momentos absolutamente idênticos e por igual decisivos, alguma linha — uma só que seja! — de identidade sentimental que as aproxime? Poderá alguem defrontar as expressões soluçantes de Clemente V. — *non sine cordis amaritudine et dolore* — de 1312, palavras que revêem lágrimas e todo um longo quadro das mais íntimas torturas morais, com est'outras de Clemente XIV. — "ita singulis ejusdem Religionis individuis, seu Sociis, *quorum singulares personas paterne in Domino diligimus*" — [1] em que apenas sôam expressões atenciosas e cortêses, que um simples sentimento de humanidade póde formular?

¿Há, ou presente-se, algum paralelo de ordem moral, entre uma e outra atitude?

¿Não pulsam, nas primeiras, a coacção, a dôr, a agonia que esmagam a alma do papa; e não se traduzem, nas últimas, apenas a deferência que a sua alta dignidade impõe? ¿Não são, as primeiras, arrancadas ao coração de Clemente V. por uma comoção estranha em que vibram ocultos clamôres de espanto e de protesto; e não acusam, as segundas, outros sentimentos que não sejam os da ponderação afectuosa, é certo, mas tambêm absolutamente formalista e fria?

---

[1] Bulla, *Dominus, ac Redemptor noster*, n. 26.

Tal é o pensamento íntimo do escritor que Rodrigues pretende infamar de contraditório, no passo para que êle chama a atenção do seu leitor inculto ou indiferente.

¿Porque nos oferece êle, desamparadas das que as antecedem e esclarecem, as palavras de uma conclusão, que assim mutilada no seu espírito de coerência, podem prestar-se aos mais absurdos e desvairados comentários?

Que miserável!

*

O outro remoque, sendo por igual insulso e sem nexo crítico, agrava-o ainda a estulta má-fé, que todo êle trascála.

Reincidindo nas suas qualidades de falsário, sem ao menos possuir os recursos que, naquele género, os grandes modelos da sua Ordem lhe ministram a cada passo amostras e exemplos, êste padre desce à ínfima vilania de truncar, em proveito do seu tema, um período sôbre o qual visa a exercitar o seu exame.

Êsse período, iluminado por uma ideia clara e dominante de justiça, é assim precedido:— "O interêsse que o papa consagra ao bem-estar "temporal dos jesuitas, após a extinção, avulta "claramente dos termos da própria bula que os

“extingue. E se êle foi *verdadeiramente pater-*
“*nal* nesse momento, evitando extremos de pe-
“núria àqueles, que sómente como amotinadôres
“do rebanho de Cristo queria punir, nenhum
“fundamento resulta para que, no que era sim-
“plesmente de ordem administrativa, se hou-
“vesse como verdugo.» [1]

Dêstes dois cerrados períodos, cujo alto espírito de verdade ninguêm poderá desmentir, permitiu-se êste degradante exemplar de kleptomania moral a imbecil gatunice de furtar aquelas duas palavras adverbiais *verdadeiramente paternal*, para as estampar isoladamente no seu chôcho aranzel. A função de lógico equilíbrio espiritual, que naqueles dois trechos de prosa tais palavras exercem, e em que o escritor visado por êste padre, imperfeitamente ladino, busca fazer reviver o alto sentimento de paternal bondade, de justa comiseração com que o papa se expressa em favôr daqueles que, embóra réus, nem por isso êle entende que estão fóra do alcance da sua piedade: — tudo isso é, para êste miserável, matéria sem merecimento nem valia, e motivo, quando muito, indigno de alguma reflexão. O que êle anda é à pesca de palavras,

---

[1] J. C. *Op. cit.* pp. 112-13.

visto não dar-lhe para mais a sua estreita capacidade cerebral.

E porque o papa Clemente XIV., depois de suprimir e exterminar a Companhia, como uma associação inconciliável com a paz da Igreja e com o socêgo dos estados, frustradas, como êle próprio confessa, todas as tentativas de regeneração moral por parte dos seus representantes; e como depois de ter falado como juiz, busque acautelar com paternais cuidados, "por meio de algum género de consolação e socôrro», a sórte dos vencidos, na esperança, embora frustrada, de que "livres de todas as contendas, discórdias e aflições de que até então se viam vexados, pudessem cultivar mais proveitosamente a vinha do Senhor, e utilizar melhor as almas [1]», o meu crítico exulta, atribuindo ao papa um grande amor à Companhia, e amando os seus sócios como um pai!

¿O que é que queria êle, que o chefe suprêmo da Igreja praticasse, após a fatal dispersão que impôs aos jesuitas? ¿Que os abandonasse à sua miséria? ¿Que os perseguisse? ¿Que os entregasse, com o ferrête dos seus crimes, à fúria dos seus inimigos sedentos de vingança, os quais desde mais de dois séculos os consideravam como

[1] Bula citada, n.º 26.

verdadeiros fautôres de todas as alterações da ordem pública? ¿O que é que Rodrigues esperava que o papa fizesse, visto estranhar que êle exercitasse sôbre os jesuitas aquella paternal caridade que a Igreja aconselha que dispensemos sempre a todos os infelizes?

De resto, os sentimentos de paternal bondade com que Clemente XIV., na hora da sua justa condenação, se despede dos membros da Companhia, sentimentos que se traduzem nas providências de carácter particular, tendentes a dar algum lenitivo aos extremos da sua desdita, são em geral os mesmos com que o poder civil, em todos os tempos, busca e buscou sempre minorar a sorte daqueles que condena. E, se nos representantes da autoridade humana são como que habituais e históricos êsses humanitários propósitos, de modo a que nunca a justiça, em seus decretos, possa parecer que comete actos de vingança ou extrêmos de rancôr, ¿que razão há para pôr em relêvo a conduta do chefe da Igreja, em face mesmo daqueles que castiga mas não quer perseguir, que pune mas não deseja maltratar, tanto mais que a instituìção que êsse chefe representa é, ou deve ser, a da personificação de todo o amôr e de todo o perdão?

¿Seria lícito, seria plausível mesmo, que César, em matéria de paternal afecto, désse, a Jesus, mostras de maior amôr?

O papa fez o seu dever, é certo; a Companhia de Jesus, aceitando os benefícios materais dessa compaixão, e começando desde êsse instante a morder a mão que lhos concedia, se não fez, como é patente, o que devia, fez contudo o que sempre fez e o que sempre fará.

A conduta, pois, de Clemente XIV. manifestada para com os jesuitas no momento em que extermina o seu instituto, nada tem de particular ou excepcional. Essa conduta é a de todas as almas bem formadas em face de todos os infelizes. Ampara-os como pai na sua miséria, mas não se comove com o castigo que lhes impõe. Conhece que tem de ser paternal para manifestar a sua caridade, como tambêm conheceu que devia ser justo quando puniu. Como juiz castigou; mas é agora como pai que acóde a suavizar a pêna que a voz da justiça lhe ditára. Pune sem pesar, embora se compadeça da sorte dos que considera infelizes, mas não inocentes.

Compare-se com esta, a conduta de Clemente V. diante da lei que fere de morte os cavaleiros do Templo.

E foi esta, sem dúvida, a evocação que se fez, a qual, por nobre de mais, ficou inacessível e fóra do alcance mental do trocatintas que hoje nos ladra de Roma.

XI

Crendo-se chegado incólume, com a sua avariada tenda de charlatão, a êste passo da emprêsa em que o meteram, o nosso abalizado crítico julga dever deixar o estilo sôrna com que até agora vem arreando os seus dislates, para começar a declamar em voz grossa as suas autênticas asneiras. Não lhe levêmos a mal a súbita mudança, cumprindo-nos tam-sómente asseverar que, tanto num, como noutro teôr da sua elocução, o espectáculo da sua penúria mental continúa a ser o mesmo.

Todavia esta variante, em que o idiota se permite lançar os seus desconcêrtos com modos doutorais, seria um alívio, embora efémero, com que o Destino vem em auxílio da minha tristêza, se as patacoadas eruditas dêste original pateta, quando assim sábiamente emitidas com fumos de

lição, não agravassem ainda mais, se é possível, a crise da minha melancolia.

Assim, êste pelitrapo de seminário mostra-se muito surpreendido ao vêr que, a p. 97, o autor contra quem êle asséstа as suas críticas, dá o nome de "decisão *ex-cátedra*", á bula de Clemente XIV. que fulmina a Companhia, isto no lance em que na mesma bula o papa alude à inesperada e repentina morte — *præter omnium expectatione* — do seu predecessôr, Clemente XIII. Que não; que não há tal "decisão *ex-cátedra*", embora o papa, como o nosso crítico não deixará de reconhecer, constitua, com êsse monumento, um decreto, cuja doutrina deve ser conhecida por todo o orbe católico.

Esta questão das decisões *ex-cátedra*, que os jesuitas confundem por cálculo com o *infalibilismo*, é um vélho tema a que a Reforma levou a Igreja de Roma, e em razão do qual, como solução, os seus teólogos se houveram de fixar sôbre as características de uma resolução papal, infalível, e aquelas que não pódem oferecer já êsse grau de certeza.[1] As dificuldades, para definir com segurança uma decisão desta ordem,

[1] Langen, *Das Vatican Dogma*, IV., 93-97.

acha-as Döllinger incontestáveis. [1] Ora, essas características contêem-se lógica e intrínsecamente no documento pontifício em que o papa "com certa sciência e com a plenidão do poder apostólico„ [2] extingue a Companhia. "Desde que um papa — diz ainda o grande canonista alemão [3] — quer *por impulso próprio*, quer como resposta às questões ou dúvidas que lhe são submetidas, *se expressa sôbre um ponto de doutrina*, êsse papa falou *ex-cátedra*, isto é, doutrinalmente.„ Assim, a bula de 1773, de Clemente XIV., sendo uma resposta que desde dois séculos a sociedade humana vem solicitando dos soberanos pontífices, quer por intermédio dos seus representantes coroados, quer ainda pela súplica veemente das suas universidades, por não poder tolerar-se por mais tempo a anarquia mental, e, conseqùentemente, doutrinal, que as interpretações casuísticas e refalsadas da Companhia trazem à cristandade, [4] essa bula é, na sua essência educativa, uma *decisão ex-cátedra*; e não só porque da ùnidade do ensino teológico se ocupa, e cuja in-

---

[1] Döllinger, *Op. cit.* Kap. III. § 5.

[2] *ex certa scientia. et plenitudine potestatis apostolicæ.* Bula de 1773, loc. cit. n. 25.

[3] *Op. cit. eod. loc.*

[4] Bula cit. n. 31.

tegridade doutrinária profundamente abalada pela sciência jesuítica busca restabelecer, mas também porque é a todo o orbe — *universo orbe* — que ela se dirige. É preciso que Roma fale, restituindo à sua original pureza, não só toda a moral, como toda a doutrina do Evangelho. O próprio papa confessa na referida bula — com grandíssima dôr do seu coração — que, "para o efeito de se dissiparem e arrancarem tantas e tam graves inquietações, acusações e queixas, quási nenhuma eficácia e vigôr tiveram os remédios do passado, ou ainda as providências dos últimos tempos *(n. 21)*." A desordem continuava; a demasiada cubiça dos bens terrenos recrudescia *(n. 20)*; o jesuita faz-se mercadôr e traficante, levantando-se contra os Ordinários dos logares, contra as Ordens religiosas, contra os logares pios, e contra todo o género de comunidades, excitando na Europa, na Ásia e na América um extraordinário movimento de protesto *(n. 21)*.

É a confissão da incorrigibilidade dos sócios da Companhia, e, ao mesmo tempo, a necessidade augusta da intervenção papal.

Mas alêm dêstes motivos de ordem exclusivamente social e política, há outros de ordem doutrinal e dogmática. O papa os aponta, e a História os confirma e regista. Èsses motivos são: — "a inteligência e prática de certos ritos

gentílicos, que em alguns logares estava pelos jesuitas sendo ensinada e admitida, preteridos assim os outros ritos solenemente aprovados pela Igreja universal; já sôbre o uso *e interpretação das doutrinas e sentenças que a Séde Apostólica justamente condenára como escandalosas e nocivas à boa doutrina dos costumes;* já, em último logar, *sôbre outros pontos que certamente são de grandíssima importância, e muito necessários para se conservar e pôr em salvo a purêza dos dogmas católicos. (n. 21).„*

¿Prestando assim ouvidos a tam reincidentes brados, que imploram providências para um estado em que vai confundida, a par da unidade do dogma católico, toda a integridade e harmonia do poder civil; e pronunciando-se sôbre tam altos problemas, como chefe da Igreja, não estará Clemente XIV. falando *ex-cátedra?*

Na clara e evidente censura de tantos excessos, como na justa punição com que o pontífice castiga os que os originam e lhes dão côrpo, ¿não está, patente e expressa, a verdade dogmática, que o papa não innóva, é certo, mas que em puro e justo serviço da dignidade da Igreja tam-sómente restaura?

Não se trata aqui do *infalibilismo* — fase odiosa e absurda do poder papal, sem tradições na Igreja, nem autoridade histórica ou dogmática digna de aprêço; trata-se tam-sómente de

uma decisão do mais alto poder dessa mesma Igreja, fixando princípios e estabelecendo censuras: — decisão suprêma, destinada a ser ouvida por todos os fieis. Não é nem uma exortação, nem uma súplica; é um veredicto doutrinário, filho do pleno poder apostólico e sciência certa, que obriga a cristandade inteira; e, conseqùentemente, uma decisão *ex-cátedra*.

*

Na mesma ordem de ideias, ou antes, na mesma desordem de asneiras, Rodrigues não quer que o autor incriminado referindo-se à Companhia de Jesus *(p. 72)* e tomando aquele agregado religioso numa acepção puramente genérica, lhe chame "Ordem monástica.„ E, como incapaz de compreender o espírito de generalização que nessa frase se encerra, dá-nos a novidade de uma correcção que, por estar ao alcance de toda a gente, bem podia êle ter percebido que o autor, se a não utilizou, foi simplesmente por que não quis.

E, pôsto isto, volta à sua habitual esgrima de palavras, último recurso dos patetas que, de todos os assuntos que lhes passam ao alcance da visão, sómente se contentam em se agarrar ao que neles existe de mais aparente e superficial.

O mais inculto leitôr, porêm, daquela passagem terá certamente visto, que a adjectivação verbal que ali se ostenta, não incide senão sôbre o género de congreganismo a que naquele logar se alude, e não à espécie, que só imbecís poderão vêr em semelhante ponto representada.

No seu belo e recente estudo sôbre a Companhia de Jesus, considéra M. E. Vollet os jesuitas como representando "a quinta evolução do *regime monástico*." [1] O mesmo faz o alemão Ochs, na sua formidável tese sôbre aquele tema, inserta na *Enciclopédia teológica*, de Wetzer, já por vezes aqui referida. [2] ¿Ignorariam, êstes dois poderosos escritôres, que os jesuitas são *clérigos regulares* e não *monges?*

Porque embora se decórem com o nome de *padres*, os jesuitas são a derradeira vibração do antigo espírito monástico. São o monaquismo secularizado. E é natural, e sobretudo coerente. ¿Não é o monaquismo, diz ainda Ochs, [3] uma instituição, filha do espírito cristão, tendente a realizar, a um tempo, a mais ampla aspiração do Evangelho, e o fim do homem sob uma *fórma particular*, cujas bases são os votos da pobrêza

[1] *La Grande Encyclop.*, vb. *Societé de Jésus.*

[2] *Loc. cit.* vb. *Monachisme*, p. 211. 2.

[3] *Loc. cit.*

voluntária, da obediência inteira, e da castidade perpétua? ¿E não está, a Companhia de Jesus, ao menos ostensivamente, compreendida nos elementos constitutivos dêsse grupo? Não o completa ela, postoque já, como os theatinos, os barnabitas, os oratorianos e os padres da missão, sob uma fórma particular e especial, que nos seus traços gerais nos estão ainda denunciando a sua origem monástica? ¿Embora constituida de clérigos, não é a Companhia uma ordem mendicante? Não são monges, é certo; mas nem mesmo, na sua qualidade de clérigos regulares, deixam de estar sujeitos aos votos monásticos. [1]

De resto ¿não inclúi o próprio concílio de Trento, [2] as suas casas e residências no *mare magnum* geral dos conventos, mosteiros, colégios, e casas de quaisquer monges *(domibus quorumcumque monachorum)* sôbre cuja disciplina entende dever alongar a vara da sua refórma? ¿Referindo-se a Belarmino, não escreve Héfélé, na *Enciclopédia teológica* de Wetzer, já aqui tantas vezes citada, que êle, embora jesuita, "resta sous la pourpre de cardinal *l'humble*

---

[1] Sie nannten sich nicht Mönche, sondern regulare Kleriker: sie waren Priester mit Mönchsgelübden. Ranke, *Die römischen Päpste, Bd.* I. B. II., 115, Leipzig, 1900.

[2] Sess. XXV. C. XXII.

moine?„ [1] ¿Como converterá Rodrigues, a português, esta palavra *moine?* ¿Será o mesmo que *prêtre?*

Que farrapão!

*

E uma vez em maré de logares comuns, não admite que ao breve de Clemente XIV.—*Dominus, ac Redemptor noster*, alguêm ouse dar o nome de bula. Que não! por isso que o mesmo papa, e ainda no mesmo ano, em seu breve *Gravissimis ex causis*, lhe chama breve. E define bula como "a fórma solene das constituições pontifícias para os *negócios* de maior importância; e breve "geralmente empregado nas *coisas* de pouca monta.„ [2]

O nosso pobre canonista, postoque desta feita engrosse a voz, não prova nada. Os termos usados pela chancelaria pontifícia, em relação ao monumento a que nos estamos referindo, não lhe destróem nem altéram a natureza diplomática. Podia Roma chamar-lhe *rescrito*, ou *motu próprio*, que nem por isso êsse notável documento, sem

---

[1] *Loc. cit.* vb. *Belarmin.*

[2] F. R. *Op. cit.* p. 20, (8.

dúvida o maior do seu século, deixaria de ser o que realmente é: — Bula *in forma brevis*, isto é, *bula*, pela gravidade essencial do assunto que trata e das importantíssimas questões que resolve; e *breve* pela contextura canónica dos termos em que está redigido. Isto não contêm mesmo a menor novidade para o mais humilde aluno de diplomática.

A extinção de uma Ordem regular foi sempre assunto da maior importância, ainda quando, como nos fins do século XVIII., a perfeição moral dêsses organismos religiosos fôsse já cousa muito pouco de respeitar. E assim como a instituição dessas comunidades só em raríssimos casos é feita por um breve, do mesmo modo as letras que as extinguem, seja qual fôr a fórma diplomática que revistam, não podem de maneira alguma ser consideradas na sua dupla essência jurídico-canónica, senão como autênticas e verdadeiras bulas. Clemente V. é quem, no assunto, nos dá, com a sua bula *Ad providam Christi* (1312), que extingue os Templários, uma perfeita lição de direito pontifício. É justo e coerente. Um concílio — o concílio de Troyes, de 1127 — lhes reconhecêra a regra; um papa — o papa Alexandre III., pela sua bula *Omne datum optimum*, de 1181 — lhes déra carácter sacerdotal e lhes sagrára os serviços: — uma bula sómente os devia extinguir. E assim foi.

E, se depois do século XIV., outros pontífices, como Pio V., Urbano VIII., Inocêncio X., e ainda Clemente IX. deram às suas decisões de igual natureza o nome de *litteræ in forma brevis*, nem por isso a essência canónico-jurídica dêsses monumentos se alterou. O contrário disto seria admitir o absurdo doutrinário, senão até inconciliável com todas as regras da boa coerência jurídica, o qual nos levaria a praticar um acto incompatível com os ditames do mais rudimentar bom-senso, isto é: que a decisão de um concílio, e ainda a autoridade de uma bula, pudessem, em qualquer tempo, ser revogadas por um simples breve. E é isto mesmo o que pretende demonstrar o meu ignorantíssimo adversário, insistindo em sustentar que a bula de Paulo III. *Regimini militantis Ecclesiæ,* que fundára a Companhia de Jesus, possa ser revogada pelo breve de Clemente XIV., *Dominus, ac Redemptor noster*—breve puro e simples, tanto na essência como na fórma, tanto na substância como no texto, e que quem lhe chama bula comete um êrro.

Inacessível, por incapacidade congénita, ao estudo das razões morais, puramente lógicas, que regulam fenómenos desta natureza, êste homem cretinizou na subserviência directa ao facto; e, assim, nesta absoluta subalternidade mental, só por fórmas e impulsos materiais sabe dirigir-se e proceder.

No entanto, contra o que êste pateta declama, em assômos de quem presume estar enunciando cousas transcendentes, a cada passo, entre juristas e canonistas estrangeiros, o breve de Clemente XIV., *Dominus, ac Redemptor noster*, o vêmos apontado como bula. [1] Entre nós sucede o mesmo. Na correspondência diplomática, trocada entre os ministros do principe regente, ao

---

[1] Ainda que de passagem, referirêmos a tradução para português da *História Universal da Igreja*, do Dr. João Alzog, obra publicada com a aprovação e sob os auspícios do Episcopado Lusitano. Aí, no seu III. vol. pp. 277 e 314, o breve clementino de 1773, *Dominus, ac Redemptor noster*, é uniformemente considerado bula. O historiador italiano, F. Patrucelli Della Gattina, na sua obra monumental *Histoire Diplomatique des Conclaves*, IV. vol., ch. VIII, p. 199, diz — "... *la bulle du 21 juillet 1773*, "Dominus, ac Redemptor„, la pièce la plus motivée, la plus habile de tout le bullaire.„ A p. 201, ch. IX., do mesmo modo lhe chama bula: — "*La bulle du 21 juillet* est le requisitoire le plus complet contre les crimes de la Société de Jésus.„ Paris 1866. Huber chama-lhe *sempre* bula. Numa pastoral, que o bispo de Mallo Siestrzencewicz, citada por êste mesmo Rodrigues *(p. 67, nota)* o breve *Dominus, ac Redemptor* é designado como bula: — "ut D. N. Clementissimæ Maiestatis suæ causa Bullam, quæ incipit *Dominus, ac Redemptor*...„ O mesmo Rodrigues, ao passo que no tôpo da página lhe chama *breve*, na nota com que autoriza o seu discurso consente que lhe chamem *bula*. ¿Porque não protesta?

diante D. João VI., o marquês de Aguiar, e D. Miguel Pereira Forjaz, e o representante de Portugal em Roma, José Manoel Pinto de Sousa e o delegado apostólico de Sua Santidade, Mgr. D. Vicente Machi, em 1 de abril, [1] e 13 de outubro de 1815, [2] em que o govêrno português nega

---

[1] "Tendo chegado ao conhecimento de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente, meu Senhor, a disposição do Santíssimo Padre Pio VII., publicada na sua Bula de 7 de Agosto do ano passado, que começa pelas palavras *Sollicitudo omnium*, pela qual julgou Sua Santidade a bem fazer reviver a extinta *Companhia de Jesus*, derrogando pela maneira expressa na citada Bula, tanto quanto cabia na autoridade da Igreja, *a outra Bula do Santíssimo Padre Clemente XIV. de gloriosa memória*, que começa pelas palavras *Dominus, ac Redemptor nostor...*" Palácio do Rio de Janeiro, em 1 de Abril de 1815. (a) Marquês de Aguiar. *Arq. dos Negócios Estrangeiros*. Registo.

[2] "Em conformidade das ordens imediatas, que Sua Alteza Real o Príncipe Regente, meu Amo, foi servido mandar a êste Govêrno. por Aviso do Conselheiro de Estado, ministro assistente ao despacho do Gabinete, Marquês de Aguiar, datado do Rio de Janeiro a 28 de Abril próximo passado, cumpre-me participar a V. S.ª, por determinação do mesmo Govêrno, que tendo chegado ao conhecimento de Sua Alteza Real a disposição do Santissímo Padre Pio VII.. publicada na sua Bula de 7 de Agosto do ano precedente, que começa pelas palavras *Sollicitudo omnium*. pela qual julgou Sua Santidade a bem fazer reviver a extinta *Companhia* denominada *de*

o beneplácito régio à bula de Pio VII. *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, de 7 de agosto do ano anterior, que reintégra os jesuitas, em nenhum dêsses documentos oficiais se dá o nôme de *breve* às letras apostólicas com que Clemente XIV., quarenta e um anos antes, os extinguiu. Nem uma só vez! Igual critério se observa na *Colecção dos Negócios de Roma no Reinado del-Rey D. José I. Ministério do Marquês de Pombal, e Pontificado de Clemente XIV.* (1769-1774), a onde a páginas 190, [1] se precede a famosa sentença pontifícia desta elucidativa rúbrica: — "*Bula* da extinção e supressão da sociedade dos clérigos regulares denominados jesuitas,, — sem embargo da sigla *littera in forma brevis*, que se lhe segue.

Que pêna, tanto os ministros do príncipe regente, como o analista da *Colecção dos negócios*

Jesus, derrogando pela maneira expressa na citada Bula, tanto quanto cabia na autoridade da Igreja, *a outra Bula do Santíssimo Padre Clemente* XIV., de gloriosa memória, que principia pelas palavras *Dominus, ac Redemptor noster*, . . „ Palácio do Govêrno, 13 de Outubro de 1815. (a) D. Miguel Pereira Forjaz. *Loc. cit.*

[1] Parte III. n. XXXI. Na mesma *Colecção* (P. I. doc. I. e II.) se dá, alternadamente, ora o nome de *breve*, ora o de *bula*, ao breve de Benedito XIV., *Immensa Pastorum*, de 20 de dezembro de 1741.

de Roma, do tempo de D. José, não terem tido a seu lado, quando versaram tam altas matérias, êste sapateiro de roupêta, para êle lhes dár o seu quinau, ensinando-os, com a assistência do seu Prepósito, a definir canonicamente a essência jurídica daquelas letras pontifícias!

Alêm disso, a própria bula de Pio VII., *Sollicitudo omnium ecclesiarum,* se encarrega de responder às fugidias e arteiras dúvidas do nosso contraditor. Um breve não se derroga por uma bula, pela mesma razão que uma portaria se não revoga por uma lei. Um decreto, ou uma outra portaria basta. E a prova de que na chancelaria romana dos princípios do século XIX., se não considerava, *in strictis juris,* a essência doutrinal das letras apostólicas de Clemente XIV., *Dominus, ac Redemptor noster*, como constituindo matéria de um simples breve, embora a sua aparência a isso possa induzir-nos, está em que, para a revogação da autoridade dêsse mesmo breve, o papa não opõe outro breve, como seria procedente se o assunto não fôsse tam grave, mas sim uma bula soléne, *sub plumbo*, como no caso se requeria e era devido.

Verdadeiramente elementar, e de simples coerência jurídica, esta questão, de um alcance intuìtivo, torna-se inacessível à capacidade mental de Rodrigues. Para êle, tanto na essência como na fórma, o monumento pontifício de 1773

deve ser tido *sempre* por um breve. ¿E por quê? Porque a constituìção da Companhia, em 1540, é que foi *um negócio importante*, e, conseqùentemente, reclamava bula; ao passo que para a extinguir em 1773, por ser já *coisa de menor monta,* bastava, tanto na fórma como na essência, um breve.

Assim, no córneo conceito dêste idiota, um instituto religioso sómente é *negócio de importância* quando se funda; no momento da sua dissolução passa logo ao rol das *coisas de menor valia.* As próprias palavras, de uma indigência técnica absoluta, verdadeira técnica de merceeiro com que êle amortalha estas asneiras, definem-lhe a capacidade mental. Na primeira hipótese, a fundação de uma Ordem religiosa *é um negócio;* na segunda, *é uma coisa.* Sendo o objecto o mesmo, um exige bula, o outro pede breve.

Não; o caso não é bem assim. O papa Clemente XIV., revogando a bula de Paulo III., não devia servir-se nem de um breve, nem de uma bula; o que devia fazer era empunhar aquele instrumento de justiça com que Jesus expulsou, um dia, os vendilhões do Templo. Foi precisamente isso o que praticou o marquês de Pombal, quatorze anos antes de Roma falar como falou.

Era o caminho a seguir.

XII

Sômos chegados agora a uma das mais tôrpes façanhas dêste trocatintas. Trata-se de uma grosseira falsificação da matéria incriminada, de modo a que a burla por êle assim produzida, possa servir ao falsário como que de estribo às suas arteiras conclusões. Desta sórdida aventura até os menos lidos podem ser juizes.

Vejamos pois:

Desde o princípio do capítulo VIII., [1] que vimos tratando, no nosso estudo sôbre os jesuitas, e numa cabal e absoluta concordância com os mais autorizados mestres na matéria, aqueles temas que se prendem com os esforços de toda

---

[1] L. I. pp. 127-139.

a ordem, que a Companhia vem porfiadamente empregando para estabelecer o princípio da absoluta autoridade do papa. A porfia assume verdadeiras proporções de luta, para lhe não darmos o nome de batalha, dentro do concílio de Trento, e designadamente dois dias antes da sua segunda sessão (13 de janeiro de 1546), quando alguns prelados invocam as puras tradições da Igreja, nobre e altivamente mantidas nos concílios de Pisa, Constança e Basileia. A partir dêsse dia, a questão toma tal corpo, e a insolência dos jesuitas reveste aspecto de tal audácia, que dezassete anos mais tarde, Lainez, [1] já então Geral da Ordem, com a sua habitual arrogância, chega a afirmar em plena assembleia que o papa, em matéria de constituição e de autoridade, vale tanto como Jesus Cristo; e pelo que respeita à Igreja, ela não é já a desposada do mesmo Senhor, senão que tam-sómente a sua escrava.

O plano da Companhia, a êsse tempo, corria já a descoberto. Para se apoderar do papa, urgia antes de mais nada valorizar a prêsa. Sem um pontífice, senhôr absoluto da Igreja, o prestígio da hóste negra que buscava dominá-lo resultaria incompleto e sem fruto. Para que o jesuita

---

[1] Discurso pronunciado durante a vigência da XXII. sessão (16 de junho de 1563) Conf. Sarpi, L. VIII. §. 15.

sirva o papa, e que o aproveite e utilize em favor dos seus interesses, importa, e muito, que o papa seja omnipotente. Cumpria, por tanto, elevar a autoridade pontifícia, não só à suprêma gerarquia de império, mas tambêm á categoria de *infalível*.

Assim, pois, e nesta ordem de ideias, escrevêmos:

—«O que importava, e muito, à Companhia, "era que a autoridade do papa ficasse indiscuti-"velmente acima da autoridade do concílio, re-"jeitando-se para todo sempre a proposição que "nos primeiros dias daquela vasta assembleia "fôra apresentada pelos bispos sinceramente vo-"tados ao ideal de uma profunda e urgente re-"fórma, e que visava a considerar os prelados "a ela assistentes como os verdadeiros e genuínos "representantes da Igreja universal: — *Ecclesiam* "*universalem representans*. [1] A êsses, cêdo se "lhes deu ou o nome de *lutheranissimi*, [2] ou o "de *caluniosos*, *injuriosos* e *scismáticos*, con-"fórme o critério que, em tal lance, soube man-"ter o cardeal De Monte, contra as justíssimas

---

[1] Rejeitada logo após a segunda sessão de 7 de janeiro de 1546 *(a 11 e 13)*.

[2] Massarelli, *Diarium*, 11 de janeiro de 1546. Döllinger, *Zu Gesch. d. C. v. Trient*. I. S. 226.

“apóstrofes dos bispos de Astorga, de Fresole “e de Chioggia.

«Preparando, assim, a omnipotência papal, “a Companhia mostrava-se previdente. *Esta teo-“ria é levada pelos jesuitas aos* MAIS ABSURDOS “EXCESSOS, *chegando Belarmino a sustentar no “seu livro* “De Summo Pontifice capite totius “militantis Ecclesiæ„, que *quando mesmo o Pon-“tifice* CHEGASSE A CAIR EM UM ÊRRO TAL, *que “viesse a condenar todas as virtudes, e impôr “a observância de todos os vícios, a Igreja, sob “pena de pecado, devia, em consciência, ficar “acreditando que, só os vícios constituem virtu-“des, e que só as virtudes constituem vícios.»* [1]

Como se vê, a autoridade de Belarmino não vem aqui senão como que a confirmar, por meio de um raciocínio *a contrario sensu*, a teoria jesuítica da omnipotência do poder papal. As simples, mas elucidativas palavras que precedem o exemplo tirado do oráculo da Companhia, e que nós formulamos no prudente conceito ali expresso de — *quando mesmo o pontífice chegasse a caír em um êrro tal* — estão como que preparando e advertindo o leitor, ainda o menos atilado, para o absurdo que se lhe vai seguir. Êsse conceito

[1] *De Romano Pontifice*, IV. c. 5.

vem decorrendo desde a página 133, numa sucessão e dedução de ideias, a um tempo claras e simples, até o quadro da renhida e agitada luta que os jesuitas véem ferindo em Trento a favor das suas duas grandes conquistas: — a monarquia absoluta do papa, como cabeça suprêma de toda a Igreja militante — e diante de cuja autoridade ao concílio não reste outra obrigação senão a de formular um *sim*, [1] como chancela do pontífice; e a fábula, sem a menor consistência nem canónica nem histórica, do ***infalibilismo***. A concatenação lógica e recíproca dependência de todos êstes períodos impõem-se. A fórma dialética do argumento de Belarmino, que os encerra, não só vem exposta sob os mesmos princípios lógicos em que o seu autor se inspirára, como aparece a corroborar aquela mesma ordem de ideias de que fazemos sempre o principal esteio das nossas opiniões.

Pois bem: o jesuita não só inscreve apenas, no seu pasquim, a parte final do corpo doutrinário sôbre que vem lançando todo o veneno das suas insinuações, destruindo dêste modo, e propositadamente, toda a unidade de conjunto daquele assêrto, mas leva ainda a sua petulância de falsário a suprimir, na transcrição que faz, as pala-

---

[1] Sarpi, *L. VII. §. 24, n. 25.*

vras que o precedem, e que no assunto lhe são fundamentais!

Dêste modo pois, ao argumento de mera e absurda hipótese que formulamos, e que, como tal, fômos buscar ao livro de Belarmino a que se alude, tirou êle todo o carácter de petição de princípio que êsse argumento contêm, para nô-lo devolver, depois de desfigurado por sua conta, com todas as côres de uma grosseira afirmativa! E, como êsse argumento assim mutilado, e portanto absurdo, não possa nem deva ser atribuido ao grande campeão jesuítico do século XVI., é a nós, e à incoerência da nossa crítica, que o vilão pretende fazê-lo imputar!

Que biltre!

*

A baixa falcatrua dêste traficante vem dêste modo exarada, a páginas 20 do seu imundo aranzel.

Começa assim:

— "4) No empenho cego de atribuir aos jesuitas as maiores infâmias, teve o arrôjo de escrever a p. 134, que chegaram êles com a sua doutrina *aos mais absurdos excessos,* a ponto de Belarmino sustentar que se o Papa "viesse a condenar todas as virtudes, e impôr a observân-

cia de todos os vícios, a Igreja, sob pena de pecado, devia em consciência ficar acreditando, que só os vícios constituem virtudes, e que só as virtudes constituem vícios.»

Que pandilha!

Na passagem em que nos referimos concretamente à *questão da omnipotência do poder pontifício*, que os jesuitas por interêsse próprio levam *aos mais absurdos excessos*, o falsário arranca à tese toda a objectividade da matéria que se controverte, e escreve singelamente as palavras *sua doutrina!* ¿Que doutrina? Toda a doutrina certamente, concluirá o leitor menos apercebido. Ora é essa confusa conclusão aquela que o gaiato busca fazer deduzir!

Feito isto, logo a seguir, na exposição do argumento de Belarmino por nós apresentado, o trapalhão suprime as palavras fundamentais que o antecedem, e que são: —"que quando mesmo *o pontífice chegasse a caír em um êrro tal* que, em razão dele, *viesse a condenar &...*", para iniciar a transcrição por outras, de carácter afirmativo, de indústria a dar à nossa asserção um autêntico e indiscutível cunho de conformidade!

E, por último, o troquilha, buscando tirar todo o efeito da sua manobra, sai-se com esta: —"o escritor tresleu, e só deu mostras de que, ou não sabe latim, ou não percebe aquela espé-

cie de argumentação que as escolas chamam *ab absurdo.*„

Nós, reproduzindo o texto incriminado com o mesmo espírito *de absurdo* que o seu autor lhe imprimiu, nós é que treslêmos! O pandilha, com as mãos ainda sujas da traficância, é que nos joga as parelhas do seu remóque!

¿Já viu, alguêm, um trapalhão assim? Mutíla a seu sabôr um texto sôbre que pretende exercitar as suas artes; e depois, com uma cara de ínfimo bandalho, trata de tripudiar sôbre o efeito da sua velhacada!

*

Seguro, assim, do êxito da própria solércia, a qual lhe permite supôr que nenhum leitor se aperceberá, para a leitura da sua degradante prosa, do livro que êle assim busca deprimir, de modo a opôr às manhas da sua crítica o testemunho claro do mais eloqùente desmentido, o velhaco folga com os efeitos da sua patifaria, no antegôzo imbecil de que terá, entre beatas, aquele ruidoso aplauso que conquistou.

Verificadas, assim, as suas qualidades de polemista desleal e falsário, ¿será permitido a um trabalhador honesto descer, sem desdouro pró-

prio, até o covil em que êle escabuja, ainda quando para quebrar-lhe os dentes?

¿Alguêm o faria nas nossas circunstâncias?

*

No entanto Belarmino podia muito bem, e muito à vontade, ter escrito aquelas palavras, ou outras semelhantes, e não já como um argumento *ab absurdo*, como êle as expõe no seu tratado sôbre o poder absoluto do papa em face da Igreja militante, e que nós, nessa mesma qualidade, reproduzimos. Podia fazer isso, ou muito mais, despindo os seus raciocínios de todo o cunho de paradoxo, expondo-os como matéria assente e reconhecida dentro dos limites da sua melhor teologia política. Como jesuita, aquele ilustre cardeal não nos daria com isso nenhuma novidade, nem a sua tese nos causaria a menor surpresa. Desde que é um oráculo da Companhia de Jesus, quem fala, o nosso espírito sente-se naturalmente dispôsto a esperar toda a espécie de mistificação. É que os sombrios abismos da teologia moral desta associação religiosa encerram prodígios de tanta abominação e materiais de tam extraordinários e detestáveis excessos, que dificilmente a acção mais depravada ou o

gésto mais revoltante deixará de encontrar ali aplauso ou defensor.

É assim, que o jesuita Casnedi [1], versando o caso apreciado pelo seu douto irmão, o padre Laymann, sôbre a influência dos maus habitos na prática de um crime, no qual a inadvertência, filha da paixão, tira ao acto, pela ausência do raciocínio, toda a imputação de verdadeiro pecado mortal, Casnedi chega à conclusão de que todo aquele que, sob o impulso de um êrro doutrinal invencível, fôr levado a crêr que, tanto a mentira como a blasfêmia são do agrado de Deus, êsse tal, blasfemando ou mentindo, *não peca.* [2]

Daqui, a conclusão que o mencionado teólogo estabelece, em razão da qual todo aquele que se convencer de que o culto de Deus é proíbido, está por êsse motivo igualmente dispensado de o observar ou seguir. Erra na boa-fé. Por último, alargando a mão, afiança-nos, o mesmo jesuita, a sua convicção de que, no Dia de Juízo, Jesus Cristo há-de dizer a muitos eleitos: — "Vinde, entrai no reino que vos está preparado, embora hajais assassinado, blasfemado e roubado

[1] Crisis theologica. Lisbôa, 1711. I., *disp. 6, sect. 2.* § 1.º nr. 59, p. 174.

[2] Teol. moral, L. I. tr. 2, c. 3, nr. 6.

&c., seguros na invencível crença de que, procedendo assim, cumprieis o vosso dever.„ [1]

Todas estas opiniões, por mais monstruosas e extravagantes que nos pareçam, são sustentadas com maior ou menor audácia, [2] por Escobar, Tamburini, Reginaldo, De Lugo, Fillintius, e por outros insignes teólogos da Companhia de Jesus; e não já como um argumento *ab absurdo*, como se conduz Belarmino na sua tese sôbre a omnipotência do poder papal. Nada disso. Elas não constituem hipóteses pessoais *à contrario sensu*, nem argumentos *ab absurdo*, como nas escolas se diz: elas são autênticos conceitos, irrefragáveis afirmações da mais pura teologia moral da Ordem, na mais abominável das suas restrições —*o pecado filosófico*. Elas assentam na clássica blasfêmia jesuítica, que consiste em fazer um jôgo repugnante, uma espécie de gimnástica tôrpe, em matéria de intenções.

---

[1] Racine, *Abrégé de l'Hist. ecclés.* XI. art. 19. §. 9, p. 413. Huber, *Op. cit.*, c. VI. p. 290-291, *Die Lehre von der philosophischen Sünde*.

[2] Huber, *ibid*

*

¿Valeria a pena, que o nosso trocatintas se abalançasse à prática das sujas trapaças que acabamos de verificar, desde que a tal proposição *ab absurdo*, de Belarmino, em face das inauditas monstruosidades a que acima aludimos, não passa de uma insulsa e mesquinha banalidade?

Porque se no primeiro dêstes casos nos encontramos em presença de um extravagante episódio, em que o papa aconselha, em razão de especiais motivos, a prática do êrro, como podendo constituir essa prática um acto de virtude; no segundo, vêmos a Jesus Cristo, nesse último Dia de toda a Justiça, abrir as portas da eterna Glória, e as mil venturas do seu reino, a uma turba composta de assassinos, blasfêmos e ladrões! ¿E por quê? Por um pequeno equívoco da sua crença; por um desculpável mal-entendido das suas intenções!

E tudo isto, não já com o voto individual de um extravagante moralista anónimo, sem autoridade nem imputação; tudo isto com o parecer virtual e aquiescente da Companhia de Jesus, a cujo grémio pertencem tais doutores!

¿Ignorava, o padre Francisco Rodrigues, tudo isto, quando se maravilhava com o pouco, que no abismo dos mais criminosos conceitos esboçâ-

mos, e ainda sob a fórma cauta de um argumento *à contrario sensu?* ¿Qual dêstes dois absurdos será o maior? Entre o papa, que aconselha o mal, e Jesus que abre as portas do Paraíso a ladrões e assassinos confessos, ¿quem é o mais condenável?

Êste jesuita não é já a escória dos críticos; êste jesuita é tambêm a escória da sua espécie, o lixo da sua corporação.

XIII

Agora, nesta quinta estação (p. 21 — *divisão* 5) temos, com uma nova pausa, uma asneira nova.

Havendo retrocedido de páginas 134 a páginas 79, o salto do jesuita é agora apenas de 55 páginas. Não é grande para quem, como êle, em matéria de interpolações e pulos, se nos vem desde muito revelando como um autêntico sucessôr do famigerado Franca-Trippa.

Assim, vêmo-lo verdadeiramente embasbacado perante esta nossa afirmação: — "Clemente XIV. impõe aos jesuitas que, em tempo algum, embóra secularizados, possam ser admitidos ao ministério de ensinar." E fazêmos referência, neste passo, ao n. 31 da bula de 1773.

Sôbre êste tema, o arlequim dá várias cambalhotas, concluindo por grunhir que não percebemos o latim pontifício.

Um crítico dotado de mediana probidade teria ajuntado desde logo, ao apodo, o texto original sôbre que, em seu alvitre, assentaria o êrro da nossa glosa. Êle não faz isso; contenta-se em exibir umas pilhérias: — pilhérias lá da casa, em que a sandice se enfarda com a insulsêz.

Ora, a passagem por nós invocada no texto incriminado reza textualmente assim: — "Volumus præterea, quod si quis eorum, qui Societatis institutum profitebantur, *munus exerceat erudiendi in litteris juventutem, aut Magistrum agat in aliquo collegio, aut schola, remotis penitus omnibus a regimine, administratione et gubernio* iis tantum in docendi munere locus fiat perseverandi et potestas, qui ad bene de suis laboribus sperandum signum aliquid præ se ferant, *et dummodo ab illis alienos se praebeant disputationibus, et doctrinæ capitibus, quæ sua vel laxitate, vel inanitate gravissimas contentiones et incommoda parere solent, et procreare; nec ullo unquam tempore ad hujusmodi docendi munus iis admittantur, vel in eo, si nunc actu versantur, suam sinantur praestare operam, qui scholarum quietem, ac publicam tranquillitatem non sunt pro viribus conservaturi.*„

E, como muito bem póde suceder, que êste pio algibebe de teologias várias, não obstante as literatices de que se arreia seja, quanto a latim,

da laia daqueles pontífices romanos que, apesar da sua qualidade de *infalíveis*, mal conheciam os primeiros rudimentos da gramática, chegando o franciscano espanhol, fr. Afonso de Castro, a perguntar como é que tais idiotas podiam abalançar-se à interpretação das sagradas letras [1]: — e como póde muito bem ser que isto agora sucêda, abaixo oferecêmos a tradução, que ao citado excerto do documento pontifício corresponde:

— "Queremos, outrosim, que entre aqueles que professaram o instituto da *Companhia, e exercitarem o ministério de ensinar a mocidade, ou de mestre em algum colégio ou escola, com tanto que sejam todos removidos do regime, administração e govêrno delas, se deixem perseverar no magistério sómente aqueles que do seu trabalho derem boas esperanças; e contanto também que êles se mostrem e portem apartados daquelas disputas e pontos de doutrina, que pela sua relaxação ou futilidade costumam produzir gravíssimas contendas e incómodos; que em nenhum tempo sejam admitidos ao ministério de ensinar, ou que se actualmente o*

[1] *Constat plures eorum* (Pontifices) *adeo illiteratos esse ut grammaticam penitus ignorent. — Qui fit, ut sacras literas interpretari possent?* Adversus hæreses. ed. 1539 f. 8. b.

estão exercitando, se não deixem neste particular ter algum influxo ou ingerência, aqueles que com todas as fôrças não houverem de conservar a quietação das escolas e a tranqùilidade pública.„

Quem se lembra de opôr como desmentido às nossas palavras—*Clemente* XIV. *impõe aos jesuitas que, em tempo algum, embora secularizados, possam ser admitidos ao ministério do ensino*—o texto original das letras pontifícias que acabamos de expôr, se é certo que o podemos presumir com capacidade suficiente para contrapôr a cada expressão latina um melhor ou pior eqùivalente português, de modo algum nos autoriza a supôrmo-lo em termos de, em matéria tam clara e tam lucidamente exposta, haver alcançado o pensamento doutrinal, fundamental mesmo, que naquela sentença se contêm.

As condições em que o papa concede e admite, em tese, o aproveitamento de um jesuita secularizado para o ensino são por tal modo estreitas e apertadas, e os perigos e riscos de uma tal eleição tam patentes, que em bôa crítica se deve ter logo como seguro, que os sentimentos do soberano legislador se confinam por uma latente imposição de "ninguêm dever tomar semelhante gente para qualquer espécie de função educativa.„

Com efeito:—para que alguêm, após a extinção da Companhia, houvesse de admitir ao exercício do magistério os antigos sócios da milícia de Loiola, ¿que qualidades manda o papa que se requeiram? Nada menos de cinco.

Vejâmo-las:

a) que se conservem absolutamente afastados do regime, administração e govêrno das escolas em que professem;

b) que *sómente se lhes consinta o ensino, se pelo seu trabalho* derem provas *de querer mudar de vida e de costumes;*

c) que, uma vez ensinando, *se manifestem e conduzam de tal arte, que a todos dêem mostras de que para sempre renunciaram àquelas disputas e pontos de doutrina da sua Ordem, que pela sua relaxação ou futilidadde costumam produzir gravíssimas contendas ;*

d) que nunca em tempo algum, *fóra dêstes preceitos,* sejam admitidos ao ensino *(nec ullo unquam tempore ad hujusmodi docendi munus iis admittantur) ;*

e) que quando mesmo se encontrem exercitando o ministério educativo, se não permita, neste particular, a menor ingerência *àqueles que pela sua conduta se patenteiem contrários à quietação das escolas e à tranqùilidade pública.*

Sem deixarmos de acentuar os extremos de precaução, os prodígios de pura profilaxia moral de que o papa faz revestir a sua teórica e abstracta concessão, de modo a isolar a sociedade do contágio da peste da Companhia, importa perguntar:—¿onde é que há, onde é que houve, onde é que existiu jàmais um jesuita capaz de satisfazer as formais exigências, que o papa, naquela passagem, lhe impõe? ¿Onde?

Antes da clássica e hoje quási banal afirmativa do célebre Geral, Lourenço Ricci—*aut sint ut sunt, aut planè non sint*—já o mundo inteiro o sabia, já toda a História o confessava, que o jesuita não se transfórma, nem emenda, sejam de que natureza fôrem os seus protestos. O jesuita é um ser fundamentalmente inaproveitável, por absolutamente nocivo à vida das nações. Fórma política ou síntese social que dele se aproxime, ou que entre com êle em permuta de interesses e ampáros, seja de que naturêza fôr êsse poder, ou a que género possa pertencer essa síntese—religiosa, cesária ou democrática—com êle, com o jesuita, essa síntese, mais cêdo ou mais tarde, cairá. *Caveat Roma!* O jesuita é um sêr àparte, uma alma inadaptável a toda a ideia da paz e do bem. Pretender convertê-lo, como parece querer insinuá-lo Clemente XIV. após a sua extinção, num obreiro da verdade e da justiça, é querer

reduzir e integrar, numa unidade racional, uniforme e concreta, os elementos mais heterogéneos e irredutíveis. Seria como que procurar fundir no mesmo amplexo moral, a perfídia com a bondade, o amôr com o ódio, a tréva com a luz.

Eis porque penetrando no espírito de justiça, de lógica e de verdade que existe latente, mas incontestável, nas palavras de Clemente XIV., insistimos em afirmar, que êle proíbe indirectamente, aos jesuitas, embóra secularizados, o ministério do ensino. E isto é tanto mais para se poder afirmar e fazer sentir, quanto é certo que nem haveria padre da Companhia, que tam abertamente se prestasse à negação das ideias políticas e religiosas da sua Ordem, nos termos da absoluta renúncia que o papa lhe impõe, nem quando a produzir-se uma tam extravagante figura nos domínios do ensino, êsse exemplar estranho e sem precedentes poderia ser classificado a sério, com todas as particularidades características do género, pelo zoólogo social, como pertencendo à fauna monstruosa da Companhia de Jesus.

Dêste modo a concessão do papa não passa de mera hipótese, de uma pura abstração, generosa e delicada, que os seus sentimentos de piedade lhe impõe em puro favor dos réprobos. Êle não tem a menor esperança na sua regeneração.

No entanto à semelhança do que pratica o general vitorioso, no acto da capitulação de uma praça, o suprêmo capitão da Igreja permite que os vencidos saiam com todas as honras militares. Aquela concessão é a última continência do vencedor.

De resto, em vista dos avisos que acompanham o despejo, a sociedade que se acautele. O perigo está ali.

O nosso crítico, porêm, como inacessível às ideias de que as palavras procedem, espécie de trôlha do grande edifício da razão, como poder de raciocínio na integração das fórmas verbais, tem para si e para os da sua malta, que convertendo a português, palavra por palavra, as letras do papa, está não só fazendo uma tradução de seminarista labrêgo, senão que tambêm um perfeito comentário do tema original. Como se entender e compreender sejam funções mentais de idêntica naturêza!

Coitado.

XIV

Exaustas, assim, as suas magras provisões de crítico, Rodrigues passa agora a denunciar-me, às suas beatas, como um ímpio. Á míngua de Inquisição, êste original sandeu não acha hoje certamente outro auditório que lhe receba as asneiras.

Nos meados do século XVI., quando Loiola fingia depôr nas mãos de D. João III. a oferta com que êste mau rei português o andava desde muito tentando, [1] pedindo-lhe padres para o seu

---

[1] A 20 de junho de 1555. Esta carta, que é um modêlo de hipocrisia e de astúcia, e em que Loiola fingindo renunciar à proposta do rei, vai-lhe insinuando ao mesmo tempo o caminho a seguir para, sob um aparente aspecto de obediência, prestar um grande serviço à maior glória de Deus aceitando a sua intervenção no S[illegible]

então nascente e esperançoso tribunal da fé, já a façanha do meu pio acusadôr não resultaria inútil. É possível até, que o rancoroso prègão do *Deus hanc Echidnam perdat!* dirigido em tempos ao *Nero inglês*, viesse bater também aos meus ouvidos. Seria natural. Hoje o grito do meu denunciante pertence ao grupo daquelas vozes que, segundo o nosso popular conceito, jàmais chegam ao céu. E, não tanto porque o devoto malsim deseje que o seu brado se perca; senão porque o efeito destas alcunhas não vai hoje alêm dos domínios da troça ou da irrisão.

Eis porque embóra com os dentes quebrados pela vara da divina justiça—essa justiça, que é a santidade exteriorizada julgando todos os absurdos do mundo moral—o jesuita ainda hoje nos patenteia os seus velhos estigmas de beleguim por conta de Roma. Derrabado e paralítico, perseguido e odiado, ainda o aquece a ânsia tôrpe de uma denúncia. Oh! se o rato pudesse ainda voltar a ser víbora!

Ofício, quando êste viesse a caír-lhe nas mãos, anda na grande colecção Genelli *(Op. p. 256 e segg.)*. Conf. Huber. *Op. cit.*, *Die Jesuiten u. die Inquisition*, c. VI. p. 272. Não falta quem diga que D. João III., se não chegou a professar secretamente na Companhia de Jesus, foi nela filiado por directa iniciação de Loiola. Conf. Herrmann Müller, *Les Origines de la Comp. de Jésus* (Ignace et Lainez) ch. III., II. 167, *nota 1*.

Todavia por esta breve amostra que agora nos oferece, bem póde presumir-se o que êste miserável farrapão de sacristia poderia dar um dia como qualificadôr do Santo-Ofício.

Claro, que eu não desço a dar, a êste baixo trocatintas, a importância de recorrer dos seus dislates para o austero tribunal da razão. Seria não só aviltar-me, como dignificar-lhe a sandice.

Muito menos, e sem poluir a santidade do meu espírito, que é, como em todo o sêr inteligente, um sagrado depósito de Deus, eu irei oferecer a purêza dos meus princípios, que representam todo o divino sôro da minha alma, toda a soma das minhas energias morais, ao aviltante confronto das mais calcinadas astúcias de quem, por hábito, pela índole do instituto que representa, e ainda pela evidência da sua depravação psíquica, há muito reduziu a religião a um negócio.

Estranho, ilógico e miserando seria, pois, o espectáculo.

Seria o mesmo que nos representaria o combatente ingénuo e simples que, num nocturno encontro de viela, se permitisse arrancar da sua nobre espada para, na inconsciência do seu aviltamento, responder com ela às fintas de uma navalha.

Jàmais!

*

Vejâmos, agora, a afirmação blasfêma de que o meu delatôr, perante as alfurjas do Vaticano, faz derivar toda a evidência da minha impiedade.

O documento da minha blasfêmia reza assim: [1]

"E Deus:—êsse Infinito Mistério de todas as concepções humanas; êsse Sonho sublime e transcendente; êsse Problema divino, que nos conforta e que nos tortura, sem sacerdotes sanguinários, sem inquisições e sem pôtros, em que se mutilam consciências como se mutilam escravos, saberá entender e compreender a rudimentar linguagem da criatura, miserável e finita, dando-se por evocado, quer lhe chamem por Zeus, ou por Iahveh, por Ormazd ou por Ahura-Mazdâo, por Eloha ou por Allâh-Tâala:—quer, do mesmo modo, os seus profetas sejam Bouddha ou Kong-Fou-tsen, Lao-Tse, ou Zorobabel, Mahomet ou Nânak, Manou ou Jesus.„

. . . .

Esta afirmação, que brota da consciência como a água pura e cristalina irrompe das fen-

[1] J. C. *Op. cit. Conclusão*, pp. 383-4.

das de um penhasco, afirmação que paira sôbre o charco do sectarismo e da intolerância de todo o género de confissão religiosa, longe do preconceito e do absurdo dogmático, tal como o sol está, luminoso e altivo, acima dos mais sujos pedregais da vida:—esta afirmação arrancou à pena do meu adversário, estas palavras sómente dignas da arenga de um auto-de-fé:

“A religião do referido escritôr resume-se nem mais nem menos que num indiferentismo asqueroso; pois não teve pudôr de escrever, que Deus *aceita* igualmente todos os cultos, acolhe indistintamente todos os sacrifícios, e *aceita* com a mesma complacência as invocações do gentio, e do moiro, do turco, e do cristão!„

E, depois de, pela indigência do seu glossário, levar Deus a *aceitar* duas vezes os mesmos actos, conclúi assim, nos estos do seu assombro:

—“Que santa fraternidade! Judeus, moiros, cristãos, todos no mesmo abraço!„ [1]

Eis, segundo êste aguasil da Bemaventurança, a razão fundamental da minha impiedade,

---

[1] F. R. *Op. cit.* 21-22.

assim como a compreensão que êle professa da ideia de Deus.

*

Cònfesso, serenamente, que não me maravilha nem surpreende o *anathema sit* da sentença, e muito menos as razões em que ela busca estribar-se. Blasfemei, não há dúvida.

No entanto o *Blasphemavit!* com que êste jesuita hoje me acêna é já muito meu conhecido. Acompanho-lhe os passos desde os primeiros tempos da Igreja, e venho-o seguindo sempre, com o seu ranger de dentes, desde Jerusalêm até Poissy. Escuto-o ainda agora, nuns latidos de féra, batendo os campos da Boémia, uivando em Paris, quando com o conseqùente aplauso de Filipe II., e de Catarina de Médicis, dos Guise e do duque de Alba, se preparam as matinas de agosto, que Gregório XIII. há-de cobrir de bênçãos.[1] Sômos companheiros desde Pelágio e

---

[1] Para dissimular os seus instintos de sangue, Roma procurou dar à sua alegria, pela matança dos huguenotes, um carácter de congratulação pela vida do rei. contra o qual, de resto, ninguêm cogitava alevantar-se. Assim, no solene *Te-Deum* com que se festeja o mortícinio, Mureto, no púlpito, usa, entre outras, destas pala-

Nestório, até João de Hus e Jerónimo de Praga; desde Savonárola até Miguel Servet. Em tempo foi rugido de féra; hoje é o rosnar do lebreu. De trovão coriscante de cratera, passou a tímido pio de coruja. Há pouco mais de quarenta anos rasmungára ainda adentro do Vaticano, quando pela mão flácida de Pio IX. a Companhia de Jesus amaldiçoava todas as manifestações da dignidade humana, sem sequer atender, que fulminando assim todos êsses dogmas da civilização moderna, os jesuitas e o seu [1] pseudónimo, estavam virtualmente condenando a própria obra de Deus.

Não; a alma negra dos filhos de Loiola não póde compreender Deus senão como um sombrio personagem, cujo coração amassado no lôdo dos mais aviltantes ódios, acêso em furor e sedento de vingança para todos quantos o não adorem

---

vras: — "Ó noctem illam memorabilem, quæ paucorum seditiosorum interitu regem a præsenti cædis periculo, regnum a perpetua civilium bellorum formidine liberavit." Não se póde ser mais impudente! Noite memorável aquela, cujo sangue impediu os horrôres de uma guerra civil! Grande noite!

[1] ... essas vastas charnecas de alocuções que os jesuitas assinam *com o pseudónimo* de Pio IX. A. Herculano. *Opuscul. Questões públicas: a supressão das conferências do Casino*, t. I. p. 274.

de uma certa maneira, repele e lança de si, num gesto de selvática repulsa, aqueles que na manifestação do seu culto e nos actos do seu amor, não observem nem sigam, num automatismo deprimente e abjecto, apenas determinado pelo egoísmo e pelo mêdo, aquele formulário restrito e estreito, que um reduzido grupo dos seus intérpretes lhes ministra e impõe.

O seu Deus, não obstante a Redenção que é um mistério que procede do amor, é ainda, como o foi sempre para Torquemada e para Pedro de Arbués — dois autênticos espanhóis como Domingos de Gusmão e Inácio de Loiola — um ser áparte, incomunicável, tremendo e terrível nas manifestações da sua justiça incompreensível. A Companhia de Jesus tem com êle uma espécie de contrato silanagmático, constituindo-se pela sua parte numa agência dos seus negócios, dando e recebendo instruções, permutando confidências e quitanças, com faculdade de negar ou conceder guias de livre-trânsito para o céu. Para estas viagens possúi a Companhia de Jesus um sem-número de guias, itinerários e roteiros, em que se asseguram grandíssimas vantagens, principalmente para os passageiros ricos. Fóra destas inteligências com os jesuitas, é um Deus sombrio e cruel; e, como tal, insusceptível de abraçar a Humanidade, sôbre a qual tem perpetuamente alçado o seu açoite

de fogo. Só se entende com o homem por meio de intérpretes, dando sempre preferência aos que se lhe dirijam em latim, embóra êsse latim, como confessava desdenhosamente Leão x., não seja de modo algum o bom latim de Cícero.

Êsses intérpretes, que teem de o invocar de certa maneira, estão tambêm obrigados a vestir de um determinado feitio. Os moldes dessas véstes são originariamente orientais, postoque sujeitos a alguns arranjos perpetrados por artífices romanos.

A Igreja, na sua tendência judaica, reconhece êste Deus, é certo. Como tal, é o mais duro legado que lhe deixou Moisés. A Igreja venera-o, não há dúvida; mas a nossa inteligência, e sobretudo a nossa fraqueza e, alêm disso, o nosso amôr, não nô-lo sabem definir.

Êste Deus, que passou outrora como um tufão de morte pelas terras do Egipto, [1] não tem sorrisos, nem dispensa as suas complacências, e muito menos abre as portas do seu reino povoado de todas essas legiões de potestades, cujas gerarquias e patentes Klopstock e Milton conheciam a fundo, senão aos seus sócios, aos seus adéptos,

---

[1] Et transibo per Terram Ægipti nocte illa, percutiamque omne primogenitum in Terra Ægipti ab homine usque ad pecus... Exod. XII. 12.

aos seus fregueses, aos que dêste mundo lhe são recomendados pelos seus agentes espirituais. Todo o resto da Humanidade está irremediavelmente condenado á perdição eterna, à geêna, às fogueiras e outros crueis tratos de Satanás. ¿E por quê? Porque êsse resto da Humanidade, que não faz parte do seu povo, o não adora como êle quer que o adorem, nem se lhe dirige nos termos que os seus formulários ditam e impoem.

Não há dúvida, pois, que um Deus assim, tam pouco sociável, quási intratável, e sôbre tudo com um protócolo tam intransigente:—um Deus, assim, tam intimamente identificado com a Companhia de Jesus, a ponto de sómente lhe faltar o uso da roupêta, está muito longe de ser a personificação abstrata—tanto quanto os nossos limitados e imperfeitos recursos mentais nô-lo permitem conceber—de toda a Justiça e de todo o Bem.

Eis porque o meu censôr se insurje irado, em nome do risco que correm os interêsses da sua Companhia, contra toda a ideia de fraternidade, que eu ouso atribuir a Deus. Póde lá sêr! O jesuita nunca ouviu proferir tam grossa impiedade! Deus acolhendo no seu coração, com um sorriso cheio de piedade e de ternura, de bondade e de clemência, as reverências que à santidade incompreensível da sua divina essência lhe tributam, no desvairo cândido e inefável

dos seus votos e na confusão inculpável das suas línguas, os mais encontrados e mais distantes povos da terra! Póde lá ser!

Deus ouvindo os louvores, os cânticos, as preces — umas feitas de palavras, outras como que entretecidas por intermináveis rosários de lágrimas: — uns, pedindo-lhes a fé, essa bemdita cegueira da razão, e que a tortura da desgraça lhes embotára; outros, suplicando-lhe uma esmola do seu confôrto para as desencadeadas tormentas da vida! — cada um como sabe, e todos como pódem: — e Deus recebendo os suspiros, os lamentos, os brados de todas essas angústias, sem que a Companhia de Jesus, por meio dos seus caixeiros-viajantes, ponha o seu *visto* em todas essas preces, e lance o seu *póde correr* em todas essas lágrimas; tudo isso sem um bilhete seu, uma factura, um certificado de identidade, um salvo-conduto, um seguro de descaminho, um termo sequer de exportação! É lá crível! Quem tal diz, blasfema; e eu, perante o tribunal, de que êste Rodrigues é certamente porteiro, servente ou varredor, não há dúvida que blasfemei. Não há a menor dúvida mesmo.

Mas não.

O Deus bárbaro, que a tradição semita nos legára, não é, não foi, não será jàmais o têrmo culminante daquela lei moral, entrevista na su-

blime representação do idealismo subjectivo de Kant; ou ainda o *νοῦς*, "mais fulgurante que a estrêla matutina„, [1] e cuja revelação suprêma, no mundo da identidade concreta, é tam-sómente a Verdade e o Amor.

Nada disso, nada disso, segundo os teosofantes de Roma. Nada disso.

O seu Deus continúa a ser o Deus terrível, o Deus perpetuamente inconciliável com a fraqueza humana; a viva e autêntica personificação do Iâhveh hebreu, cujo nome procede do terrificante grito—alah!—*(atonitus fui)* e cujo tetragama inefável, o homem é até julgado indigno de proferir. Êsse Deus não é o Deus universal, senão que um Deus particular, o Deus do seu povo, o Deus característico de uma raça, e nunca o Espírito Suprêmo, que a um tempo ilumina os astros, enche toda a terra com o seu nome, vivifica e renova todas as energias da consciência. Êsse Deus é uma propriedade nacional, pertence a umas tríbus que ocupam cidades, montes e florestas, cujos limites e confins a geografia registra; e não êsse Espírito Imenso, cujo templo é a vastidão do Universo, cujos filhos são todos os homens, e cujo altar é constituido pelo nosso amor.

---

[1] Aristot.: *Ethic. ad Nicom.*

Como Deus particular, tem um nome próprio. Chama se Iâhveh, pela mesma razão porque o meu crítico se chama Francisco. Quando muito permite-nos que, em dadas circunstâncias, o apelidêmos de *Elohim*, isto é, quando fôrmos levados a invocá-lo numa acepção mais genérica. [1] Fóra dêste caso tambêm admitirá que lhe chamemos *Adonai*, desde que à sua grandeza nos tenhâmos de referir; ou finalmente *Schaddai* ou *Sabaoth*, se ao seu podêr infinito, ou ainda á sua sabedoria incomparável fizermos alusão. [2]

---

[1] Assim como *Iâhveh* é *o nome próprio* de Deus. *Elohim* é um nome comum que se atribúi ao *verdadeiro Deus*, e até às *divindades adoradas pelos gentios*. *Elohim* é uma fórma plural, conhecida em hebreu pelo nome de *plural de majestade*, ou *plural de excelência*. Tambêm se usa no singular. M. B. D'Eyragues. *Les Psaumes traduites de l'Hebreu*. Paris. 1904. p. 7. *nota* 1.

[2] Staudenmaier, *Dogm*. II. 169. Toda a opulência hierática destas evocações se encontra a cada passo no psaltério davídico e não davídico. Neste género, o modêlo mais perfeito é sem dúvida o psalmo LXVIII. — *Exurgat Deus* --(o LXVII. da *Vulgata)* — essa incomparável maravilha de lirismo e de côr, mixto de sentimentalismo religioso e de canto triunfal, que parece saír dos lábios de Debora, enchendo a vastidão das terras de Efraim! A vasta exuberância evocativa, tributo prestado pela consciência semita à sublimidade indizível de toda a concepção divina, aí aparece. *Iâhveh*, ou, por abreviatura, *Iâh* *(vers.* 5, 17 e 21), *Elohim (vers*. 3, 4, 6, 9, 29, 33, 36),

Êste simbolismo semítico é sempre representativo, não de um Deus que criou o homem do nada [1]—*quia ex nihilo nati sumus*—mas sim daquele que o orgulho de uma raça que se presumiu sagrada se lembrou de fabricar para seu uso, incutindo no seu produto todas as paixões, todos os ódios, todas as bárbaras hostilidades, todas as ferozes intransigências da sua origem miserável. É um Deus semítico, posterior ao cativeiro de Babilónia, síntese concreta do grupo elohista que o precede—o Deus da consciência e da naturêza. Como tal, não sabe o que seja o amor, e sente um terrível prazer em ser temido. Não quer mesmo que o amem; prefere que o temam. Eis porque nos seus livros se diz que "o temôr é o princípio de toda a sabedoria." [2] É o Deus do psaltério penitencial, em que o pe-

---

Adonai (vers. 12, 20, 27, 33), *El-Saddai*, *Iâhveh*, *Elohim (vers.* 19). Toda esta riqueza evocatória mantida no original, correspondendo cada uma dessas evocações ao fundamento psíquico que as origína:—toda essa majestade de um glossário religioso verdadeiramente incomparável e inacessível às línguas europeias, é invariavelmente reduzida, pelas interpretações grêgas e latinas, às fórmas incaracterísticas e vagas, ora de *ὁ Κύριος*, ora de *Dominus*, ou *Deus*, segundo a eleição que, ao lance, o acaso do traslado impõe ao tradutor.

[1] Sap. II. 2.

[2] Prov. I. 7.

cadôr lhe implora que "o não argúa com furôr, nem o castigue com ira„. [1] Um Deus, em cujo seio se abrigam a ira e o furôr! — Que blasfêmia! — clamo eu agora, não dos desvãos de uma suspeita charnéca romana, senão que da vasta e infinita amplidão do seu templo, cuja cúpula é o céu! Um Deus, em face do qual o homem nunca se justificará! [2] Um Deus, que temos de servir com mêdo, e perante o qual até a nossa alegria se deve manifestar tremendo! [3] É o *Rex tremendæ magestatis*, o Deus do *Dies iræ,* o Deus do sexto psalmo da penitência — *De profundis clamavi* — e de que a liturgia da Igreja fez uma oração de mortos. O Deus dos cilícios sangrentos e dos jejuns crueis; dos rostos macerados e esquálidos; o Deus das catedrais sombrias, verdadeiras antecâmaras da morte, sob cujas naves nuas e esguias nos parece estar ouvindo a cada momento o ranger dos túmulos, donde se escapam espectros, que vem acudir ao tanger sinistro daquela tuba pavorosa

---

[1] Ps. VI. 2: e XXXVII. 2.

[2] Et non intres in judicium cum servo tuo: quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens. Ps. CXLII. 2.

[3] Servite Domino *(Iâhveh)* in timore, et exultate ei cum tremore. Ps. II. 11.

... spargens sonum
Per sepulchra regionum

dando o derradeiro rebate para comparecêrmos ante o fatal juízo. O Deus da *dança dos mortos*, da escolástica e dos *autos-de-fé*. O Deus, cuja cólera, em vão, buscamos abrandar, desde o século V., por intervenção de Maria, para que ao menos, na hora da morte, nos não desampare:

Maria, Mater gratiæ,
Dulcis Parens clementiæ,
Tu nos ab hoste protege
In hora mortis suscipe.

Perante a sua espantosa justiça, as nossas obras, ainda as mais reconhecidamente santas, não são meritórias sem a acção da *graça eficaz*, que precede sempre as manifestações da nossa vontade — *à prioritate non temporis, sed naturæ et causalitatis*. O fantasma da nossa liberdade — a liberdade da ave que canta e vôa dentro da sua gaiola, e a do peixe que nada no seio da vasta concha do mar — debate-se sempre contra êstes dois poderes diversos — *a graça eficaz*, e *a graça suficiente*. O que nos faz proceder bem, isto é, determinarmo-nos entre o desejo e o acto — *velle et agere* — tomando uma resolução, deriva sempre de um impulso sobrenatural. Desde que o exercício do nosso arbítrio coincida com a

concorrência da *graça eficaz*, o mérito das nossas obras salva-nos. Fóra desta concorrência não há actos meritórios, porque o homem, fóra da *graça*, e sem a ela aspirar *de congruo*, ou *de condigno*, não póde realizar nenhum dos preceitos divinos. Só temos liberdade para o mal. Perante o bem, o nosso arbítrio é servo.

No entanto a razão pergunta:—¿o que é *a graça?*—¿êsse poder, que determina sob vários aspectos a linha da nossa conduta, o móbil das nossas acções, produto apenas aparente da nossa vontade livre? A *graça*, despida do complicado artifício das discussões teológicas, cuja divergência de conceitos atinje em muitos casos os limites do absurdo, é um puro arbítrio dêsse Deus de má catadura, que sómente pela mediação de Jesus Cristo nos escuta e atende. Essa *graça* não se alcança nem adquire pelas boas obras, porque já não seria *graça*, [1] isto é, pura eleição de Deus—*secundum electionem gratiæ*. Como acto da sua divina vontade, Deus a concede e distribúi confórme entende, sem haver caminho que a ela nos conduza. Não tem preço; é *grátis*

[1] Si autem gratia, jam non ex operibus: alioquin gratia jam non est gratia. Paul *Rom*. XI. 6.

dada. ¿Quem lha merece? Os seus eleitos. ¿Mas quem são êsses seus eleitos? Na antiga sociedade moisaica era o povo de Israel; depois do sacrifício da Redenção, são todos os compreendidos na lei da Nova Aliança, cuja iniciação se faz pelo baptismo. ¿Todos? Não; entre êsses há um reduzido e escasso número que Deus predestina para o bem, para a felicidade, para o seu reino celestial. Os outros são votados à desgraça. ¿Porquê? Mistério. ¿E as nossas súplicas, em que vão pedaços, verdadeiros farrapos da nossa alma? Essas recebe-as êle com gesto indiferente, para as lançar à balança da sua justiça incompreensível e sem misericórdia. [1] ¿Eficazmente? Não. Se fôrem deferidas, não o serão pelas lágrimas que encerrem, ou da fé ardentissíma de que procedam, senão que "pelos merecimentos de nosso Senhor Jesus Cristo." Êsses "merecimentos" são os "trabalhos que Jesus padeceu por nós." ¿E a parte remanescente dos habitantes da terra, incomparavelmente muito superior em número àqueles de que Deus fez o seu povo de eleição? ¿A essa vasta parcela da Humanidade, que destino lhe está reservado, visto não fazer parte do *seu* povo? O inferno, a perdição eterna. Mas

---

[1] Ó altitudo divitiarum sapientiæ et scientiæ Dei: —quam incomprehensibilia sunt judicia ejus! Paul, *ibid.* 33.

êsses desventurados que o invocam com tanto ou maior ardôr do que aquele com que se lhe manifestam os seus eleitos: — que o adoram na pura essência da sua divindade, sem se preocuparem com acidentes patronímicos, ou com particularidades de atributos de invocação: — êsses que, de resto, o compreendem tam bem, ou tam mal, como o seu povo escolhido, o qual tambêm sómente o conhece por palavras, a maior parte delas sem sentido nem incidência adentro dos domínios da razão: — êsses desventurados, para os quais o seu Deus é o único Deus verdadeiro, e que são tam merecedores de respeito no exercício do seu culto, como os judeus, como os cristãos, como os gentios, porque em todos a prece, o hino, o cântico teem a mesma identidade sentimental: — êsses, finalmente, ¿que mal lhe fizeram a êle, que crimes cometeram contra a sua autoridade para sofrerem tam bárbaro extermínio? ¿Qual é o seu pecado?

Os sacerdotes dêsse Deus surdo e cego perante as misérias humanas, acorrentados aos textos dos seus livros, onde a ideia da justiça é ministrada sempre em parábolas e imagens orientais, cujo sentido nem sempre se atinje: — êsses sacerdotes respondem a estas interrogações crueis, com um silêncio que, em muitos, é ignorância, mas que, na maior parte, é estupidez.

O seu Deus continúa a ser o mesmo colòsso

que, nos tempos em que acompanhava o seu povo para a guerra, fazia tremer a terra inteira, e fundia em torrentes toda a grandeza dos céus! [1] A justiça dêsse Deus deve ser, a um tempo, terrível, assombrosa e inacessível à nossa inteligência. Mas isso não é justiça; isso é a crueldade tenebrosa, a tirania do mistério!

Neste passo, os lábios dos augures descerram-se para nos dizerem que não temos direito de o interrogar.

*

Depois, as nossas preces teem de obedecer a um certo formulário, em movimentos e palavras, como na *Musaph* judaica—*elevatio manuum mearum*—; [2] e sem essas palavras, acompanhadas de determinados gestos, os nossos rogos não chegarão aos ouvidos do Senhor. Porque o homem, depois do primeiro pecado, está em oposição com Deus, separado de Deus, e apenas dependente da sua misericórdia pela intervenção de Cristo. Tem de se lhe dirigir por intercessão do seu

[1] Ps. LXVII. 9.
[2] Ps. CXL., 2.

divino Mediador; e ainda assim mesmo o efeito da sua graça não está assegurado. É certo que Jesus lhe recomenda que ore; mas adverte-o ao mesmo tempo de que, pelo que toca a ter assento à sua mão direita, ou à sua mão esquerda, isso não lhe pertence a êle, "isso é para aqueles para quem o céu *está preparado por* seu Pai.„ [1]

¿Cerra-nos de mais perto a desgraça? ¿Vemos a cada momento a vitória, o triunfo incontestável dos maus? Nada temos que replicar. São os segredos, os insondáveis mistérios da justiça divina. ¿Mas a Justiça tem segredos? Uma Justiça com segredos é o mesmo que uma Verdade com mistérios. Inconciliáveis atributos do mais fundamental princípio da nossa inteligência, êstes que permitem apelidar de misteriosa a luz divina que Deus exterioriza nas manifestações do seu podêr!

Mas que justiça é essa, infinitamente mais cega e mais bárbara que a justiça dos homens, essa que, perante Deus, castiga toda a Humanidade por o êrro de um só homem, êrro, culpa ou pecado, que não representa mais do que uma prova da sua fraqueza, e a que êsse mesmo

---

[1] ... sedere autem ad dexteram meam vel sinistram, non est meum dare vobis; sed quibus *paratum est a Patre meo*. Math. xx. 23, Marc. x. 40.

Deus, com saber impôr ao homem a obediência, não lhe deu armas com que pudesse resistir às sugestões do mal!

Dupla e tirânica injustiça, em razão da qual o homem a quem Deus não dotou de elementos de fôrça para combater o êrro, é não só punido por não haver assegurado a vitória do bem, mas ainda, e não obstante haver sido êle só o delinqùente, castigado na sua descendência, indefinidamente, através das gerações!

Ao menos, a justiça dos homens não é assim.

E se no vélho direito feudal, que era o arbítrio do tirano, a voz do désposta que inspirava a pena infamante que recaía sôbre o pai, sómente como a lepra recaía sôbre a sua descendência,[1] o absurdo de essa terrível herança se estender a toda úma espécie, sómente ao Iâhveh hebreu estava reservada a glória de o impôr!

E todo o protesto é inútil. Todo! Fazer sentir a loucura desta condenação é incorrer em blasfêmia. Ou então, isto: — *não ouses perscrutar os incompreensíveis desígnios do Senhôr!*[2] Ou ainda: *tu o saberás um dia.* ¿No dia da jus-

---

[1] "Lesa Magestade quer dizer traição cometida contra a pessôa do Rey. abominável crime que os antigos sabedôres o comparavão à lepra." *Ord. L. v. tit. iv.*

[2] Paul. *Rom.*, xi. 33.

tiça? Não; no dia da ira — *dies iræ! dies illa!* ¿Da ira? Mas a ira exclúi toda a ideia de equilíbrio mental, todo o espírito de ponderação e de prudência. A ira é irmã do furor, e êstes dois sentimentos representam a obstinação e a vingança. Eis porque êle nos fére, sem que saibamos a maior parte das vêzes por que o faz. E, se num ou outro lance das nossas desventuras, lhe dizêmos, como David a Nathan, *peccavi Domino!* [1] e lhe pedimos, como êle, misericórdia, [2] respondem-nos que é a culpa de Adão, que ainda sôbre nós impera! *Sed tu, Domine, usquequo?* [3] Ainda e sempre! Mas, Senhor, julga-me segundo a minha justiça, e segundo a inocência que há em mim! [4] O mesmo silêncio, a mesma indiferença! O homem está separado de Deus; e, no pecadôr, não há nem justiça, nem inocência. Sômos o tal *fruto da árvore maldita* — grito que irrompe dos abismos do nosso desespêro, e que aparece lançado, como um torturante prègão da nossa miséria, numa das célebres teses de Gunther, precedendo, como um intróito de morte, o grito

---

[1] Reg. L. II. XII. 13.
[2] Ps. L. 1.
[3] Ps. VI. 4.
[4] Judica me Domine secundum justitiam meam et secundum innocentiam meam super me. Ps. VII. 9.

de Bartolomeu Bernhardi de Feldkirchen. [1] É a suprêma angústia de Lutero, ferindo a mesma chaga aberta na consciência de Job:—*noli me condemnare; indica mihi cur me ita judices.* [2] E como êsse Deus, a quem o desventurado pede que o não castigue sem que primeiro lhe diga porque o fére, se obstine em negar-lhe as provas da sua justiça e os fundamentos da sua inclemência, êsse desventurado, como Job, argue-o ainda de arbitrariamente o tratar como um inimigo, chegando até esconder dele o seu rôsto. [3] ¿E por quê?

Em luta constante com a sua própria obra, [4] êste Deus absurdo cujo ranger de dentes a pavorosa seqùência de Tomás de Celano ainda agora nos acorda; êste Deus de tremenda majestade que chega a arrepender-se de haver criado o homem, [5] e que portanto nos mostra não haver sequer medido todo o alcance da sua fatal aventura—insucesso terrível, que se o torna injusto

---

[1] Luter.. *Epist. (De Wette,* I., 34).

[2] Job, x. 2. Não menos fulgurantes interrogações são estas:—*Quantas habes iniquitates, et peccata scelera mea et delicta ostende mihi?* XIII. 23.

[3] Ibid., XIII. 24.

[4] Se fosse amico il Re dell'universo! *Inferno, v. 91.*

[5] Pœnituit eum quod hominem fecisset in terra. Gen. VI. 6.

como juiz do seu próprio feito, e severo até à crueldade, como pai, o reduz, na sua qualidade de autor de toda a vida consciente, à condição subalterna e até deprimente de não saber o que fez: êste Deus extravagante, que troveja do alto do seu Sinay, exactamente como da crista do seu Olimpo trovejava outrora o Zeus helénico —*o deus ajuntador das nuvens*—*νεφεληγερέτα Ζεὺς*—:—êsse Deus que chega a ser ilógico na sua ira, porque o homem de que êle fez a sua vítima na terra não lhe pediu que o criasse, e muito menos lhe prometeu que seria perfeito, tendo toda a razão para perguntar-lhe, como Job, por que foi então que o fez saír do ventre materno—*quare de vulva eduxisti me;* [1] e ainda quando o criasse, visto que o destinava a ser um prègão vivo da sua imagem, o não fizesse da lama do chão—*de limo terræ* [2]—: êsse Deus genuinamente bárbaro e sem piedade, em guerra permanente com o homem a preço de raios e dilúvios, hostilidade triste e impotente, de que afinal, é êle, embora Deus, sempre o ludibriado, visto que o homem, reincidindo sempre nos seus erros, nunca chega a ser bom, pelo motivo de que todos os seus pensamentos se inclinam ao

[1] Job, x. 18.
[2] Gen. ii. 6.

mal; [1]—êsse Deus, inconfundivelmente hebreu, e absolutamente idêntico às raças que o inventaram, é unicamente um Deus nacional, Deus de um determinado povo, Deus de um *clan*, de uma vasta família, de um numeroso agregado de tríbus judaicas.

¿É pois êste Deus, o Deus de Israel, divindade oriental com nome próprio e culto escolhido, o Espírito Suprêmo, Imenso, Eterno, o Deus de toda a Justiça e de todo o Amor; o Deus que vive nas almas dos que nele crêem, embora êstes não possam ter da sua identidade uma ideia perfeita? ¿Tem êste Deus, feito à semelhança dos primeiros homens que habitaram as margens do Eufrates, nómadas, pastores, agrícolas, guerreiros, alguma relação de identidade moral ou espiritual com o Deus universal, inacessível à nossa inteligência, apenas entrevisto, nas crises da injustiça, da desventura e das suprêmas mágoas, por os que o invocam sem saber-lhe o nome; ou que invocando-o o apelidam pela fórma que melhor entendem, esperando dele o bálsamo, o alívio, a piedade, o alento para o eterno

[1] Videns autem Deus quod multa malitia hominum esset in terra, et cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum omni tempore... *Ibid*, VI. 5.

combate do infortúnio, para a peleja perpétua contra toda a dôr?

Não.

Não é, certamente, êsse Deus cruel e cego ante o quadro da nossa desventura, e sem a menor comiseração pela nossa fraqueza, o Deus identificado na minha súplica; o Deus ignoto, a quem chamo "o Infinito Mistério de todas as concepções humanas; o Sonho sublime e transcendente; o Problema divino, que nos confórta e que nos tortura„ — ingénuos e espontâneos gritos da alma, sôbre os quais, conspurcando-lhes a puríssima incidência psíquica, o profundo sentimento religioso de que procedem, cáem agora a fúria hipócrita, a cólera postiça e assalariada dêsse baixo escriba fariseu, que me está ladrando de Roma sob as fraldas hermafroditas da Companhia de Jesus.

Jàmais!

O meu Deus — o Deus que eu invoco, embora infinitamente distante de toda a concepção que mo identifique no espírito, não é o Deus de Israel, o Deus das terras de Efraim e de Sião, de Beer-Cheba e das margens do Eufrates, da Bethania e de Babilónia, trovejando sôbre a terra, dividindo o mundo entre os que o invocam por meio de um certo nome, e o adoram sob fórmas bárbaras e grosseiras nos seus altares de pedra, não se dignando olhar por os que o não buscam

por êsses caminhos, nem lhe dão o apelido que os seus parciais lhe puseram, e que, por isso, nada com êles quer, e, como indignos do seu amôr e da sua misericórdia, os aponta!

Jàmais!

Êsse Deus antropomórfico, adornado de todos os aparatos da realeza bizantina, de que a estreiteza de um mesquinho culto nacional o decóra, diminuindo-lhe a majestade, e prostituindo-lhe a essência divina por meio de uma reverência que tira toda a sua aparente sublimidade do tesouro miserável das realezas terrestres:—êsse Deus é a concepção suprêma de uma raça abrasada por uma espécie de loucura transcendente que a compele para a baldada compreensão do Infinito, e de cujo esfôrço resulta um testemunho, a mais, da sua impotência mental.

Êsse não é o meu Deus.

O meu Deus enche com o seu espírito, a terra inteira, absorve e representa em si toda a criação, desde a planta dos vales desertos até à infinita beleza dos céus. Não tem nome. É o princípio imortal, a razão suprêma de toda a vida—*ὁ ὢν, καὶ ὁ ἦν, καὶ ὁ ερχόμενος.* [1] Como eterno, infinito e imutável, está presente em toda

---

[1] Apocal. I. 4.

a parte, nesse vasto templo da Natureza, cuja cúpula é o firmamento azul. Não é o Deus das sinagogas e dos ritos obscuros, onde imperam a dúvida e o mistério; é o Deus que acolhe todas as preces, o Deus que está em todo o logar, entende todas as línguas, e unje todas as feridas da nossa fraquêza e da nossa miséria com os bálsamos da sua piedade. O Deus, que não conhece a ira, nem o furôr; o Deus, cuja majestade não é terrível nem tremenda; o Deus a quem podêmos servir com amor, e não com mêdo; o Deus, cuja justiça, mais alta, mais nobre, mais generosa, mais perfeita que toda a justiça dos homens, não tem segredos nem indecifráveis desígnios:—o Deus, que é a eterna verdade, o Deus da caridade perfeita, o Deus da Eternidade bemdita — *Ó eterna Veritas! et vera Charitas! et chara Æternitas, tu es meus Deus!* [1]

*

Relegado, assim, à condição de ímpio, em razão da ideia blásfema em que me permito reverenciar Deus, não lhe atribuindo a figura

---

[1] Aug., *Confess.* VII. c. x.

humana, com as suas longas barbas brancas de israelita, o seu diadema persa na cabeça, e com uma das mãos, como Constantino ou Carlos Magno, empunhando o scetro, enquanto os pés descansam com arrogante majestade sôbre uma bola azul, que naturalmente representa êste cárcere de misérias em que todos nós habitamos; considerando-o apenas como o Infinito Mistério de todas as concepções humanas, o Sonho sublime e transcendente, o Problema divino, que nos confórta e que nos tortura:—por tudo isto, o meu inquisidôr das dúzias, especializando as abominações da minha impiedade, capitúla o meu êrro de *indiferentismo*. E, para carregar mais a mão na asneira, acrescenta logo:—*indiferentismo asqueroso*.

Isto não parece da mão de um *censor librorum*;—isto parece do autor da *Bêsta esfolada*, com acentuadas intercadências de sapateiro.

Êste homem, cuja penúria mental me assombra, não possúi a menór noção do que sejam sistemas filosóficos, na sua relação com a ideia de Deus. Não sabe nada disso, coitado.

Tambêm, para a indústria do confessionário e do púlpito, cujo auditório se lhe nivela pelo acume do engenho, esta miséria mental não o prejudica. Para um tal género de apostolado, as letras nunca fazem falta. Alguns trechos dos *Exercícios*, acrescidos com o concurso de algu-

mas originais asneiras bastam ao regular desempenho do seu ofício, que a estupidez das clientelas há muito soube transformar em indústria rendosa. Letras, e boas letras, ¿para quê?

Assim, à pura concepção de um princípio fundamental do Universo, razão primordial de toda a fórma *à priori*, que sendo a génese da ideia de Deus é absolutamente incompatível com a compreensão sintética do Iâhveh semítico, pessoal, nacional, particularíssimo, de que a Igreja, pelas suas irredutíveis tendências judaicas, não pôde nem poderá jàmais emancipar-se:—a essa concepção pura„—"*Εστιν ἡ νόησις νοήσεως νόησις* —que sintetisa a base de toda a nossa doutrina, ousa o crítico jesuita, numa cerrada ignorância de todas as cousas, dar o nome de... *indiferentismo asqueroso.*

Êste qualificativo pedestre e grosseiro define só de per si a noção que êste homem possúi daquilo a que é de uso dar-se o nome de *indiferentismo religioso,* e que não é outra cousa senão um *protestantismo racionalista.*

Mas dado que eu seja um apóstolo do tal *indiferentismo asqueroso:* ¿em que fundamentos estriba êste idiota a acusação banal e chôcha que me arremessa? Onde estão as minhas tendências protestantes? ¿Onde, do mesmo modo, as minhas afirmações racionalistas?

¿Por servir-me da razão no estudo das ques-

tões religiosas, e empregar a fôrça do raciocínio puro na decifração e resolução de problemas caídos sob a alçada da lógica independente? ¿Mas o que é que fizeram todos os teólogos escolásticos da idade-média, desde Anselmo de Cantorbery até S. Tomás? Toda a fôrça da sua argumentação é tirada da razão pura. Os seus raciocínios procedem, na sua grande parte, de conceitos racionais. "É a fé, como diz o autor do *Monologium,* buscando compreender: — *fides quærens intellectum.*„ — e não a *inteligência*, escrava da *fé*, pedindo a esta que a ilumine. A cada passo, nesses inumeráveis tratados de controvérsia religiosa que vêem, através dos domínios da dogmática, desde os comêços do século XI. até os primeiros alvôres da Renascença, se encontram fórmas concretas como esta: — *argumenta ex ratione sumpta.* Toda a ideia filosófica, tanto a que faz da experiência á base de um sistema sensualista, como a que reconhece na observação os fundamentos do espiritualismo puro, postoque pareça conduzirem-se a conclusões diferentes, se contêm dentro dos limites do racionalismo, visto que procede em ambas as hipóteses por indução e por dedução.

¿Será tudo isto aquele racionalismo que dispõe e prepara o nosso espírito para o tal *indiferentismo asqueroso*, a que, no delírio da sua ignorância, alude o sapateiro de roupêta a que,

com evidente desdouro da minha dignidade moral, me venho referindo?

A base do meu protestantismo tem tambêm, para o lance, a mesma consistência mental.

Se, porêm, fazer justiça aos seus representantes, à sinceridade verdadeiramente mística da sua fé, ao empenho cheio de santa ingenuidade, com que no comêço do século XVI. tentavam ainda obter uma refórma na moral da Igreja, realizando uma aspiração, que desde o meado do século anteriôr se tornára evidentemente impossível, buscando substituir a libertinagem da côrte pontifícia pela virtude dos apóstolos, e reduzir a santa sé ao tabernáculo da Justiça: — se confessar tudo isto é ser protestante, então póde o meu crítico escrever desde já o meu nome no rol dos luteranos, visto que não só não renégo nem apostáto dêsses conceitos que a minha consciência confirma e aplaude, mas neles protesto permanecer, e, tanto quanto possível, reincidir.

O grande êrro da Reforma foi chegar tarde. Alêm disso, gastou uma grande parte da sua melhor energia, esperando baldadamente que Roma se convertesse. Só a absoluta cegueira da sua obstinação sectarista lhe faria confiar em que a Igreja, após as inúteis tentativas de Constança e de Basileia, se poderia ainda regenerar. Era levar muito longe de mais a sua fé. Todo êsse seu esfôrço foi patentemente perdido e inútil.

Todo. A Reforma pretendia o impossível, visto querer realizar em três anos — desde o primeiro sermão de Lutero na igreja paroquial de Wittenberg, sôbre as indulgências (1517), até à publicação da bula de Leão x. — *Exurje, Domine* (1520) — aquilo que desde mais de um século se apresentava já como impossível de levar a termo sem violência. Que imensa loucura!

Dôze anos antes de nascer Lutero, já por toda a parte se bradava que Paulo II. transformára a santa sé numa cloáca. [1] Os pontificados de Xisto IV., Inocêncio VIII. e Alexandre VI. tinham enchido a medida das máximas ignomínias. "Se queres viver vida de santidade, foge de Roma, onde é lícito ser tudo menos homem de bem." [2] – dizia-se por toda a Itália nos comêços do século XVI., sem o menor vislumbre de refutação ou desmentido. "Roma é a sentina dos homens mais corruptos de toda a terra" [3] — afirmava-o, a quantos o queriam ouvir, o cardeal Bembo, amigo, confidente e secretário de Leão x. Dois anos depois do rompimento de Lutero com

---

[1] Paulus II. ex concubina domum replevit et quasi sterquilinium facta est sedes Barionis. Atlilio Alessio de Arezzo *(Balus Mansi. IV. 519) in* Ignaz Döllinger.

[2] Vivere qui sancti vultis, descedite Roma. Omnia hic licent, non licet esse probum.

[3] F. Kuhn, *Luter*, I., c. VII. p. 100.

Tetzel, por causa do comércio das indulgências, Erasmo escrevendo ao bispo Fischer de Rochester, diz-lhe que "oxalá Cristo desperte quanto antes, para arrancar o seu povo a tam variado género de tiranias, em face das quais a própria tirania dos turcos chega a parecer tolerável." [1] Ninguêm já espera que a Igreja se emende. "Para alguêm acreditar na regeneração da Igreja —escrevia, muito antes da Reforma, o padre Diogo de Junterburgo—seria preciso admitir que a cúria romana se reformasse, o que se torna difícil esperar, em virtude da lição que nos vai oferecendo o decurso dos tempos." [2] Roma continua prometendo à cristandade sobressaltada com a iminência do perigo, um concílio geral que venha atalhar a corrupção da Igreja, cujos membros, principalmente aqueles que deviam ser a fonte e o exemplo vivo de toda a purê-

---

[1] Utinam Christus tandem experrectus, liberet populum suum tam multiplici tyrannide, quæ ni prospectum fuerit, eo videtur evasura, ut tolerabilius sit futurum, vel Turcarum pati tyrannidem, postria. *Epp. L. VI.* (8. p. 353. *Ed. Londini. 1642)* — Cal. April. 1519.

[2] Unde mihi vix credibile videtur, posse ecclesiam generalem reformari, nisi curia Rom. fuerit ante reformata... quod tamen, quam difficile sit, cursus temporum præsentium manifesta... *De septem statibus* (1450) in *Walch. Monimenta, II. 2, 41. sq.*

za, se ostentam como sendo o verdadeiro opróbrio do mundo. Mas essa promessa, sempre adiada, é uma constante mentira. Indiferente à devassidão e á simonia dos cardeais, o papado não dá a menor importância aos gritos dos protestantes. A um prelado português, obscuro, virtuoso e profundamente místico, que em Trento pede ao concílio uma refórma rigorosíssima em toda a côrte pontifícia, [1] ninguêm presta ouvidos ou dá atenção.

---

[1] Procedeu-se na matéria e propôs-se aos Padres em primeiro logar se era razão que as pessoas dos cardeais fôssem na reformação compreendidas... Começaram a votar os que por esta razão ficavam precedendo, e um após outro *nemine discrepante*, foram dizendo com a cortesia costumada: que os Ilustríssimos e Reverendíssimos Cardeais não haviam mister reformados. Quando tocou dizer ao Arcebispo, disse assi, aproveitando-se das mesmas palavras e termo dos que tinham votado, mas com liberdade e espírito de Varão Apostólico: *Illustrissimi et Reverendissimi Cardinales indigent illustrissima et reverendissima reformatione*... E logo virando com muita segurança para onde estavam os Cardeais Legados, e fazendo uma mui cortês inclinação, disse com voz grave e sonóra: *Vossas Senhorias Ilustríssimas são as fontes donde todos os Prelados bebemos. E por tanto convêm que esta água esteja mui limpa e pura.*„ Sousa. *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires. Arcebispo de Braga*. L II. c. X. Com que sorriso florentino não seria acolhida pelos Legados a infantil candura dêste pobre frade, criado à sombra das frescas árvores de Bemfica!

Êste desprêzo não é mais do que um documento da incorrigibilidade de Roma. De resto, ¿do que valeriam as promessas de semelhante gente? Segundo uma visão mística, atribuida pelo cronista cartuxo, Pedro Dorlantes, a frei Dionísio Rickel, prior do seu convento, e na qual é representada a Igreja triunfante chorando ajoelhada diante de Deus as suas desventuras, e impetrando a suspensão da justa cólera celeste, diz-se abertamente, que quando mesmo o pontífice, os cardeais, bispos e prelados, com todos os seus séquitos, jurassem, em nome do Senhor, que estavam dispostos a emendar seus erros, e a mudar de vida, êsse juramento seria falso.[1] Cornélio Musso, bispo de Bitonto e grande parcial da cúria, assistente como orador ao concílio de Trento, confessava, que em razão de o povo não saber distin-

[1] Et tunc vidit *(frater Dionysios)* in Spiritu totam ecclesiam triumphantem flexis poplitibus divinam precibus velle flectere majestatem, velle succensam Dei iram mitigare... ex hoc Dionysius... clamavit in spiritu... mi Domine Deus, dabimus operam errata corrigire et actus nostros in melius mentesque formare. Summus pontifex, cardinales, episcopi, prælati omnes cum suis subditis, conversis ad te cordibus, se corrigent emendabuntque. Cui Deus: Dico tibi: etiam si in meo nomine juraverint et dixerint: Vivit Dominus, *hoc ipsum falso jurarunt.* Petr. Durlandi, *Chron. Cartusiens.*, Colon, 1608, p. 394-399., *in* Döllinger.

guir o que sejam erros da Igreja, ou erros da cúria, o nome de Roma era detestado entre todas as nações; e que a diminuta conta em que no seu tempo era tida a Igreja, provinha dos escândalos que por toda a parte se ouviam, se viam e se tocavam. [1]

Á hora em que na Alemanha a tormenta ruje mais pavorosa, e que a investida assume as sinistras proporções do incêndio, em que não só a disciplina da Igreja, mas já a integridade dos seus dogmas se subvertem, na câmara do papa discutem-se as melhores fórmas da língua latina, havendo alguêm que, por achar bárbaras as expressões *anathema seu excommunicatio*, ou ainda a palavra *fides*, todas impróprias dos dias de Cícero, de Tito Lívio ou de Tácito, propunha que as primeiras fôssem substituidas pelo circunlóquio de *aqua et igni interdictio*, e que, em logar da outra, se empregue a palavra *persua-*

[1] Nolo hic longa oratione recensere abusus huius Rom. curiæ, sed id saltem dico, populum non nosse distinguere inter curiam et ecclesiam putatque abusus unius errores esse alterius. Hinc oritur, quod nostro hoc sæculo nomen Rom. apud omnes nationes exosum est, et ipsa ecclesia videte quæso quam exiguo sit in pretio propter scandala quæ audiuntur, videntur, tanguntur. Musso, *Conciones*, *Colon*. 1594, I. 670. *(Conc. fer. IV. dominicæ V. in quadrages.)*

sio. [1] Destas palestras, dignas do tempo de Augusto, uma cousa sómente se lucrou com efeito: — ter saído a bula de Leão x., que fulmina Lutero, escrita nos termos da mais pura, da mais bela e da mais fulgurante latinidade. Tudo mais não tinha o menór valôr. Epicuro e o [2] Anti-cristo vão ao leme da pobre barca de Pedro, a êsse tempo, como a Itália dos dias de Sordello, reduzida a [3] *nave senza nocchiero in gran tempesta.*

As esperanças de reforma vão sendo perdidas a toda a hora. Lourenço Pires de Távora, embaixador de Portugal junto do papa, escrevendo, de Roma, a 22 de agosto de 1562, à raínha, mostra-se tam apreensivo sôbre os destinos da Igreja, e tam pouco confiado na regene-

---

[1] Conf. L. Cappelletti, *La Riforma*, c. II., p. 130. (*Torino*, 1912).

[2] Contra o que geralmente se pensa, Lutero não foi quem primeiro designou o pontífice romano pelo epíteto afrontoso de *Anti-cristo* Êsse apôdo tornou-se corrente no século XIV., e é originariamente devido a Guilherme Ockam, o qual o lançou por ocasião da campanha dos franciscanos espirituais contra João XXII., motivada na célebre polémica da *pobreza perfeita.* Cf. Goldast, *Mon. S. Rom. Imperii*, t. II. p. 952-76. É nas *cavillazioni derisorie*, que Ockam arremessa aquela injúria ao papa. B. Labanca, *Il Papato*, c. IX. *terzo periodo del Papato* (1303-1517) p. 294.

[3] Purg. c. VI. 77.

ração moral dos seus representantes, que já sómente em Deus põe o remédio de tantas culpas. "As coisas da religião vão em grande ruína — diz êle —: esta see apostólica está em gram perigo de grande demenuição no estado e na reputação... Deus acuda a tudo, porque em negocio tam perdido dele soo se póde esperar o remédio." [1]

A Companhia de Jesus, que no dizer do seu fundador, vem acudir aos destinos do papado pôsto agora em grave risco pelos implacáveis campeões da Reforma, transige com toda essa corrupção e perversão do clero, por julgar que reconhecer uma tal evidência seria o mesmo que capitular em face do inimigo, cuja justiça, ainda a mais clara e manifesta, deveria negar-se-lhe. O que a interessa e inflama o fervôr dos seus campeões é tam-sómente a omnipotência do poder pontifício. Fóra disto há apenas o combate das heresias novas, dessas heresias que, na sua grande parte, não passam de reivindicações seculares, que em nome da doutrina evangélica Lutero apenas busca renovar. Quanto aos costumes de Roma, segundo os jesuitas, não há que emendar. Inácio entende que tudo vai muito bem.

---

[1] Biblioteca da Ajuda, *Cartas de Lourenço Pires de Távora*, f. 174, *v.*

Nestes termos, não é de admirar que a Companhia tenha no concílio de Trento um logar à parte, derivado da sua indiscutível autoridade na emprêsa de fazer manter, perante o mundo católico, o *statu quo* de toda a corrupção. No debate da residência, considerada de *jure divino*, e que, por poder tornar os bispos independentes da cúria, mais estreita relação tinha com a magna pretensão da omnipotência do papa, os padres da Companhia fórmam grupo à parte, com os italianos e alguns espanhois, contra os prelados portuguêses e a maior parte dos francêses e castelhanos. [1] Os que votam com a Companhia de Jesus são unicamente os que desejam continuar com a libertinagem do *non residendo*. [2]

---

[1] "O partido que quer a residência *de jure divino*, e superioridade dos Bispos, consta dos Arcebispos de Braga e Granada, do Bispo da Leiria, e da maior parte dos Prelados castelhanos e francêses: o contrário consta dos prelados italianos, alguns espanhóis e dos padres da *Companhia de Jesus*„ Carta de D. Fernando Martins Mascarenhas a El-Rei. (de Trento, a 9 de fevereiro de 1563.) *Arquivo Nacional* (Tôrre do Tombo) Gav. 2, Maço 5, n. 11.

[2] "A residência por prejudicar muitos membros do concílio resolveu-se que mais não falassem em tal.„ Carta do Dr. André Velho a Lourenço Pires de Távora, de Trento, a 27 de agosto de 1562. Ibid., *Cartas de Lourenço Pires de Távora, f. 67. v.*

O que no entanto se torna capital é a transformação do pontífice em *imperator*. A doutrina mantida nos concílios de Basileia e de Constança tem de ser renegada e tida por herética.

Constando estar prestes a chegar a Trento o cardeal da Lorêna, Carlos de Guise, vindo de França com grande séquito eclesiástico [1], e vivos propósitos de pedir uma refórma profunda nos costumes da Igreja, de modo a atalhar um mal que já a muitos se representa sem cura, o arcebispo de Zara, que no concílio é um dos representantes oficiosos das ideias da santa sé, adverte os embaixadôres franceses de que, quanto a refórmas, o concílio *responderia depois de madura reflexão.* [2] Esta advertência é um escárnio. Ao embaixadôr português, que apresenta ao papa as protestações do seu rei, com palavras de

[1] O séquito compunha-se de treze bispos, três abades mitrados e dezasseis doutores teólogos da Sorbona.

[2] "Leu-se uma carta do rei de França ao concílio muito honrosa para o cardeal *(Carlos da Lorêna)*. Êste faz um longo discurso, lastimando as desgraças públicas. Os embaixadôres franceses pedem tambêm em nome do seu rei grande refórma *in integrum*. Contestou o arcebispo de Zara, dizendo que *o concílio responderia depois de madura reflexão.*" Carta do Dr. André Velho a Lourenço Pires de Távora. Trento, 1 de dezembro de 1562. *Eod. loc.* f. 75 *v*.

muito respeito em que vão súplicas em favôr da refórma da Igreja, "de cujos abusos procedem todos os males„, [1] Pio IV. responde-lhe com o silêncio da indiferença, por ventura estranhando que ainda lhe não mandassem de Lisboa o elefante que pedira em tempo, com recomendação de que o Távora tratasse o negócio por tal modo, que não desconfiasse el-rei, que era o papa que assim se fazia lembrado. [2] Que lhe désse o elefante, e que guardasse os conselhos.

Como côrra, em Trento, que os prelados francêses acudiriam ao concílio pedindo reformas radicais nos vícios e escândalos da côrte pontifícia, estabelece-se desde logo, entre os parciais do mundanismo sacerdotal, um verdadeiro pavôr. [3] O cardeal da Lorêna, não obstante a pu-

---

[1] "Por D. Alvaro de Castro que envia agora por seu Embaixadôr à cúria, manda *(El-Rey)* falar a Sua Santidade no que toca à reforma da Igreja, de cujos abusos procedem todos os males.„ Carta do Rei ao Arcebispo de Braga, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires. Barbosa Machado, *Mem. para a Hist. d'El-Rei D. Sebastião*, P.e I. L. II. c. XII. n. 128 (Maio 1562).

[2] "Sua Santidade deseja muito que Sua Alteza lhe mande um elefante, e disse-lhe para lho lembrar a Sua Alteza, mas não como cousa sua.„ Carta de Lourenço Pires de Távora a El-Rei. (de Roma a 28 de outubro de 1561) Ajuda, *Cartas de Lourenço Pires de Távora*, f. 306.

[3] "Corre que o Cardeal da Lorena traz consigo 37

rêza dos seus costumes ser menos que duvidosa, dá-se entre os curialistas como um dos maiores inimigos dos estilos de vida da santa sé. E, para tirar a tais propósitos todo o seu possível carácter de justiça e de razão, espalha-se logo por toda a parte, que no seu séquito véem trinta ou quarenta prelados, entre os quais muitos luteranos, sendo o principal fim da sua vinda destruir ou entreter o concílio.„ [1]

Claro:—tudo quanto seja protestar contra a devassidão clerical é, perante Roma, um acto de puro luteranismo. Do embate destas inconciliáveis opiniões resulta ninguêm, no concílio, saber entender-se, quanto a reformas. "O concílio

---

Bispos, os quais causam mêdo a Simoneta e a mais alguêm pela tormenta que se espera das reformas que dizem querer propôr.„ Carta do Dr. André Velho a Lourenço Pires de Távora. (Trento, 25 de outubro de 1562) Arquivo Nac. da Tôrre do Tombo. *Cartas de Lourenço Pires de Távora*. f. 72. v.

[1] Sua Santidade mandou-lhe dizer que soubera como de França vinha ao concílio o Cardeal da Lorena, com trinta ou quarenta prelados, entre os quais muitos luteranos, sendo o principal fim da sua vinda destruir ou entreter o concílio... Esta notícia pôs em grande confusão S. Santidade e a cidade de Roma. *Carta de D. Alvaro de Castro a El-Rei*. Roma 20 de setembro de 1562. Arquivo Nacional, *Corp. cron.* Part. I. Maço 106. Doc. 18.

está em muita confusão.„—diz, de Trento, para Lisbôa, em 30 de maio de 1563, o bispo-conde. —“Há três partidos:—continua o mesmo prelado:—um que pretende reforma sem papa; outro, papa sem reforma; outro, papa e reforma.„ [1] Os bispos portugueses achavam-se agrupados neste último terço. [2] Esta flutuação de conceitos não logra abrandar a febre nepotista do papa. Tam deplorável evidência chega a impôr-se mesmo aos menos suspeitos de intransigência com a lepra da santa sé.

“O papa trata muito do concílio„—escreve de Roma, a 16 de maio de 1560, para o cardeal-infante, o embaixadôr português, Lourenço Pires de Távora:—“mas tambêm trata com toda a actividade de arranjar bem os seus parentes, como Sua Alteza verá mais por extenso nas cartas a El-Rei.„ [3] Tal é a conta em que o papa tem o perigo em que àquela hora correm os destinos da cristandade!

Roma dispõe da fazenda dos mosteiros portuguêses, como de um feudo seu. Aludindo à

---

[1] Ibid. *Corp. cron.* Parte I., Maç. 106. Doc. 74.

[2] A êste partido pertencem os prelados de Sua Alteza. Ibid. *Loc. cit.*

[3] Carta de Lourenço Pires de Távora ao cardeal-infante, datada de Roma a 16 de maio de 1560. Biblioteca da Ajuda, *Cartas de Lourenço Pires de Távora*, f. 185.

insolência com que a garra pontifícia empolga as rendas de Refoios do Lima, investindo Carlos Borromeo no gôzo delas, o embaixadôr português tem palavras como estas: — "Tudo isto foi feito às escondidas. Quanto mais descortêses fôrem, e mais faltarem à palavra, em melhor terreno fico para depois responder como devo." [1] O nobre companheiro de armas de D. João de Castro e do infante D. Luis, o intrépido soldado de Diu, de Túnis e de Argila não póde assistir em silêncio à torpêza daquele saque. [2] E como lhe repugne tam cega submissão por parte da côrte portuguêsa perante os atrevimentos sempre crescentes de Roma, insinúa a D. Catarina que não dê posse ao procuradôr do nomeado, advertindo ao mesmo tempo o cardeal-infante de que — postoque seja preciso mostrar muito acatamento à Santa Sé, é tambêm preciso não lhe mostrar mêdo; e que a pouca idade d'El-Rei de modo algum autorise os atrevimentos que

---

[1] Carta de Lourenço Pires de Távora, a El-Rei (de Roma, a 15 de março de 1560). Biblioteca da Ajuda, *loc. cit. f.* 68.

[2] As rendas de Pombeiro estavam então computadas em 2:200 cruzados; as de Refoios do Lima em 800 cruzados. Total 3:000 cruzados, ou sejam mais de dez contos da actual moeda portuguêsa.

infundadamente com êsse pretexto se executam.[1]

Tais palavras, ditas por tal homem, e em tal logar, mormente à hora em que a consciência dos destinos portuguêses as recolhe, valem bem pela mais formidável das lições.

No entanto o futuro capitão de Tanger não fica por ali. Empunhando a pena com aquele alto brio cavaleiresco com que sempre empunhára a espada, logo no dia imediato àquele em que tam deliberadamente se derigira ao cardeal-infante, escreve à rainha, para a armar de iguais avisos. Urgia que aquela princêsa, cujo espirito ascético era já uma indiscutivel conquista dos jesuitas, com vivíssimo aplauso de Roma,[2]

---

[1] "É preciso mostrar muito acatamento à Santa Sé, porêm não mêdo; e que a pouca idade d'El-Rei de modo algum autoriza os atrevimentos que infundadamente com êsse pretexto se executam.„ Carta de Lourenço Pires de Távora ao Cardeal-Infante, de Roma, aos 13 de fevereiro de 1560. *Ajuda, cod. loc.* f. 183.

[2] Breve de Pio IV. *Certiorem facimus*, de 28 de dezembro de 1559, dirigido à rainha D. Catarina, mostrando-lhe o seu contentamento pela tutela que exerce sôbre El-Rei D. Sebastião. *Tôrre do Tombo, maço 27 da Colecç. das Bulas*, n. 30. Pouco mais de um ano depois, pelos breves *Certiores facti* e *Binas abs te litteras*, de 30 e 31 de março de 1561, o papa insta com D. Catarina e com o infante para que não abandonem a regência, pelos ma-

entrasse, quanto antes, na plena razão dos seus deveres, defendendo os direitos daquela mesma corôa, que já começava a vacilar na cabeça do seu infeliz pupilo. Importava, e muito, que não só o cardeal imbecil, senão que também a viuva de D. João III., varonil e austera, escutassem os avisos do seu leal servidor, avisos que, àquela hora, deviam soar na côrte como uma toada plangente, evocadôra dos mais tristes preságios. "É necessário — diz êle — que a Santa Sé reconhêça que a obediência que se lhe deve não exclúi a liberdade de proceder conforme se julgar justo e conveniente." [1]

Heróicas, mas inúteis palavras.

Todavia os destinos da Igreja, conjuntamente com os de Portugal, haviam de cumprir-se. Como sombra negra, funesta, que de longe vem preparando esta dupla catástrofe, ambas sem precedentes na história dos dois agregados morais que lhe sofrem o embate, lá está, na plena actividade da sua nefasta influência, a Companhia de Jesus. Pela acção da sua tenebrosa auto-

---

les que daí podem resultar a Portugal. *Ajuda, Colecç geral*, *t. II. ff. 182 e 185 v.*

[1] *Ajuda. Cartas de Lourenço Pires de Távora*, f. 167. Conf. Visconde de Santarêm. *Quadro elementar*, t. XIII., p. 115.

ridade, o papa será proclamado, na assembleia de Trento, como sendo o suprêmo poder da Igreja, superior em dignidade e em jurisdição ao próprio concílio. Será a tardia, mas fatal desfórra de Lainez sôbre Basileia e Constança. [1] Do mesmo modo, D. Sebastião será o "rei cristianíssimo por excelência:„ [2] mas tanto do pontífice omnipotente, senhor absoluto dos destinos da cristandade, como do rei, seu sérvo e sua prêsa, [3] não restarão em pouco tempo mais do que ruínas e destroços. O grito da Reforma abalará a terra, desmembrando a Igreja. Êsse grito achará eco em todo o norte central da Europa,

---

[1] Cf. H. Böhmer, *Les Jésuites*, trad. de G. Monod, ch. III., § 2, p. 78 *et suiv*. Paris, 1910.

[2] "Tenho escrito ao Papa e falado aos Legados sôbre o que se deve fazer no perigoso estado em que se acha a Igreja. Quando *(o Papa)* fala em Sua Alteza sempre o nomeia *Rei cristianíssimo.„ Carta do Bispo de Coimbra a El-Rei, datada de Trento a 19 de janeiro de 1562. Arquivo Nac. da Tôrre do Tombo, Gav. 2, Maç. 3*, n. 22.

[3] Après la mort de Jean *(Jean III. — 1521-1559)* non seulement l'Ordre fut chargé de l'éducation de son petit-fils Sébastien encore mineur, mas il s'empara à un tel degré de la confiance du souverain, qu'on attribua, ***non sans injustice***, à son influence toutes les mesures prises par le gouvernement, et en particulier les malheureuses expeditions contre le chérif du Maroc, dont la dernière couta la vie à Sébastien, le 4 août 1578. H. Böhmer, *Op. cit.*, §. 3, p. 85.

dominará a Gran-Bretanha, avassalará a Suíça, a Boémia, a Escandinávia, os Paises-Baixos, a Escócia; penetrará em França, obrigando os seus reis aos maiores crimes, fixar-se-há mesmo na própria Espanha, na pátria de Torrequemada e Arbuès, embora sob a fórma atenuada e scéptica do *erasmismo,* a que não poderão subtrair-se, desde o rei até o inquisidor-mor, [1] os prelados mais céle-

---

[1] Tanto Carlos v. como o seu confessôr, fr. Bartolomeu Carranza arcebispo de Toledo e seu assistente à hora da morte. passaram em vida não só por *erasmistas*, mas não poucas vezes também por *luteranos*. A carta de Melanchton, escrita em 1531 ao imperador, exprobrando-lhe a sua irregular conduta perante a Dieta de Augsbourgo, (Melanch. *Epist. select*. 1565. p. 365) bem como o procedimento seguido por Filipe II. com relação ao famoso dominico navarrês. confirmam esta suspeita. O Inquisidor-mór, D. Afonso Manrique de Lara, arcebispo de Sevilha, assim como o seu secretário, Luís Nuñes Coronel, estão nas mesmas condições. Os arcebispos de Santiago e de Bari, assim como o bispo Cabrero gozavam de igual reputação. "Puede decirse — escreve o snr. D. Adolfo Bonilla y San Martin, na *Revue Hispanique* (Erasmo en España — T. XVII. p. 387 —) que en la primera mitad del siglo XVI., no había en España una persona culta, desde el Emperador hasta el último vassallo; que apenas existía un humanista de gusto, desde el Primado hasta el último y mas oscuro teólogo, que no participase en grado mas ó menos perceptible, del fervor erasmista." Há uma carta do humanista espanhol, João Maldonado,

bres e os eruditos mais ilustres. A sua asa emancipadora baterá, pela ironia vicentina e pela independência mental de Damião de Góis, [1] o asfixiante ambiente da côrte portuguesa. A Igreja de Roma, porêm, nada vê. Todos os avisos são inúteis. O brado de milhares de consciências que poem em Deus a sua última esperança, e que o olham como a sua fortaleza

Ein feste Burg ist unser Gott

não consegue conter a devassidão papal, nem abre os olhos aos soldados da Companhia de

---

escrita a 11 de setembro de 1527, a Erasmo, que bem mostra o entusiasmo com que os eruditos do seu país se estão a êsse tempo empenhando na divulgação das obras do famoso oráculo da Renascença. *Multi eruditi viri* — escreve êle — *laborant in vertendis in linguam nostram opusculis tuis*. Loc. cit. Cf. Menendez Pelayo, *Hist. de los Heterodóxos españoles*. t. I. (Madrid. 1880) D. Adolfo de Castro. *Hist. de los protestantes españoles*. L. Cappelletti, *Op. cit.* L. III., *Riforma nella penisola iberica*, p. 360-78.

[1] O jesuita Simão Rodrigues é quem, na sua qualidade de promotor-teólogo, faz, perante o Santo-Ofício, a acusação de Damião de Góis. O processo durou um ano (1571-1572). A sentença condena-o, como *erético, luterano e apartado da fé*, a prisão perpétua, precedida de *acto de reconciliação*. A Inquisição comutou a pena. Conf. L. Cappelletti. *Op. cit.* pp. 374-5.

Jesus, que fórmam o têrço terrível da sua negra escolta. Á voz da verdade responde-se com a tortura; à dúvida com a fogueira. Á exegèse livre, que corresponde à letra simples e pura do Evangelho, acodem os escribas de Roma com a dialética do equívoco [1] e da mentira. Á miséria dos campos opõe o parasitismo da Igreja o espectáculo do fausto pagão e do impúdico concubinato dos príncipes mitrados. Ás lágrimas, que a opressão e a escravidão mental provocam, oferecem, os carrascos negros, o estridôr metálico das armas, e o baraço dos esbirros que andam na caça das vítimas, junto ao incansável aparelhar das fogueiras, que vão tornando a Europa, desde o chão revôlto das Flandres, até às margens do Tejo, num pavoroso incêndio.

[1] A torpêza dêstes *equívocos* não escapa ao látego trágico de Shakspeare. No II. acto, scena III., da ***Macbeth***, *o porteiro* traduz nestas palavras toda a negrura moral da doutrina jesuítica: — "*Who's there, i' the other devil's name? Faith, here's an equivocator, that could swear in both the scales against either scale, who committed treason enough for God's sake, yet could not equivocate to Heaven. O' come in equivocator.*„ O historiador alemão, H. Böhmer, na obra acima citada (p. 265, *nota)* entende que nesta referência satírica o poeta inglês alude à célebre *conspiração das pólvoras*, em que tam notoriamente se afirmaram as altas qualidades políticas da Companhia de Jesus, a êsse tempo aliada dos *puritanos*,

No entanto em França, e na cegueira do seu desatino, os Guise exultam. Na Espanha, Filipe II. leva a sua ferocidade até o extremo de assassinar o filho, em nome dos superiores interêsses da Igreja. O jesuita aplaude e lança novos combustíveis à bestial cratéra. O que êle quer é o papa—*imperator:* [1] e não tanto pelo júbilo que sinta com o espectáculo daquela enormidade; senão, e principalmente, por consesseguir converter o chefe visível da cristandade numa espécie de touro de Phallaris, dentro do qual, sem risco de abrasar-se, possa dali em diante ditar ao mundo, como dimanadas do suprêmo pastôr apostólico, todo o revoltante absurdo das suas leis.

Pelo que por casa nos toca, o espectáculo não é menos miserando. Em menos de quarenta anos, contados desde a entrada dos jesuitas nos paços da Ribeira, a decomposição nacional acelérа-se, e o país caminha apressadamente para

---

[1] Sôbre o absurdo e o perigo desta pretensão consultem-se os dezoito artigos *item propter*, apresentados na XL. sessão do concílio de Constança *(30 de outubro de 1417)*. especificadamente o XIII. *(item propter quæ et quando Papa possit corrigi et deponi.)* Conf. I. F. M. Lequeux, *Juris Canon., t. IV. c. II. p. 149-150, Parisis. 1850. 3.ª edit.*

a catástrofe. Dêsse *rei cristianíssimo por excelência*, como, com tanto ardor, o apelidava Pio IV., educado sob os auspícios de Roma [1] e pelo conselho dos filhos de Loiola, não resta agora mais que um cadáver mutilado, perdido, quáse insepulto nos areais de África, e como que servindo de trágico epitáfio à nacionalidade portuguesa. A embaixada de Francisco de Bórgia, ordenada pelos desígnios do refalsado ascèta de San-Justo, dava finalmente os seus frutos em Alcácer-Kibir. O duque de Alba, em Alcântara e Cascais, vem concluir a missão do jesuita junto da viuva de D. João III. Tudo para maior glória de Deus!

Os benefícios, pois, que à Europa católica trouxe, no século XVI., a Companhia de Jesus resumem-se neste expressivo e extraordinário quadro: — a ruina da Igreja em face da definitiva consolidação do luteranismo; e o domínio trágico da Espanha bárbara sôbre êsse pavoroso mar de sangue, que se estende desde a Gran-Bretanha até à Holanda; e das *matinas de agosto* até as côrtes de Tomar.

---

[1] É tal a avidez de segurar a prêsa, que a Companhia faz colocar ao lado de cada príncipe um confessôr seu! De sentinela ao cardeal-infante está Leão Henriques; de guarda à rainha posta-se Miguel de Tôrres. O rei, êsse está sob a garra de Luís Gonçalves. O paço da Ribeira é uma verdadeira caverna jesuítica.

Eis o que lhe devem a civilização e o amor de Deus!

*

Expôr, assim, êste lúgubre e tenebroso quadro de tantas misérias morais, em que a Companhia de Jesus representa sempre o seu odioso papel de aliada de todas as tiranias e de todos os crimes que mais directamente podem concorrer para o seu nefasto predomínio: — oferecer à consciência da História todo êste espectáculo de abominações suprêmas, com aquela imparcialidade que a todo o escritôr se impõe, ¿será defender o racionalismo, ou por ventura aplaudir a Refórma em todos os seus excessos, muitos dos quais, como ninguêm hoje ignóra, amargurararam os últimos dias do seu genial fundadôr?

Mas sou um *indiferente* — brada-me de Roma o beleguim velhaco, dando a êste qualificativo, não a acepção clássica de menosprêso pelas verdades reveladas, que teologicamente póde, quando muito, induzir falta de fé, e nunca uma característica de incredulidade; senão que um sentido grosseiro, arbitrário e absolutamente banal. Mas em qualquer das hipóteses, mostra ainda, o meu crítico, a sua grande estupidez!

Porque se pela ausência da fé—em que não sou culpado—posso parecer compreendido no primeiro grupo, embora sem responsabilidade moral, por isso que a fé não deriva da vontade, nem a ela se subordina, mas, como *visão interior*, [1] procede apenas do espírito; por o outro lado, na acepção arbitrária e fútil a que o mesmo beleguim se entrega, não posso cair sob a alçada do segundo conceito, visto que o espectáculo das misérias humanas, seja qual fôr a fonte de que derive, jàmais deixou de produzir ou de provocar na minha consciência as afirmações do meu mais vivo e ardente protesto.

Em sentido algum, e em nenhuma hipótese, pois, quer política, quer religiosa, eu posso ser tido por um *indiferente*. Jàmais. Por um romeiro da Verdade, por um visionário frustrado, ou ainda por um apaixonado sonhador da Justiça, sim. *Indiferente*, nunca.

Indiferente é todo aquele que, em face da corrupção e do crime, cruza os braços ou fecha os olhos, tanto mais deliberadamente quanto é dos favorecidos pelos acasos do poder que sái a voz ou o gésto que afronta as consciências.

---

[1] Nem como *assensus (teoria scotista)*, nem como *confiança (fórma protestante)*, a fé póde constituir um acto da nossa vontade.

Indiferente foi Roma, perante a devassidão do alto e do baixo clero, que desde os meados do século XV. converte a Igreja dos papas num prostíbulo e num balcão de onzêna. *Indiferente* é a santa sé em face das blasfêmias, que nos princípios do século XVI., e sem o menor correctivo se proferem nas ruas e nos lupanares da capital sagrada, sem que apareça um pulso que contenha os insolentes. Lutero conta, com verdadeiro pavôr, que, à mêsa de um estáo, ouvira gabarem-se alguns padres libertinos de que na missa, após as comunicantes, as palavras da consagração eram substituidas por estas:— *Vinum es, et vinum manebis; panis es, et panis manebis.* Estas torpezas, que o futuro heresiarca confessa haver fixado com assombro, causando-lhe tais blasfêmias "o efeito de uma flecha que lhe cravassem no coração", [1] eram acolhidas com gargalhadas e galhofas cínicas por parte dos assistentes. A toda esta bacanal eclesiástica não é, nem póde ser estranha, como diz S. Bernardo, a negligência dos bispos. [2] A ela assistem os delegados das mais altas dignidades da Igreja, ora como cúmplices, ora como espectadores.

---

[1] Luter, *Opera (ed. Erlangen)* 31, 72, 372. F. Kuhn, *Op. cit.* I. *ch.* VII. *pp. 98-9.*

[2] Insolentia clericorum, cujus mater est negligentia Episcoporum. Bernard., *Ep.* CLII.

Indiferente é do mesmo modo a cúria, negociando sem convicção e sem nenhuma espécie de sentimento religioso, desde o pontificado de Paulo II., com boémios, bávaros, francêses e alemães, àcêrca da chamada concessão do cálix, negando ou confirmando as tradições utraquistas da Igreja, segundo a falsificada balança das suas conveniências de ocasião.[1] *Indiferente* é Paulo IV., activo partidário da refórma da Igreja nos dias de Clemente VII., e mais tarde, após a conquista da tiára, fervoroso defensor da Inquisição, e absolutamente surdo a todos os clamores de justiça.

Êste é que é o tal *indiferentismo*, não só asqueroso como funesto para os destinos da cristandade, visto que do seu impudente espectáculo resultaram, e estão resultando ainda agora para a Igreja, as mais lastimáveis conseqüências.

Eu não, cujo espírito, não de indiferença,

---

[1] "...os embaixadôres do império instam para que se conceda o cálix aos boémios, alegando que não se deve deixar perder um reino que torna à egreja de Roma, por lhe negarem uma coisa concedida já por Paulo II. e outros pontífices, e usada na primitiva igreja por tantos séculos. Os padres, segundo parece, querem-lhe outorgar o que pedem." Carta do Dr. André Velho a Lourenço Pires de Távora. De Trento, a 27 de agosto de 1562. *Arquivo Nac. Cartas de Lourenço Pires de Távora, f. 67. v.*

mas de justiça, se patenteia no modo claro, e por vezes severo, com que busco apreciar a acção dos homens em face da corrente moral da sua época, pouco ou nada inquirindo dos acidentes de predomínio ou de autoridade dêsses homens, nem buscando saber se usam tiára ou uma corôa, um barrete frígio ou um chapéu de côco; e muito menos se se assentam num trôno, ou numa gestatória, numa cadeira presidencial ou numa tripeça.

Incompatível e inconciliável com todo o género de tirania política ou religiosa, venha ela donde vier, quer seja exercida em nome da democracia, quer sob o pendão da realeza, quer ainda em virtude do papa ou dos seus parciais: —adversário intransigente de toda a repressão mental, de toda a intolerância e de todo o sectarismo que possa conduzir ao arbítrio ou à imposição de determinados princípios, quer os invóque o livre-pensamento, quer nô-los pretendam impôr os agentes profissionais de qualquer dogma: — a minha consciência sente-se bem, reconhece-se na plena posse de si mesma, desde que, como diz Schiller, [1] viva na ampla e serêna atmosfera da verdade, da justiça e do amor.

---

[1] Baumgartner, *Göthes Lehr und Wanderjahre*, (Ed. 2.ª 1855).

Não há dúvida, que nenhuma espécie de concordância existe entre esta ordem de ideias, e os sentimentos daqueles que tomando do cristianismo os seus velhos antecedentes judaicos, reduzem todos os actos aparentes do seu espírito à prática de determinados processos rituais, aproveitando da Igreja, não aqueles preceitos que atingem os seus interêsses, e que com êles brigam e colidem, mas tam-sómente os que se encerram por simples e fáceis fórmas litúrgicas ou cultuais.

E assim, neste farisaismo grosseiro e impudente, nesta religião *aisée*, que o instinto pessoal, o egoismo e a hipocrisia das chamadas conveniências sociais vão afeiçoando sempre ao sabôr dos seus interêsses e paixões, servir a Deus não é servir a verdade, a justiça, o amor; nada disso: —servir a Deus é recitar umas certas palavras, num automatismo imbecil e grosseiro, perpetrar determinados géstos, bem mais aparatosos que sentidos, e concorrer com simulada sinceridade aos ajuntamentos onde a igreja serve de palco e mostruário, e a santimónia faz o arremêdo da devoção.

De feito: uma religião, que a tam pouco obriga os seus adeptos e seguidores, é a melhor e a mais cómoda religião possível. O espirito mantêm-se estranho a tudo quanto lhe é imposto

por Jesus. Nem o amamos sôbre todas as cousas —a Êle e ao Espírito que representa, e que se nos manifesta na incarnação da justiça, e na essência de todo o bem: — nem temos pelo sofrimento do próximo aquela piedade em tudo idêntica à que dispensamos às nossas dôres. Fóra disto, o Evangelho será observado tam inteiramente, quanto nos não exija outro sacrifício maior que o da nossa assistência a festas quáse pagãs, em que o ruído e o luzimento das pompas decorativas suprem tudo aquilo, que o coração devastado pelo egoísmo e pela indiferença já não póde dar.

É na linha dêste conceito, que o meu crítico, com um impudôr sómente igual à sua ignorância, me acusa de não completar aquelas palavras do Evangelho de S. Mateus (XIII. v. 30) —*sinite utraque crescere usque ad messem* — como se da transcrição integral desta passagem alguma inconciliação pudesse ser deduzida a favôr de um culto obrigatório!

Êste reparo não induz sómente falta de cultura; isto é um claro estigma da mais bem definida estupidez. Por que sôbre não existir no Evangelho nenhum preceito que obrigue o crente à prática de determinados actos cultuais, aludindo-se em todas as suas passagens ao Espírito, lá tem Rodrigues, na própria página em que inutil-

mente morde, nas palavras de S. Paulo *(Ad Rom.* XIV. *10)* — *tu autem quid judicas fratrem tuum?* — e nas outras que se lhes seguem — *omnes enim stabimus ante tribunal Christi* — o desenvolvimento da tese que acima se esboça. ¿Erraria S. Paulo? É possível, visto que já nos dias da Reforma uma das suas *epístolas* foi taxada por alguns controvertistas mais em fúria, por pouco confórme com as doutrinas de Roma. [1]

No entanto oferecemos-lhe ainda o Evangelho de S. João *(IV. v. 5 a 24)* desde a entrada de Jesus em Sichar até ao encontro com a Samaritana, junto à fonte de Jacob. Aí, a mulher da tríbu de Efraim pergunta a Jesus porque tendo sempre seus pais orado sôbre o monte de Schemer *(in monte hoc)* agora lhe dizem os judeus, que em Jerusalêm é que está o logar onde se deve orar — *quia Jerosolymis est locus ubi adorare oportet.* [2]

Esta pergunta, na sua rutilante simplicidade, contêm toda a questão capital que neste momento nos interessa. Trata-se, nem mais nem menos,

---

[1] Foi a dirigida aos Galatas, cujo comentário feito por Lutero, embora repassado de um misticismo transcendente, mereceu as mais duras impugnações por parte dos teólogos do Papa.

[2] Joan., IV. 20.

do que da localização do culto; da obrigação que alguêm ousa impôr a todo o crente de adorar o Senhor num determinado logar. ¿Onde está Deus? ¿Em Jerusalêm? ¿No monte *(in monte hoc)* de Schemer? Esta interrogação encerra em si mesma, embora ainda sob uma forma rudimentar, a ideia de um culto obrigatório. ¿É em Jerusalêm, que está Deus?

Vai agora vêr, o jesuita, como Jesus responde à Samaritana:

— "Mulher: — diz êle — crê-me que é chegada a hora em que vós não adorareis o Pai, nem naquele monte, nem em Jerusalêm.„ [1]

Não há nada mais persuasivo. Toda a divina tolerância de Jesus transparece nestas palavras. Elas entram na nossa alma como um clarão de inefável bondade. O nosso espírito absorve-as; a nossa fraqueza mental compreende-as e atinje-as. Jesus lança as primeiras bases do culto universal. Nem sómente no monte de Schemer, nem em Jerusalêm deve ser adorado o Pai. O nosso amor deve buscá-lo em toda a parte. Êle estará sempre presente aonde a nossa oração sincera o invocar. E porque não possam restar dú-

---

[1] Dicit ei Jesus: Mulier crede mihi quia venit hora, quando neque in monte hoc, neque in Jerosolymis adorabitis Patrem. Joan., IV. 21.

vidas à Samaritana, para a qual a ideia de Deus era ainda a fórma bárbara de uma representação antropomórfica localizada, gentílica e pagã, Jesus adverte-a: "—*Spiritus est Deus; et eos qui adorant eum in spiritu et veritate oportet adorare.*" Isto é: — *Deus é espírito; e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram.* [1]

Eis o que é Deus, e eis tambêm o que é a verdadeira fórma de o compreender.

É, pois, a êstes que assim o adoram *in spiritu et veritate*, e não aos que o invocam na sua odiosa qualidade de *Rex tremendæ magestatis*, acêso em ira e abrasado em furor, oferecendo-lhe quáse sempre palavras sem sentido e sem incidência—palavras que lhes afloram aos lábios [2] num automatismo irracional e mecânico, divorciado da razão e do sentimento—que Jesus dá o nome de "verdadeiros adoradores"—*veri adoratores*—pois que em espirito e em verdade o invocam, e como espirito de verdade se lhe dirigem. Os outros, os formalistas de uma determinada crença; os hipócritas, que como os fariseus, sómente por actos sensíveis o conhecem, êsses são

[1] Joan., IV. 24.
[2] Marc. VII. 6.

os falsos adoradores, os que, no regime dos cultos obrigatórios, passam a ser crentes de ofício, e adoradores de profissão.

Nesta ausência, pois, de actos litúrgicos visíveis e aparentes, cujo fausto é, tanto mais fulgurante quanto menor é a fé e a sinceridade dos agentes estipendiados que nele entendem; — esta supressão de todas as fórmas verbais ou escritas, ou ainda ministradas por intermediários sem virtude nem pureza de vida, definem a sêde divina que Jesus — a suprêma Verdade — quer que seja o fundamento suprêmo de toda a adoração.

Todas as comunicações do homem com Deus são espirituais. *Spiritus est Deus;* e é em espírito que o devemos adorar, ainda que jàmais o possamos conhecer.

¿Como imaginar, ou sequer conceber pois, a possibilidade blasfema de um culto obrigatório? Obrigar a temer, ainda se compreende; obrigar a amar, jàmais. No acto de temer sempre está, latente ou manifesta, a violência. O amor é a espontaneidade e o encanto suprêmo. Culto obrigatório é fazer orar *à fôrça.* ¿O que é a oração imposta pelas armas? Como é que alguêm póde amar com receio de ser punido por falta de amor? Essa mesma ameaça conspurcaria a prece. Não seria rogar; seria cumprir uma sentença. Não há maior desvario!

O mesmo, com respeito à localização do culto.

É o mesmo delírio. Querer fixar um logar certo para a presença de Deus é dar mostras de gentio. Podêmos discorrer àcêrca do logar onde estejam os restos de Boudha ou de Moisés, as cinzas de Mahomet ou de Lao-tsé—: fixar, porêm, a morada de Deus, isto é, do Espírito, em qualquer parte da terra; determinar topográficamente a região em que êle melhor nos escuta ou a fórma ritual que êle tem como mais idónea à sua grandeza ou mais próxima ao eco das nossas súplicas, é blasfemar ou mentir. Deus não está particularmente, nem no monte da Samaria, nem em Jerusalêm. Como espírito, Deus está em toda a parte, sendo presente a quantos o adorem em espírito e verdade. Inacessível à palavra do homem, quando não seja o espírito que a mova ou encaminhe, [1] não há, nem póde haver por certo sacrifício mais grato à sua piedade, que o de um espírito atribulado e o de um coração verdadeiramente contrito e abatido pela dôr. [2]

Eu bem sei que se, ao jesuita Francisco Rodrigues, nos dias em que sua reverendíssima explorava a estupidez portuguêsa, qualquer samaritana do Barroso ou das terras da Póvoa lhe

---

[1] Paul. *Rom.*, VIII. 26.
[2] Ps. L. 19.

perguntasse onde é que em Braga deveria, com mais proveito da sua alma, fazer oração, sua reverendíssima acudiria prestes a encaminhar-lhe os passos para a sua residência de S. Barnabé. E se acaso acertasse entrar com ela em prática, não caíria jàmais em dizer-lhe que Deus é espírito, e que sómente em espírito e verdade deve ser adorado. Nada disso. Todas as suas teologias se reduziriam a fazer-lhe vêr, que Deus é de carne e ôsso, precisa de esmolas grossas e doações pesadas, por intermédio dos pobrezinhos, que de roupêta e cabeção se entendem com êle em latim. Que o Deus-espírito, isso era lá para a conversa de Jesus, junto à fonte de Jacob. Agora estava o quadro muito mudado, os tempos eram outros e as necessidades muitas. Jesus, presentemente, usava batina, e pedia dinheiro às samaritanas galêgas que topava no seu caminho; e quanto à secura dos lábios sensuais e grossos dos seus agentes e caixeiros-viajantes, essa não costumava, em regra, ser vencida com água. O côrpo exigia outros refrigerantes menos patriarcais.

Do mesmo modo, se o referido padre Francisco Rodrigues — *quod Deus averlat* — houvesse de ser crucificado no alto de um monte, não iria escolher um hôrto de oliveiras, como templo da sua última prece, preferindo-lhe, sem dúvida, a casa do Barro, ou a de Campolide, postoque

ambas rescendentes ainda dos arômas seminais, que serviram de combustível à perdição de Sodôma. De resto, o biscainho, fundadôr da sua cooperativa, procederia da mesma maneira.

Eis a fatal diferença.

Jesus orou sem livro, sem imagens, sem altar, elevando a sua oração espiritual até o infinito acessível às consciências. E, feito isso, preparou-se para o sacrifício. Loiola, em tais circunstâncias, levaria nas mãos os seus *Exercícios*, leria por êles, visto que desprovido de um formulário ritual não poderia nem saberia entender-se com Deus. E, sem a menor emoção, a frio, viria depois jactar-se, como autêntico espanhol, de que ouvira vozes, que presenceára actos, que entendera palavras, como na famosa visão de Strada dissera ter visto o Padre Eterno tomando um vivíssimo interêsse pelos negócios da Companhia de Jesus, a ponto de os recomendar com grande empenho ao Filho; em vista do que êste, voltando-se para Inácio, lhe diz em latim — a língua que o celeste protócolo impõe em tais apêrtos: — "Vai; segue com os teus companheiros para Roma; eu vos serei propício — *ego vobis Romæ propitius ero.*" [1]

---

[1] Bartoli, t. I., p. 369.

O mesmo em Manresa, onde asseverára que a Virgem lhe estivera ditando o texto dos *Exercícios* — dêsses mesmos *Exercícios*, que êle melhor do que ninguêm sabia haver copiado do manual de devoção, que D. Garcia de Cisneros compuséra para uso dos peregrinos de Monserrate.

Que farçante!

*

Por último, numa nota fugaz, [1] e no evidente propósito de não deixar ali grande rasto de suas originais asneiras, bastando-lhe, para o caso, o vasto pecúlio que delas já vai desbaratado, Rodrigues contesta, por meio de uma interpretação calvinista, servilmente gramatical, com que pretende averbar as palavras de Jesus: — *Vade post me Satana, scandalum es mihi quia non sapis ea quæ Dei sunt, sed ea quæ hominum* — [2] que tais expressões se dirijam aos fariseus, mas sim a Pedro.

A absoluta identidade moral, que liga os

---

[1] F. R. *Op. cit. p. 23, nota 1.*
[2] Math., c. XVI. 23.

jesuitas aos antigos escribas judaicos, explica de sobejo o empenho dêste seu degenerado e grotesco rebento lusitano. Não quer que lhe ofendam os progenitores históricos. O homem oferece-nos, assim, os seus belos princípios de solidariedade mental. É de louvar.

Vejamos, pois, o caso:

Jesus achando-se, um dia, em Cesarêa de Filipe, declara aos discípulos, que tem de ir a Jerusalêm, aonde o esperam muitos actos de hostilidade por parte dos escribas e fariseus, e onde será morto, ressuscitando ao terceiro dia. [1]

Pedro, em cujo coração esta nova vem lançar a maior dôr, tomando a Jesus de parte, "começou a increpá-lo, dizendo: — Deus tal não permita, Senhor; e não sucederá isso contigo.„ — *Absit a te Domine: non erit tibi hoc.* (v. 22).

E Jesus então, em face daquela prova de amor, daquele interêsse todo feito de ternura e de afecto, Jesus responde assim ao discípulo: — "Tira-te diante de mim Satanás, que me serves de escândalo, porque não tens gôsto das cousas que são de Deus, mas das que são dos homens.„ — *Vade post me Satana* &. (v. 23). Isto é: — Jesus, diante de uma tam grande prova de

---

[1] Math. c. XVI. 21.

amor, patenteada por aquele a quem momentos antes reconhece a virtude de estar em comunicação espiritual com seu Pai — *quia caro et sanguis non revelavit tibi* (hoc) *sed Pater meus, qui in cœlis est:* — Jesus terá respondido ao discípulo com aquela crueza, senão até que com aquele aberto desabrimento. Dando-lhe, pouco antes, o nome de Bemaventurado — *Beatus es Simon* — e destinando-o à posse das chaves do reino dos céus — *et tibi dabo claves regni cœlorum* — (v. 19) —; sómente porque o discípulo pede a Deus, que as desgraças que lhe anuncia não sucedam, [1] Jesus... perde a cabeça, e desata a descompôr o *beatus Simon* de há instantes, chamando-lhe Satanás, e lançando-o da sua presença, com o labéu infamante de "não ter gôsto das cousas que são de Deus, mas das que são dos homens!„

Eis o que resulta da interpretação literal do texto do Evangelho, e que o jesuita Rodrigues, com todos os seus arreios hermenêuticos, acha muito natural, muito lógico, e até grandemente confórme com os seus princípios de

---

[1] Pedro, segundo o jesuita. "não podia *levar a bem*, que seu Mestre fôsse maltratado.„ Em português de Tuy, não se pode, com efeito, traduzir melhor o Evangelho de S. Mateus.

exegèse revelada. Nada mais claro, segundo êle.

Quando alguêm, a quem tenhâmos dado as provas do nosso mais vivo afecto, e o testemunho da nossa maior confiança, manifestar empenho em que, contra o que se anuncía, não corrámos perigo no passo a que nos determinamos, Rodrigues não vê nenhum desprimôr em que nós respondámos a todo êsse interêsse, filho de uma infinita bondade, por meio de expressões ásperas e crueis, como por exemplo aquelas de que se serviu Jesus, dirigindo-se a Pedro: —"Sai-te daqui *inimigo*, *altercadôr*, *espírito intrigante*—que tais são os eqùivalentes portugueses, que, ao hebraismo *Sátana*, segundo os filólogos, justamente correspondem.

E, Jesus, a personificação do amor e da bondade, em cujas palavras sómente a doçura e o perdão aparecem, Jesus terá correspondido por aquele modo bárbaro e incoerente à dedicação de Pedro!

E, pois, que é assim que está escrito, Rodrigues entende que é assim mesmo que aquela passagem deve entender-se, embora em detrimento de Jesus, e em absoluto desacôrdo, como veremos logo, com a opinião dos melhores comentadores desta passagem bíblica.

Ora, essa grosseira e tôsca exegèse de broeiro, é simplesmente irracional como o escriba que a invoca; e não tanto em razão dos altos preceitos

de hermenêutica sagrada, que podiam muito bem, e ao lance, ser aduzidos e que se dispensam; senão que pelas mais simples e singelas indicações da coerência histórica, tendo-se apenas em vista os antecedentes e os conseqùentes em que aquele episódio se fixa e manifesta.

Atentemos, pois, um pouco no quadro.

Toda a acção daquela parte do Evangelho de S. Mateus *(cap. XVI.)* decórre desde o seu comêço à roda dêste facto verdadeiramente admirável: — fariseus e saduceus chegam-se a Jesus para o tentar *(v. 1.)* Intimam-no a que lhes faça vêr algum prodígio: — ***rogaverunt eum ut signum de cœlo ostenderet eis.*** Jesus responde-lhes por estas incomparáveis palavras: — ***Generatio mala et adultera signum*** (σῆμα = prodigia) ***quærit; et signum non dabitur ei.*** (v. 4.) [1] E, falando desta maneira, retirou-se. A seguir os discípulos, tendo passado à banda de alêm do estreito, e como vis-

[1] Respondendo assim. Jesus qualifica a ignorância farisaica de verdadeira hipocrisia. Conf. A. Schlatter, *Introd. à la Bible*, trad. de J. Gindraux, *Mathieu*, p. 355. (Genève. I. H. Jeheber.) Esta opinião conforma-se com a de E. Burnouf na *Science des religions*, ch. IV. p. 99. (Paris 1872) quando diz: — "*Quant aux pharisiens, leurs craintes et leur hostilité allaient croissant, parce que. connaissant eux-mêmes par tradition la théorie du Messie, ils redoutaient de la voir se réaliser en Jésus.*"

sem que lhes faltava pão, Jesus adverte-os: — *Intruemini et cavete a fermento pharisœorum et sadducœorum* (v. 6.) Como, porêm, êles não alcancem todo o divino pensamento do Mestre, formulado nas palavras *cavete a fermento pharisœorum*, e as tomem no seu sentido natural, Jesus pergunta-lhes: — *Quare non intelligitis quia non de pane dixi vobis; cavete à fermento pharisœorum et saducœorum?* (v. 11.) Foi só então que os discípulos entenderam que não era já do pão amassado pelos fariseus que Jesus lhes pedia que se guardassem, senão que da sua doutrina — *sed à doctrina pharisœorum.* (v. 12.)

Ora reconhecendo essa doutrina, a par de uma certa cooperação divina nos actos morais, o exercício da liberdade humana, opinião que as palavras de Pedro, embora sómente inspiradas no amor — *absit a te, Domine, non erit tibi hoc* — parecem induzir, por isso mesmo que se estava determinado que Jesus vá a Jerusalêm para "padecer muitas cousas e morrer„, de nenhum modo os votos de Pedro devem ser formulados: — ¿porque não admitir que é ao *espírito farisaico*, ao *espírito de Satanás*, de que essas palavras evidentemente procedem, e não *ao homem que as emite*, que Jesus se dirige? [1]

---

[1] *Vade post me Satana, scandalum es mihi* (sy-

Nem com palavras, nem com armas Jesus quer que alguêm se alevante contra a suprêma vontade de seu Pai. Toma isso como um acto de rebelião e de tentação *(tentatio, deceptio)* sugerido por Satanás. [1] Ao que arranca da espada em sua defêsa, e acomete contra o servo do príncipe dos sacerdotes, adverte-o êle, dizendo-lhe que faça entrar o ferro na bainha, "pois que todos que tomarem espada morrerão à espada.„ (v. 52.) E, a seguir, observa-lhe: — "Acaso cuidas tu, que eu não posso rogar a meu Pai, e que êle não porá aqui logo prontas mais de dôze legiões de anjos?„ (v. 53.) Toda a intervenção humana em

---

rus "*offendiculo* es mihi.„) S. Hilarius τὸ vade post me, refert ad Petrum, vero *Satana scandalum es mihi*, refert *non ad Petrum, sed ad diabolum qui suggesserat Petro.* Sciens enim Dominus diabolicæ artis instinctum Petro ait: Vade retro post me, id est, *ut exemplum suæ passionis sequatur.* Conf. Corn. A Lapide, *Comment. in quatuor Evangelia*, p. 131. (Venetiis. 1740.)

[1] Et ideo quia contrarias voluntati meæ debes *adversarius* appellari. S. Thom. *in* A. Lapide, *loc. cit.* Segundo A Lapide *(eod. loc.)* já êste assunto fôra versado no v. concílio ecuménico de Constantinopla, no qual, em uma das suas constituições, se estabelece: *anathema iis, qui illud Christi* — Vade post me Satana — *dictum fuisse volunt ad Petrum, ne dissuasione ejus animus Christi perturbatus fugeret passionem, eo quod passione sua sibi proficere.*

seu benefício a tem Jesus, como sugerida por Satanás — isto é, pelo espírito do mal *(spiritus nequam)*. É o mesmo que tentar embaraçar ou pôr extorvos à vontade divina, que o manda a padecer e a morrer pelos homens. [1] E se acaso houvesse esfôrço de amor ou violência, que o subtraísse ao sacrifício, ¿onde é que ficava o cumprimento das Escrituras? — *quomodo ergo implebuntur Scripturæ, quia sic oportet fieri?* (v. 54.)

Jesus tem de obedecer. [2] É esta a fase mais

---

[1] ... dixit *(Jesu)* Petro: — ***abi post me satana***, tu ***obstaculo es mihi***... O' blasphema vox inimicorum crucis Christi, perpetuis vindicanda flammis! Vere impletur hic verbum apostoli, quod crux et mors Christi Judæis scandalum est, et gentibus stultitia, nobis autem credentibus salus ad vitam. Mors Christi non attulit mundo mortem, ut preversus ille Judæus scribit, sed vitam. Nec quia Deus prævidit Christum futurum deum et hominem, homines mori cœperunt, sed quia homo peccavit, deus factus est homo et humiliavit se factus patri cœlesti obediens usque ad mortem, ***à qua obedientia cum per Petrum revocaretur***, ***vocavit eum satanam***, ***ut qui ex instinctu satanæ cum conaretur abducere***, ne fieret hostia pro peccatis illorum quos pater ad vitam ordinaverat. Sebast. Munsteri, ***Evangel. secundum Matheum in lingua hebraica cum versione latina. atque annot.*** Basilæ. apud Henrich. Petri. pp. 256-261.

[2] *Oportet eum ire in Jerusalem.* Appropinquabat tempus suæ passionis, ***ideo voluit in discipulis augere***

sublime do seu amor. Êle a anuncia aos discípulos, como tendo chegado o momento em que o Filho do homem será entregue, traído, negado e crucificado. Eis porque procurar ferir o mais vil dos seus inimigos, ou pedir a Deus, como Pedro, que o que está anunciado se não cumpra, o mesmo é que buscar suster a plenitude das profecias, e, por tanto, dar mostras de *espírito satánico* ou *farisaico.*

Tal o êrro, que Jesus descobriu e exprobra, não em Pedro, mas sim nas palavras de que êle inconscientemente se serve, quando pede a Deus que aquilo que Jesus lhe anuncía, e que tam directamente se refere aos trabalhos que o esperam, não venha de modo algum a realizar-se. É *ao espírito* que dita essas palavras, e que Jesus teme que *entre* em Pedro, como *entrará* dentro em pouco em Judas, [1] que Jesus se refere, quando ordena que se tire da sua presença porque lhe serve de escândalo — *Vade post me* (spiritus) Satana. Dirigidas *a Pedro,* tais palavras constituiriam não só uma inconcebível afronta, como uma injustiça cruel, absolutamente inconciliável

---

sui cognitionem atque roborare fidem ne deficerent... Sebast. Munsteri. *loc. cit.*

[1] Intravit (= εἰσῆλθεν) autem satanas in Judam. Luc. XXII. 3.

com a confiança sem limites, que Jesus dispensou e continuará a dispensar-lhe.

E, pois que nós tomamos tais palavras de Jesus — *Vade post me Sàtana* — como dignas de se aplicarem aos jesuitas, em razão de êles serem hoje na Igreja os mais autênticos representantes do espírito farisaico, o nosso exegèta, cuja ignorância vai até desconhecer aquilo que os mestres da sua Ordem escreveram no assunto, acóde logo, por honra da casa, bradando que não! que de modo algum tal cousa deve entender-se! E que aquele Satanás, que Jesus manda sair da sua presença, como indigno de compreender o que seja Deus, não é o *espírito farisaico*, e virtualmente a Companhia de Jesus, senão que sem dúvida alguma, S. Pedro!

Esta absurda e arbitrária exautoração do Apóstolo, sem precedentes em todos os Evangelhos e negada, com excepção de Calvino, [1] por todos os exegétas bíblicos, não o maravilha nem surpreende.

Que bisbórria!

---

[1] Segundo Calvino, Jesus, assim como, pouco antes, deu a Pedro o nome de πέτρα, bem podia chamar-lhe agora σατανᾶς. Esta glosa não honra os créditos do grande apóstolo de Genebra, visto que nem na primeira nem na segunda destas passagens, Jesus se dirige *pessoalmente* ao Apóstolo. Cf. C. A Lapide, *loc. cit.*

E o snr. padre Augusto Spinetti, que na sua qualidade de *Prepósito da Província Romana* consente, certamente sem os lêr, que tais dislates se imprimam e corram, não faz desde já substituir por uma sovela, a pena com que êste mísero sapateiro de roupêta está conspurcando, pelo modo mais irreverente e anedótico, não só a língua portuguesa que mal conhece, como os créditos literários do seu Instituto, que tinha obrigação de conhecer!

Ao bravo e inculto conde de Santa Maria se atribúi um rasgo de suprêma sagacidade, muito semelhante a êste, agora praticado por êste Rodrigues.

Foi pelos dias da restauração cartista. O general fôra ao paço cumprimentar a raínha. A soberana e o seu condestável estavam sensivelmente bem dispostos. Contavam-se anedotas depressivas do setembrismo. O príncipe herdeiro, D. Pedro, ainda de poucos anos, acabava de entrar na sala trazendo nas mãos uma estatueta do menino Jesus. Era uma peça muito artística, porque tocando-se num botão que tinha junto de um calcanhar, o menino Jesus, cujas pernas e braços eram articulados, perpetrava os mais graciosos movimentos. O general, entre todos os assistentes, era o mais maravilhado com o caso.

Ria como um bom soldado, sem o menór acatamento pelos estilos da côrte. A raínha chamando o príncipe para mais perto do seu estrado, disse-lhe que fizesse executar ali, na presença de toda aquela selecta companhia, algumas daquelas vistosas façanhas gimnásticas, que o menino Jesus vinha exercitando. O príncipe obedeceu. Novas e mais retumbantes gargalhadas pedestres do general, agora encerradas por estas breves palavras, em tudo dignas de figurar num auto de Gil Vicente: — "Ai, o filho da p....!„ E disse a palavra toda! — "Ó general!„ — observou-lhe um cortesão consternado pela irreverência sacrílega. "Olhe que é o menino Jesus!„ O general não se desconcertou, e prestes corrige logo: — "Bem sei; eu referia-me ao príncipe...„

É o caso, embora invertido, do nosso jesuita. O valorôso e honrado general, para salvar com dignidade os seus princípios de bom católico, preferiu transferir da Virgem Maria para a raínha, sua augusta soberana, o epíteto vicentino que, numa crise de entusiasmo tarimbeiro, desembestára contra a imagem do seu divino Salvadôr.

O nosso Rodrigues, bem menos devoto que o general, segue um outro teôr de conduta. Para salvar a santidade da Companhia, cujas armas professa pelo modo que se vê, transporta, da cabeça de Loiola para a de Pedro, o epíteto de Satanás.

É esperto, o padre.

XV

Porque no nosso estudo tenhâmos dito [1] que, na Companhia de Jesus, "a obediência vai até o ponto de os superiôres *poderem sem escrúpulo ordenar um pecado mortal*, conforme o tema da sua VI., 5., *Constituição — Visum est nobis in Domino*—que o próprio historiadôr Ranke declara *que é preciso lêr para crêr;*" Rodrigues, com esta característica audácia que procede em regra da ignorância, insurje-se contra uma tal *novidade*, que há séculos os textos invocados confirmam, propondo-se nada menos do que desmentir quantos no assunto venham ao seu encontro!

---

1. J. C. *Op. cit.* L. I. c. I. p. 9.

Ora até que em fim apareceu o homem que no formidando caso dirá a última palavra!

Ouçâmo-lo, pois, já que a fatalidade das circunstâncias nos força a que lhe prestêmos atenção.

Assim, fingindo logo de princípio desconhecer a índole fundamentalmente militar da Companhia de Jesus—(Societas quasi dicas *cohortem aut centuriam*) [1]—êste homem, cuja improbidade literária sómente póde ser nivelada com os extremos da sua ousadia, procura provar com argumentos fúteis e contraditórios de há muito já sobejamente esmagados, que jàmais na sua Ordem a abdicação da vontade póde levar até à prática de um crime, desde que êste seja impôsto por um superiôr.

O reparo, como logo verêmos, sôbre não conter o menór fundamento de autoridade, limitando-se a reproduzir aquilo que por milhares de vezes tem sido contestado e até desmentido com triunfo, [2] é agora apresentado por uma fór-

---

[1] Nigroni. *loc. cit.* Conf. IV. p. 37 do presente estudo.

[2] Rodrigues, como todos os seus predecessôres neste género de peleja, sem excluir o próprio professôr João Alzog, vai buscar o grôsso das suas munições de controvérsia ao já vélho e arruinado arsenal de Cristiano

ma intencionalmente manhosa, postoque, no fundo, originalmente imbecil.

Em face dêstes predicamentos, toda a refutação do ardiloso aparato crítico do nosso jesuita se torna por igual fácil e incontestável.

Vejamos pois:

Considerado o agregado político-religioso dos filhos de Loiola como um côrpo de exército, ou talvez melhor, como uma companhia de guerra, [1] *coorte* ou *centúria*, segundo a clara e manifesta intenção do seu fundadôr, ¿como admitir que o astuto biscainho deixasse escapar à melhor e mais inteligente segurança da sua Ordem, a um tempo militar e eclesiástica, uma das primeiras bases, senão a principal, da disciplina dos

---

Mensch, auxiliado pelos subsídios que lhe faculta o catedrático de Göttingue. Dr. Kern. A obra intitula-se *Refutation des griefs de Lang. qui reproche aux Jésuites d'avoir le droit légal d'ordonner le péché.* Mayence. 1842. Em todos êstes recontros, a acusação de ignorância da língua latina, feita aos adversários, é freqùente. Rodrigues usa de toda esta farragem com aquela astúcia que em geral o caracteriza e define.

[1] Suarez acentúa em todos os seus escritos esta índole militar da Companhia. A sua constituição é a imagem de uma companhia de soldados: *est quorandam militum societas.* De religios. Soc. Jesu. L. I. c. I. §. 10. t. IV. p. 385.

exércitos? [1] Quem tal pensasse daria prova, e prova bem triste, de não só desconhecer por completo a índole batalhadora e guerreira daquele espanhol ousado e contumaz, senão que a própria natureza da instituição a que êle deu todas as energias físicas e toda a consistência moral do seu sêr.

Assim, a obediência, *a obediência até o crime,* impunha-se-lhe. Fôra essa obediência, com perpétuo e absoluto sacrifício da vontade, a que êle seguira e vira sempre seguir e praticar com êxito enquanto empunhára a espada nos têrços de Carlos v. E, assim, numa companhia de soldados, ¿algum deles ousou jàmais perguntar a quem tem a voz do comando, se há justiça ou injustiça, virtude ou pecado, na ordem que dá? [2] Pecado? Em razão da obediência, o superior é sempre impecável; e jàmais foi visto num campo de batalha um peão, embora fôsse o mais arguto dos homens, discutindo capítulos de obediência com o seu coudel.

Já atrás vimos, [3] como sem incorrermos em pecado, a moral jesuítica nos permite que assa-

[1] H. Böhmer, *Op. cit.* ch. II. §. 6. p. 68.

[2] Loiola não se esquece de versar êste ponto com uma sagacidade verdadeiramente militar. Huber., *Op. cit.* c. II. p. 46. *Der Gehorsam.*

[3] Conf. p. 48 e segg. deste estudo.

sinemos pai, príncipe, os mesmos inocentes, violando templos e saqueando santuários, desde que tais passos nos sejam impostos por quem manda, ou se ajustem à conquistá de determinados fins.

¿Não é isso um crime? É; mas quem obedece não peca, porque obedece; e quem manda também não erra, porque a autoridade está por si mesma isenta de toda a culpa.

E não sendo o jesuita, em sua origem, mais que um soldado de batina, e o soldado nada menos que um jesuita que cingisse o arnês, ¿como não confundir ou compreender na esfera da mesma irresponsabilidade os crimes que ambos pratiquem, visto que ambos dentro da sua *coorte* ou da sua *centúria*, como dentro do seu *cubículo* ou da sua *residência*, sómente se agitam e procedem para obedecer?

Sôbre estas razões, a que bem pudéramos dar o qualificativo de materiais, pois que a actos em que o raciocínio não intervem sómente se dirigem, temos ainda a acrescentar os motivos de ordem puramente moral, ou educativa, que convergem ao mesmo tema.

Loiola propunha-se não só a combater, como a esmagar a Reforma. ¿O que era a Reforma? A Reforma era a conseqüência da Renascença, avigorada agora a dentro dos domínios da teologia pelo grito da exegèse livre, quáse scéptica, que procedia do humanismo erasmita e do mais

perfeito conhecimento das línguas antigas, que a idade-média nunca alcançou. Conseqùentemente para o tradicionalismo dogmático, que vivia da falsidade decretalista e da burla das apostilas catedráticas, a Refórma era o perigo, a ameaça, a rebelião contra toda a patrística; e, ao mesmo tempo, a insurreição sistemática e inteligente contra os grandes e indiscutiveis expositôres católicos, a par da ruína dessa imensa máquina de artifícios transcendentes a que se convencionou dar o nome de escolástica.

Desta arrancada, afóra alguns místicos ekartistas da vélha escola alemã, salvam-se apenas, pela purêza e independência da sua fé, S. Paulo e S. Agostinho. Tudo mais ameaça sossobrar. O próprio colôsso dos concílios derrúi. Roma é a grande prostituta do ocidente, e o papa o autêntico Anti-cristo. Um tufão iconoclasta passa pelos altares, varrendo a grande totalidade dos eleitos do Vaticano, que o favôr e o dinheiro elevaram algum dia a semi-deuses. A liturgia simplifica-se; e os cantos sagrados, modulando-se ingenuamente em frases vulgares acessíveis aos mais rudes entendimentos, deixam de constituir palavras sem sentido nem incidência, para se transformarem em gritos da consciência e em santas evocações de amor.

É a Revolução invadindo os domínios espirituais da Igreja.

A êste movimento, que se inicia na Alemanha, e que ameaça conflagrar toda a cristandade, intenta Inácio opôr a enorme barreira da obediência. A Companhia sai a arraial, contra a Reforma, como um exército em armas. Para bem pelejar é preciso bem obedecer. O superior é o capitão por excelência. Tem de contar com os seus soldados, não como homens que raciocinam, senão que como máquinas de guerra que à sua voz se movem e deslocam. Obedecer, eis tudo. Urge que não sómente a vontade, senão que também a própria razão se escravisem. Mas isso é mutilar a alma! Embóra: é forçoso obedecer.

É assim, pois, sôbre as ruínas da alma, que Loiola intenta alçar o seu portentoso edifício para maior glória de Deus. O papado é a suprêma cidadela gloriosa que importa a todo o custo defender. O jesuita o fizera imperador, embora contra todas as tradições da Igreja. É agora como omnipotente que o quer servir a prêço de tudo. De tudo! E assim, como na disciplina material da sua Ordem, não há para o jesuita pecado, desde que o superior lhe ordene um crime, assim, na ordem moral, não há para êle nem êrro nem absurdo, desde que seja do oráculo romano que saia a decisão final. Não há, por tanto, liberdade moral, nem responsabilidade pessoal. Não temos que pensar, nem que querer senão pela vontade e pela inteligência dos que nos go-

vernam. ¿O que resta de nós? Um agregado sensível de que o superior disporá como de uma cousa. ¿Para o absurdo? ¿Para o crime? Para tudo.

Esta é a essência moral, a psicologia do fenómeno orgânico religioso-militar-político representado pela Companhia de Jesus. Vejamos, conseqùentemente, como essa tenebrosa psicologia de caserna se traduz e identifica no estatuto social.

Na sua *Constituição* VI. 5, a Companhia de Jesus estabelece claramente o seguinte: "— *Visum est nobis in Domino nullas constitutiones posse obligationem ad peccatum mortale vel veniale inducere,* NISI SUPERIOR *(in nomine J. C., vel in virtute obedientiæ)* JUBERET.„ A inteligência dêste preceito está ao alcance do mais tôsco mocinho de latim. — "Nenhumas constituições podem induzir ao pecado mortal ou venial, SALVO QUANDO O SUPERIOR (em nome de Jesus Cristo, *ou por preceito de obediência)* O ORDENAR.„ Os argumentos de Fehr, [1] agora reproduzidos em mascavado vasconso pelo nosso jesuita, de que os que assim convertem a passagem im-

---

[1] Conf. *Diction. encyclop. de la theol. cath. de Wetzer et Welte*, vb. *Jésuites*, p. 258-9. Corrija-se a lição de Jehr, de p. 31 dêste estudo, para Fehr.

pugnada não possuem todos os segredos do latim medieval, é capaz de fazer sorrir os mais tristes. ¿Pois houve alguma vez capítulo ou assento disciplinar mais claro?

Descontente, porêm, do argumento que reedita, isto é, de que ninguêm sabe latim senão os jesuitas, Rodrigues aduz em seguida que o texto *original*, em espanhol, da célebre *Constituição* VI. 5., não condiz bem com a versão latina que lhe fizeram. Que "o pronome *ea* não se deve referir ao nome do singular *peccatum mortale vel veniale* com o qual se empregaria a fórma *id.*„

Aqui há duplicação de asneira. Porque se no primeiro caso, por o latim estar certo com as intenções do santo, o êrro procede unicamente da imperícia do tradutor, ¿a que vem agora, em auxílio do caso, o *original* espanhol, assim como a dança dos *ea* e dos *id*, que Rodrigues faz intervir na função? Se, pelo contrário, o latim está falseando o tal texto espanhol, ¿porque averba de maus latinistas os que o reduzem à boa lição? Se, porêm, êle não adultéra os propósitos do biscainho, ¿o que é que vem aqui fazer a lição espanhola?

De resto, facto algum nos autoriza a que confiêmos no tal *original* (?) espanhol, agora ressurgido, e sôbre o qual a admitir-se a sua inconcordância com a versão latina que o reproduz, a ninguêm seria dada a permissão de emitir

preferências no assunto, visto que uma tal divergência no latim, a verificar-se, bem podia ali ser expressa por quem, ao lance, tivesse toda a autoridade para a perpetrar.

¿E quem abona, em derradeira análise, a autenticidade dêsse supôsto *original?* ¿A Companhia de Jesus, cujas falcatruas em todo o género de escritos, dariam hoje, seguramente, para muitos livros? [1]

Depois, o argumento — se tal nome póde dar-se-lhe — de que Loiola sendo um santo (e que *santo!*) não podia ordenar um pecado, é tam contraditório como inprocedente. Inigo Lopez, nem mesmo sob a roupeta, deixou jàmais de sentir bater o seu impetuoso coração de guerreiro espanhol. Ordenar um pecado aos seus sócios é, para êle, o mesmo que dar voz de *fôgo!* aos seus soldados num dia de batalha. Eis porque muito e muito importa que, neste ponto de vista moral, apreciêmos o contexto da tal VI, 5. *Constituição* da Companhia, no qual como que se palpa e constata, ainda agora, a índole mística e característicamente militar daquele ousado filho dos montes da Biscaia.

Tal pensa Michelet, quando apreciando a

[1] Conf. I. Döllinger, *Op. cit.* c. III. §. 4.

base moral em que, na Companhia de Jesus assenta o preceito da obediência, escreve: — "Nesta Ordem militar, postoque debaixo da sua pacífica roupêta, *¿até que ponto irá a obediência?* Eis o ponto verdadeiramente capital, aquele mesmo em que se nos revela toda a originalidade do capitão biscaínho. Os fundadores das antigas Ordens diziam: "até à morte.„ Loiola não ficará por aí; êle dirá agora: — "*até o pecado!*„ Venial? Não. O seu preceito vai mais longe; *no voto da obediência está compreendido o pecado mortal.* "Visum est nobis in Domino nullas constitutiones posse obligationem ad *peccatum mortale vel veniale* inducere, *nisi superior* (in nomine J.-C., vel in virtute obedientiæ) *juberet.*„ Portanto se o superior o ordena, temos de pecar *(il faut pécher)* e pecar *mortalmente.* Novo, ousado, fecundo.„ [1]

Tal pensa o grande historiador francês. ¿Michelet tambêm não saberá latim?

*

Numa nota imbecil e pérfida, [2] Rodrigues acusa-nos ainda de aproveitarmos esta *caluniosa*

---

[1] Histoire de France, t. III. ch. XX. p. 303. *(Rome et les Jésuites).*

[2] F. R. *Op. cit.* p. 28, n. 2.

interpretação do texto latino da famosa VI. 5 *Constituição* da sua Ordem, abonando-nos com o testemunho de Ranke, sem advertirmos *(sic!)* que "êste escritor, ***reconsiderando no que escrevera***, modificou de tal modo o seu pensamento ***nas edições prosteriores, que afinal se retratou do que afirmára...„*** E dito isto, padre Rodrigues não sabe se há-de chamar-me ignorante, se desleal.

Que baixo trocatintas!

Ora nós é que não hesitamos um momento em arriá-lo dessas duas prendas, visto termos aqui diante de nós a obra ***Die römischen Päpste in den letzen vier Jahrhunderten***, de Leopoldo Ranke, na sua magnífica edição de Leipzig, de 1900. E aí, no seu I. vol. Livro II., a páginas 144-5, ***nota 5***, [1] o incomparável historiador alemão, depois de citar essa abominável ***Constituição*** VI. 5., que se inicia pelas palavras ***Visum est nobis in Domino — nullas constitutiones*** &c. — conclúi por esta exclamação de assombro: — "Man traut seinen Augen kaum, wenn man dies liest;„ isto é: — ***Lendo estas cousas, a gente chega a duvidar dos seus próprios olhos!***

Aqui está como Ranke, desde 1834 até 1900, no transcurso de sessenta e seis anos, ***se retratou!***

---

[1] ***Ausbildung des jesuitschen Institutes.***

Que incomensurável pandilha nos está saíndo, sob as suas vestes graves, êste senhor jesuita!

¿Também Ranke não saberia latim?

Seguros da incapacidade mental do seu público, os jesuitas, em regra, não trepidam diante das mais grosseiras mentiras. O êxito da sua propaganda deriva do conjunto destas duas taras psíquicas: — a deficiência congénita, em concorrência com a depressão do carácter. Aceitar por indolência malévola, ou estupidez, aquilo que a Companhia diz ou manda dizer pelos seus esbirros.

Não levantaremos, porêm, a mão dêste assunto sem advertir que esta obediência passiva que, na Companhia de Jesus, pela abolição da vontade, vai até o crime, não se mantêm sempre e inalteravelmente nos seus actos. É conforme. Enquanto lhes convêm, o superior representa Deus. "Não o considereis como homem sujeito a erros — dizem: — olhai-o como aquele a quem, *no homem*, obedeceis a Cristo.„ Esta é a fórma disciplinar do Instituto. Irrevogável? Não. Há momentos na vida doméstica da Companhia em que a rebelião contra êsse deus doméstico é admissível. Èsse momento sentiu-o ela uma vez no século XVII. Os gerais, Alexandre Gottofredi e Gowin Nickel chegam a ser detestados, indo o espírito de re-

volta até o ponto de serem destituidos. A criação de um *acessor* junto do geral é decretada. Êsse *acessor* será o *vigário* do geral, e seu futuro sucessor. ¿E a obediência ao superiôr? A obediência ficará agora dependente da fórma astuciosa representada pelo poder *cumulativo* do geral. Alexandre VII. compraz-se com a inovação. [1]

Esta crise da *obediência* acentua-se mais tarde, no século XVIII., perante a atitude do papa em face da Companhia. Clemente XIV. passa pelos mesmos extremos de rebeldia, sofridos um século antes, em 1651, por Gottofredi. Chega a ser-lhe negada a própria autoridade para decretar a extinção da Ordem. O jesuita proclama a canonicidade da desobediência. [2]

*

Ao encerrar-se êste capítulo, Rodrigues, como lhe pése não passar avante sem deixar o viscôso rasto das suas habituais perfídias, procura insinuar entre os traficantes da sua laia, que a tradução que oferecêmos de uma parte da *Epís-*

---

[1] Ranke. *loc. cit.* VIII. §. XI.

[2] Vidè adiante, c. XIX.

tola de Loiola *sôbre a virtude da obediência*, [1] segundo a lição de Huber, é uma versão de todo o ponto arbitrária, que não está confórme com o texto alemão a que aludimos, o qual, de resto, se encontra absolutamente em harmonia com a proposição latina. E que o nosso êrro se filía no facto de irmos catar a uma glosa francêsa o traslado integral da passagem que daquele modo expômos ao incauto leitor.

E, radiante seguramente, com esta pedrada de garoto, Rodrigues faz rodopiar as fraldas bisexuais da sua libré, contente sem dúvida com o sonhado êxito de tam inédita façanha.

Na verdade chega a ser cómica a petulância com que êste pateta, absolutamente anónimo, põe e dispõe da capacidade literária dos que não participam da sua opinião, concedendo e negando títulos de maior ou menor valia mental a quantos passam ao alcance dos seus dislates, e isto com a mesma facilidade alvar com que, adentro do seu cubículo confessional, expede ou suspende as suas cartas de livre-trânsito para o céu aos imbecís congénitos, que lhe apanham os perdigôtos e as asneiras.

É assim que, há pouco, entre sentencioso e

---

[1] *Ep. de obed. virtute*, §§. 12 e 18. *Inst. II. p. 64 et sq.*

grotêsco, o vemos decidir que tanto Michelet como Ranke não sabem bastante latim para bem alcançar o sentido tarimbeiro e trivial da VI. 5 *Constituição* da sua *Ordem*. Que nos dois grandes historiadores há ausência completa de faculdades críticas para dominar todo o pensamento doutrinal, moral e filológico daquele latim *medieval*... dos meados do século XVI![1] Para êste sandeu, Inigo Lopez, morto em 1556, é ainda uma figura representativa, compreendida no ciclo mental da idade-média!

Agora toca a vez a Huber.

Que sim, que Huber, desta vez, traduziu bem o latim de Inácio na citada *Epístola sôbre a virtude da obediência*; ao passo que nós sômos argùidos de, para entendermos no lance a língua do sábio professor da Universidade de Munich, nos valermos das glosas parafrásticas dos escritores franceses, que êle, por muito ignorânte que seja dos dois idiomas, bem deve saber que não pódem de maneira alguma seguir-se nem aproveitar-se.

Interessante, pelo menos, a fase pitoresca-

---

[1] ... só quem ignora a latinidade da idade-média póde imaginar semelhante despropósito. F. R. *Op. cit. §. 2. p. 26.*

mente charlatanêsca dêste trapalhão, ¿não é verdade?

Mas revertamos ao tema.

A p. 87 do nosso estudo, referindo-nos às palavras de Inácio na passagem acima apontada, traduzimos as expressões de Huber — *blinden Drang* — por *instinto cego*. Que não! que não há tal! brada o jesuita, para quem as palavras não são fórmas sintéticas representativas de ideias, mas tam-sómente expressões irredutíveis, concretas, de determinadas esteriotipações mentais, inacessíveis portanto a todo o confronto paralelista ou sinonímico. Que *Drang* não significa *instinto*, mas *ímpeto*, e só *ímpeto*, clama êle, porque foi assim que Inácio se expressou na sua língua.

Questão profunda, não há que vêr. Ou temos que traduzir *Drang* por *ímpeto*, ou Rodrigues arrasará o mundo!

Sem nos determos, por um instante, a perguntar a êste charlatão se *ímpeto*, que é neste caso a palavra preferida por Inácio, não será o mesmo que *instinto divino*, ou o *instinto cego* por nós propôsto, aceitando a adjectivação de Huber que não aparece no espanhol, porisso que *instinctus* não é mais que *instigatio*, *stimulatio*, *incitatio*, *impulsio*, [1] o que perfeitamente se con-

---

[1] W. Freund, *Diction. lat.* vb. *instinctus.* Calepi-

forma com a verdadeira representação da palavra *Drang:*—[1] vejamos como o vocábulo *instinto* é definido pelos melhores glossólogos portugueses. Tomemos, pois, o *Dicionário contemporâneo* de Caldas Aulete. Aí, à palavra *instinto* dá-se logo o eqùivalente de *impulso*, autêntica e fiel representação sinonímica dos têrmos *impeto y promptitud*, empregados na suposta lição original de Inácio. O mesmo em Morais e Roquete. O primeiro autoriza-se com uma passagem de Sousa, na *História de S. Domingos*,[2] absolutamente aplicável, no seu espírito religioso, ao tema que nos interessa, visto que de *um instinto do céu* se trata também. No segundo, a correspondência sinonímica entre *instinto*, *ímpeto e inspiração* é perfeita. De resto em técnica hagiológica ou moral, ¿o que é senão *instinto*, êsse *impulso*, ou *ímpeto pronto* que, por cego (e é nesta mística

---

no, *Lexic. lat.* vb. *instinctus, ab instinguo* = παρορμάω —ῶ.

[1] Herrmann Muller. *Les origines de la Compagnie de Jésus* (c. II. p. 72) traduz *élan aveugle*. Alf. Marchand. (*Les Jésuites*. t. I. L. II.. c. I. p. 69) prefere *instinct aveugle*.

[2] Neste estado, *foi instinto do céu* lembrar-se o mercador. Sousa, *Hist. de S. Dom.* II. P. L. II. c. XVII. Por *instinto particular do Espírito Santo*. Brito. *Cron.* VI. c. XXV.

atribuição que é empregado por Loiola) não conhece o menor domínio da razão? ¿O que é senão *instinto*, êsse *pronto movimento*, ou *cego arranque* (blinden Drang) que nos leva à prática de actos, cujas conseqüências desconhecemos e dispensamos, e que sem os subordinarmos ao menor cálculo buscamos desde logo pôr em acção?

É ainda, como *impulso divino*, que nós vêmos essa palavra empregada por Cícero:—[1] "Sed illa, quæ *instinctu divino* afflatuque fundamentur;„ e, como *instigação*, lá a temos igualmente preferida por Tácito:—"milites *instinctu decurionum* transiere in partes.„ [2]

De resto, no ponto de vista que a intenção de Loiola alcança *(proceder* con *el impeto y promptitud de la vontad deseosa de obedecer)* e que é indiscutivelmente a visão ascética servindo de aparente fundamento e razão à providência disciplinar, *o instinto cego* que nós propômos à lição de Huber—*blinden Drang (=impeto de la vontad)*—é ainda aquela *inspiração, aquele impulso ou movimento do Espírito Santo*—[3] *instinctus afflatus divinus*—que nos impele à

---

[1] *Div.* I. 18.

[2] *Hist.* I. 70.

[3] É a definição, que à palavra *instinto*, na sua acepção religiosa, nos dá Canto e Castro no seu *Dicion. espanhol-português.*

prática daquelas obras, que são ou presumimos ser dirigidas à maior glória de Deus. E é neste caso que se contêm e deve entender o preceito imperativo—*impeto de la vontad deseosa de obedecer*—de Inácio.

Por último:—se Huber traduz o latim do fundador da Companhia de Jesus para alemão *com exactidão*, como informa doutoralmente o nosso já bem conhecido Rodrigues; e se nós convertemos ao nosso vernáculo o alemão de Huber, e com a mesma fidelidade *espiritual*, sem nos afastarmos, antes buscando compreender todo o sentido místico do biscaínho, ¿aonde está a razão do estúpido remoque dêste jesuita acanalhado, que a manifesta indigência mental da sua Ordem obriga neste instante a escrever maus livros, devendo há muito tempo estar amarrado a uma tripeça, armado de um tirapé, deitando porventura boas tombas nos solaretes dos seus irmãos de roupeta? ¿Não seria, neste logar, muito mais útil à Companhia e aos pés dos seus sócios, do que agora o está sendo servindo-a ou supondo servi-la pelo belo teôr de vida mental de que todos nós podêmos dar testemunho?

XVI

Calcinado na mentira e na dissimulação, Rodrigues mostra-se-nos em seguida muito surpreendido por dizermos a p. 106 [1] do nosso estudo, que os jesuitas "à hora a que a autoridade pontifícia os extinguia para sempre do rebanho católico, como perniciosos à paz da Igreja e nocivos ao sossêgo dos Estados, dois príncipes do extremo septentrional da Europa, sem se importarem com a religião que em seus domínios se seguia, e muito menos com as doutrinas que tais padres poderiam permitir-se a liberdade de ensinar, abriam-lhes as suas fronteiras, lançavam

[1] Rodrigues, sempre trapalhão, diz ser a p. 197. Julguêmos, por isto, do valôr das referências eruditas dêste trócatintas.

mesmo mão deles, no propósito previsto, é claro, de realizar e levar a cabo intuitos exclusivamente temporais.„

Tudo isto, que é matéria universalmente conhecida na história da Companhia, e que como tal está ao alcance de toda a gente, como um dos mais característicos episódios da vagabundagem mental dos seus filhos, tudo isto finge o nosso censôr ouvi-lo pela primeira vez da sua vida! Que cândida ignorância!

Ninguêm desconhece a hostilidade com que, tanto Friderico da Prússia, como Catarina II. da Rússia receberam a decisão papal de 1773, que extingue os jesuitas. ¿Por a terem ambos na conta de uma sentença iníqua, lançada sôbre os padres de Loiola? De modo algum. O plano do rei da Prússia era político. Como José II. expulsára os jesuitas da Áustria, Friderico abria-lhes agora as portas da Silésia e da parte ocidental dos seus estados, para assim dar ao austríaco uma clara demonstração do seu malsentir. É sôb a acção dêste seu desígnio, que êle escreve a 13 de setembro de 1773—menos de dois mêses depois da extinção da Companhia—ao seu representante em Roma, Colombini, anunciando-lhe a resolução em que se acha de receber aqueles padres, e autorizando-o a fazer constar ao papa, que êle imperador, pois que está compreendido na classe dos

herejes, e, alêm disso, como rei e como homem, não póde o santo padre dispensá-lo de cumprir a sua palavra. [1] É a suprêma ironia do desprêzo. "Chega a ser original — escreve H. Böhmer — que fôssem os príncipes mais incensados pelos filósofos do século XVIII. quem tomasse a Ordem sob a sua protecção, indo assim não só contra o papa como contra os filósofos!„ [2]

Ora esta absoluta subordinação à política prussiana, cujos actos revelam um suprêmo desdêm, senão desprêzo, pelas decisões de Roma, não quer o nosso censôr que a considerêmos como uma prova de abdicação moral dada pelos jesuitas. ¿Então o que é? ¿O que é senão fazer causa comum com herejes e scismaticos da Europa septentrional, e pôrem-se com êles à mercê dos seus ardis políticos, isto de tomarem logar com tais príncipes — uns, scépticos como Friderico da Prússia, outros, idiotas, como Paulo da Rússia — no corpo dos que por todas as fórmas pretendem hostilizar as decisões da santa sé?

Parece que Rodrigues ignorava tudo isto, a

---

[1] ...dass, nachdem ich einmal zu der Klasse der Ketzer gehöre, der heilige Vater mich nicht dispensiren kann, mein Wort zu halten noch von der Pflicht eines auftändigen Mannes und eines Königs. Bei Einzel. II. 240, Ann. 70. Huber, *Op. cit.* IX. 545.

[2] *Op. cit.* VI. 278-79.

julgarmos pela surprêsa que as nossas palavras lhe causaram! Mas então, se êste homem não mente, ¿o que é que êle conhece da história do seu Instituto? Milagres? Patranhas? Asneiras?

Depois, maravilha-se tambêm de que, no capítulo da sua divisa — *o fim justifica os meios* — não lhe ofereçámos argumentos novos, alêm daqueles que, há muito, a erudição clássica nos ministra. O pateta reclama novidades, coisas inéditas e nunca ouvidas! ¿A que conduzirá esta singularíssima sandice?

*

Tam refalsado como impudente, Rodrigues procura, em uma nota da p. 38-9, versar o caso tôrpe da *reserva mental*, revertendo, como é lógico, à sentina casuística de Busenbaum. O homem sente as nostalgias do charco.

De sobejo nos temos nós ocupado já da moral da Companhia para que nos julguêmos dispensados de repetir o que está dito. Tal assunto, por obscêno, dispensa hoje outros comentários que não sejam os que naturalmente derivam e procedem da linguágem dos seus expositôres. Êstes, quando não são tôrpes e obscênos, revelam-se-nos como infames e cínicos.

*

A p. 9 do nosso estudo escrevemos: — "A sua política *(a política da Companhia)* fundada no exagêro da famosa teoria de S. Tomás sôbre o regicídio, [1] vai, *pelas ampliações que lhe fazem Mariana e o sanguinário João Boucher*, até os extrêmos da teocracia, ou quando menos, a uma sujeição incondicional à côrte de Roma, desde que Roma, é claro, esteja pela Companhia. É a tirania mais insolente, e, ao mesmo tempo, mais brutal."

A esta afirmação, verdadeiramente irrefutável, Rodrigues opõe *(p. 41, nota)* o seguinte despropósito: — "João Boucher nunca foi jesuita."

¿Mas onde é que, na passagem incriminada, se diz que êle o fôsse?

Depois, eruditamente, adverte: — "... quando apareceu o livro de Mariana já Boucher tinha espalhado as suas teorias." [2]

---

[1] *Comment. Sententiar.* x. 10, xii., 2.

[2] Por que designêmos João Boucher como um escritôr *sanguinário*, na dupla acepção clássica luso-latina (Lucena, x. 3; Justin, 29, 3, 3) de livre aplicação a cousas e pessôas, Rodrigues, sem um modesto dicionário que lhe faça conter o ímpeto da sandice, estranha e sublinha o vocábulo. Isto não é já sómente ignorância; isto induz também estupidez.

O hábito da mentira e a antecipada preocupação de que está sempre diante de um público ignorante, indolente ou sectário, levam invariavelmente Rodrigues à prática reincidente dos mesmos grosseiros ardís.

Ninguêm diz que João Boucher fôsse jesuita, nem que João de Mariana, no seu famoso tratado *De rege et regis institutione,* antecedesse João Boucher. O que na passagem incriminada se afirma, e ninguêm poderá por certo contestar, é que, embora posterior à tese de João Boucher uns bons dez anos, João de Mariana sustenta abertamente os mesmos sanguinários princípios, muito embora velados sob uma astuciosa máscara democrática. Pretender deduzir das nossas palavras — de uma clarêza patente — que nós atribuimos ao feroz jesuita de Toledo a prioridade da ideia regicida, é tam-sómente pretender burlar os ignorantes, muito embora incorrendo no justiceiro e natural desprêzo dos entendidos.

Tanto Mariana como João Boucher, o que fazem é *ampliar* a primitiva concepção thomista sôbre o exercício da autoridade régia. Originalidade de pensamento não na há em nenhum dêsses apóstolos da vingança, devendo até dizer-se que o espanhol, lançando o seu livro, o fizera na sua qualidade de perceptor do príncipe que mais tarde será Filipe III., e isto por intervenção de D. Garcia de Loyaisa, da ordem dos prègadores e

seu geral, que daquele modo julgára interpretar o sentimento íntimo da missão que lhe fôra cometida por Filipe II. [1]

É à plena conformidade de intuitos políticos e religiosos do cura de S. Bento de Paris, com os do sacrílego bastardo do cónego Juan Martinez de Mariana, que o autor da passagem incriminada evidentemente alude, quando os aproxima, e não à identidade dos seus hábitos monásticos, sem cogitar em apurar precedências. Só a manifesta ma-fé e a deslealdade innata dêste padre pódem levar a tanto, sem se lembrar sequer, que se da analogia de ideias entre o francês e o espanhol se póde concluir que ambos sejam jesuitas, ¿porque é que, no caso, e no correr da passagem que estúpidamente explora, não inclúi também S. Tomás, dizendo que o temos na conta de jesuita, por haver sido precisamente ao Doutor Angélico que ambos fôram beber, desenvolvendo-o, o veneno inicial das suas conclusões? [2]

---

[1] A obra aparece em 1599, um ano depois da morte de Filipe II. e já nos dias de Filipe III.

[2] Neste propósito será de inteira justiça aproximar as seguintes palavras de S. Tomás — "Si ad jus multitudinis alicujus pertineat sibi providere de rege, *non injustè ab eadem rex institutus potest destitui*, vel refrœnari ejus potestas, *si potestate regia tyrannicè abutatur*. Nec putanda est talis multitudo infideliter agere tyrannum

¿E não reconhecem, êsses três teólogos, a legitimidade da acção isolada ou colectiva que liberte o povo do tirano que o oprime? Na cegueira do seu aplauso ao tiranicídio, não vai Mariana, desde a defêsa dos mais célebres regicidas da antiguidade, até o extrêmo de fazer a calorosa apologia de Jacques Clément, o assassino de Henrique III., e isto com o mesmo entusiasmo com que no assunto se conduz João Boucher? [1]

¿Com que baixa espécie de idiotas se presume estar neste momento discutindo êste incorrigível charlatão?

Por último, censura-nos ainda por não alu-

---

destituens, etiamsi eidem in perpetuum se ante subjucerat; quia hoc ipse meruit, in multitudinis regimine se non fideliter gerens ut exigit regis officium, quod ei pactum à subditis non reservatur. *De regimine principum*, L. I. c. VI. Êste verdadeiro teorema da soberania popular é por Mariana ampliado nos seguintes termos: — "Quod si omnis spes est sublata, in periculum salus publica, religionis sanctitas vocatur: quis erit tam inops consilii, qui non confiteatur tyrannidem excutere fas fore, jure, legibus et armis? *De rege et regis institut. L. I. c. VI., p. 62.* (Mogunt. 1605).

[1] Mariana spricht mit grosser Anerkennung von den Tyrannenmördern des Alterthums, und von Jacob Clement, dem Mörder Heinrich' III. Huber, *Op. cit.* VI. 251. Segundo Mariana, Jacques Clément é a perpétua honra da França, *aeternum Galliæ decus;* e o seu acto um *monimentum nobile;* um *facinus memorabile.*

dirmos — pois que estávamos tratando do livro de João de Mariana — à viva reprovação que a sua tèse, no tocante à defêsa do regicídio, opôs Aquaviva,`[1] como se nós estivéssemos abrindo especiais capítulos a respeito do destino que tiveram, no seio das suas respectivas congregações, as tèses mais ou menos odiosas ou extravagantes de alguns dos seus familiares! A seguirmos um tal critério, teríamos tambêm de ocupar-nos da sentença da Sorbona, que condenou em 1610, à fogueira, o livro do truculento jesuita.

¿Mas a que viria tudo isso? ¿Para que a Companhia ficasse livre da culpa em que ainda hoje incorre, como fóco permanente da peste, de que aquela e outras abominações dão testemunho? Tal género de defêsa seria inepto e pueril. Porque em tal passo não ocorreria, ainda e muito naturalmente, perguntar: — porque é que sendo a êsse tempo Aquaviva, geral da sua Ordem — e era-o já desde 1581 — ¿qual o motivo por que êle não condenou imediatamente, logo desde a sua primeira aparição, em 1599, a obra de João de Mariana? Se não concordava — como dirá mais tarde — com parte das suas doutrinas, ¿por que é que a deixou correr livremente durante sete anos, que tantos vão desde a sua saída dos prelos de

---

[1] Conf. Riffel, *Abolit. de l'Ord. des Jésuites*, p. 298.

Toledo até o momento em que a julga digna de correcção? ¿Por que fala tam tarde?

A resposta é simples. Aquaviva, em 1599, não podia condenar o livro de João de Mariana porque êsse livro, antes de ser dado à estampa, fôra visto, e achado digno da luz pública, pelo padre Provincial. Êsse exame impunha-o a letra das Constituições da Ordem em matéria de publicidade. Sete anos depois dêste facto é que o geral acorda, não para reprovar todo aquele compêndio das mais contraditórias doutrinas, o qual quatro anos depois será lançado à fogueira pela mão infamante do carrasco, senão que para censurar uma parte„ sómente "uma parte„ das suas conclusões.

Eis o que fez Aquaviva.

¿O que é que, a isto, se digna opôr agora o nosso charlatão?

Asneiras?

XVII

Outra prova que Rodrigues nos ministra de que se presume estar escrevendo para idiotas, é a que resulta do tom doutoral com que, tossindo catedráticamente, se propõe demonstrar que Clemente XIV. "não morreu envenenado." Aonde o grande historiador alemão, João Huber, confessa que até hoje o véu que esconde o escuro mistério da morte de Clemente XIV. ainda não foi erguido, [1] Rodrigues, crendo-se entre as suas beatas, resolve o caso. Que não! que não há tal! Onde um escritor, como Huber, hesita, Rodrigues

---

[1] Alles zusammen gehalten, wird man den Eindruck empfangen, *dass auf dem Tod Clemens' XIV. ein düsteres Geheimniss ruht, dessen Schleier bis jetzt nicht gelüftet ist.* Huber, *Op. cit.*, IX. 552.

sentenceia. No pleito em que o saber e a vasta erudição suspendem o seu conceito, a petulante ignorância de um charlatão anónimo decide!

Ora, êste Rodrigues bem podia limitar-se, como H. Böhmer, [1] a, sem mais razões, declarar simplesmente que tal versão constitúi "uma fábula há muito desmentida." Estava no seu direito. Mas não. A cento e quarenta anos de distância do tenebroso facto, afirma que tal não há. E para chegar a esta novíssima conclusão, abona-se com depoimentos coligidos na sua maior parte pelo emérito falsário Crétineau-Joly, cuja probidade como historiador é de mais conhecida. Todavia como desconfie da autoridade por êle assim invocada, alude de passagem à análise que, a pedido de Ginzel, o professor Maschka fez mais tarde de todas as peças do processo, com a sua grande autoridade de toxicologista eminente. [2] E nessas peças incluem-se, alêm do depoimento dos cirurgiões, o relatório de Salicetti, e a memória diplomática de Moniño. O resultado desta diligência, segundo Rodrigues, terá sido o de peremptoriamente declarar o professor Maschka "que certamente errava quem désse *(os sinais*

---

[1] H. Böhmer, *Op. cit.* VI. 277.

[2] Ginzel, Kirchenhistorische Schriften. Wien, 1872. II. p. 249, Anm. 93.

observados no cadáver) como efeito necessário de envenenamento.„ [1]

Não vale muito a pena refutar esta sandice, que Rodrigues, com raro impudor, se atreve a imputar ao sábio toxicologista alemão. A demonstrar a fraude perpetrada pelo jesuita, basta atender à verdadeira indigência técnica de um semelhante relato, inteiramente impossível na bôca de um profissional como Maschka. Èle, que começa por acentuar no seu estudo a ausência absoluta de bases scientíficas que o trabalho sujeito à sua crítica lhe manifesta, [2] ¿como admi-

---

[1] Rodrigues *(Op. cit. p. 46, nota 3.)* ou não entendeu a 4.ª conclusão do relatório do Dr. Maschka, ou mente por conta própría. O que o sábio toxicólogo alemão afirma na referida 4.ª conclusão do seu estudo é que "faltam todos os elementos *(bases)* em que possa assentar a hipótese do veneno„: — *ob eine Vergiftung stattgefundem hat, lässt sich wegen gänzlichen Mangels aller Anhaltspunkte nicht bestimmen.* Esta conclusão, porêm, não a confirma logo adiante o mesmo Maschka, antes a modifica quando no período seguinte *reconhece a possibilidade,* postoque não *a verosimilhança,* de uma tal opinião. Èste segundo período não o leu Rodrigues. Que sagacidade labrêga!

[2] Aus den äusserst mangelhaften Angaben *und den einer jeden wissenschaftlichen Grundlage entbehrenden Aeusserungen der Aerzte über den Krankheitsverlauf und den Obductionsbefund ist es nicht möglich, ein*

tir *aqueles sinais observados no cadáver*, que Rodrigues, ao lance, o faz subscrever? Nem o doutor Sangrado, inventado pela fantasia sarcástica de Lesage, seria capaz de rubricar semelhante penúria. Nem êsse!

De resto, Maschka, em nenhuma das cinco conclusões do seu trabalho se inclina a um voto seguro, sem contudo se eximir à afirmativa de que "o envenenamento, *sendo possível*, não o tem ali *como muito verosímil*." [1] Confessa não ter fundamentos que o levem a poder determinar com certeza o género de doença que ocasionára a morte do papa, devido isso à insuficiência dos elementos de prova, que o auto da autópsia lhe ministra. Mais nada.

Admitida assim, e por tamanha autoridade médica, a *não impossibilidade* (nicht unmöglich) *de Clemente XIV. morrer de veneno*, a questão resulta, como afirma Huber, no tal "escuro mistério que ainda ninguêm desvendou." Achamo-nos portanto ainda agora como em setembro de 1774: — uns dizendo que a morte de Clemente XIV. foi "castigo de Deus"; outros — o maior número

---

bestimmtes Gutachten über die Todesart des genannten Papstes zu geben. In Ginzel, *loc. cit.*

[1] Ob eine solche zwar *nicht unmöglich ist*, so erscheint sie doch *nicht sehr wahrscheinlich ist*. In Ginzel, *Op. cit.*

— *pronunciando-se pelo veneno.* [1] Os primeiros, falando pela bôca dos homens da Companhia; os outros mantendo-se no assunto em conformidade com o que lhes foi revelado pelos sintomas da doença que vitimára o papa, e ainda pelo conceito em que por toda a gente são tidos, como capazes de tudo, os jesuitas.

Esta lógica regressão de ideias leva-nos mais uma vez à análise dos argumentos com que Rodrigues se permite apreciar as únicas provas de que no assunto a História póde dispôr, instruindo ao mesmo tempo o nosso libelo com os documentos que, por contemporâneos do crime, nunca é de mais insistir na lição que deles lúcidamente deriva.

Assim, segundo Rodrigues, o relatório sôbre as origens da morte de Clemente xiv., escrito por Moñino logo em seguida ao depoimento de Salicetti, não tem o menor valor, visto que Moñino fôra mais tarde elevado pelo seu govêrno à dignidade de conde de Florida-Blanca, "como paga *de haver extorquido* [2] ao papa o breve de

---

[1] Die Einen sahen in dem so bald nach der Aufhebung des Jesuitenordens erfolgten Tode des Papstes ein göttliches Strafgericht... *Andere aber glaubten an Vergiftung, wovon die Krankheit selbst Symptome darzubieten schien.* Huber, *Op. cit.* IX. 549.

[2] F. Rodrigues (*Op. cit.* p. 44) continúa a mentir

21 de julho.„ Além disso Moñino é, como diplomata espanhol, um inimigo declarado da Compa-

---

com aquele pio atrevimento sómente compatível com a sua libré. Todos sabem que Moñino não exerceu no assunto a menor violência sôbre o ânimo do papa. Desde os dias de Bento XIV. que a causa da Companhia está perdida. Êsse mesmo pontífice o fizera claramente sentir desde 1758, quando da investidura da dignidade de visitador e reformador da Ordem, criada na pessôa do cardeal Saldanha. Tal providência induz o estado desordenado em que a êsse tempo se encontra a Sociedade de Jesus. E tanto assim é, que Clemente XIV., desde 1772, tem já reunido todos os apontamentos necessários para a redacção da bula da extinção. É sómente para o trabalho final daquela monumental emprêsa, que êle convida, como insigne latinista, o cardeal Zelada. Na hora decisiva, Ganganelli não tem outros confidentes que não sejam as suas orações e a sua consciência. Eis porque êle assina com todo o repouso — *mit aller nur möglichen Ruhe*, diz Huber (*Op. cit.* IX. 540) — a bula de 1773. A fábula do *compulsus feci* é uma invenção dos jesuitas, posta a curso pelos seus fautôres. Clemente XIV. pensou muito, meditou muito, antes de deliberar-se. A sua convicção sôbre o que havia a esperar dos frutos que em benefício da Igreja e da sociedade a Companhia podia produzir, vem-lhe da simples lição da experiência. Êle mesmo o confessa na bula em que a fulmina. Nesta ordem de factos não exerce a personalidade do embaixador de Carlos III. o mais vago ascendente no espírito do pontífice. Quem impôs a bula ao papa foi a conduta dos próprios jesuitas, volvidos numa associação nefasta, absolutamente incompatível com a paz e com o progresso das nações.

nhia, e nesta qualidade não merece crédito. Para Rodrigues, o relatório, para lhe atraír a atenção, deveria ter sido escrito, pelo menos, por o geral dos jesuitas.

Depois, com relação à espontânea confidência do próprio papa, feita ao seu confessor, o padre Bontempi, em que Clemente XIV. lhe diz que *está envenenado*, Rodrigues adverte que isso não vale nada, porquanto *mais tarde*, o mesmo padre Bontempi se desdissera perante a mêsa do Santo-Ofício. E esta retratação, filha da coacção moral, é, segundo Rodrigues, a que agora vale.

É preciso dispôr de uma conformação mental particularíssima, para se expôrem em nossos dias, ao público, contestações desta fôrça!

¿E a prova *in situ*, produzida pela autópsia? Isso não tem importância nenhuma.

Não há nada mais cómodo.

Todo êste côrpo de contestações não passa, como é patente, de uma arenga de advogado rábula, tam insolente como descarado, e por meio da qual Rodrigues, com auxílio de gente sua, busca resolver o grave problema por uma fórma não só indirecta como impudentemente arbitrária e imbecil.

Claro está, que desde que após a morte do papa se não procedeu imediatamente a um rigorosíssimo exáme médico-legal sôbre o cadáver, verificando-se nas vísceras, por meio de podero-

sos e insistentes reagentes químicos, a existência comprovada de substâncias tóxicas, acompanhadas das respectivas lesões e traumatismos locais, a base para a eterna cavilação jesuítica impõe-se. Todavia nem com essa prova de facto, a dar-se, por mais clara e indiscutível que ela fôsse, a raposa negra faria destruir a máquina das suas altercações. ¿Quem seria neste caso o autor do crime? Êles? Jàmais. A p. 43 do seu escrito, Rodrigues, sempre cauto, lá deixa esboçar a réplica. No campo das conjecturas, com meneios de sandia libertinagem oratória, e como prevendo possíveis e lógicas investidas, o matulão escreve:—"Morre Clemente XIV. a 22 de setembro de 1774; olham para o cadáver, vêem-lhe o rosto denegrido, o corpo inchado, a decomposição apressada, *sinais de veneno. ¿E quem senão os jesuitas era capaz de tamanho crime? Logo os jesuitas envenenaram a Clemente XIV*. É dêste jaêz o raciocínio dos adversários.„

Como vêem, o esbôço da contestação final está feito. O jesuita já concede que Clemente XIV. morresse de veneno. ¿Quem lho ministrou? Esta negativa será o seu eterno e último reduto.

De resto, e mesmo com todas as suas casuais ou intencionais deficiências, o auto da autópsia feita ao cadáver do papa a requerimento do sacro colégio pelo médico Salicetti, é e será sem-

pre, através dos séculos, a base fundamental de todas as conclusões imparciais e seguras que sôbre tam estranho caso se possam formular. Chamar, pois, em socorro de uma opinião antecipada, que absolva a Companhia de um tam negro crime, depoimentos dos nossos dias, ou apelar para a autoridade de historiadores já de antemão sôb a garra da mais patente parcialidade, o mesmo é que perverter a dignidade do veredito, ou pretender reduzir a verdade histórica a um ludíbrio da justiça e da razão. É faltar àquele rudimentar e natural respeito que devemos não só a nós-mesmos, como ao público que nos lê.

Ora, o relatório médico de Salicetti, no ponto que particularmente nos interessa, e segundo a lição textual de F. Patruccelli Della Gattina, diz: [1]

> "Dans les derniers jours de février, la„
> "santé *(du Pape)* s'altéra davantage;„
> "il perdit l'appetit, la voix devint fai-„
> "ble, il commença même à maigrir; la„
> "bouche se remplit d'excoriations et„
> "s'enflamma, et puis il s'y déclara une„
> "petite tumeur qui s'ouvrit. [2] Dans l'été,„

---

[1] *Hist. Diplomat. des Conclaves, T. IV. ch. XIV. 10, 208-9. Papes du XVIII. siècle, Clément XIV.* Paris. 1866.

[2] E' possível que seja o escorbuto. Além do escor-

"la maigreur augmenta encore: il lan-„
"guit, il devint inerte et abandonna„
"ses exercices les plus habituels; les„
"veilles se prolongèrent; outré d'une„
"surexcitation étrange pour la plus„
"petite cause. Dans l'automne, la ma-„
"ladie se précipita. Les forces tombè-„
"rent complétement, la fièvre survint,„
"les entrailles furent attaquées, l'esto-„
"mac se tendit; plus la soif, la langue„
"aride, le pouls dur et vibrant. Tout„
"resista aux remèdes. L'inflammation„
"s'accrut, et avec elle tous les autres„
"symptômes, le hoquet, la couenne du„
"sang, le vomissement des fluides atra-„

---

buto, o papa sofria, desde algum tempo, de dartros no rôsto e nas mãos, os quais se agravaram até o ponto de se ulcerarem. (Huber, *Op. cit.* IX. 548-9.) O Dr. Maschka atribúi a inflamação da bôca ao possível abuso do mercúrio, muito aplicado então nas doenças crónicas. *(Conclus. 2.)* A completa ausência de informação do regime terapêutico a que o papa foi submetido durante a sua enfermidade, ausência que constitúi uma das mais sensíveis lacunas do relatório, leva a pôr de parte, pelo menos, o valor jurídico desta conclusão. A acção directa de qualquer preparado mercurial no estado inflamatório da bôca, fácil de determinar no acto da autópsia, é hoje apenas admissível como simples conjectura.

"bilaires. Le poumon fut attaqué. La„
"mort survit.„

Tais os pródromos da catástrofe, bem como os estigmas patogénicos da doença que acabára por vitimar o papa.

Vejamos agora como êsses estigmas acham a sua confirmação no cadáver. Salicetti continua a depôr:

"Vingt-huit heures après, la décompo-„
"sition du cadavre était extrême. [1] Clé-„
"ment vivait entouré de suspects, ca-„
"chait sa maladie. Dans le cadavre, il„
"y eut d'une mort ordinaire, *excepté*„
"*les impressions et les taches livides*„
"*par tout le corps.* [2] Malgrè les précau-„
"tions prises pour conserver le corps,„
"la dissolution fut universelle dans le„
"tronc et dans les membres. Lorsqu'on„

---

[1] O Dr. Maschka entende que a rapidez da dissolução cadavérica póde filiar-se na hidropesia e na ***elevação da temperatura***. Não é natural admitir que a 22 de setembro, em Roma, o termómetro estivesse muito elevado, tendo-se em atenção o facto de essa temperatura, em média, estar fixada em 15.° 4. E. Réclus, ***Nouvel. Géogr. Univers.*** T. I. p. 462.

[2] No original não há palavras grifadas.

"procéda à l'autopsie, le corps était„
"décharné, *le ventre tuméfié, le dos*„
"*livide sur certains points*, le reste„
"jaune. L'estomac était enflé, [1] *les in-*„
"*testins pâles*, tirant au *cendré*, le pé-„
"ricard aride, le cœur pâle et sec, *plus*„
"*petit que chez les autres hommes;* [2]„
"la gorge enflammée, couverte d'une hu-„
"meur brune. *Dans l'estomac, la putré-*„
"*faction commençait; il était* rempli„
"*d'humeur noire.* Le poumon gauche„
"enflammé, [3] et attaché aux plèvres, [3]„

---

[1] O Dr. Maschka na sua *3.ª conclusão*, reconhece a possibilidade de um cancro no estômago. É mais uma conjectura, que a deficiência propositada ou acidental da autópsia vem determinar. Além disso, para admitirmos a existência, ainda quando no seu estado rudimentar, de um cancro no estômago falta-nos o relato das queixas do doente, que, em vista de outras particularidades menos importantes contidas no relatório, Salicetti de modo algum seria levado a omitir.

[2] Estas sete pobrissímas palavras, lançadas no auto da autópsia, no intuito de registar o volume anormal de uma víscera, definem só de per si a indigência técnica do seu autor. Nem o mais vil servente de um teatro anatómico as subscreveria. É nelas e noutras semelhantes, que certamente o Dr. Maschka se inspira, quando afirma que aquele relatório acusa uma absoluta ausência de bases scientíficas.

[3] Tanto a inflamação dos pulmões, como a hidro-

"les intestins inflammés également, et„
"couverts de la même humeur atrabi-„
"laire, la foie petite et pâle, la bourse„
"du fiel pleine.„

Tal fala Salicetti, o médico indicado pelo sacro-colégio, para julgar da veracidade dos rumôres, que em volta do cadáver de Ganganelli se produzem, e tomam de momento a momento maior vulto.

Não é de presumir, que êste alto corpo pontifício, aonde evidentemente a Companhia de Jesus contava ao tempo as mais altas influências, [1] confiasse uma diligência de tanta responsabilidade e de tam delicado alcance a um homem que ainda que por leves indícios lhe pudesse parecer

pesia seriam suficientes, segundo o voto do Dr Maschka, para determinar a morte. Nada mais natural

[1] Entre outros, como parciais dos jesuitas e fazendo parte do sacro-colégio, pódem citar-se os nomes dos seguintes cardeais: Boschi, Albani, Borghese *(mandrião e mentiroso)*, Pozzobonelli, Delle Lanze, Buonacorsi *(notoriamente estúpido)*, Castelli, Fantuzzi *(charlatão e pretencioso)*, Colonna *(incultíssimo)*, Girard *(muito hábil*, segundo o voto de Clemente XIV., *in rebus præsertim suis;* bajulador da Pompadour para alcançar as graças de Luis XV.), Tanucci, D'Elci *(tão estupido como Buonacorsi)* *etc., etc.* Della Gattina, *Op. cit.* T. IV. 212-13.

suspeito. Das suas declarações, ainda quando emitidas com a maior cautela, ficaria para sempre dependente a confirmação, mais ou menos autorizada, dos estranhos boatos que por toda a parte corriam já. Sôbre o auto da autópsia, como constituindo o mais importante depoimento do côrpo de delito, convergirão já agora e através das idades todas as atenções da História. Sôbre êle se estabelecerá perpétuamente o debate, pró e contra, da culpabilidade dos jesuitas na morte misteriosa do pontífice.

Nestas circunstâncias não nos devemos surpreender com as manifestas e grosseiras deficiências que a autópsia nos vem revelar. Ela está muito abaixo do estado em que, ao tempo, se encontrava na Itália, e muito principalmente em Roma, a medicina legal. [1] Mas era assim mesmo, exactamente assim, que naquele instante a autópsia ao cadáver de Clemente XIV. cumpria que se produzisse.

Assim da análise feita ao cadáver não se constata o estado dos fluidos que se encontraram

---

[1] A 2 de novembro de 1774, Brunati, ministro da Áustria junto do Vaticano mandava dizer para o seu govêrno o seguinte: — "les médecins firent une relation de l'autopsie du pape comme étant mort d'une mort naturelle; *mais... ils en firent une autre ensuite en sens tout à fait contraire.*" Della Gatt. *loc. cit.* 209.

no ventre, e muito menos as matérias orgânicas, postoque em dissolução, que os constituíam, vindo a tentar-se essa diligência já muito tarde, quando a decomposição cadavérica, que desde logo se precipitára, absolutamente impedia e vinha tolhêr a utilidade dessa indispensável pesquiza, que sómente a cumplicidade ou a indiferença pela descoberta do crime poderia obstar a que desde logo se iniciasse.

Não há dúvida que os soluços, a tumefacção do estômago, as excoriações internas da bôca, a sêde ansiosa, a lingua árida, o pulso duro e vibrante denunciado na crise angustiosa da doença, podem levar a crêr, ainda aos menos versados neste ramo dificílimo da sciência médica, num caso de envenenamento pela acção de *ácidos concentrados.* [1] A rápida putrefacção do estômago acusada pela autópsia, e que o Dr. Maschka tem na conta de uma hipótese de úlcera cancerosa, não contradiz, antes póde confirmar, a conjectural intoxicação do saco digestivo.

¿Por que é que não foi Salicetti mais completo nas suas explorações, e menos vago no seu relato, de modo a evitar que se diga sempre, em face do tenebroso problema, que "a autópsia foi

---

[1] Littré. *Dicc. de Med. et Chirurg.*, vb. *empoisonnement.*

mal feita?„ [1] ¿Não haveria em tudo isto um deliberado e criminoso propósito de ocultar a verdade, sendo esta conjectura tanto mais verosímil quanto, desde a morte do papa, os jesuitas não pensaram noutra cousa que não fôsse a sua reabilitação? ¿Não se acha claramente filiada neste propósito a própria escôlha de João Braschi para a vaga de Clemente XIV., constituindo êste pobre homem—"o *joão-ninguêm* do conclave„ como com tanta razão lhe chama Della Gattina, [2] uma espécie de ponte, que irá ligar mais tarde a Companhia ao seu futuro e oportuno restaurador?

O que no momento importava, principalmente, era manter no espírito público uma viva corrente de hesitação e perplexidade. Através do perpassar dos séculos, por entre a cerrada nuvem de suspeitas e rumôres, a hipótese da inocência jesuítica, explorada no livro, na controvérsia, no panflêto e no tablado dos púlpitos, lançaria raízes. Da incerteza, mesmo da dúvida fundamentada, passar-se-há em breve, pelos mil artifícios de uma constante e reincidente negativa, à prova sentimental da plêna inculpabilidade da Compa-

---

[1] L'autopsie fut mal faite. Della Gattina. *loc. cit.* p. 209.

[2] Ibid. p. 215. Foi à sua qualidade de *joão-ninguêm*, que Clemente XIII. o foi buscar para o fazer seu tesoureiro. O chapéu de cardeal deve-o a Ganganelli.

nhia. Por agora toda a cautela era pouca. Da imprudência revelada pelos jesuitas na sua tentativa de envenenamento do cardeal Tournon, como delegado de Clemente XI. nas terras de Tan-Scian, tinha resultado a certeza absoluta do crime. Houvera testemunhas, e uma delas, o cónego João Marcelo Angelita, *de vista.* [1] Toda a prudência, pois, se impunha, neste momento, aos assassinos. Toda. Urgia cultivar a dúvida, a desconfiança, a conjetura, de modo que aos indícios do crime ainda os mais bem fundamentados, se pudesse opôr sempre, e inalteravelmente, o fácil correctivo da palavra *calúnia.* Calúnias, tudo calúnias dos inimigos da Companhia. Ao crime não tardará pois que se lhe chame uma fábula. Quando muito, entre os ímpios, não restará, como diz Huber, mais que uma interrogação, a que os jesuitas, de resto, responderão negando sempre. Os padres de Gesù não terão dentro em pouco, e no caso sujeito, outras responsabilidades senão as de pura ordem moral, as históricas, as que a má-fé não conseguiu ainda eliminar da tradição, e que lógicamente procedem da sua innata capacidade para o mal. No que todos ficarão de acôr-

---

[1] Mi trovai presente in Tan-Scian a quella scena *e vidi co' proprij' occhj come ed in qual modo fosse avvelenato il Cardinale per opera de' Gesuiti nella suddetta terra*... Memorie storiche di Tournon, I. 205-223.

do será, como diz Della Gattina, que se os jesuitas não envenenaram o papa, eram muito capazes disso, e nem aquela foi provavelmente, e no género, a sua primeira tentativa:—*ils n'en étaient probablement pas à leur premier essai.* [1]

Todavia os que assim se conduzem, postoque desafectos à milícia de Loiola, fazem acaso inconscientemente o jôgo das suas subtis perfídias. Um libelo de tal magnitude não se instrue sómente com o depoimento, valiosíssimo é certo, mas imperfeito e incompleto, de Salicetti. A êsse depoimento há que acrescentar o conjunto das notórias precauções tomadas pelo papa, no que respeita aos seus alimentos, logo em seguida à publicação da bula que extingue a Companhia. Essas precauções tornaram-se mais insistentes desde que a doença fizera os seus primeiros rebates. Toda a sua preferência alimentícia se confinou então pelos ovos cozidos. [2] A êste seu bem significativo empenho, temos ainda a ajuntar o uso porventura imoderado de anti-tóxicos, [3] a que

---

[1] Della Gatt. *loc. cit.*, p. 209.

[2] Il *(Clément* XIV.*)* ne mangeait plus, *de crainte d'empoisonnement, que des œufs durs.* Polz, in *Diction. encyclop. de la theol.* vb. *Clement.* XIV.

[3] Não faltou mais tarde quem afirmasse, que do uso imoderado dêstes antídotos bem podia resultar a precipitação da morte do papa. No entanto sôbre a existên-

desde èssa data se entregou, e cujos preparados se encontraram, após a sua morte, não só nos seus aposentos como no seu *cabinet.* Juntemos agora a estas elucidativas precauções, aquelas suas palavras históricas, solenes e fulminantes, com que, ao conhecer que vai entrar em agonia, se expressa perante a numerosa assistência: — "sei que morro, e *porque morro.*„ [1] Seis dias depois da morte do papa, o cardeal de Bernis aludindo aos boatos de envenenamento que insistentemente continuavam correndo, e a que nem o auto da autópsia viera pôr côbro, escrevia para o seu govêrno o seguinte: — "os médicos que assistiram à abertura do cadáver exprimem-se *com prudência ; os cirurgiões, porêm, são menos reservados.*„ [2] Pelo que respeita ao seu particular juízo, Bernis entende que "o género da doença do papa, e "geralmente as circunstâncias da sua morte, *levam toda a gente a crêr que ela não foi natural.*„ [3]

---

cia dos antitóxicos, e do uso que deles fazia Clemente XIV. e com grande insistência, desde a publicação da bula de 1773, ainda ninguêm produziu a menór contestação. Huber, *Op. cit.* IX. 549.

[1] Della Gatt. *Op. cit.* 209.

[2] Die Mediziner, welche der Öffnung der Leiche beiwohnten, erklären sich *mit Klugheit, die Chirurgen aber mit weniger Vorsicht.* Huber, *loc. cit.* IX. 551.

[3] "Die Art der Krankheit des Papstes *und über-*

A êstes depoimentos, contemporâneos da catástrofe, Rodrigues, quáse século e meio depois e na sua qualidade de advogado oficioso da Companhia, opõe com suprêmo impudôr esta cínica frioleira: — "São inimigos declarados dos Jesuitas; empregaram toda a casta de esforços para arrancar das mãos de Clemente XIV. o Breve, que suprimiu a Companhia de Jesus; depois da supressão continuaram contra a extinta corporação uma guerra de ódio, que nem com o aniquilamento da prêsa se satisfaz, como se colhe manifestamente da correspondência epistolar daquele tempo. ¿E que juiz condenou jàmais o réu só pela autoridade pessoal do acusador? ¿Mas ao menos aduzem êles provas? Nenhumas. Falam de suspeitas; tiram induções." [1]

É desta laia a defêsa do homem. Quer testemunhas presenciais, que na melhor fórma de direito declarem ter visto um jesuita autêntico a

---

haupt die Umstände des Todes machen gemeiniglich glauben, dass er nicht natürlich sei..." In Huber, *loc. cit.*

[1] F. Rodrigues, *Op. cit.* §. VI. p. 44. Nesta passagem Rodrigues, para fazer avultar os desméritos do cardeal de Bernis, dá-o como "*valido* da famosa Pompadour." Isto é despeito, visto que o cardeal Girard, muito da Companhia, não obstante as suas baixas adulações, nunca passou de um simples lacaio daquela grande dama. Pelos modos, a real mancêba conhecia bem o sevandija.

deitar venêno na salada do papa. Quer igualmente que a Companhia se conforme com êsse depoimento. Não admite induções nem suspeitas. Não consente que se estudem os precedentes da Companhia, nem a torpêza da sua moral que a tudo incita e tudo autoriza. Não toléra o estudo comparativo das circunstâncias, que em muitos casos chega na sua apreciação a valer tanto ou mais que um depoimento pessoal. E como, na sua concepção de jurisprudência penal, a prova tem de ser sempre material, e a insistente negação do réu vale por um testemunho da sua inocência, Rodrigues, cuja audácia iguala a sua estupidez, substituindo-se impúdicamente ao público, brada para os tolos, como quem pretende dirigir-se à História: — "acabe-se por conseguinte de uma vez com esta vergonhosa calúnia.„ [1]

E está dito; não falemos mais em tal.

¿Que lhes parece?

Para isto, só um jesuita, isto é, só um homem sem escrúpulos e sem vergonha.

Á morte de Clemente XIV. a opinião dominante em toda a Europa dava-o como tendo sido envenenado pelos jesuitas. [2] A princípio a fatal no-

---

[1] F. R. *loc. cit.* p. 47.

[2] *...durch ganz Europa wurde an die Vergiftung geglaubt.* Huber, *Op. cit.* IX. 550.

tícia correra sob o velado aspecto de confidência; a breve trecho, porêm, o tom de cauta reserva transformava-se já em definitivo conceito. Dentro em pouco todos os governos eram informados do desenlace da tragédia que acabava de passar-se em Roma. Em todos êles predomina logo, sem a menor hesitação, a ideia do veneno. O cardeal de Bernis iniciára o lúgubre rebate. De França, passando os Pyreneus, o alarme cedo penetrava em Espanha. Do seu palácio do Escurial, dois meses depois, Carlos III. fazia-o chegar ao conhecimento de seu filho, D. Fernando, rei de Nápoles, nestes termos:—"Todos os indícios da morte do santo padre, *assim como a análise que se fez ao seu cadáver*, enchem de opróbrio o século em que vivemos.„ [1] Estas palavras, ainda quando as reduzâmos às estreitas proporções de uma opinião pessoal, traduzem claramente o conceito em que por toda a parte eram tidos os jesuitas. Quatro anos depois, e já sob o pontificado de Pio VI., D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, escrevendo de Roma a Aires de Sá, dizia-lhe:—"Parece que os jesuitas chegaram ao ponto de incutir um tal medo ao papa *de morrer como o seu antecessor*, [2] que se sujeita a tudo que êles que-

---

[1] Della Gatt. *loc. cit.* p. 207. O *itálico* é nosso.

[2] Ofício com data de 28 de agosto. Conf. *Arquivo do*

rem.,, Era natural. Então, para abalar a fraqueza do desventurado e pouco inteligente Pio VI., os jesuitas, arrogantes, davam-se como capazes de repetir a scena bórgica de 1774; hoje que não há que reduzir o papa à obediência, porque de chefe da Igreja está já tornado em simples vigário da Companhia, oferecem-se-nos como lavados da menor mácula e isentos de toda a participação em semelhante crime. Então, ufanavam-se do atentado, e era, como assassinos de Clemente XIV. que batiam o pé insolentemente ao seu infeliz sucessor. Então, defrontavam-se com o pontífice, ostentando toda a impudência dos sicários; hoje, que o lance não os obriga a tais extrêmos, cruzam sôbre o peito as mãos homicidas, e clamam a sua inocência!

Inútil hipocrisia no entanto; porque na face da Companhia, como outrora nas mãos de lady Macbeth, a nódoa de sangue jàmais se apagará. Os assassinos barafustam e negam; a História no entanto insiste e caminha, seguindo-a a consciência colectiva da Humanidade, que lentamente vai transformando o pressentimento em evidência cruel. O pleito ainda dura, porque os clamores da falsa inocência não cessam. Baldada negativa, repeti-

---

Min. dos Negoc. estrang., in Latino Coelho, *Hist. pol. e mil. de Port.* c. VI. p. 388, *nota* 1.

mos. Como os Templários e como Maria Stuart, os jesuitas querem provas. Provas da sua responsabilidade nas *matinas de agosto*, nô-las está pedindo ainda agora, errando nos subterrâneos do Louvre, a sombra trágica de Carlos IX. Provas, e mais provas, exigem sempre de nós, todos os assassinos que mataram na sombra, às escuras, à traição e sem testemunhas.

Todavia a justificar todas as induções da História, temos ainda a ajuntar os seguintes factos pessoais. Vejamos como o crime se esboça.

"—Na sexta-feira santa de 1774—escreve Della Gattina [1]—depois de jantar o papa sentiu-se indisposto, queixando-se de um certo mal-estar do peito, *do estômago* [2] e do ventre. Dizia *estar com frio*. Confessava que ao começar a comer a salada que lhe puséram na mêsa, *sentira na bôca um paladar estranho* (insolite), deixando me-

---

[1] *Op. cit.* IV. 207. Della Gattina inspira-se neste relato nas informações da Câmara pontifícia. e nas notas diplomáticas de Moñino.

[2] No original não há palavras grifadas Não temos a menor indicação de que, antes desta crise, o papa se queixasse de qualquer mal-estar do estômago. Isto basta a que seja posta de parte a hipótese do cancro. Conf. p. 296, nota 1 dêste livro.

tade no prato sem lhe tocar. Em seguida a isto, caíra em grande melancolia. Ao deitar-se, voltando-se para o padre Bontempi, [1] dissera-lhe: — "Estou envenenado.„ Na manhã seguinte, o timbre da sua voz, normalmente clara, alterára-se-lhe. A bôca e a garganta inflamaram-se-lhe a ponto de estar a cada passo de bôca aberta para tomar algum fresco. De forte e robusto que sempre fôra, começou desde então a enfraquecer a olhos visto. Tanto os braços como as pernas pesavam-lhe. De ágil, passou a não poder andar. Por vezes era acometido de vómitos, com dôres freqùentes em todo o ventre, queixando-se além disso de insónias e de dificuldade de urinar. De quando em quando caía em modôrra. *Desde então, não fazia outra cousa senão tomar contravenenos.* [2] Nunca mais riu. Ordinariamente bemdisposto e complacente, passou a irrascível, arrastado e inquieto.„

A tudo isto, que a autópsia mais tarde confirmará, verificando as lesões internas de que todo êste desequilíbrio fisiólogico procede: — às próprias palavras do papa, que não se cansa de con-

---

[1] Êste pobre homem foi levado mais tarde pelos jesuitas ao Santo Ofício para desdizer-se. Para receber declarações espontâneas, nada, com efeito, como a Inquisição.

[2] O *itálico* é nosso.

fessar aos seus íntimos que "está envenenado,, ingerindo a todo o momento contra-venenos:—à pouca ou nenhuma reserva com que os cirurgiões, que auxiliaram Salicetti na autópsia, aludem *aos vestígios de veneno que o cadáver denuncía;* a tudo isto, Rodrigues opõe a mesma negação: "tudo é obra dos inimigos declarados dos jesuitas.,,

Não há contestação mais concludente.

Verificada, assim, a morte do papa, temos a notar mais, que a decomposição do cadáver operou-se tam célere, [1] que para êste poder ser transportado às catacumbas de S. Pedro foi preciso envolvê-lo em gêsso—"como se pratíca com as múmias do Egipto,,—adverte ao lance Della Gattina. [2] Mas apesar de todas estas precauções, êsses destroços humanos derretiam-se. [3] E assim, para que pudessem ser expostos ao público sem oferecerem o nauseabundo espectáculo da sua miséria, fez-se urgente meter toda aquela massa informe de líquidos e de carnes infectas em três caixões, sendo dois de madeira e um de chumbo. O cardeal Marefoschi, a quem, em razão da sua dignidade, cabia a honra de lançar o véu mortuá-

---

[1] Conf. p. 295, *nota* 1 dêste livro.
[2] Della Gatt., *loc. cit.* 209.
[3] Malgré cela, il *(le cadavre)* fondait. *Ibid.*

rio sôbre o cadáver, deu parte de doente. O mordomo que teve de o substituir, não podendo afrontar as exalações do féretro, atirou-lho de longe, vindo a ser tomado por um pedreiro, que foi a final quem, neste passo, teve de velar a face dêste vigário de Cristo! [1]

Cá fóra, nas ruas e nas praças, a gentalha de Roma parecia muito contente com a morte do pontífice. As sátiras, principalmente em verso, choviam... [2]

Era a desfórra da Companhia que começava.

A víbora ensaiava assim o salto, que sómente nos dias de Pio VII. veria triunfar. "A tudo isto —escreve o ilustre historiador italiano que nos vem servindo de guia—a tudo isto não há que acrescentar uma única palavra. Teem-se escrito muitos volumes a respeito dêste pontífice. Todavia Clemente XIV., vítima da calúnia e do ódio jesuítico, há-de merecer sempre o nome de um grande papa. Se êle houvesse sido sempre em toda a sua vida uma espécie de Clemente XI., ou

---

[1] Ibid. 210.

[2] *Le peuple romain était fort joyeux de cette mort. Les satires pleuvaient à verse.* Despachos do conde de Rivera ao conde d'Aigblanche, ministro do rei da Sardenha, com datas de 24 de setembro e de 1 de outubro de 1774. in Della Gatt., *loc. cit.* 210.

Clemente XIII., ah! então toda essa gente o glorificaria! A Itália, que não teve então diante do seu cadáver palavras de censura, honra hoje a sua memória.„ [1]

Ah! se êle fôsse ao menos Clemente XIII!

*

E, para encerrar com brio o seu arrazoado, Rodrigues, num assômo de possuidor da História, pergunta-nos: — "¿Que utilidade tinham os Jesuitas com a morte do Papa?„ [2]

A pergunta dêste tartufo, se não fôsse proterva, seria imbecil.

¿O que é que lucrariam, os jesuitas, com a morte do papa? — pergunta-nos êle.

¿O que lucrariam?

Em tèse, e de pronto, lucrariam a rápida supressão de um formidável adversário, cuja altíssima categoria moral, como cabeça visível da Igreja, tornára duplamente inapelável e terrível a sentença que os fulminou. Lucrariam o mesmo que contavam lucrar quando, dos mais obscênos

---

[1] Della Gatt. *loc. cit.* 210.
[2] F. R. *Op. cit.* §. 6. 47.

latíbulos de Roma, armavam o braço daquele miserável Ridolfi, para assassinar Isabel de Inglaterra, de modo a que no trono, que essa infâmia tornaria vago, viesse a assentar-se alguêm que pudesse continuar a obra sanguinária de Maria Tudor. Lucrariam o mesmo que cogitavam lucrar quando, pela voz de João de Mariana, [1] faziam o hediondo elogio de Jacques Clément, com o mesmo impudor sacrílego com que mais tarde, pela voz de Guilherme Estius e de Filipe II., chamarão *mártir* ao infame Baltasar Gérard. Lucrariam o mesmo que pensavam lucrar quando, para destruir a vida do filho de Maria Stuart, se aliavam aos *puritanos* da *conspiração das pólvoras*, de modo a tomarem de assalto os destinos da Gran-Bretanha. Seria a desfórra da sua política, vitória agora alçada por entre o clamor de milhares de vítimas sôbre os destroços da *invencível armada*. Lucrariam o mesmo que buscavam lucrar quando aplaudiam a morte violenta de Guilherme d'Orange, e tripudiavam jubilosos sôbre o atentado perpetrado contra Maurício de Nassau, de cuja atitude lhes resultou serem expulsos da Holanda.

¿Seria pouco?

---

[1] *De rege et regis institut.*, in L. I. c. II., V., e VI. — *an tyrannum opprimere fas sit.*

No caso especial, concreto, de que ora vimos tratando, lucrariam, além do seu violento desfôrço do acto de Ganganelli que os banira do mundo católico, a esperança sinistra de serem restituidos brevemente àquela sua antiga influência religiosa e política de que Clemente XIV. os lançára com tam ruidoso fragôr. Lucrariam abreviar o espaço que àquela hora os separava ainda do seu triunfo. Lucrariam a antecipação de 1814, e com ela o êxito plêno da sua causa. Lucrariam a sua ressurreição, a sua vitória, a sua represália, fazendo retrogradar dois séculos à História, de modo a que a Humanidade voltasse, dum salto, aos dias de Filipe II.

E, para essa regressão formidável e tenebrosa—Rodrigues bem vê—a vida de Clemente XIV. constituiria sempre não só um perigo como um obstáculo insuperável.

O venêno era, com efeito, a única solução.

XVIII

Tambêm não admite o nosso incomparável teólogo, que chamemos pusilânime e hesitante a êsse jesuita de tiára, que a Igreja designa ainda agora pelo pseudónimo incaracterístico de Clemente XIII. E pede-nos que risquemos os nossos justiceiros epítetos. Pudéra. Neste passo, Rodrigues abona a sua contestação no sem-número de trabalhos e apêrtos em que êsse pontífice inepto, [1] sem caracter e sem vontade, se encontrára du-

---

[1] Au scrutin du 4 Juillet... Rezzónico ne reçoit que quatre votes... Les Français se déclarent contraires à l'election du cardinal vénitien. Que lui opposait-on? *Son incapacité, son penchant pour les jésuites dont il était élève.* Della Gatt., *loc. cit.* p. 160. Toutes ces exceptions qui auraient dû nuire ont, au contraire, aidé à l'éléction. Despacho de Rivera, de 8 de julho de 1758. ***Eod. loc. nota*** 1.

rante os intermináveis onze anos do seu atribulado pontificado; trabalhos que não tiveram nunca outro fundamento senão a indecorosa subserviência com que se constituiu em todos os seus actos numa espécie de manequim da Companhia. Clemente XIII. não é mais que uma autêntica invenção dos padres de Loiola. Todas as animadversões, que a sua tortuosa conduta provoca nos gabinetes das potências, não derivam de outra fonte que não seja a da sua incondicional sujeição aos interêsses e aos mais inconfessáveis planos dos jesuitas, cuja causa a todo o custo pretende manter. Por êles se sacrifica, e por êles morre.

Carlos Rezzónico póde, pois, considerar-se como constituindo um órgão apendicular daquele corpo infecto, que há mais de três séculos vem envenenando o mundo. É uma verdadeira prêsa da Sociedade de Jesus. Desde os primeiros trabalhos do conclave se manifestam êsses intuitos por parte dos cardeais que se inspiram na preponderância de *Gesù*. "Os jesuitas mexem-se„ —escrevia para o seu govêrno o ministro da Sardenha, conde da Rivera, a 17 de junho de 1758, no momento em que vai ser aberto o conclave. "Êles querem a todo o transe um papa da sua feição.„ [1] De feito, o momento apertava. Sem que

[1] Della Gatt.. *loc. cit. 141-2 nota* 1.

procurasse entender-se com os jesuitas, Bento XIV., a 1 de abril de 1758, fizera publicar o breve *Dilecte fili noster*, no qual conferia ao cardeal Saldanha, a instâncias de el-rei D. José, a dignidade de visitador e reformador geral da Companhia de Jesus em todos os domínios da corôa portuguesa. Nesse documento o papa confessa ser sua intenção satisfazer às justas instâncias do soberano, que em suas cartas acusava os jesuitas de andarem a fomentar a desordem não só dentro do país, como no Brasil, e em grande parte do norte e do sul da América portuguêsa. Como era de prevêr, esta providência do papa escandalizára a Sociedade. Para reparar tamanho escândalo, convinha preparar desde logo um pontífice que vestisse, ao menos moralmente, a roupêta. Êsse pontífice foi indubitavelmente Clemente XIII., cuja miserável submissão em face dos filhos de Loiola não contribuiu senão para apressar a catástrofe que, em absoluto, se havia de declarar nos dias do seu sucessor.

Á medida, porêm, que os jesuitas insistem por todos os meios na defêsa da sua causa, já ao tempo inteiramente perdida nos domínios da consciência pública, a hostilidade das potências recrudesce. O papa, guiado pelos padres, não descansa. A 11 de agosto de 1759, Clemente XIII. lança o seu breve *Exponi nobis*, dirigido ao presidente e deputados da mesa da Consciência e Ordens com

assistência na côrte portuguesa, em que pretende insinuar sob o império da sua autoridade "que sómente se relaxassem às justiças seculares os eclesiásticos implicados no processo dos regicidas.„ De par com estas insinuações impertinentes, que brigam com os bons princípios do direito pátrio consuetudinário nas suas relações *circa sacra*, o papa aproveitava o ensejo de, com a mais aberta e inoportuna insolência, fazer um espectaculoso elogio da Companhia, cujos filhos àquela hora lhe estavam públicamente carregando a mão, e guiando a pena. A impertinência imbecil do pontífice produzia os seus frutos. Á apologia da Sociedade de Jesus, feita sob o pseudónimo de Clemente XIII., respondia vinte e três dias depois o marquês de Pombal com a lei de 3 de setembro que expulsa de Portugal os jesuitas, como "rebeldes e traidores.„ A 26 de novembro de 1764, a França segue o exemplo do govêrno português. No entanto os jesuitas, com á tenacidade da môsca, não desanimam. A 7 de janeiro seguinte, no propósito de manterem a sua causa, fazem assinar pelo papa o breve [1] *Apostolicum pascendi munus*, que não versa outro tema que não seja o de continuar a fazer-se o elogio da Com-

[1] É considerado, por F. H. Vellet, como sendo uma bula. Huber, *Op. cit.* IX. 516. é da mesma opinião.

panhia, cuja instituição pretendem com raro impudor associar à causa comum da Igreja. É o supremo cinismo da obstinação. Êste breve, como oito anos depois será dito pela bôca de Clemente XIV., não foi *impetrado,* mas sim *extorquido,*[1] e no meio do maior segredo, pelos jesuitas, à hesitante imbecilidade de Clemente XIII. O próprio cardeal Torregiani, muito da privança do papa, só teve dele conhecimento quando foi a imprimir. Nove dias depois, a 16 de janeiro, o geral da Companhia, que fôra quem, com a ajuda de alguns prelados da sua intimidade, redigira o famoso breve, dirige uma insidiosa circular a todos os ministros da Ordem, comunicando-lhes em transunto a doutrina da sobredita constituição apostólica, e recomendando-a a todos como "um verdadeiro favor do céu."[2]

Esta cega pertinácia da gente de Loiola, pretendendo reivindicar em proveito da sua instituição aquele respeito que o fruto das suas obras lhe fizera perder no espírito público daqueles dias, chega a constituir uma impudência, quando não uma provocação, que sómente a ausência quáse completa do instinto de ponderação por parte de

---

[1] ...*extortis* (apostolicis litteris)... quam *impetratis*. Bulla. *Dominus ac Redemptor noster*, n. 21.

[2] Colecç. dos Negoc. de Roma no Reinado de El-Rey D. José I. *Clemente XIII.* P. II. 1759-1769, pp. 11-12.

Roma poderá já agora explicar. Porque alêm do mais que as circunstâncias políticas do momento se estavam a essa hora encarregando de evidenciar, e que a conseqùência lógica dos factos se permitiu mais tarde pòr em altíssimo relêvo, os jesuitas estavam levando Clemente XIII. a mentir. A Companhia de Jesus já não era àquele tempo, nem já podia tornar a ser, êsse tam exaltado vínculo de paz, sonhado ou forçado a ser sonhado por Paulo III., entre a Igreja e a sociedade humana. Essa ilusão perdera-se na consciência universal, desde a choupana humilde dos campos até ao opulento palácio dos reis. Nem já na mente dos próprios jesuitas essa ilusão achava abrigo. O século XVIII., o século da Enciclopédia, o século de Voltaire e de D'Alembert ia já a pouco menos de dois têrços da sua jornada. *Os direitos do homem* palpitavam no subsolo conflagrado, que a corrente da Revolução batia já. O fragôr subterrâneo do vulcão sentia-se. O que na Companhia simulava ainda ser espírito religioso, não era senão preocupação política. Ela não visava já ao domínio das almas; os seus olhos estavam postos na conquista do Império. Era por César que ela vestia agora as suas velhas armas. O céu estava de cada vez mais alto, mais inacessível, e a terra atraía-a. Eis porque neste momento ela era a desordem, a anarquia, a confusão, a conflagração moral, um perigo para a sociedade. "Por toda a

parte se levantam clamores contra a Companhia.„ —diz Clemente XIV.,[1] referindo-se aos dias do seu predecessor. "Por toda a parte—continua êle —vai totalmente rôto o decôro da caridade cristã com as perigosíssimas sedições, tumultos, desordens e escândalos, que a presença dos jesuitas concita naqueles mesmos príncipes em quem a devoção e liberalidade para com a Companhia parecia ter passado como em herança de seus avós.„[2] Tudo isto que Clemente XIV. confessava, em suas letras apostólicas, que existia nos dias do pontificado de Clemente XIII., tudo isto não o via agora o papa inerte e pusilánime, pronto sempre a conformar-se com a opinião da gente de Loiola, e a firmar com a sua assinatura quantos papeis os jesuitas lhe pusessem ao alcance da mão.

No indecoroso estado em que àqueles dias correm os destinos da Igreja, o verdadeiro papa é Lourenço Ricci. Clemente XIII. é tam-sómente a sombra de um pontífice sem autoridade mental, sem prestígio e sem iniciativa. É a cortiça que sobrenada à flôr daquele charco, em que os jesuitas imperam como indiscutíveis senhores. No próprio seio da Igreja o papa é tido como merece.

---

[1] Bula, *Dominus ac Redemptor noster,* n. 22.
[2] Ibid.

Fazendo remeter o seu breve *Apostolicum pascendi* a todos os núncios do orbe católico, no intuito de aplacar a tormenta que pressente próxima e prestes a desencadear-se, sómente vinte e três prelados o felicitam por haver tomado a defêsa da Sociedade. [1]

Neste pendôr, é claro, os acontecimentos precipitam-se. Á apologia da Companhia, feita pelo papa, e por ordem do seu geral, responde dois anos depois, a 2 de abril, o gabinete espanhol expulsando-a dos seus domínios, como medida de segurança para a paz pública. [2] Nesse mesmo ano, em novembro, os jesuitas são banidos de Nápoles, e logo em seguida de Malta. A insolência da Companhia ia produzindo as suas conseqüências. Embora tarde, Clemente XIII. conhecia o seu êrro. Era, porêm, tarde. Nos primeiros dias de 1769, os embaixadores das três côrtes bourbónicas depunham nas mãos do papa, em nome dos

---

[1] Fôram 13 espanhóis, 2 franceses, 7 italianos e o arcebispo de Praga.

[2] A 31 de março comunicava Carlos III. ao papa as suas resoluções. A 16 de abril ainda Clemente XIII., num breve que traduz todas as astúcias da Companhia, rogava ao rei que suspendesse a sua resolução por meio destas palavras: *¿também vós, meu filho?* Carlos III. deu à súplica do papa a única resposta que ela merecia. Cf. Modesto Lafuente, *Hist. Gen. de España*, t. XIV. L. VIII. c. VI. p. 206.

seus respectivos soberanos, uma exposição colectiva, que terminava pelo pedido da completa supressão da Companhia. Clemente XIII. verdadeiramente fulminado por tam imperativa resolução compreende emfim que é tempo de capitular..

No entanto, ¿o que é que êste homem sem vontade irá agora resolver? ¿Deferirá o pedido das côrtes estrangeiras, que o intimam a que lhes largue a prêsa? ¿Buscará ouvir ainda mais uma vez a palavra do geral dos jesuitas? ¿O que é que êste homem fará?

A sua morte inesperada —*præter omnium expectationem* —vem em breve arrancá-lo a todas estas dolorosas hesitações. A Companhia de Jesus era afinal quem mais lucrava neste instante com êste imprevisto acontecimento. Para ela o adiamento constituía a última fórma que, ao lance, revestia a luta. Á sua negra diplomacia importava agora iniciar outros caminhos. ¿Que caminhos? Nem ela, ao certo, o saberia dizer. Podia ser que a eleição do futuro papa viesse a recaír num dos seus parciais: em Crescenzi, por exemplo, a quem já davam antecipadamente o nome de *continuação de Clemente XIII.*[1] Dado que êste falhasse, ainda havia Galli, Antonelli, Crivelli, Acciaio-

[1] Della Gatt., *loc. cit.* 176.

li, Castelli. ¿E Ganganelli? — "É intrigante; mas é bastante instruido —„ diziam. — "É verdade que diz mal dos jesuitas; mas é amigo deles.„ [1] — confessavam outros. Não havia dúvida: — Rezzónico já não fazia grande falta. Todavia a sua morte "quando menos se esperava„, viera muito a propósito. Era um pobre-diabo; mas é natural que já estivesse cansado de obedecer. ¿E depois? Neste comenos — ¿quem sabe? — talvez a política dos Bourbons tomasse uma outra fase... O que estava demonstrado era que, com a morte de Clemente XIII. a Companhia, pelo menos, ganhava tempo. Na vigência do seu pontificado havia-se chegado às últimas. Ou ceder ou morrer. Rezzónico fôra obrigado a optar [2] pela morte, abrindo assim uma trégua à luta dos reis contra a Companhia. Bom homem, pobre homem, concluíam; mas os jesuitas já nada tinham a esperar dele. Déra o que podia dar.

Mas, a final, ¿quem fôra Clemente XIII.? Tudo, menos *alguêm*. Tão estreita fôra sempre a sua

---

[1] Della Gatt., *loc. cit.* 177.

[2] Clemente XIII. era stato spinto ad aboliri da più potenze europee. Ne riserbò la decisione ad un Consiglio di Cardinali. *Mori nella vigilia della reunione, ó si fece morire?* B. Labanca, *Il Papato. sua origin., sue lotte e vicende. suo avenire.* c. XI. p. 387 *nota* 1. (Torino. 1905.)

identificação com os jesuitas que, à fôrça de falar, de sentir e de pensar por êles, êste homem chega a perder a noção da sua personalidade. É certo que dispõe de uma cabeça; no entanto os miolos são propriedade da Companhia, Também tem mãos; uma delas, porêm, a direita, serve aos jesuitas de uma chancela que faz desenhar o seu nome. Moralmente é um imbecil. O cardeal Domenico Passionei, uma das mais altas capacidades da diplomacia pontifícia daqueles dias, e que, como tal, conhecia muito bem a Companhia e os seus adeptos; Domenico Passionei dizia a toda a gente que, quando votára, no consistório, contra a eleição de Carlos Rezzónico, únicamente o fizera por o não achar à altura de governar a Igreja.„ [1] E, numa ocasião em que para o atalhar, alguêm lhe dissesse que "Clemente XIII. era um bom-homem„, Passionei, sem um momento de perplexidade redarguiu: [2] — "Ora adeus: dessa mesma opinião foi Jesus Cristo com respeito a Nathanaël — *vere Israelita in quo dolus non est*; [3] — e todavia não o quis para Apóstolo.„

Nisto se resume finalmente a figura moral dêste papa, que passa na História sem uma úni-

---

[1] In *Diction. univ. histor. et bibliogr.* vb. *Passionei.*
[2] Ibid.
[3] Joan. I. 47.

ca afirmação de carácter. Nas mãos de Torregiani, Clemente XIII. é, no século XVIII., aquilo mesmo que, em nossos dias, é Pio X. nas do cardeal Merry del Val. Duclos toma à conta de atenuante da sua incapacidade, a circunstância de "nunca, talvez, lhe haver passado pela cabeça a ideia de que um dia viria ainda a ser papa." Quanto ao mais, acha-o pio, homem de grande boa fé, e dotado de muita bondade.[1] Em suma: um parêntesis na história pontifícia.

Daqui, o fundamento dos dois justos epítetos *pusilânime* e *hesitante* — que lhe consagramos, e contra os quais Rodrigues, mais grato do que imparcial perante a apagada memória daquele pobre-homem, finge alevantar-se num falso e forçado ímpeto de protesto.

*

Novas e solértes espertezas se permite ainda perpetrar o nosso bom Rodrigues, quando se diz grandemente maravilhado com o que escrevemos

---

[1] Clément XIII. est de la plus haute piété... beaucoup de candeur et de douceur... il n'avait osé prévoir qu'il monterait un jour sur le trône. *Voyage d'Italie*, pass.

relativamente à súbita morte de Xisto v., precisamente no instante em que êste papa, a instâncias de Filipe II. e da Inquisição de Espanha, estava ordenando um rigoroso inquérito aos actos da Companhia. E as nossas palavras, constatando esta circunstância, são as seguintes: — "São freqùentes estas coincidências na história dos padres de Jesus. Sempre que um papa se delibéra a um acto decisivo que os vexa, ou póde incomodar, êsse papa morre imprevistamente. É assim que Xisto v. desaparece, que Clemente VIII. se sóme, que Clemente XIII. se sepulta, e que o seu sucessor sucumbe, não com surprêsa sua, pois desde que suprimira os jesuitas tivera a certeza de morrer dentro em breve.„ [1]

E, vai daí, Rodrigues, pergunta-nos por que é que Paulo IV., Pio V., Inocêncio X., Clemente XI., e Bento XIV. "que se deliberaram certamente a actos decisivos que incomodaram os jesuitas„ [2] ¿não terão acabado às mãos dêstes padres? E, depois, esta: — "¿Porque é que os jesuitas deixaram viver *quatro anos* Clemente XIV., enquanto meditava o golpe da extinção, e esperaram

---

[1] O trapalhão menciona esta passagem como contida a p. 34 do nosso estudo. E a p. 74, que o leitor a deve ir buscar.

[2] F. Rodrigues, *Op. cit.* p. 50.

resignados a sentença com que êle os exterminou?„ [1]

No género da sandice, esta última interrogação define a capacidade mental dêste padre.

Como todos sabem, Ganganelli era um ardente postoque secreto partidário da Companhia. De ninguêm escondia a sua veneração por Loiola, bem como a alta consideração em que tinha os méritos scientíficos dos seus filhos. Os adversários da Companhia tinham-no, quanto a dever suceder a Clemente XIII., na conta dos *evitandi*. O cardeal Tanucci asseverava existirem cartas, que abertamente o davam como jesuita. Nos corredores do conclave a opinião dominante era concorde em afirmar que, conquanto às vezes sentisse mal dos jesuitas, Ganganelli não lhes era hostil. [2] O cardeal Orsini, que lhe conhecia as tendências, pronunciára-se contra a sua eleição. Toda a influência das côrtes bourbónicas não conseguira obstar a que o conclave se abrisse sob uma atmosfera poderosamente favorável à Companhia. Contra ela, àquele instante, já sómente restavam *os tímidos, os indiferentes* ou *um problema*, como

[1] Ibid.

[2] Il affecte de parler quelquefois contre les jésuites. mais il est leur ami. Della Gatt. *loc. cit.* p. 177. Vidè *supra*, p. 324.

Ganganelli. Os *hidrófobos* dos jesuitas já não alimentavam a menor esperança. [1] Os jesuitas tinham trabalhado a valer.

Dadas estas afinidades morais, a Companhia confiava. Para fortalecer esta confiança acrescia ainda a circunstância de, após a sua eleição, Clemente XIV. guardar a mais absoluta reserva sôbre o despacho a dar ao *ultimatum* das côrtes da casa de Bourbon, apresentado nos últimos dias de Clemente XIII. contra os padres de Jesus. ¿O que é que responderia Ganganelli? Cederia? ¿Lançar-se-ia em novas negociações com as potências, no género das que o seu antecessor intentára, embora sem fruto, junto do gabinete de Madrid? ¿O que é que iria saír de tudo isto?

Como quer o meu estúpido antagonista que os jesuitas, ainda incertos a respeito das intenções do papa a seu respeito, mas devendo nutrir a maior confiança nos seus precedentes de parcialidade: ¿como quer o meu estúpido antagonista que os jesuitas se desfizessem logo dele, sem sequer se darem ao trabalho de esperar o momento em que, por qualquer acto, Clemente XIV. se revelasse como seu inimigo? ¿Não podia ser Gan-

---

[1] ... les hydrophobes de la Compagnie n'avaient rien à espérer; contre les jésuites, il n'y avait que des *tièdes, des indifférents, ou un problème. comme Ganganelli.* Della Gatt. *loc. cit.* 180.

ganelli, pelo menos um Bento XIV., quando não até uma espécie de ressurreição de Clemente XIII., hipótese para a qual com tanto ardôr haviam trabalhado, antes da sua eleição, as lágrimas hipócritas de Lourenço Ricci? [1]

Naquele tempo ainda a Sociedade de Jesus não contava no seu seio, com o atrevimento de dar-lhe sentenças, figuras da categoria mental dêste Rodrigues; e, se as havia, os dirigentes da Ordem tinham o bom-senso de lhes meterem na mão uma vassoura ou uma sovela.

Segundo Rodrigues, desde 1769 até 1773, Clemente XIV. não fizera outra cousa senão *meditar o golpe* da extinção dos jesuitas. ¿Quem deu a êste patèta semelhante novidade? Quando todos hesitavam em face do rumo que o novo papa viria imprimir aos destinos da Companhia, destinos incertos, cuja dificuldade de prognóstico vinha já impondo-se aos mais claros espíritos desde os dias de Bento XIV.; quando Ganganelli era ainda considerado *um problema*, que sómente quatro anos depois da sua eleição se resolvia, Rodrigues, espertalhão, a perto de século e meio de distância de todos êsses factos, entende que os jesuitas, em logar de "esperarem resignados„ que

---

[1] Il était difficile de deviner ce que serait Clémente XIV. On sait à peine maintenant ce qu'il fut. *Ibid.* 198.

o papa "meditasse a sentença que os havia de exterminar„, o que deviam ter feito, logo a seguir à eleição, era acabar-lhe com a vida! Por quê? Porque meditava. ¿Qual o objectivo dessa meditação? A extinção da Ordem!

Não agrave, por uma fórma tam grosseiramente anedótica, o acêrvo já escandalosamente notório das suas sandices, Rodrigues.

O que importava em 1769 à Companhia, visto que Clemente XIV. dera sempre mostras de afecto aos seus padres, era confiar, esperar a orientação que os acontecimentos viessem determinar ao futuro da Ordem. Do rumo que essa orientação tomasse estava agora dependente a sua conduta. Desde que Clemente XIV. se mostrasse abertamente hostil à Companhia, os jesuitas tendo-o então, e só desde então, como seu adversário declarado, como tal o tratariam e se decidiriam. E foi o que fizeram desde julho de 1773. [1]

É necessário que Rodrigues não abuse dos seus predicamentos morais, e que nesta pura exploração das suas deficiências se não finja mais

---

[1] Cosi pure Clemente XIV. mori, *o si fece morire dopo il decreto dell'abolizione?* Deus est scrutator cordis. B. Labanca, *loc. cit.*

tôlo do que realmente é; e que bem assim não pretenda atribuir aos outros as qualidades ingénitas da sua excepcional estupidez.

Fiquêmos, pois, entendidos.

*

Agora, com relação ao primeiro remóque, Rodrigues continúa a manter os seus créditos de trapalhão. Quando nos quer fazer presumir que vai demonstrar uma proposição, embrenha-se por tal arte numa tam cerrada silva de datas e nomes, confundindo e baralhando tudo, que chega o indulgente leitor a hesitar sôbre se estará diante de um patéta, se em frente de um tôsco e desastrado mistificador.

Assim, pergunta-nos se "morrendo imprevistamente Paulo IV., Pio V., Inocêncio X. (êle, para dar-se ares de ultramontano, escreve *Innocentio)*, Clemente XI. e Bento XIV., visto que todos êstes Pontífices se deliberaram a actos decisivos, que incomodaram a Companhia, ¿não viriam todos a morrer *às mãos* dos jesuitas?„

Isto é profundamente sandeu, sôbre tudo com relação aos quatro primeiros pontífices, os quais não só se não dispuseram nunca a praticar qualquer género de *actos decisivos* contra a Com-

panhia — e esta é integralmente a nossa tèse [1] — senão que as suas mortes nada tiveram de obscuro ou misterioso.

Vejamos pois:

Paulo IV. foi um papa detestado, e não por ser favorável à Companhia, senão que por ser um papa sanguinário, inquisidor e péssimo político. A sua estátua, em cuja cabeça, após a sua morte, a populaça amotinada enfiou a gôrra de um judeu, em sinal de escárnio, foi lançada ao Tibre. Tanto Carlos V. como Isabel de Inglaterra o tiveram sempre na conta de um doido mau. O Aretino chama-lhe *ippocrita infingardo*. Com os jesuitas não teve outras diferenças senão as que lhe fôram sugeridas pela pouca confiança que tinha na pureza ortodoxa dos célebres *Exercícios* de Loiola. [2] Actos decisivos contra os jesuitas,

---

[1] A nossa tèse é: — "Sempre que um papa se delibéra *a um acto decisivo* que vexe *os jesuitas, ou os póde incomodar*, êsse papa morre imprevistamente É assim que Xisto V. desaparece, que Clemente VIII. se some, que Clemente XIII. se sepulta, e que o seu sucessor sucumbe, não com surprêsa sua, pois desde que suprimira os jesuitas tivera a certeza de morrer." *Op. cit.* L. I. c. IV. p. 47.

[2] Os cardeais Morone e Foscarari fôram os encarregados do exame da pureza ortodoxa dos *Exercícios*. Mais tarde, porêm, Paulo IV. mostrou não ter grande con-

nenhuns empreendeu. Morre inesperadamente, é certo; mas não se levanta à volta do seu cadáver a menor suspeita de crime. A sua morte é conseqùência de um insulto cerebral evidentemente caracterizado. *Papa Paolo è ito*—escreve sem mais comentários, horas depois da sua morte, ao duque de Ferrara, Hércules II., o bispo de Anglona. *O papa lá foi.* ¿Para onde? A alma foi para o inferno; o seu corpo apodrecido para a terra: *Styx animam; tellus putre cadaver habet.*—Tal é a letra do seu primeiro epitáfio. Não há ali a menor alusão a actos decisivos contra a Companhia. Sôbre a sua morte não se ergue a mínima sombra. Fulmina-o uma congestão cerebral. A mão que traçára as letras sangrentas do seu primeiro epitáfio pertence certamente à de um hereje, ou a qualquer dêsses obscuros miseráveis, que a sua autoridade de inquisidor arrastára aos ergástulos do Santo Ofício. Não há ali o mais ténue reflexo jesuítico. Dêste papa cruel, cujos ímpetos de ferocidade o vinho negro, vulcânico, de Nápoles—*il mangiaguerra*—exacerbava, não receberam os jesuitas nenhum agravo. Clemente

fiança nas opiniões dêstes cardeais; do que resultou serem chamados a comparecer perante o Santo-Ofício. Morone esteve prêso nos cárceres da Inquisição até os dias de Pio IV.

XIV. inclúi o seu nome no número daqueles pontífices “que não só confirmaram à Companhia os privilégios que já tinha, mas até lhos ampliaram.„ [1]

¿A que vem aqui, trazido pela estupidez de Rodrigues, o nome de Paulo IV., nem morto com suspeitas de crime, nem adversário dos jesuitas?

Segue-se agora Pio V.

—Pio V., que não passa, como Paulo IV., de um papa inquisidor—*Paulo IV. que Deus nos ressuscita* [2]—como a êsse tempo alguêm o apelidára—Pio V. morre de um abcesso purulento na bexiga, complicado de cálculos vesicais absolutamente constatados por um diagnóstico peremptório. A previsão da sua morte é segura e incontestável. A 30 de abril, vinte e quatro horas antes de sucumbir, o seu médico de câmara informava por estas palavras o enviado do duque da Sabóia:—“O papa tem um abcesso purulento na bexiga. Logo que êste venha a resolver, *morrerá imediatamente.* O derramamento produzido pela ruptura do saco vesical, interessando os nervos cardíacos, dar-lhe-há morte instantânea.„ [3] A

---

[1] Bula, *Dominus ac Redemptor noster*, n. 17.
[2] Ranke. *Die römischen Papste*. III. B. 230.
[3] Despachos do abade de S. Salutore para o duque

autópsia veio confirmar plenamente o fatal prognóstico. Na bexiga fôram-lhe encontradas "duas pedras sobrepostas, formando ambas o volume de *un giulio di argento.*" [1]

Tal o místério que envolve a súbita morte de Pio v.

Quanto a actos decisivos praticados por o papa contra a Companhia, temos ainda a confissão de Clemente xiv., em que Pio v. é designado como um dos mais assinalados amigos dos jesuitas. [2]

¿A que vem ainda, para a refutação que nos move Rodrigues, muito mais parvo que facundo, o nome dêste papa?

Temos agora o tal Inocêncio x. com *t*.

Embora fôsse de 72 anos quando o fizeram assentar na cadeira de Pedro, êste homem era um velho de costumes indignos. Na sua cama apareceram, um dia, os brincos das orelhas de Olímpia Meldachini, sua cunhada e sua barregã, a qual sôbre êle exercera sempre um ascendente notório e escandaloso. [3] As suas diferenças fôram,

---

da Sabóia. com data de 25. 27. 29 e 30 de abril e 2 de maio. *In* Della Gatt., *loc. cit.* II. p. 207.

[1] Ibid.

[2] Bula, *Dominus ac Redemptor noster*. n. 17.

[3] *Vie d'Olympe Meldachini, traduite de l'italien*

não com os jesuitas, mas com o jansenismo, cujas doutrinas, a crêrmos Voltaire, êle condenára sem lêr. Sucumbe a um exgotamento senil, conseqùência prevista da sua obscêna conduta de velho libertino. Nem teve morte misteriosa, nem a Companhia, por nunca haver-se contra ela por actos decisivos, tinha o menor interêsse, ou ainda a mínima razão, para o eliminar. Acabou como *une chandelle à s'éteindre*, segundo as palavras de Della Gattina. Nenhum segredo envolve a sua morte. O seu entêrro foi um carnaval lúgubre. A noite estava tenebrosa, ouvindo-se a cada momento o estampido dos trovões, que a lívida fulguração dos relâmpagos anunciava. Príncipes, princesas e principelhos, damas e muita gente do povo, tudo, em fúnebre tropel, acudiu ao Vaticano. *On se serait cru au Carnaval*—escrevem os enviados dos duques da Sabóia e de Modena aos seus senhores. [1]

Quanto a morrer *súbitamente*, bastará dizer

---

de l'Abbé Gualdi, avec des notes par M. J... Genève. 1770.

[1] Despachos de Philibert Carretto, de Costa e de Gino ao duque da Sabóia, datados de 27 de setembro, 2 de outubro, 23 de novembro, 7, 11, 21 e 28 de dezembro de 1654, e de 4, 5, 7, 10, 11 e 18 de janeiro de 1655. *Id.* de Gualengo para o duque de Modena, de 6 e 13 de janeiro do mesmo ano. Della Gatt. *Op. cit.* III. 144.

que a doença que vitimára Inocêncio x. durou cinco meses; e a sua agonia muitos dias—*plusieurs jours.* [1]

¿Que tem isto que vêr com aquilo que Rodrigues pretende provar? Quem se atreverá jàmais a aproximar a morte de Inocêncio x., da morte de Xisto v., Clemente viii., Clemente xiii. e Clemente xiv.?

Vejamos agora ainda Clemente xi.

As desinteligências dêste papa com a Companhia limitaram-se tam-sómente às justas censuras por êle formuladas contra a casuística tôrpe e imunda dos seus moralistas. Clemente xi. nunca pensou vibrar qualquer espécie de golpe decisivo sôbre os jesuitas. O que êle condenou foi a linguagem obscêna dos seus *mestres-de-casos,* cujos conceitos expostos com uma nudez revoltante, já a Sorbonne em 1665 dizia que nem mesmo em latim podiam referir-se. [2] Estas censuras, porêm, recebiam-nas, os jesuitas, com a maior indiferença. De resto, Clemente xi. vem mais tarde a acomodar-se. Mesmo a sua bula *Ex illa die*, de 19 de março de 1715, em que o papa condena as práticas pagãs a que os jesuitas se entre-

[1] Ibid. p. 143.
[2] Huber, *Op. cit.* c. viii. 476

gam nas missões, não deixa a mínima raíz de má-vontade ou de espírito hostil no ânimo do pontífice. Tudo afinal se compõe. Malavindo com êles em razão da sua moral infame e relaxada, e do seu consciente paganismo praticado entre gentios, Clemente XI. não meditou jàmais o extermínio da Sociedade de Jesus. Crê, como muitos dos seus predecessores, que a Companhia, corrigida, admoestada ou censurada, é ainda susceptível de prestar alguns bons serviços, tanto à Igreja como à sociedade civil. É neste doce engano que o vêmos ajudando os jesuitas na conversão do príncipe de Saxe, filho de Friderico Augusto da Polónia. Oito anos depois das suas últimas divergências com os padres de Loiola, o papa, inteiramente reconciliado com êles, sóme-se na Eternidade. A sua bula *Unigenitus*, obra de Fabroni contra as tèses de Quesnel, já de ante-mão havia preparado a conversão pontifícia. A harmonia é perfeita.

¿Por que é que, depois de tudo isto, a Companhia havia de ter o menor interêsse em fazer desaparecer um tam alto cooperador da sua obra, o qual era ao mesmo tempo seu sócio na emprêsa do engrandecimento do poder monárquico?

Resta-nos agora Bento XIV.

Bento XIV. é um grande papa. "Dez pon-

tífices como Bento XIV. — escreve Della Gattina [1] — seriam suficientes para que toda a Itália respeitasse o papado.„

A má-vontade dos jesuitas conquistou-a êle com a publicação do seu breve *Dilecte fili noster*, de 1 de abril de 1758, em que concede ao cardeal Saldanha a dignidade de visitador e reformador geral da Companhia de Jesus, no reino de Portugal, Algarve e seus domínios ultramarinos. É um escândalo! Reconhecer a necessidade de uma reforma da Companhia, e cometer, de mais a mais, essa jurisdição a um prelado que não passava por criatura dos jesuitas, era fazer causa comum com os seus detractores, ir de encontro às recentes providências de Roma e preparar a queda da Ordem. Podia lá ser! Bento XIV. é declarado, desde logo, inimigo dos jesuitas; e, como tal, vinte e cinco dias depois de assinar o breve fatal, a 26 de abril, o papa caía prostrado no leito. A febre devora-o. Ao estado febril vem ajuntar-se a disúria. Depois a astma. A 3 de maio era cadáver. Durára apenas trinta e três dias, desde que sustentára num documento pontifício que a Companhia de Jesus, pelos inúmeros abusos e graves desordens a que estava dando logar, não só em Portugal e Algarves, como nas Indias

[1] Della Gatt. *Op. cit.* IV. 138.

orientais e ocidentais, carecia de um reformador que, da vida, costumes, ritos e disciplina dos seus padres, *tam in capite, quam in membris*, se informasse, propondo e ordenando logo aquelas diligências e remédios que, no caso, lhe parecessem oportunos.

Era o primeiro passo para a extinção. Portugal, primeiro que ninguêm, assim o entendera. Os jesuitas, desde aquele instante, tomaram as armas. Impunha-lho a causa da sua própria defêsa. A hora era solene. A voz do papa ia ajuntar-se agora ao côro das nações que reclamava a morte dos peoneiros de Loiola. Achamo-nos, pois, finalmente, em frente de *um acto decisivo* contra os jesuitas. Não há, por tanto, um momento a perder. A leva de escudos é geral.

Pois bem. Um mês e três dias depois da publicação do breve-Saldanha, Bento XIV *mori, o si fece morire.*

¿Não parece tudo isto extraordinário?

São coincidências, não há dúvida. *Deus est scrutator cordis.*

"Bento XIV.—escreve Della Gattina, [1] é o único papa de que a Itália poderá recordar-se sem aversão.„ O conde de Rivera, escrevendo ao senador Ossório, ministro do rei da Sardenha,

---

[1] *Op. cit.* IV. 138.

confessa, não sem surprêsa, que [1] "a morte do papa não determinára, na rua, manifestações deprimentes da sua memória.„ O seu primeiro epitáfio assinala-o como *vir bonus in folio; bonus vir in solio.* Que diferença, com a primeira letra tumular de Paulo IV.!

Não é, pois, de admirar que êste papa, verdadeiramente grande, esteja no *Index* da Companhia, e morresse um mês depois de confessar as desordens a que ela estava dando origem em todo o reino de Portugal e seus domínios. Menos é tambêm de estranhar, que alguns dos seus detractores, perpetrando baixos trocadilhos sôbre a primitiva devisa do seu túmulo, o déssem como *magnus in folio; parvus in solio.* Nem mesmo assim a calúnia o atinje!

*

Protesta, finalmente, Rodrigues [2] contra a conivência da sua Ordem nas sátiras, [3] que após

---

[1] Despachos de 29 de abril, de 3 e 6 de maio de 1758. *Loc. cit.* p. 137, *nota 1.*

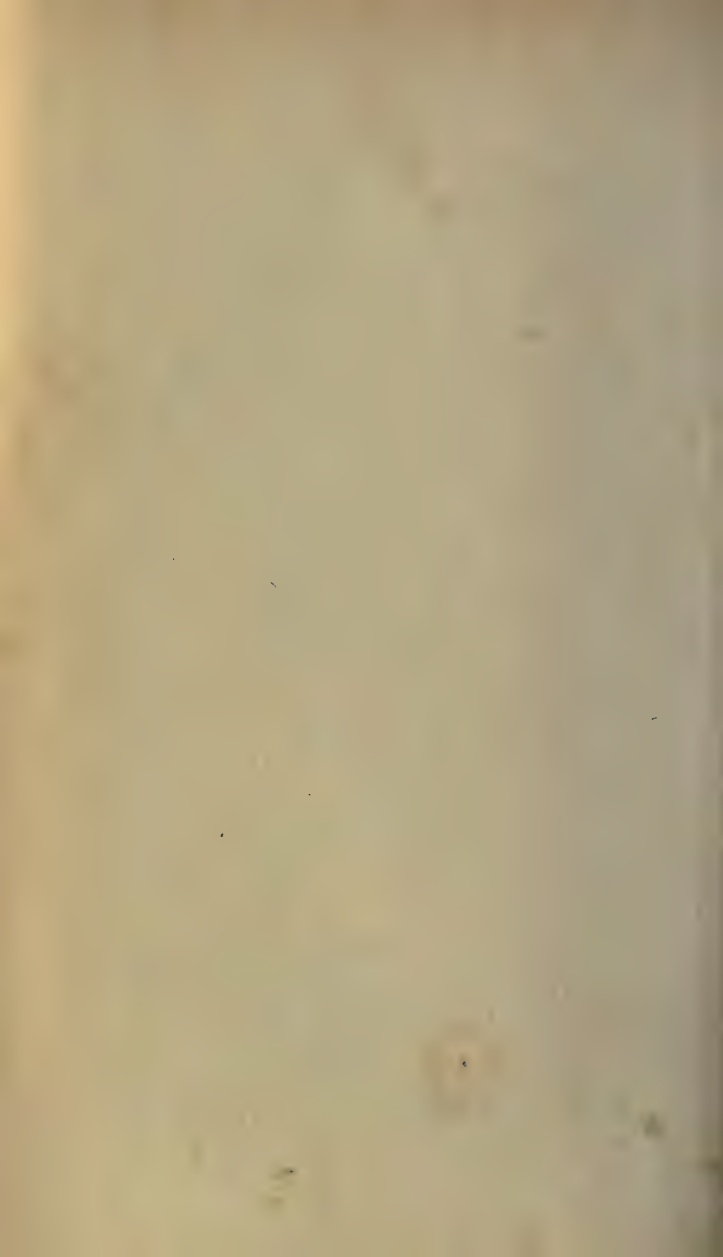
[2] F. R., *Op. cit.* §. 7. p. 51.

[3] "Les satyres pleuvaient à verse.„ Despachos do conde de Rivera para o conde de Aigblanche, ministro do rei da Sardenha, com data de 24 de setembro e de 1 de outubro de 1774. *in* Della Gattina. *Op. cit.* IV. p. 210.

a morte de Clemente XIV. caíram sôbre a sua memória. Êste desmentido sem a menor imputação tem o único mérito de não convencer ninguêm. E como lhe ponhamos diante dos olhos um papel, em que um padre augustiniano, sôb o véu de uma insulsa paródia à paixão de Cristo, faz, numa espécie de libelo figurado, mixto miserável de panflêto e de protesto, o elogio da Companhia, com claras alusões de desfavor a quantos em seu parecer prepararam a sua ruína, Rodrigues, não já sómente arguto, mas profundo, responde que os jesuitas "não são responsáveis pelo que fazem os seus amigos." [1] Isso é verdade; e para o demonstrar basta vêr como Afonso de Liguori, que também não foi jesuita, e que contudo é um grande auxiliar das doutrinas morais da Companhia, não são os mesmos jesuitas os primeiros a tomar a responsabilidade dos seus inconcebíveis desacêrtos, postoque originariamente oriundos de um chôcho redentorista.

Não há, com efeito, mais autêntico sandeu.

---

1 F. R., *loc. cit.* p. 63. *nota 1.*

XIX

Para demonstrar a obediência com que os jesuitas recebem a bula pontifícia que os extingue, Rodrigues, sempre trapalhão, cita várias coisas: [1] — retalhos de sermões, palavras do profeta Isaïas, [2] anedotas, histórias. É uma salsada

---

[1] F. R., *Op. cit.*, §. 7, pp. 51 e segg.

[2] A passagem é aquela em que Isaïas diz: — ***oblatus est, quia ipse voluit; et non aperuit os suum.*** (LIII. 7.) Já no simples enunciado bíblico, Rodrigues começa a mentir. Porque não só a Companhia não foi sacrificada *porque quis*, mas até, bem longe de ***não abrir a sua bôca***, como a ovelha do profeta, desmesuradamente a escancarou, como Gargântua, para insultos, mentiras e as mais vis insinuações. Isto é que é saber aplicar o sentido das sagradas letras! Os jesuitas fôram sacrificados ***porque quiseram, e não abriram bico!*** Que pandilha, e... que exegèta!

pueril. O fundamento, porêm, de todo o seu arrazoado assenta numa compacta e cerrada mentira, com alternativas da mais calcinada má-fé. Porque para que possamos atribuir todo aquele original concêrto de maravalhas sómente a uma ignorância, que a ser autêntica sèria indecorosa, isso fôra de mais. A ignorância, como a estupidez, tem os seus limites; uns, de ordem moral, com respeito à primeira; outros, de puro caracter zoológico, relativamente à segunda.

Todavia consciente ou inconscientemente, Rodrigues falta redondamente à verdade. A obediência dos jesuitas à justa sentença do papa foi mais aparente que sincera. [1] Dizendo-se persuadidos de que, da sua existência, como agregado religioso, está dependente a estabilidade da Igreja romana, deram-se pressa em proclamar a [2] *não-infalibilidade* da sentença papal, levantando-se contra ela em actos de rebelião. Esta atitude não é de estranhar. Procedendo assim, a Companhia mantinha a lógica das suas tradições. Em todos os tempos, nunca as letras apostólicas que feri-

[1] Der Gehorsam, mit dem sich die Jesuiten dem Urtheilsspruch des Papstes unterwarfen, *war mehr scheinbar als aufrichtig*. Huber, *Op. cit.*, IX. 546 *u. ff.*

[2] São expressões textuais de Huber: — *niemals für unfehlbar gegolten*. Ibid.

ram os seus interêsses fôram achadas, por êles, como dignas de cumprir-se.

Declarando abertamente e em toda a parte, que a bula de Clemente XIV. não devia ser obedecida, lançaram-se então, e com estranha insolência, no caminho da revolta. Os panfletos contra o papa choviam. [1] Não teem conta. O incitamento à sedição é geral. Não há o menor escrúpulo na mentira. Fazem correr por toda a parte as notícias mais desvairadas sôbre imaginárias violências praticadas em Roma, por ocasião da posse das casas, que a Companhia fôra levada a abandonar. Para dar maior retumbância aos seus protestos inventam uma carta do arcebispo de Paris, na qual êste prelado, depois de fazer ao papa as acusações mais violentas, conclúi por dizer-lhe que êle, papa, não tinha o direito de extinguir a Ordem, e que, conseqùentemente, os bispos não incorrem em pena de desobediência revoltando-se contra tal iniquidade.

Aqui estão vendo todos como os jesuitas estavam seguindo a letra de Isaïas, que o nosso trapalhão nos pretende impôr em estilo de hagiológio. Êles não só abriam a bôca, em contrário

---

[1] So gingen denn aus ihrer Mitte zahllofe Pamphlete und aufrührerische Schriften gegen den Papste hervor... *Ibid.*

à sentença bíblica, como buscavam morder, acesos em ímpetos característicamente bestiais.

Na Suíça e em Colónia, os soldados de Loiola hesitam a princípio em obedecer à voz de Roma; no entanto, vencidas as primeiras perplexidades, sáem resolutamente a campo defendendo o galicanismo com o mesmo ardôr com que até então o haviam condenado. Em Heidelberg, o padre Simo, a 29 de agosto de 1774, sustenta em público a tèse de que o poder episcopal deriva directamente de Jesus Cristo, sem a menor sujeição à autoridade pontifícia. Estamos em pleno concílio de Constança, muito distantes já daqueles dias de Trento, quando a Companhia fundava, contra as puras tradições da Igreja, o imperialismo pontifício. Conjuntamente com esta invectiva indecorosa, renasce outra vez na Sociedade o seu antigo espírito de independência civil. Os reis não devem nenhum respeito ao papa. Toda a sua obediência deve ser para com Deus. Não há na terra outro poder acima dos príncipes. Em Poissy, pela palavra insolente de Lainez, a Companhia exprobrava a uma raínha de França "a audácia de fazer reunir uma conferência religiosa, sem solicitar a licença do papa.„ Duzentos e treze anos depois era dos teólogos jesuitas que saía o grito de rebeldia contra a autoridade do papa, arrancando-lhe agora da cabeça a corôa que lhe haviam fabricado em Trento, a preço de

embustes e mentiras, e absolvendo, os príncipes e os prelados, do seu rompimento de rebelião com Roma. Que pureza de convicções!

Na Polónia, o rei, os nobres e as dignidades eclesiásticas haviam deliberado um confisco geral sôbre os bens imobiliários da Companhia. O núncio protestou. Ao seu protesto acudiram logo os jesuitas dizendo-lhe, que êle não tinha direito de alevantar-se contra actos, que em cousa alguma se diferençavam daqueles que, em Roma e àquela hora, o papa estava perpetrando. O pontífice tentando ainda usar das suas antigas armas, advertiu-os de que procedendo assim estavam comprometendo gravemente a sua própria salvação. Os rebeldes riram-se da cândida monitória, e deram-se desde então ao propósito de fabricar breves falsos, atribuindo a Clemente XIV. a intenção ignóbil de renegar a sua própria palavra, permitindo assim que, tanto na Rússia como na Prússia, os jesuitas pudessem manter-se livremente.[1] É o cúmulo do ludíbrio!

Por sua conta, o ex-provincial da Silésia leva a sua audácia até o extremo de convocar uma congregação de todos os jesuitas existentes na Prússia, no intuito de proceder à eleição de um

---

[1] Huber. *Op. cit.* p. 548. Theiner *II. 396, ff. II. 465, II. ff.*

vigário geral, visto Ricci, por encontrar-se prisioneiro em Roma, não poder presidir aos actos da Companhia.

Eis como o preceito do *quarto voto* de inteira submissão ao papa era observado, e ao mesmo tempo como o cordeiro de Isaïas dava os seus balidos!

Supondo possuir o segredo de toda a História, e esta, segundo êle, não ter outra função na vida moral dos povos senão a de reproduzir as mentiras que a Companhia de Jesus busca piedosamente impingir-lhe, Rodrigues, sem vergonha, e alçado sôbre os depoimentos que acima ficam apontados, e sem sequer compreender que em desfavor do seu intento indirectamente os confirma, escreve que "Catarina da Rússia, após a sentença de Clemente XIV. *não chamou os jesuitas.* Os Jesuitas um ano antes do Breve estavam já na Rússia-Branca, *e aí ficaram...*" [1] Pudera. É a concordância, que ainda agora nos vem dar êste imbecil, das suas ideias com as do façanhoso ex-provincial da Silésia que, em público, e com muito menos razão que Lutero, rasgava a bula do papa. E assinala a façanha, o patèta, sem sequer atender a que se os jesuitas já estavam na Rússia-Branca desde 1772, *e lá se deixaram ficar,*

---

[1] F. R., *Op. cit.* §. 7. pp. 66-7.

como jesuitas, após a bula que os extingue, em conta alguma tinham a sentença pontifícia, preferindo ficar como rebeldes no mesmo logar aonde um ano antes o princípio da obediência os impelira. E entre obedecer ao papa, de quem tinham ainda a desvergonha de apelidar-se filhos, ou ficarem às ordens de uma imperatriz desonesta e scismática, o jesuita, sem abrir bôca, exactamente como o cordeiro de Isaïas, pronuncia-se pela princesa herética. Isto é que é obedecer! O cordeiro *oblatus*, que no dizer hipócrita de Rodrigues nem sequer balára perante a sentença papal, mostrava agora os dentes para desobedecer-lhe! Que tal? Clemente XIV. falára de modo a ser obedecido; o jesuita voltava-lhe as costas e proclamava por toda a parte não só a legalidade, como a canonicidade, da sua insolente rebeldia! Ovelhas? Já não havia ovelhas; o que havia era raposas.

"Folgavam assim os padres — escreve a êste respeito um autorizado historiador dos nossos dias [1] — por vêrem-se amparados na sua rebelião contra a Santa Sé, mas desejavam simular obediência aos decretos pontifícios." O artifício dessa simulação ia até o cinismo de pedirem à imperatriz que fizesse executar as letras de 1773. E enquanto assim astutamente manobravam, davam-

[1] Latino Coelho, *Op. cit.* c. VI. p. 396.

se à piedosa indústria de fabricar um rescrito, pelo qual Clemente XIV. "autorizava os jesuitas a conservarem-se *in statu quo* até ulterior determinação." [1] Isto é: o papa, depois de ter exterminado a Companhia, trabalhava subrepticiamente agora pelo descrédito da sua própria obra! A bula de 1773 resultava não em bula, mas em burla! [2] O papa era um baixo histrião, negando na Rússia, num rescrito, aquilo que, numa bula solenissima, afirmára em Roma. A Ordem, pelo menos na Rússia, prevalecia. O papa, desde então, e a dentro dos domínios de Catarina II., passára a chamar-se Scholewsqui. Tudo ficára desde êsse instante regularizado.

---

[1] Crétineau-Joly, na sua *Histoire religieuse, politique et litteraire de la Compagnie de Jésus* (t. V. p. 395) obra parcialíssima, inventada e posta a curso no intuito descarado de defender os jesuitas, dá a entender que êste *rescrito* (sic) fôra sugerido ao papa no interêsse de pactuar com as resistências da imperatriz. *A Ordem subsistia na Rússia a despeito das letras apostólicas da sua abolição*—comenta Latino Coelho.

[2] Sôbre êste e outros monumentos apócrifos, que a Companhia de Jesus, por aqueles dias, foi levada a fabricar, consulte-se Huber, *Op. cit.* c. IX. p. 546 *u. ff.*

*

Ora é, precisamente, com êste acto de burla e de rebeldia que Rodrigues, ajudado do seu Isaïas, nos vem provar com uma desfaçatez capaz de fazer ruborizar o próprio estanho, a obediência dos jesuitas em face da suprema decisão de Roma!

Se êste padre, que tam notóriamente sabe alternar as mentiras com os dislates, se tivesse dado um dia à canseira de lêr a bula de Pio VII. *Sollicitudo omnium*, de 7 de agosto de 1814, aonde não aparece a mínima referência ao tal rescrito apócrifo, que mantêm na Rússia o *statu quo* jesuítico *até ulterior resolução*, veria êle que êsses tais padres rebeldes que, no império moscovita, para obedecerem à imperatriz, desobedecem ao papa, já não são tidos por Pio VII. na conta de jesuitas. Nessa bula tais padres são simplesmente designados pela rúbrica de "*presbíteros seculares noutros tempos aditos à Sociedade de Jesus.*" [1] *Fôram* jesuitas; são agora *presbíteros seculares:* Se o tal *rescrito*, atribuido pelos jesuitas a Clemente XIV., não o tivesse então o

[1] ... et allii sæculares presbyteri... *olim adicti Societati Jesu.* Bula *Sollicitudo omnium*, §. 2.

papa como apócrifo, ¿por que não confessar neste lance Pio VII. que os jesuitas da Rússia, por expressa determinação pontifícia, não haviam sido alcançados pelas letras apostólicas de 1773? ¿Por que se não faz na bula de 1814 a menor alusão ao tal *statu quo*, ordenado pelo pseudo-*rescrito* clementino?

Não mintam.

De resto, uma das provas, que ainda agora possuimos de que os tais padres rebeldes se sentiam bem sob a asa omnipotente da varonil czarina, di-lo, para nós, os portugueses, a carta que o ex-jesuita, Manuel de Sampaio, escreveu de Urbânia, a 11 de maio de 1780, ao padre Faustino de Lemos, na qual há passagens dêste expressivo relêvo:—"Na Rússia, graças a Deus, há toda a constância naquela grande Imperatriz... Sabendo que o Núncio queria maquinar a nossa supressão naquele Império, lhe fez saber que ela averiguava [1] se era certa a notícia que lhe tinham dado de que êle tentava perturbar o govêrno doméstico do seu Império; e que se o [2] achava [3]

---

[1] averiguaria (?)

[2] achasse (?)

[3] Êste período está evidentemente incompleto, pela manifesta ausência do complemento restritivo. Propômos a seguinte lição: — e se o *achasse* compreendido *nesse propósito*,...

compreendido, lhe faria sentir os efeitos do seu desprazer.„ [1] Sete anos decorridos sôbre a decisão papal, que extinguira em todo o mundo católico a Companhia, o ex-jesuita, Manuel de Sampaio, admirava-se de que um núncio de sua santidade désse inteiro cumprimento às letras pontifícias! E aplaudindo a intervenção da imperatriz nos negócios de Roma, o ex-jesuita, ainda por cima, dava graças a Deus!

Não há dúvida de que é em vista dêste agasalho dispensado pela ex-Sofia de Anhalt aos padres recalcitrantes da extinta Companhia, que Crétineau-Joly, o escriba assalariado pelos jesuitas para a obra da sua defêsa, dá a essa impúdica imperatriz o epíteto grandioso de *femme excepcionelle*. [2] É justo.

¿O que é que, ao pé desta *mulher excepcional*, valia ou representava o triste foragido que, a êsse tempo, como a justificar a conta de frívolo em que era tido por o conde de Gorani, [3] andava a tapar a região hipogástrica de todas as estátuas dos museus de Roma com aquelas dis-

---

[1] *Gabinete da Abertura*, in Latino Coelho, *loc. cit.* p. 396.

[2] Crétineau-Joly, *Op. cit.* T. v. p. 403.

[3] Conf. *Pie VI.* in cit. *Diction. univ. histor.* p. 30, col. I.

cretas fôlhas de figueira de que a Castidade, em tais sítios, costuma arreiar-se?

Os jesuitas talvez tivessem razão.

*

Com o aberto desafôro, característico de um jesuita, mixto impudente de teima e de insolência, Rodrigues volta mais uma vez à fábula [1] da coacção de Clemente XIV. durante a crise moral que prepara no seu espírito a necessidade da bula de 1773, que extingue a Companhia.

Já a ninguêm é hoje dado ignorar que essa baixa mentira jesuítica faz parte daquele odioso grupo de insinuações tôrpes de que a êsse tempo a Companhia de Jesus se fez autora e eco voluntário, no intuito pérfido de desonrar a memória do pontífice libertador. Nesse odioso acérvo de infâmias até a demência de Clemente XIV. aparece! O papa estaria doido ao lançar a sua bula de justo extermínio! Quarenta anos depois, em 1814, o cardeal Pacca, surpreenderá ainda nos lábios de Pio VII., a êsses dias prisioneiro em Fontaine-

---

[1] F. R., *Op. cit.* §. 8. p. 75. Nesta passagem o traficante cita a p. 79 do nosso estudo aonde não vem a mínima referência ao assunto em questão.

bleau, os últimos ecos da torpeza. [1] E como a essa fábula estúpida e grosseira, que nenhum historiador de probidade, incluindo o próprio jesuita Theiner, [2] jàmais confirmára, e que os factos anteriores à sua invenção se encarregam ainda agora de desmentir, [3] um escritor venal, assalariado pela Companhia, Crétineau-Joly, se lembre de vir acrescentar o vergonhoso testemunho da famosa carta falsa do arcebispo de Paris contra a decisão de Roma, carta que como muitos outros documentos dêsse tempo, hostis ao papa, a Companhia inventou; [4] e como nós, pelo que o padre Maynard conta do mesmo Crétineau-Joly, seu amigo, e de quem mais tarde fez a biografia, [5]

---

[1] *Memorie storiche*. Roma. 1830, p. 238.

[2] *Histoire du pontificat de Clément* XIV., II, *p. 231 sq.*

[3] O alto espírito de justiça de que Clemente XIV. faz revestir todos os actos preliminares da sua sentença acha-se claramente manifestado na missão de que encarrega o cardeal Malvezzi, em tudo confórme à que fôra cometida ao cardeal Saldanha, em 1758, por Bento XIV. Quem assim se determina não está sob a garra opressôra de ninguêm; acha-se apenas em face da sua consciência. Pois bem. Ao apêlo que o papa faz à justiça da causa em que se vê empenhado, os jesuitas já então respondem com insultos e panfletos. Huber, *loc. cit.* IX. p. 540. Theiner, *Op. cit.*, II, 323 ff.

[4] Huber, *Op. cit.* IX. 546.

[5] *Jacques Crétineau-Joly, sa vie politique, reli-*

o tenhâmos na conta de um "impostôr sem talento," [1] Rodrigues, que não quer perder ensejo de dizer asneiras, insurje-se contra o justiceiro epíteto que formulamos, tentando esboçar a incoerente reabilitação daquele desastrado historiador, cuja vida política e literária não é mais que um cerrado compêndio da mais autêntica miséria moral.

E assim, para a emprêsa, vale-se da por ventura mais inocente façanha de falsário, perpetrada por aquele pobre-homêm, quando na tradução das *Mémoires du cardinal Gonsalvi* lhe imputa uma mentira que o cardeal nunca proferiu, e tam grosseira, que o próprio padre Maynard, embora para com êle sempre benevolente, confessa que quando por ventura se achasse algum dia no apêrto em que se encontrou Crétineau-Joly, jàmais por aquele meio o resolvêra. [2] E Rodrigues, desfaçado, ostentando aquela suma sem-vergonha de lacaio tam comum à sua libré, e permitindo-se o descaramento de dar, como Maynard, àquela mentira o nome de *anedota*, quer fazer-nos entender

gieuse et litteraire d'après ses mémoires, sa correspondance et autres documents inédits, par M. l'Abbé U. Maynard, chanoine de Poitiers. Paris. Firmin Didot. 1875.

[1] *Loc. cit. L. I. c. VII. p. 113, nota 2.*

[2] Maynard, *Op. cit.*, ch. V. IV. p. 448.

que é essa falsidade solérte a única talvez cometida por Crétineau-Joly em toda a sua longa vida de escritor! Foi só aquela vez...

Rodrigues mente como quem é.

Na enorme lista das mentiras e traficâncias de Crétineau-Joly, como historiador e como político, essa *anedota* de que mais tarde entendeu dever tornar cúmplice o cardeal Antonelli, [1] representa, sem dúvida, a menor das suas proezas. Na opinião de alguns dos mais autorizados historiadores da Companhia de Jesus, como Theiner, Ravignan e Pontlevoy, o conceito em que é tido Crétineau-Joly é deplorável. A sua carreira literária é mais que miseranda; chega a ser obscêna. Aliado e adversário dos jesuitas, acusador e defensor do papa, lacaio e malsinador de Pio IX., cujos pés beija como hipócrita e em cuja reputação imprime dentadas verdadeiramente felinas, Crétineau-Joly é a desonra da sua classe, sendo muito de sentir que assim como deixou extraviar, não deu aos prelos e lançou ao fogo uma grande parte das suas obras, as não queimasse todas por honra das boas letras francêsas. [2]

---

[1] *Loc. cit.*, nota 1.

[2] As inéditas fôram: *Le duc d'Albe*, tragédia (1817), *Beatrix Censi*, poema (1823). Albéric, poema (1824), *Poésies diverses* (1824-1825). *Les Diplomates en sous-ordre ou les Secrétaires*, comédia (1825), *Histoire des Sociétés se-*

E como dêste escritor, abaixo de todo o confronto, Herrmann Müller haja dito: — "j'ai nommé déjà Crétineau-Joly;... je tiens à m'expliquer sur le degré de confiance qu'il convient de lui accorder. Je n'ai personnellement aucune illusion sur l'écrivain *que son biographe et son ami, l'abbé Maynard, n'a pas craint de nous représenter comme* excellant à falsifier, à supposer, au besoin même à voler un document, et à pratiquer l'art du chantage; [1] e nós, na passagem agora explorada pelo jesuita, dando à opinião pessoal de Herrmann Müller toda a responsabilidade histórica do seu insuspeito informador, a tenhâmos atribuido muito propositadamente a Maynard, Rodrigues, cuja capacidade crítica não vai alêm do estreito campo das palavras e dos actos puramente mecânicos, brada que não! e que o conceito de que se trata e que se refere à probidade

---

crètes et de leurs conséquences (1846-1850), *Pie* IX., *les Jésuites et Clément* XIV. (1854), *Mémoires et correspondance.* As por êle lançadas às chamas, num lúcido e interino movimento de bom senso. fôram: *Albéric, Histoire des Societés secrètes et de leurs conséquences, Pie* IX., *les Jésuites et Clément* XIV. A sua brochura *La Cour et le Gouvernement de Prusse en face de la Coalition* ninguêm ainda hoje sabe onde ela foi parar.

[1] Herrmann Müller. *Op. cit. ch.* IV., II. *p. 219, nota 2.*

literária de Crétineau-Joly, não é de Maynard, mas sim do autor das *Origens da Companhia.* E julga com isto praticar uma alta e memorável façanha em honra do indigno historiador!

Coitado.

Ora êste mesquinho reparo é, alêm de inépto, absolutamente pueril. As expressões de Herrmann Müller pódem, com efeito, pertencer-lhe; a sua alta razão crítica cabe indiscutívelmente a Maynard. Herrmann Müller não faz mais que copiar Maynard. Quem chama a Crétineau-Joly *falsário, improvizador, ladrão de documentos e venal até à prática da chantage*, não é Herrmann Müller, é o seu amigo e biógrafo o padre Maynard. Quem faz com efeito o retrato é Herrmann Müller; quem ministra as tintas e traça as linhas fundamentais do desenho é Maynard. Quem escreve a acta da desqualificação moral de Crétineau-Joly é Herrmann Müller; quem depõe e redige êsse desonroso documento é Maynard. Herrmann Müller apenas escuta e recolhe o que diz Maynard. Êste último tam-sómente apresenta e oferece os algarismos; o outro junta-os e soma-os. O primeiro deduz as provas que instruem o libelo; o segundo faz a síntese de todas elas e prepara a acção final do julgador. Isto é absolutamente elementar. Assim pois, ¿por que não fazer o que nós fizemos?—isto é: rompendo o artifício subjectivo, meramente acidental e episódico, de

uma tal revelação, e simplificando o facto, atribuir logo, imediatamente, a Maynard, aquilo que êle diz pela bôca de Herrmann Müller. ¿Onde está aqui *a falsidade?* Para que *a falsidade* existisse seria necessário provar que Maynard não é capaz de produzir um tal depoimento. E tal não há; porque não só Maynard, na biografia de Crétineau-Joly confirma tudo quanto Herrmann Müller lhe imputa—como, e logo, o verêmos—mas até diz muito e muito mais de quanto nessa referência se contêm.

¿A que vem, pois, aqui o remóque do sandeu?

*

Eis o que fizemos, e que é o mesmo que ainda agora faríamos. Quem nos defende é o próprio Maynard, autorizando com as suas revelações tudo quanto Herrmann Müller diz. Êle refere, da vida de Crétineau-Joly, as mais sujas vergonhas. Como Crétineau-Joly se alugára aos jesuitas para fazer-lhes a história; [1] história muito mais deles, por ser por êles inspirada, do que do próprio escritor que a subscreve e assina. Como Crétineau-

[1] Maynard. *Op. cit.* pp. 233-4.

Joly vai submetendo à aprovação do geral da Ordem, à medida que a vai traçando, toda a contextura do seu trabalho. [1] Do despejo afrontoso com que Crétineau-Joly fala da paga que lhe dão os jesuitas, despejo que leva Maynard a chamar-lhe *patife*. [2] Como recebe 2.000 escudos romanos *para começar* uma história, que mais tarde, os próprios jesuitas tiveram por inconveniente que se désse à estampa, e de que o autor, acatando-lhes a sentença, fez mais tarde um justiceiro combustível do seu fogão. [3] Como com a baixeza dos "seus elogios ridículamente enfáticos,„ em cuja conta os tem Lacordaire, [4] êle mais compromete do que exalta a Companhia. Como no próprio voto de um jesuita, o padre Montézon, a obra de Crétineau-Joly "corre risco de perder toda a espécie de autoridade e de valor,„ reconhecendo a necessidade de a Companhia fazer outra, ou cometer a empresa a *un autre*. [5] Por

---

[1] *Ibid.*, p. 240.

[2] Oh! je le reconnais, c'était, parfois, *un drôle-d'homme* que mon vieil ami. Ibid. 252-3.

[3] O dinheiro foi-lhe entregue pelo cardeal Altieri, em dois cheques sôbre Paris e Vienna. *Ibid.* p. 405.

[4] ... *ami frénétique, emphase ridicule de l'éloge. Ibid.* p. 257.

[5] Carta do padre Montézon a Crétineau-Joly, datada de 20 de novembro de 1854. *Ibid.*, p. 329.

uma protestação pública, datada de Roma a 24 de dezembro de 1852, o geral da Companhia, o padre J. Roothaan, declara quebrada toda a solidariedade dos jesuitas com Crétineau-Joly. [1] A esta exautoração, que o próprio Maynard chama "altiva e afrontosa, e como que uma espécie de excomunhão„ [2] responde Crétineau-Joly, dando aos jesuitas o nome ignominiôso de *polichenelos italianíssimos.* [3] Mais tarde, como uns e outros venham a compôr-se, os jesuitas, numa crise de ironia, limitam-se a apontar a sua vítima como a verdadeira imagem do *filho pródigo, o filho perdoado*, "o filho mais querido do que o filho que sempre fôra fiel.„ [4] Farçantes!

Como historiador de Pio IX., vai desde a calúnia ao sarcasmo. Pinta-o como "um espírito fraco, sedento de popularidade„, [5] digno de ser antepôsto a Abraham. [6] No ardor da polémica, Maynard entende que Crétineau-Joly comete liberdades contra o pontífice, verdadeiramente dignas de Lutero. [7] Como ladrão de documentos,

---

[1] Maynard, *Op. cit.* 317.

[2] *Ibid.*, p. 318.

[3] *Ibid.*, p. 336.

[4] *Ibid.*, p. 334.

[5] *Ibid.*, p. 387.

[6] *Ibid.*, p. 388.

[7] É quando diz que Pio IX., na questão de Sonderbund, cruzando os braços ante o rompimento das hostili-

a cumplicidade de Crétineau-Joly com um renegado inglês, no intuito de haver à mão os papeis políticos do cardeal Bernetti, constitúi uma torpeza. [1] Por esta ocasião, Maynard, sempre verídico, chama-lhe *habile dénicheur de pièces.* [2] É aquilo a que nós, os portugueses, damos o nome de *fino marau.*

Como homem de letras, Maynard tem-no em certos casos na conta de um desfigurador e envenenador de factos, [3] recorrendo ao silêncio quando não póde mentir. [4]

Um dia os jornais acusaram Crétineau-Joly do crime de *chantage.* Seria o caso de o antigo historiador dos jesuitas afrontar Pio IX. com a ameaça de dá-lo em público por antigo *francmaçon.* Mais se dizia, que o papa assim ameaçado, e para evitar o escândalo que uma tal novidade viria a produzir no público, houvera por bem comprar por um *cheque* de 2:000 escudos

---

dades, praticou alguma cousa parecida com "uma sentença de morte: *on l'eût gravée avec la pointe d'un stylet de carbonaro.*„ *Hist. du Sonderbund* II. *p. 279.* Maynard considera a história do pontificado de Pio IX., feita por Crétineau-Joly, como um quadro composto com as mais aviltantes côres. Maynard, *loc. cit.*, 387-91.

[1] Maynard, *Op. cit.*, p. 400.

[2] *Ibid.*, p. 402.

[3] *Ibid.*, p. 391.

[4] *Ibid.*, p. 392.

sôbre os banqueiros Rothschild o silêncio do seu difamador. A questão, como se depreende, era infamante. Os amigos de Crétineau-Joly, em cujo número, principalmente quando se tratavam questões de dinheiro, entrava sempre o barão Dudon, defendiam o acusado, afirmando que o *cheque* sôbre os Rothschild não fôra para que o *chanteur* se calasse, senão que para liquidar antigas contas do papa com Crétineau-Joly, do tempo da proposta que lhe fizera Gregório XVI. para o arranjo da tal *História das Sociedades secretas*, que o *veto* da Companhia, de que o núncio Garibaldi fôra simples portador, fizera malograr. A questão complicava-se, apelando Crétineau-Joly para o testemunho do barão Dudon, e êste, por sua vez, para o do jesuita, padre Villefort. O barão estava inquieto, vendo o perigo em que, como homem e como ministro do papa, corria a sua honra. O jesuita, constituido pelas circunstâncias em juíz do pleito, confessava que já mal se recordava do caso. Que era certo haver-se prometido a Crétineau-Joly, para a composição de uma história das sociedades secretas, uma indemnização qualquer. Mas tudo isso ia já à distância de uns bons onze anos, e não há memória de homem público que possa resistir a uma tam remota evocação. [1] Crétineau-Joly, pela sua parte,

[1] Maynard, *Op. cit.* p. 408.

parecia não dar a menor importância ao caso. No meio de tudo isto, Maynard vacilava no juízo a formar sôbre uma tal acusação. Conhecedor do caracter do seu velho amigo, não estava dispôsto a aceitar de ânimo leve, como questão julgada, a sem-razão dos seus acusadores. Para interrogar abertamente o acusado, o caso parecia-lhe escabrôso. Um dia, porêm, veiu em que Maynard se encheu de ânimo. Conta êle o encontro por esta maneira: "Uma única vez me referi, em conversa com Crétineau-Joly, aos desagradáveis boatos que àquele respeito corriam em público. A sua resposta foi esta: — *Eu não fiz senão exigir o que me deviam.* [1] Mais nada.„ Em seguida Maynard faz a si próprio esta pergunta: — *Disait-il vrai?* Uma tal interrogação diz tudo.

De sociedade com Fioramonti, ludibría um dia em seu proveito a simplicidade de Pio IX., levando-o a assinar um breve em branco, que o papa jàmais rubricaria se soubesse o nome do indivíduo que ia beneficiar. [2]

---

[1] Maynard, *Op. cit.*, p. 410.

[2] Maynard *(loc. cit., p. 400*-1*)* conta do seguinte modo a história do famoso breve de Pio IX. em que êste papa confirma a autenticidade dos documentos de que Crétineau-Joly se serve para a composição do seu livro sôbre as associações secretas: — "Un matin, le secrétaire des lettres latines, *le Latin*, comme vous l'appelez fami-

Religioso a seu modo, quando o argùiam da baixêza da sua conduta, lembrando-lhe que um dia teria de dar contas a Deus de todos os seus erros, costumava responder com êste chiste voltairiano: — "Ora adeus; com Deus bem me arranjo eu. Por fim, hei-de acabar por o fazer rir!„ [1]

Diante de um tam baixo exemplar, a um tempo devoto e tunante, hipócrita e cínico, convertendo a História em panfleto e a pena em arma de calúnias e instrumento de negócio, ¿a que propósito vem o correctivo de Rodrigues, bradando que Maynard não pronunciára as palavras que inspiraram a opinião de Herrmann Müller?

¿Seria por Herrmann Müller dizer pouco?

Pela nossa parte, dando a Crétineau-Joly o nome de "um impostor sem talento„ ¿perpetramos alguma injúria, que os actos e os escritos dêste mau historiador possam desmentir? ¿Não fômos nós, em uma tal referência, de uma benignidade estranha?

---

lièrement, aura présenté à la signature de Pie IX. un bref commandé par le Saint-Père, *je vous l'avoue, mais où il aura eu le soin glisser le mot qui vous charme, et voilà tout!„* Tal o modo pelo qual Maynard acolhe a jactância triunfal do impudentíssimo falsário: — *ce fut votre intimité avec Frioramonti.*

[1] Maynard, *Op. cit.*, p. 489.

Que excelente defensor acha afinal Crétineau-Joly, após o longo dobar de quarenta anos, na pessôa dêste miserável charlatão!

Que inconsciência a dêste idiota, que nem sequer nos deixa entrevêr o que é que pretende ou busca demonstrar!

XX

Somos chegados emfim ao passo porventura o mais escabrôso desta áspera jornada; àquele em que o nosso miserável adversário, ao dar por encerrado o seu estúpido libelo, e rompendo então por todos os vínculos do pudôr, se atreve a vir pleitear, de rôsto, na defêsa ignóbil de uma das mais obscênas e repugnantes fases da história da Companhia de Jesus.

Inaudito!

Temos até agora visto êste escriba repelente pondo ao serviço e bom êxito da tarefa que lhe cometeram, a sua pena conspurcada e vil, não trepidando um momento, como calejado em todo o género de torpêza, em defender crimes, mentiras e violações. Temo-lo achado a falsificar os próprios textos que invoca, a baralhar passa-

gens que incrimína, a deturpar intuitos, a errar de indústria os números das páginas que aponta, a traficar por cálculo com a ignorância ou com o descuido e despercebimento do leitor, a suprimir palavras e peças importantes do processo em que durante perto de cem páginas vem fazendo estilar a sua baba. Temo-lo surpreendido em actos de flagrante manipulação de infâmias, calando-se quando não póde mentir, e mentindo quando não sabe inventar. Temo-lo visto a fingir-se muito mais estúpido e bem mais tôlo do que é, com o fim de que a tolice e a estupidez lhe possam servir de melhor emboscada aos assaltos que tráz em mira. Faltava-nos tam-sómente agora que, ao lançar as últimas tintas sôbre a sua imunda sentina literária, nos aparecesse como defensor de homens acusados de crimes nefandos, das prostituições físicas mais impúdicas, contrárias mesmo ao próprio instinto das bêstas — acusação que lhes é movida, não por quem possa ser dado por suspeito de cega má-vontade contra a Companhia, senão que por um prelado exemplar, alma lavada de toda a mácula, que um dia acolheu no seu seio a víbora, abrigando-a nos primeiros extrêmos da sua penúria: — por um arcebispo que a Igreja venera por santo, e que em vida se chamou Carlos Borromeo!

Vejamos agora como:

A p. 82, *nota 1* do nosso estudo escrevemos:

—"Não há dúvida que Carlos Borromeo foi um daqueles cândidos espíritos que, no comêço, acreditaram na santidade jesuítica. Desde que a conduta do seu confessor, o padre Ribera, pederasta como muitos dos seus companheiros, lhe fez entender que homens êles eram, não houve o arcebispo outro meio de desagravo que não fôsse o de lançá-los a todos do paço episcopal, e fechar-lhes, como medida higiénica, as portas dos seminários. Gregório XIII. confirma esta providência..."

E prosseguimos na narração do escândalo, que no século XVI. encheu de opróbrio a vida eclesiástica da formosa capital lombarda.

Um padre de costumes limpos, um padre que fôsse simplesmente honesto, ao vêr enunciado naquele rápido esbôço um dos mais negros e imundos capítulos da história da Companhia de Jesus na Itália, teria passado adiante, num púdico e nobre silêncio, que ainda neste momento seria virtude. ¿O que é que já agora poderá dizer-se, em som de honesta defêsa, num caso tam notório, tam retumbantemente escandaloso que, por um instante, fez jorrar adentro dos seminários de Milão a lava infame que abrasou Sodoma? ¿Quem se atreverá a tal? Quem? E, alêm de *quem*, ¿sôbre que documentos de autêntico valor histórico se há-de vir hoje fundamentar esta não sómente desonrosa como impudente contradita? Quem se atreverá a desmentir as palavras de amarga e

dolorosa surprêsa em tal lance proferidas por aquela angélica figura de prelado apostólico, que num século de dúvida e de revolta soube passar como uma sombra etérea por sôbre a crápula da bacanal romana? Quem?

Êsse *alguêm* apareceu. Chama-se Rodrigues, vestindo a lôba de jesuita, e tomando com o mais solto desafôro, e acaso pela identidade moral da sua vida, a escandalosa defêsa do padre Ribera e dos seus companheiros de prostituição.

Eis como êle articúla, numa prosa sôrna e viscosa, a defêsa do sodomita espanhol:

—"Houve certamente quem se atrevesse a desacreditar os *bons costumes* (sic!) do P. Ribera diante do cardeal; mas êste informou-se, descobriu a calúnia e o caluniador que veio a confessar o seu descomedimento.„ [1] E abona-se com o depoimento de um jesuita dos nossos dias, o padre José Boero. [2]

E como ainda, na passagem referida, tenhâmos dito que Carlos Borromeo, desde que a conduta de Ribera e dos seus cúmplices lhe fizera vêr quem eram os jesuitas, os lançára do paço, fechando-lhes as portas dos seminários, Rodrigues chama em seu auxílio uma parte do texto de uma

---

[1] F. R., *Op. cit.* p. 80-81, *nota.*

[2] *Vita del Servo di Dio P. Giacomo Lainez.* Firenze, 1880, p. 303 *(apud* Rodrigues, *loc. cit.)*

carta do cardeal, numa passagem absolutamente incaracterística, para demonstrar a boa conta em que Carlos Borromeo tinha a gente de Gesú.

Ora tudo isto não significa mais que um artifício de grosseiras falsidades, posto em miserável defêsa de uma causa não só perdida como obscêna.

Mas reconstituâmos os factos, visto que de ambas as partes estão feitas as respectivas alegações.

*

Os jesuitas haviam sido chamados a Milão, em 1563, por Carlos Borromeo.

Tendo-os em grande opinião de virtude e boa-vida, o arcebispo déra-lhes desde logo uma das melhores casas da cidade, a residência de S. Fiel, à qual fez acrescentar logo, seis anos depois, uma igreja magnífica, construida expressamente para aqueles padres pelo seu arquitecto particular, *maestro* Pellegrini. Iguais residências lhes fizéra preparar em Lucerna, Friburgo e outras partes. Com tais auspícios, e conhecendo alêm disso que estavam em frente de um homem dotado da mais extraordinária boa-fé, cêdo os jesuitas se consideraram como em terra conquistada.

O arcebispo estava-lhes indubitavelmente nas mãos. Pela recente extinção dos *umiliati*, Carlos Borromeo fizera aplicar em proveito dos seus novos hóspedes uma grande parte do património que pertencera ao opulento convento, que êstes religiosos possuíam em Bréra. Feito assim o saco à sombra da descuidada bondade do cardeal, restava agora conquistar o domínio material da diocese. O jesuita não se contentava com a sua posição de hóspede; o jesuita visava a ser senhor. A hospitalidade, relegando-os a uma situação que êles tinham em conceito de deprimente, incomodava-os. Queriam o predomínio, o prestígio do mando, a indiscutível ostentação do poder. Para o aberto rompimento de tais propósitos, o momento crítico não se fez esperar. Por um grande instinto de prudência, e, alêm disso, como já a êsse tempo fôsse notória a caça que os jesuitas estavam fazendo a todos os escolares que dessem provas de algum talento para os chamarem a si, Carlos Borromeo abstivera-se, desde certo tempo, de confiar àqueles padres a superintendência dos seus numerosos seminários. Esta deliberação do prelado escandalizára, como é natural, os jesuitas. Subtrair-lhes a educação da mocidade era então, como é ainda agora, saír de rôsto e ir ao encontro aos seus ardís. A princípio murmuraram; cêdo porêm o murmúrio rompeu em queixa aberta. O arcebispo defendia-se dizendo querer deixar li-

vre aos mocinhos das escolas a eleição do género de vida eclesiástica a que mais tarde viriam a dar preferência; liberdade tanto mais de louvar e seguir em tal conjuntura, quanto era absolutamente deplorável o espectáculo de abandôno e de ignorância que então oferecia o clero paroquial, cujas igrejas na sua imensa maioria se achavam sem pastor. Os jesuitas, apesar de tudo, insistem e buscam impôr-se, tomando à conta de obstinação aquilo que no fundo não era mais que virtude e santo zêlo pela causa de Deus.

É neste passo, que um caso imprevisto, verdadeiramente assombroso e extraordinário, vem fazer abrir os olhos ao cândido e mal-cuidado arcebispo. Foi que sem que facto algum lho fizesse prevêr, chegára súbitamente "ao seu conhecimento uma desagradável nova. O jesuita, padre Ribera, até então seu confessôr, e em quem o arcebispo depositava a maior confiança, acabava de ser surpreendido em pecado de sodomia, vício em que desde logo se provou acharem-se compreendidos muitos outros padres do colégio de [1]

[1] Dazu trat die für ihn peinliche Entdeckung ein, dass sein bisheriger Beichtvater, der Jesuit Ribera, dem er volles Vertrauem geschenkt, Knabenschändung getrieben und mit diesem Laster auch einige Väter des Mailänder Collegs sich besudelt hatten. Borromeo jagte daher Ribera mit Eclat... Huber, *Op. cit.* c. v. p. 221.

Milão.„ A evidência desta infâmia produziu no espírito do cardeal o abalo que é bem fácil de imaginar. Num movimento de justa indignação, expulsa com público escândalo o padre infame, banindo quáse todos os jesuitas dos seminários diocesanos. O santo prelado quis dar desta maneira, a êste seu implacável acto de justiça, aquela publicidade ruidosa, que a um tempo lhe imprimisse o caracter de castigo, exemplo e lição. Todo o recato o entendeu êle então como prova de cumplicidade ou indigna benevolência para com tamanho crime.

Pois bem: ¿como é que os jesuitas procedem em face do labéu, que tam notóriamente os infama? Como não podiam articular em seu favor a menor defêsa, tomam o caminho de alevantar-se contra o prelado! Quando fôra de esperar a súplica, surge a insolência! O réu não se humilha, insulta. O seu primeiro movimento de desfôrço consiste em negarem-se a prestar toda a espécie de socorro espiritual às vítimas da peste, que àquela hora arde em Milão. É a desfórra, e ao mesmo tempo a promessa, o sinal de arrependimento que se permitem lançar às faces de uma sociedade que acabava de ser ferida pelos rebates do seu impudôr! Inaudito! Compreendia-se, e até se justificava, a repulsa quando esta partisse dos enfêrmos, negando-se êstes a receber o confôrto eucarístico daquelas mãos conspurcadas pelo cri-

me nefando, por ser afrontoso do próprio Deus, que os mensageiros da sua misericórdia junto do leito da morte fôssem homens que nem já de homens mereciam o nome. Mas não: quem se recusa a levar os últimos confortos, que a Igreja dispensa aos seus filhos no instante em que a candeia da vida vai apagar-se, é o devasso confesso, o sodomita reconhecido, que as leis daqueles dias só pelo fôgo achavam digno de purificação. Era a sórdida imagem da luxúria, que assim se negava a comparecer em face dos agonizantes; e não movida de remorso ou como confissão da sua culpa, remida àquele instante por uma sombra de arrependimento, que mesmo como hipócrita levaria ainda à piedade: não. Era o crime, na reincidência do seu desvario, buscando achar desfôrço diante do leito da agonia, contra a mão poderosa, inflexível e justa, que lhe arrancára a máscara da dissimulação e do fingimento. Era a infâmia batendo o pé à justiça; o monturo de todas as abominações desafiando a dôr!

Claro está, que desde aquele instante o virtuoso arcebispo de Milão não pensou noutra cousa que não fôsse numa urgente e rigorosa reforma da Companhia. Datam dêstes dias as formidáveis cartas que Carlos Borromeo escreve a Gregório XIII., e que se acham em grande parte contidas em dois preciosos compêndios da mais acrisolada virtude episcopal, dados à estampa em

Lugano em 1712 e 1762. [1] Constituem uma das páginas mais formidavelmente inexoráveis da história jesuítica. Carlos Borromeo chega a ser terrível nos seus ímpetos de justiça. "Nessas cartas —escreve um escritor particularmente afecto à Companhia, Léonce Celier [2]—há expressões *um tanto duras* que os inimigos dos jesuitas não teem deixado perder.„

Para vêr se de algum modo atalha a lepra moral de que a Companhia se constitúi incorrigível portadora, o arcebispo lembra ao papa a necessidade de intervir directamente na escolha dos seus gerais. Seria um meio, ainda que pouco eficaz por certo, de fazer entrar naquele organismo depravado algum género de seiva menos impura e menos vil.

Enquanto, porêm, a autoridade apostólica se não deliberava, Carlos Borromeo proíbe que os jesuitas vão buscar oblatos para as suas casas aos seminários estabelecidos na sua diocese, fazendo-lhes ao mesmo tempo sentir que não estava disposto a tolerar-lhes, por mais tempo, a sua conduta de nenhum acatamento pelas prerrogativas

---

[1] *Lettere del glorioso arcivescovo di Milano.* Lugano. 1712. It. *Nuova Racolta di Lettere del glorioso S. Carlo.* Ibid. 1762.

[2] *Les Saints: St. Charles Borromée.* (1538-1584) Paris, 1912, ch. IV. p. 112.

do ordinário. Que se mantivessem, quanto à sua obediência ao prelado, tais como se conduziram nos primeiros dias da sua entrada em Milão. É, porêm, inútil o aviso. Reconhecendo a justa intransigência do arcebispo, tratam de valer-se do auxílio do governador da cidade, tipo acabado e autêntico do militar insolente. Dêste modo amparados sobem aos púlpitos, e aí iniciam a sua formidável guerra contra o prelado. Rompem despejadamente com os últimos escrúpulos. Como cabeça desta soltura concionatória está agora um jesuita de nome Mazzarino, homem de costumes torpes e um dos mais notoriamente infamados de sodomia. No fôgo destas hostilidades, o cardeal dirige-se aos superiores da Ordem, queixando-se da atitude de Mazzarino. Êstes, solidários na infâmia, não fazem senão dar novos alentos ao caluniador. Os jesuitas levam toda uma quaresma a infamar o arcebispo do alto dos seus púlpitos! Quando o eco dos mais grosseiros ultrajes contra o santo cardeal não rebôa nos templos, na rua os panfletos mais infames correm de mão em mão. A guerra é em todos os campos, desde a prédica até o confessionário, desde a ameaça até o pasquim. O cardeal invoca novamente os seus direitos de prelado diocesano, e intíma os seus detractores a que abandonem o púlpito. Os jesuitas, em sua defêsa, produzem os capítulos das suas isenções que os desobrigam dos ordinários. O geral acode logo

em socorro do seu quadrilheiro, autorizando Mazzarino a que prossiga nos seus atrevimentos. O arcebispo assim escarnecido apèla para Roma, aonde vai pessoalmente sustentar o seu direito. O papa submete a causa ao tribunal da Inquisição, aonde, desde Paulo IV., a influência dos jesuitas é evidente. Os juízes do Santo-Ofício, desvirtuando propositadamente os fundamentos da queixa do prelado, julgam o padre Mazzarino isento do crime de heresia, condenando-o apenas como leviano e insolente. [1] Fôra o mais que o arcebispo conseguira alcançar dos julgadôres dos seus agravos! Escrevendo nessa ocasião ao protonotário apostólico, Speziano, com data de 16 de abril de 1579, Carlos Borromeo referindo-se às suas desinteligências com Mazzarino, diz que "já há muito tempo tem para si como iminente o perigo da fatal decadência da Companhia, se lhe não acode quanto antes um remédio do céu." [2] Ainda nessa mesma carta, Borromeo assinála com santa inquietação a preferência com que os jesuitas acolhem sempre os alunos que dão mostras de algum talento, pouco lhes dando que sejam ou não pios em seu coração. Três dias depois, e ainda noutra carta que dirige ao mesmo Spezia-

[1] Léonce Celier, *loc. cit.*
[2] Huber, *Op. cit.* 222.

no, declara a necessidade em que está a Companhia, de, no seu próprio interêsse, receber a acção de uma justa mão reformadora. [1]

De tudo quanto neste rápido bosquejo deixamos assinalado, e a que as circunstâncias do momento nos não permitem que imprimâmos mais fundo relêvo ou assinalemos por um traço de maior extensão: de tudo isto, que bem daria para um livro como o de Sugenheim [2]: de tudo isto não sabe Rodrigues nada mais, nem conhece outras fontes, que não sejam as quatro míseras linhas de uma carta escrita pelo cardeal a 8 de abril de 1579, [3] da qual apenas consta um lacónico atestado da isenção dos jesuitas, quanto ao seu pouco empenho em assaltar os seminários de Milão! É inconcebível tamanha desfaçatez!

No momento em que nós, lealmente, com a mão na História, oferecemos o quadro da profunda miséria moral da Companhia de Jesus na sua luta com Carlos Borromeo, apontando factos, pro-

---

[1] *Annales de la Société des soi-disants Jésuites.* Paris, I. p. 132, sq. Sugenheim, in *Hl. Carl Borromeo und die Jesuiten* (in neuen Reich, Leipzig, 1872, 680 ff. Huber, *Op. cit.* v. 222.

[2] *Hl. Carl Borromeo und die Jesuiten, Leipzig.* 1872.

[3] F. R., *Op. cit.*, p. 80-1. *nota*

duzindo documentos, avultando episódios tôrpes dignos de serem descritos por Juvenal: — momentos de íntima revolta em que a pena precisa de ser substituida pelo tagante, Rodrigues, vendo o nome da Companhia em perigo, e a honra dos seus irmãos em risco, apenas do saco da sua erudição, do segrêdo dos arquivos, da opulência legendária dos inéditos da sua Ordem consegue arrancar, como monumento em que a nossa afirmação vai ficar esmagada e a nossa voz confundida, aquelas pobres quatro linhas, onde mais uma vez se afirma a candura de um homem, que bem pode dispensar as decisões de Roma para que em todos os tempos lhe chamêmos santo!

Quem com tanta pompa de charlàtão iniciára o debate, desbaratando Homero e Vergílio, como paladino dado e experimentado em grandes feitos, eis que, após pouco mais de oitenta páginas do seu discurso, volve ao mísero farrapão que se vê! Eis no que se confina o bravo espadachim da Companhia!

Indo com as suas pesquisas sôbre o caso das vergonhosas hostilidades dos jesuitas com o cardeal Borromeo até 8 de abril de 1579, o trocatintas não se permite dar mais um passo adiante para chegar aos dias 16 e 19 do mesmo mês, o que lhe fôra proveitoso, para poder desmentir de rôsto aqueles tristes pressentimentos, que o santo arcebispo lança, numa crise de grande tortura

moral, e como as notas plangentes de uma profecia, no coração de Speziano. O momento fôra-lhe excepcionalmente oportuno. Rodrigues ver-se-ia em face de dois dos mais graves pontos da acusação movida ao Instituto de cujas véstes se ufana e arreia: — a nenhuma conta em que a Companhia teve sempre os homens piedosos, preferindo-lhes os que tem na conta de astutos e inteligentes; e bem assim a fatal necessidade de uma reforma, que transforme aquela associação de homens funestos à Igreja, num corpo de religiosos úteis a Deus e à sociedade civil. Curiosa seria tambêm a demonstração da pureza dos costumes da Sociedade de Jesus, menos de quarenta anos corridos sôbre a sua fundação, e no momento em que grande número dos seus filiados, pela acusação de um arcebispo santo, cai sôb o látego da mais hedionda e da mais infamante das imputações. A tudo isto, Rodrigues prefere, como único desfôrço, opôr a lição neutra das tais quatro fugitivas linhas de uma carta quáse banal, que nada mais prova do que a natural candura de quem a escreveu.

Pelo que respeita ao estrondoso escândalo da provada sodomia jesuítica, Rodrigues tem ainda a desfaçatez insigne de balbuciar esta penúria: — "Houve certamente *quem se atrevesse a querer desacreditar os bons costumes (!) do Pa-*

dre Ribera, diante do cardeal, mas êste informou-se, descobriu a calúnia e o caluniadôr...„ E autoriza-se para esta mentira com a informação, cujo texto oculta, de um jesuita que escreveu, em som de hagiológio, em 1880, a vida do padre Diogo Lainez.

Que trapalhão!

Nem o cardeal, no nefando caso, se houve no feito por *tentativas de denúncias*, antes veio a determinar-se por provas de tal modo convincentes que o levaram a proceder como procedeu; nem o jesuita esmagado pela evidência do crime, ousou jàmais levantar a cabeça, ou sequer, diante do seu acusador, balbuciar, à guisa de ensaio, o menor simulacro de defêsa. A sua única atitude confinára-se em alevantar-se com os seus cúmplices contra o prelado, e iniciarem todos aquela série de vergonhas que em parte véem a ser deridas em Roma perante a Inquisição. Nesse processo canónico, que o Santo-Ofício intencionalmente desvirtúa e faz desviar da sua primitiva promoção, a Companhia apenas protesta a sua inocência, não na prática dos vícios nefandos em que muitos dos seus sócios se acham envolvidos, senão que sómente na sua inculpabilidade como supostos réus de heresia. Ora o cardeal não os acusára de heréticos. Carlos Borromeo queixára-se ao papa, não das blasfêmias que êles lançavam do alto dos púlpitos, mas sim das insolências e fal-

tas de respeito com que propositadamente se referiram à sua autoridade pastoral. E essa insolência fôra-lhes reconhecida. Quanto ao infamante crime de Mazzarino e Ribera, assim como o de todos os seus cò-reus, nada, absolutamente nada, a Companhia alegou em seu favor.

E é a Ribera, a êsse vilíssimo sátiro de roupêta verdadeiramente digno de fogueira, que Rodrigues, porventura infamado como êle dos mesmos estigmas, vem passar hoje o cínico certificado de *bons costumes,* averbando de caluniadores os que lhe denunciaram em público as carnes batidas e conspurcadas! Não há maior torpeza!

Por fim permite-se defender a sua impudente apologia dos pederastas com uma abjecta mentira, que um tal padre Boero lhe ministra num livro publicado em Florença em 1880, no qual, com um despejo digno da classe, se alude a uma imaginária reconciliação de Carlos Borromeo com Ribera. Trinta e dois anos depois de Boero ensaiar esta mentira, publíca Léonce Celier o seu *St. Charles Borromée,* trabalho cheio de erudição, no qual não obstante o vivo empenho em que o autor está de nada dizer em desabôno da Companhia, nada tambêm aparece que reabilite Ribera.

De resto seria preciso desconhecer a pureza de alma, verdadeiramente angélica, de Carlos Borromeo, assim como aquele seu altíssimo espí-

rito de justiça de que em toda a sua vida nos oferece sempre as mais eloqùentes provas, chegando a pôr muitas vezes em perigo, como no caso da defêsa do cardeal Morone, a segurança do seu bom nome: seria preciso não vêr neste prelado modelar uma das mais nobres figuras morais do seu tempo, e a maior talvez de todo o alto clero romano daqueles dias, para admitir que na contingência de vir a convencer-se da inocência do seu antigo e indigno confessôr, não ser êle o primeiro a dar público testemunho da sua reconsideração. Seria insultar-lhe a memória. Êle que fôra ruidoso e implacável no castigo, ¿não lhe imporia a consciência o dever, por igual ruidoso, da justa desafronta? ¿Onde ficava então a sua integridade de juiz, pois que sómente para acusar e não tomar a defêsa dos réus achára ouvidos? ¿Com que santo alvorôço êle viria proclamar a inocência dêsses padres que tam exemplarmente punira, êle que à hora da morte se confessa tam grato a alguns deles pelos serviços que lhe prestaram no seu seminário de S. Fiel? [1] ¿Não seria esta a hora da suprêma reparação?

Não mintam. Em documento algum, digno de fé, se prova hoje que Carlos Borromeo tivesse

---

[1] Conf. P. Van Ortroy, bolandista, *in* Léonce Celier, *Op. cit.* IV. 112.

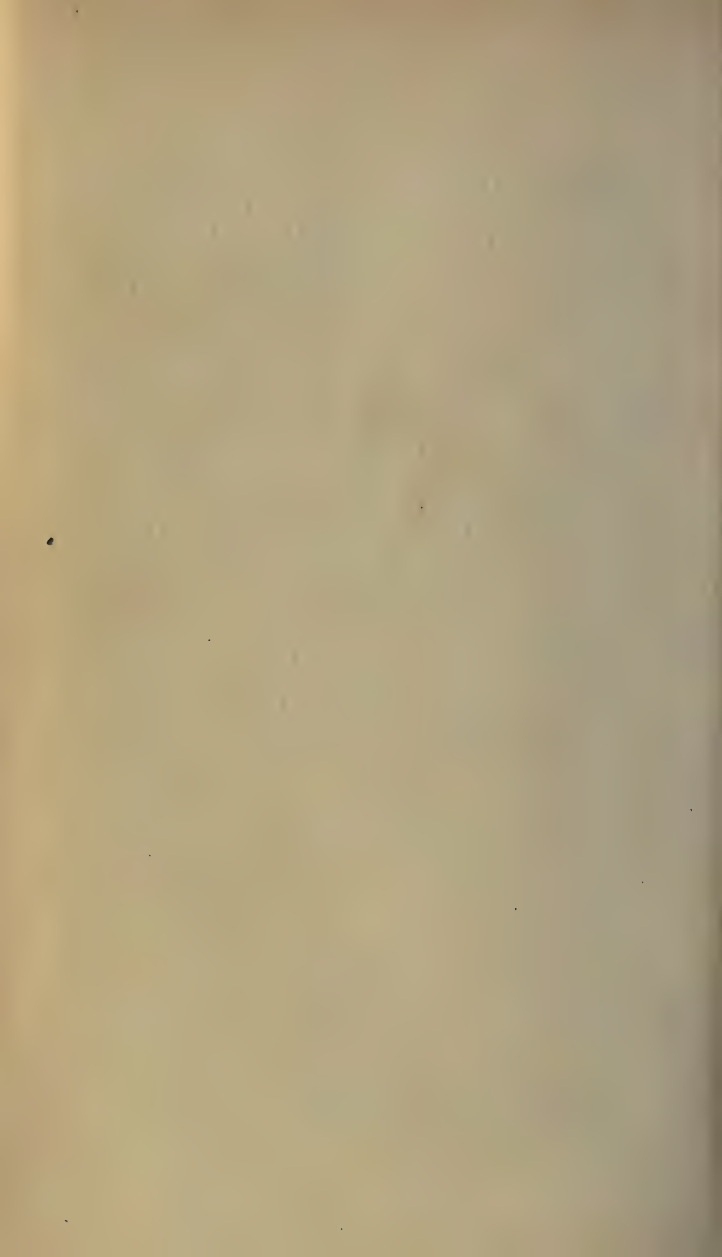
em tempo algum isentos de culpa os padres que um dia surpreendera na prática do mais tôrpe e mais baixo de todos os crimes de sensualidade. Cinco anos viveu ainda o cardeal após o escândalo, lapso de dias mais que suficiente para que os réus dessem as suas provas de inculpabilidade, e que o juiz severo publicasse as letras da sua absolvição.

O assunto acha-se esgotado. Carlos Borromeo entra na penumbra crepuscular da morte na convicção serena e santa de que não só punira, mas punira com justiça; e tambêm que a não ser detida no seu fatal despenho por efeito de "algum remédio do céu" a Companhia caminha para uma inevitável decadência.

Cento e noventa e quatro anos depois, Clemente XIV., por uma bula célebre, justificava plenamente as proféticas apreensões do santo, honra e brasão

Dalla lombarda gloriosa sede. [1]

---

[1] Silvio Pellico, *Il sacro monte di Varallo.*

CONCLUSÃO

Chegado emfim ao termo desta áspera canseira, a que a invencível tirania de um dever de honra me levára, impossível me fôra já agora conter, ou sequer dissimular, a confissão do meu profundo tédio, da íntima repulsão, da autêntica náusea moral que senti durante os longos oito meses em que pela garra de um legítimo desfôrço tive de manter-me em face da mais repelente espécie de adversário, que o destino se comprouve um dia em lançar no meu caminho.

Há mais de meio século que, com raras e efémeras intercadências de repouso, cruzo a minha obscura arma de escritor com as dos mais desvairados géneros de combatentes. Tenho-os deparado na configuração dos mais estranhos conspectos:—agressivos, violentos, injustos, inso-

lentíssimos. Do teor moral dêste padre, ainda nenhum! Nenhum! Dotado de inteligência, seria o mais terrível e perigoso dos campeadores.

Assim, à parte o talento, que se lhe não vislumbra, nada falta neste abjecto e abominável exemplar: — desde a mentira até à calúnia; desde a falsificação até à mutilação consciente das peças do processo em que busca intervir; desde a ousadia canalha até à simulação beata do maligno castrado de profissão. Tudo há ali, naquele imundo conjunto de perfídias de que uma asquerosa batina lhe serve de saco, e a que os seus superiores da Ordem, através de um sorriso que faria còrar o próprio Sporo, desceram a prestar um dia a desonrada autoridade do seu aplauso.

A vileza moral de um tam baixo adversário me absolverá certamente, diante dos que sabem pensar e bem sentir, da vivacidade com que, num ou outro ponto, me dirijo ao embusteiro desprezível que cinje uma roupêta, mas que seria capaz de desonrar a própria blusa de um forçado.

Nunca vi tranquiberneiro de maior audácia; nem a ninguêm jàmais será dado presencear espectáculo mais revoltante do que aquele que êste miserável nos oferece na serenidade da própria mentira. Jàmais.

Surpreendido com a rudeza de tam baixa investida, na quadra final da existência em que o trabalhador obscuro e de consciência limpa se

prepara, sem sobressaltos, para entrar àquele descanso infinito em que já não há dôres nem desilusões, o inesperado da afronta levou-nos ao bárbaro dever de dispensar todos os convencionais respeitos que regem, em regra, êste género de recontros. Felizes os que podem dominar-se!

O assalto fôra vil e grosseiro. ¿Como esperálo? A hora das últimas pelejas ia já distante. Do convívio dos homens o nosso nome como que desaparecêra. Na imprensa jornalística representávamos, quando muito, uma reminiscência, ou sequer, uma vaga lembrança. Da nossa geração literária éramos já agora um dos últimos sobreviventes. Entre o nosso velho campo-de-armas e o arraial luzente dos que hoje pelejam e lutam, abatera já, havia muito, o Esquecimento, os derradeiros arcos da sua ponte fatal. Nós e os moços nem já de tradição nos conhecemos. Após uma longa jornada, que não deixará certamente de si outra memória senão a do cataclismo de muitas ilusões, agravado por extrêmos de desventura de que o destino se comprouve sempre em assinalarlhe os estádios, já o cansado caminhante avistava, sem sombras na alma, a terra do derradeiro repouso, seguro de que só lá a pravidade invencível do fado se decidiria emfim a largar a sua prêsa. Tudo se nos perfigurava acabado... Após a longa noite da tempestade, o dia da eterna bonança iria finalmente alvorecer. Ao clarão dês-

se último crepúsculo que já o pressentia em si, num rebate santo, o caminhante ignorado, despedindo-se das suas árvores e das suas fontes, iria depôr, no limiar do Infinito, o gasto bordão que fôra constante companheiro dos seus passos, não querendo afinal dos homens senão o silêncio do seu frio esquecimento...

É nesse pacífico declinar da vida, em que uma pedregosa senda nos levava já ao vale do perpétuo sono, que, de emboscada, o choque se produziu. Surgiu então o miserável, acaso fortalecido pela torpíssima esperança da pouca resistência que lhe oporia a vítima. O assalto, a seu parecer, seria seguro, e a réplica difícil e pouco provável. Os anos e o natural cansaço da jornada tolher-nos-iam os movimentos. Os estragos que em nós deixaram os últimos infortúnios—os maiores que ainda viram homens, e de que raro se soltam com vida alguns corações feridos—garantiam de ante-mão ao vilíssimo assaltante o êxito da infamíssima vitória. O faro da hiena jesuítica antegozava assim a absoluta fraqueza da sua prêsa. Para um desfôrço pronto e enérgico tudo faltava já ao agredido. Os dias eram muitos; e a necessidade de refazer estudos, cujos vestígios o tempo dispersára, tornava o desfôrço quási impossível, e a emprêsa a muitos respeitos irrealizável. No dobar de treze anos todas as condições morais da vida do escritor se tinham alte-

rado. O meio era já outro. Outros cuidados solicitavam, já agora, a incidência do seu espírito. No seu quáse deserto lar a vida do humilde trabalhador transfigurára-se. A curiosidade mental quáse desaparecera. Pela serena contemplação da natureza trocára êle, emfim, a leitura dos seus livros queridos. Ler, estudar, escrever, ¿para que?[1] O quadro da vida, no conspecto da sua realidade formidável, fizera-lhe pender os braços ao abandôno. Todo êste conjunto de circunstâncias, que a notoriedade de uma grande dôr tornára público, alumiava de um infernal prazer a alma do infamíssimo adversário. O golpe, assim favorecido pela treva da desgraça, certamente que ficaria impune. Do forçado silêncio do ferido resultaria para a horda dos quadrilheiros negros mais um troféu da sua infecta vitória. Os miseráveis, constituidos em hedionda alcateia, afoitaram então o mais vil de entre êles a que avançasse. Lançou-se assim o mastim à aventura. ¿Com êxito? O público o dirá um dia. No momento do assalto limitamo-nos a dizer-lhe que "se o seu livro não fôsse um libelo como aqueles de que a Companhia de Jesus foi e será sempre insigne, lhe redarguiríamos como êle merecesse."[2] O li-

[1] Conf. *Cartas de um vencido*. Lisbôa. *Livraria Bertrand*. 1911.

[2] Carta ao padre Francisco Rodrigues, datada de 31 de dezembro de 1912.

vro era com efeito um libelo; mas houvemos que revogar o propósito, visto que a vilania da arremetida excedia tudo quanto no género se poderia suspeitar ou conceber sequer! O libelista contava com os inconscientes, com os pérfidos, e com os ignorantes. De entre êstes não faltaria quem, por incapacidade moral, por vilania ou por estupidez, tomasse a nobreza do nosso silêncio por um acto de capitulação. A necessidade do desfôrço impunha-se-nos. Moderado? Académico? Paciente? Não. Seria impossível. Nos organismos que a fatalidade assinalára um dia para a luta, os anos podem ser a lição da experiência, o que nunca serão é a insensibilidade moral. Assim, as antigas energias do velho combatente, provocadas na recâmara do seu último repouso, ressurgiram num arranque de vibração suprema e bárbara. As cãs transfiguraram-se; e a pena, que talvez devesse ser comedida, volveu em tagante de desafronta. Toda a moderação se nos tornára impossível. Sob a sua cúpula de neve, como os vulcões da Islândia, o fogo dos anos juvenis ainda não se extinguira. *Non abdormit cor.* O miserável enganára-se...

Assim, pois, nos houvemos de medir com tal género de agressor, não podendo conter os impulsos da desafronta, que nem os largos dias da vida, nem as desventuras lograram ainda até agora em nós fazer adormecer.

Felizes, repetimos, os que em tais lances sabem ou podem dominar-se.

*

Não há dúvida que nasci católico, e que como católico me educaram. Pela santa mão de alguns egressos, que a ficção liberal de 1834 expulsára dos seus retiros, levando-os a despir em vida a própria mortalha; pela santa mão dêsses egressos eu soltei os primeiros passos na minha senda literária, preparando-me para poder penetrar, sem auxílio de infieis medianeiros, nos vastos segredos da antiguidade clássica. Muitas dessas lições eram cortadas de lágrimas: — lágrimas que a santa nostalgia dos cláustros arrancava àqueles olhos, que ainda o sôpro de uma remota e absurda esperança vinha no limiar da cova bafejar. A minha alma infantil tam cêdo provada pelos duros golpes do destino para as mais acervas mágoas, não sabia nem podia medir a muda grandeza daqueles infortúnios, que sómente em suspiros íntimos, longe dos indiferentes e dos tôlos, assim se desatava. Com muitos dêsses mártires sem nome, já sem lar, e mais tarde sem epitáfio, chorei eu muitas vezes também, sem que o meu espírito juvenil soubesse jàmais dar a razão dêsse pranto. Êles

choravam um passado que eu não conhecia senão pela cumplicidade dos que lhe haviam preparado e medido os estádios. Uns fôram-lhe cúmplices; outros eram-lhe ainda hostis. ¿O que é que podia eu dizer, ou opôr, à derradeira imagem crepuscular daquele fatal encanto?

Assim êles viveram, entraram ao meu convívio e desapareceram na morte, como sombras que o primeiro raiar da manhã espanca do fundo dos vales tristes e adormecidos. [1] A semente da saudade e da dôr cêdo fôra lançada por essas mãos trémulas e castas no fundo do meu sêr. Essa semente, sendo santa, envenenou-me a vida. Feito homem antes de tempo, busquei em vão a reaparição moral dessas nobres figuras que me agasalharam com o manto da sua bondade e do seu saber — pobres andorinhas sem ninho nem pátria! — embora não já sôb a mortalha do seu velho hábito monástico, que essa desde muito que a vermina da morte a desfizera na escuridão do sepulcro, senão que dentro doutras vestes, embora acusando iguais virtudes: — a alta firmeza do caracter que os golpes do infortúnio retemperam; a sabedoria sem ostentação; o conhecimento dos homens sem hostilidades; a conformidade na dôr sem hipocrisias.

---

[1] Conf. *Os Humildes*, Pôrto, Livraria Chardron, 1900.

Em vão!

Não há dúvida, tambêm, que não estou hoje a onde então estive. Não há dúvida. A fé—êsse suave e santo crepúsculo da razão—vi-a eu saír da minha alma, vencida e mutilada pelos tormentosos vendavais da dôr. A confiança nos homens não viera infelizmente ocupar o vácuo, que a quebra dessa divina persuasão abrira em mim. Os destinos da minha pátria entenebreciam-se a todo o instante. Á medida que o apêrto das circunstâncias imprimia aos termos da eqùação salvadôra um aspecto mais grave, mais pesado e mais arriscado, muito mais difícil e muito mais intenso, eu via a cada momento que a estatura moral das gerações descia. Para os grandes actos da virtude e do saber faltava gente. Inversamente, para a conquista do poder aparecia tudo,—em monte, em tropel, em desordenada e trágica anarquia! A idade-média vira *a dança dos mortos;* agora presenciava-se a dança dos que fingiam viver! Das mais elevadas categorias sociais, lá onde a heróicidade e a abnegação inteligente são convidadas a dar as suas provas, só se fixavam na retina dos assaltantes, sem nome, o atavio das fórmas convencionais e o frívolo ouropel das ostentações servis. A febre da evidência cegava aqueles mesmos que pareciam porfiados em levar ao mais alto da escala do poder a inconsciente revelação da sua nulidade cívica e o documento autên-

tico e tangível da sua vergonhosa insuficiência mental. A vaidade perdia os seus últimos pudôres. O talento, a virtude, a austeridade do caracter tornavam-se, na linguagem dos agradecidos, a baixa moeda com que se solviam e esperavam mercês.

O clero, pela sua parte, dava as suas provas, reduzindo a missão sacerdotal a uma indústria. Parasita e estúpido na sua grande maioria, sem convicções políticas nem sentimentos religiosos, tornára-se, por instinto, o forçado satélite dos ricos. A igreja passára de santuário a oficina, onde o artífice do mais sacrílego dos mesteres se entertinha a atemorizar por cálculo, e em seu proveito, os fracos e os covardes, aos quais a ideia da morte contrista e apavóra. A uns e outros ia o traficante passando guias de livre-trânsito para o céu, a trôco de forçadas liberalidades testamentárias, que o egoismo da vítima fingia ditar, e que a avidêz mais vil soubéra astutamente impôr-lhe.

¿Será melhor o futuro?

Quáse sem o sentir e sem mesmo me haver preparado para isso, comecei a conhecer-me afastado dos homens públicos e dos profissionais do Templo. Não sei—nem valerá muito a pena dizêlo neste momento—quem foi que me desviou do *forum*. Da Igreja vaticanista, sei eu que foi o je-

suita. Num dia em que invoquei Jesus, respondeu-me Loiola. Quando pedi o Evangelho, deram-me os *Exercícios* do padre Inácio. O papa já não era o pastor da cristandade; o papa era o rei absoluto da Igreja. ¿Desde quando? Desde que os jesuitas, entre embustes e mentiras, lhe teceram o diadêma.

Eis por que não podendo a razão admitir, que sabendo a Igreja melhor que ninguêm, pela lição da sua própria história, quanto na matéria da sua unidade moral e da sua pura tradição apostólica, deve à Companhia, seja essa mesma Igreja quem perante ela capitule e se submeta, entregando os seus destinos, mais que nunca ameaçados, a uma oligarquia de malfeitores impudentes, perpétuo e irredutível fermento da Revolução.

Mas tem que cumprir-se o destino...

FIM

Lisboa — Azurara.
Janeiro — Agosto de 1913.

ÍNDICE ANALÍTICO

II

III

IV

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

CONCLUSÃO